

FONTES RERUM CANARIARUM - XII

GASPAR FRUTUOSO

# LAS ISLAS CANARIAS

(DE "SAUDADES DA TERRA")



INSTITUTO DE ESTUDIOS CANARIOS

LA LAGUNA DE TENERIFE

1964



BIBLIOTECA UNIVERSITARIA  
LAS PALMAS DE G. CANARIA  
N.º Documento 470621  
N.º Copia 470626

# LAS ISLAS CANARIAS

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS  
INSTITUTO DE ESTUDIOS CANARIOS  
UNIVERSIDAD DE LA LAGUNA

---

FONTES RERUM CANARIARUM

COLECCIÓN DE TEXTOS Y DOCUMENTOS  
PARA LA HISTORIA DE CANARIAS

XII

GASPAR FRUTUOSO

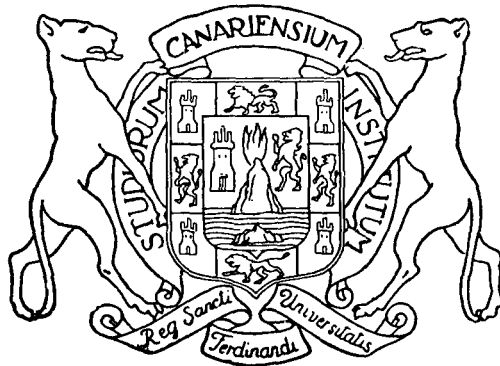
# LAS ISLAS CANARIAS

(DE «SAUDADES DA TERRA»)

PRÓLOGO, TRADUCCIÓN, GLOSARIO E ÍNDICES

POR

E. SERRA, J. RÉGULO Y S. PESTANA



LA LAGUNA DE TENERIFE  
1964

DEPÓSITO LEGAL: TF 144 1964

---

IMPRESA GUTENBERG — LA LAGUNA DE TENERIFE

# PRÓLOGO

1. A inauguração do Leitorado de Português na *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de La Laguna* (Tenerife), ocorrida no dia 15 de Fevereiro de 1962, proporcionou à Direcção do *Instituto de Estudios Canarios*, organismo estabelecido na mesma Universidade e dependente do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, o definitivo alento para trazer a lume uma edição de Gaspar Frutuoso (*Saudades da Terra*), respeitante ao Arquipélago das Ilhas Afortunadas, projecto que, não obstante os seus firmes propósitos, até o presente não havia encontrado a satisfação de todos os requisitos necessários à sua realidade. Examinadas que foram as directrizes do plano, havia muito elaborado, não se pouparam esforços e fizeram-se todas as diligências para a sua execução. E o primeiro óbice que se levantou (e a princípio —forçoso é confessá-lo— mostrou-se de difícil solução) foi o de conseguir um texto fiel ou, pelo menos, com aquelas garantias de correcção, indispensáveis, hoje em dia, num trabalho da natureza daquele que era a finalidade do Instituto: pôr ao alcance dos estudiosos da historiografia das Canárias um elemento de consulta, uma fonte de informações. E, para que se julgue das razões dos nossos receios e dos motivos da nossa exigência, pagará a pena conhecer, ainda que sem descer a pormenores, as trágicas vicissitudes, por que tem passado o conhecimento do manuscrito seiscentista.

2. O manuscrito das *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, formam-no seis livros: o I «conta o descobrimento das Ilhas Canárias e do Cabo Verde, e Índias de Castela, e dá razões prováveis contra duas opiniões que há das Ilhas dos Açores, e por fim põem algumas conjecturas dos primeiros e antigos descobridores delas»;



o II (Arquipélago da Madeira); o III (Ilha de Santa Maria); o IV (Ilha de São Miguel); o V (em que o Autor narra a *História dos dois Amigos da Ilha de S. Miguel*); o VI (consagrado à *História das Ilhas* que constituem os distritos de Angra e Horta).

É evidente que a elaboração de uma obra de âmbito tão vasto como esta teria exigido do seu Autor canseiras de muitos e muitos anos, desde os esquemas e apontamentos, aperfeiçoamentos constantes e correcções e retoques até a sua redacção e, finalmente, a sua conclusão. Esta, ao que se sabe, foi atingida em 1590, contando então Frutuoso a idade de 68 anos.

Foi somente em 1873 (mais ou menos três séculos depois), que se publicou o Livro II, por iniciativa do erudito vilafranquense Alvaro Rodrigues de Azevedo, então Professor do Liceu do Funchal, e esta empresa não pode nunca deixar de ser considerada como a «primeira pedra» do monumento, a que tem jus o ilustre escritor açoriano. Álvaro Rodrigues de Azevedo revela-nos deste modo como na sua alma despontou e se robusteceu a ideia de tão atrevido empreendimento:

«O acaso nos deparou uma cópia (é o apógrafo descrito por João de Simas, *loc. cit.*,\* pág. CLXIII, 13) das *Saudades da Terra*, do Doutor Gaspar Frutuoso. São obra memorada de quantos escrevem dos Arquipélagos da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. O autor é famigerado e conhecido pela antonomásia de *Historiador das Ilhas*. E o leitor verá que as *Saudades* têm merecimento, ainda que não tanto quanto delas pregoam. Imprimi-las seria, pois, bom serviço. Mas publicar a obra toda fora-nos empresa impossível; faltavam-nos o tempo e os meios para a edição dos dois tomos do manuscrito de quase duas mil páginas de fólio cada um. Robustos ombros... têm tentado o cárrago e ainda ninguém ousou tomá-lo. Resolvemos, portanto, dar ao prelo somente a parte concernente a este Arquipélago da Madeira».

E fê-lo de tal maneira e com tanta competência que, na sua edição, enquanto o texto frutuosiano ocupa 310 páginas, foram em número de 546 as que lhe consagrou de seu punho com anotações e comentários, que, ao tempo (e hoje ainda, não obstante o muito que se tem encontrado, estudado e publicado!), constituíram uma obra notável de erudição e de exegese.

\* As citas referem-se à Bibliografia da pág. xvii.

Deste Livro II, em 1925, publicou-se a 2ª edição, a propósito da qual o Sr. Dr. João Franco Machado (*op. cit.*, pág. xi) tem esta *curiosa* observação: «edição essa já mais cuidada, não só porque se fez, em boa parte, sobre o texto do manuscrito original, como também porque a dirigiu o Prof. Damião Peres». Não era da mesma opinião o Padre Fernando Augusto da Silva, que (*op. cit.*, pág. 143 e seg.) informou ter sido, para ela, utilizada, novamente, uma *cópia* (*um texto mais perfeito*), nada mais, nada menos que o apógrafo da *Biblioteca do Paço da Ajuda*, que João de Simas descreveu (*op. cit.*, pág. CLX). É de acrescentar, o que se não fez, que esta 2ª edição tem «318 páginas, incluindo cerca de 20 páginas de interessantes e apreciadas notas» do historiador coimbrão.

As palavras laudatórias do Dr. Franco Machado (palavras, ao que parece, sujeitas a rectificação), postas a par da sua estimativa de que o «opúsculo impresso em 1914, *A Madeira sob os Donatários*, do Prof. Damião Peres», é uma «obra precursora» (*ibidem*, pág. vi) do actual período de investigação da História insular, que é, sem favor, brilhante, podem denotar mais um propósito de agradar a pessoas, que o sempre louvável desejo de servir a Ciência.

Com os olhos postos nas comemorações do quarto centenário do nascimento de Gaspar Frutuoso, ocorrido em 1922, «um grupo de estudiosos propôs-se arrancar o precioso autógrafa do mais antigo e notável cronista (dos Açores) ao obstinado sigilo que, inexoravelmente (continuava) a sonegá-lo à divulgação da letra de imprensa» (Velho Arruda, *loc. cit.*, pág. v), mas as dificuldades de toda a ordem que advieram apenas permitiram que o plano ficasse reduzido ao mínimo da edição dos Livros III e IV, conforme os apógrafos disponíveis (o do Livro III, encontra-se na *Biblioteca Pública de Ponta Delgada*; o do Livro IV foi pertença da biblioteca de José do Canto).

O Livro I, publicou-o, em Ponta Delgada, em 1939, Manuel Monteiro Velho Arruda, cujo texto corresponde ao de uma «cópia existente na Biblioteca de Ponta Delgada (legado do Doutor Ernesto do Canto)» (Arruda, *ibidem*, pág. vii).

Nunca foram editados os Livros V e VI.

A respeito do Livro V, diz Velho Arruda, porquanto teve oportunidade de ler o índice dos seus 31 capítulos, que «se adivinha que serão influenciados por Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão, Buscan, Garcilaso de la Vega, bem como por Camões»,

*ibidem*, pág. xvii. João de Simas (*ibidem*, pág. cxxxix), pensa também que poderá resultar do seu conhecimento «alguma revelação que venha aclarar as vidas de Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão e Sá de Miranda, e porventura até —conclui para condimento duma ansiedade mais forte e mais raivosa— algum elemento para a resolução definitiva do debatido caso do *Crisfral*».

3. Como se vê, todas as edições e excerptos das *Saudades da Terra* assentam sobre cópias (e até cópias de cópias!), que se sabe inexactas e incompletas, porquanto o valioso autógrafa, guardado ciosamente e a coberto, dizem, da «falsa suposição de que o texto esclarecia máculas na origem de muitas famílias» (Velho Arruda, *ibidem*, pág. xv), até há poucos anos esteve sonogado pelos seus sucessivos possuidores, o último dos quais foi a família Praia e Monforte; foi oferecido, pelo actual Marquês do título, à Junta Geral do Distrito, que o depositou na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

4. Fiquem aqui expressos os agradecimentos do *Instituto de Estudios Canarios* ao prof. Dr. João Bernardo d'Oliveira Rodrigues, do Liceu de Ponta Delgada, porque dispensou, desde a primeira hora, o mais franco, o mais entusiástico acolhimento a esta iniciativa tinerfenha de recordar o nome de Gaspar Frutuoso. Graças à sua colaboração, que muito honra a intelectualidade açoriana, foi possível conseguir-se um texto com o maior número de condições de fidelidade. Para tanto, o Dr. Oliveira Rodrigues enviou, a título precário, o seu exemplar da edição de Velho Arruda, «com a indicação das correcções a que [procedeu], quando o [cotejou] com o manuscrito original» (sua carta de 20/5/1962). E continua, um pouco mais abaixo: «... as correcções dizem respeito a má leitura ou acrescentamentos». Não obstante este esclarecimento (e manda a verdade que se diga que no texto da 1ª edição não se encontram graves faltas) é inegável que uma análise, mesmo rápida, das emendas apontadas nos deixa deveras impressionados, tal o sem-número de lacunas através de todas as suas páginas, o que bem servirá para dar uma pálida, mas eloquente, ideia do *valor* (?) dos apógrafos.

Mas a dedicação do Prof. João Bernardo Rodrigues foi muito mais longe: sabedor do apreço do *Instituto* pelo famoso Escritor, enviou, em microfilme, a parte do manuscrito atinente às Canárias, com o que, assim, veio enriquecer o seu Arquivo. Lamentável é

que não tivesse sido possível utilizá-la, pois, à data em que se recebeu a preciosa reprodução (princípios de Janeiro do corrente ano), a impressão e a composição do texto frutuosiano, nas condições aludidas atrás, iam muito adiantadas já e, deste modo, se resolveu, para manter a uniformidade, prosseguir no mesmo sentido até a sua conclusão.

5. De posse do decantado autógrafo, agora, sim, será possível à Ilha de S. Miguel ver levantar-se a imorredoura consagração daquele seu filho glorioso, que, antes de todos, abriu os caminhos da sua Fama e da sua História, honrando-a nos bancos da velha e prestigiosa Universidade de Salamanca (Rodrigo Rodrigues, *loc. cit.*, páginas XLII e sgs.) e, depois, votando-lhe vigílias e galas na suada rebusca de documentos e na recolha de seus pergaminhos, como nas páginas da sua crónica primeira. E, assim, deve aparecer, em breve, promovida pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada e custeada pela Junta Geral do Distrito, o primeiro dos vários volumes da edição integral das *Saudades da Terra*, com base no manuscrito original. Conforme anunciou há meses o periódico funchalense «Voz da Madeira», na sua edição de 5 de Janeiro último, o volume que primeiramente será publicado contém o texto do Livro VI. Todos os restantes se lhe seguirão, como paragens da mesma romagem.

Impor-se-á, agora ou mais tarde, uma edição crítica, que terá como o maior dos escolhos o problema da pontuação, por vezes suscitadora de graves anacolutos, confusão labiríntica de orações e complementos, caminhos fáceis para a conclusão de que a sua prosa carece daquela elegância característica do nosso século XVI. Com um texto inspirador de confiança (e ninguém ignora que esse é o fundamento, o ponto de partida para a ulterior investigação, dentro das exigências da hermenêutica moderna), surgirão os estudos, que, com afã, examinarão o labor literário de Frutuoso, dos mais diversos pontos de vista. Para já, antolha-se-nos que dois aspectos serão de relevo extraordinário, ficando todos os outros em plano secundário: o etnográfico e o filológico, pois que o histórico, esse correrá diversa fortuna, como sem dificuldade se compreenderá, se estivermos atentos às condições do tempo e do meio.

6. Tem interesse pensar-se nas fontes de informação das *Saudades da Terra*. Pondo de lado a parte relativa ao Arquipélago Açoriano, que é a mais vasta e, possivelmente, a mais segura,

a mais fundamentada, já pelo possível conhecimento directo, já pela maior facilidade de observação e de arquivos e, inclusivamente, por uma questão sentimental, tratando-se das terras que lhe foram berço, Gaspar Frutuoso percorre caminhos muito mais escorregadios e difíceis, ao falar das matérias dos Arquipélagos das Canárias, da Madeira e do Cabo Verde. Tudo o que sabia sobre eles veio-lhé, quando muito, de segunda mão, sem possibilidade sequer de verificação, comprova e análise. Na verdade, enquanto para o Arquipélago da Madeira, por exemplo, se serviu do manuscrito de Jerónimo Dias Leite, escrito a seu pedido, *Descobrimto da Ilha da Madeira e Discurso da vida e feitos dos capitães da dita Ilha* (é possível ver-se uma alusão a este livro no texto frutuosiano, que nesta edição está na página 3, linhas 14 e 15 —o que, a ser certo, escapou à observação do Sr. Dr. João Franco Machado, que apenas cita quatro referências, e esta não foi incluída— *ibidem*, págs. XI/XIV), para o Arquipélago das Canárias, segundo o seu depoimento, as fontes foram: a) «diversos cronistas e autores», pág. 1, linha 15; b) «algumas cousas que mais pude alcançar saber lidas e ouvidas», pág. 6, linhas 28/29; c) «que pude saber da informação de alguns nobres e antigos islenhos», pág. 43, linhas 2/3; d) «o que . . . pude saber de testemunhas de vista e de ouvida», pág. 61, linhas 33/34. É de aceitar que a informação oral, aqui, neste caso, levaria a palma a qualquer outra, de maneira especial no que toca ao da conquista espanhola, total e definitiva, no tempo dos Reis Católicos.

Como não podia deixar de suceder, porque isso era a natural consequência dos processos de que logrou servir-se, a lenda e a fantasia encontraram nas suas páginas um acolhimento de fé, de modo impressionante quando entra no campo de explicar a origem das cousas. Abundante material desde género, temos na Toponímia, que sempre (até as modernas directrizes da Filologia) provocou, por toda a parte, os mais desenfreados devaneios da imaginação: encontravam-se analogias fonéticas, bordavam-se enredos de filigrana amorosa ou de outra índole, e julgavam-se inteiramente resolvidos problemas, cujas dificuldades a Ciência moderna reconhece e, muito morosamente, com documentação e normas, procura solucionar. Dentro desta orientação de fácil actividade especulativa, claro está que vamos encontrar aquele capítulo em que Gaspar Frutuoso discorre sobre os falares primeiros dos povos islenhos

(pág. 10 e sgs.); no entanto, nem tudo o que afirma é joio: no final da pág. 10 e em parte da pág. 11, tem considerações sobre a evolução da linguagem, considerações de ordem geral, é evidente, que a Filologia aceita.

De todas as Ilhas do Arquipélago das Canarias, ainda que de todas elas trate, e mesmo assim com supremacia para a primeira, são três aquelas das quais nos dá maior colheita de pormenores: La Palma, Tenerife e Grã Canária. Fala-nos dos aspectos verdadeiramente primitivos dos povos anteriores á dominação castelhana (moravam em covas e em furnas, viviam, em geral, da pastorícia, cobriam-se de peles de animais, pelejavam, na sua rudimentaríssima arte de guerra, mais com destreza física, que com a astúcia); descreve-nos as múltiplas e acidentadas fases da conquista (em que se empenharam não só aventureiros das nações mais diversas, mais empenhados na pista de escravos que noutra objectivo, e também forças regulares, integradas em expedições, mais ou menos planeadas); dá-nos conta, em muitos quadros de impressionante realismo, da trágica existência sobressaltada das populações insulares, quando vítimas, ou na perspectiva de o serem, de ataques, saques e roubos da pirataria que, então, espreitava os mares e as riquezas, com voracidade, para cumprir sua missão e cevar a ansiedade de sangue e de pilhagem; não se esquece (e fá-lo sempre a propósito e às vezes com sua nota de erotismo) de proclamar a formosura das mulheres, com saliência para aquelas de corpo airoso e branco e pele macia de veludo; descreve-nos curiosos costumes e usanças, jogos e práticas religiosas; enumera muitas espécies botânicas e explica o aproveitamento das suas virtudes; indica algumas espécies zoológicas e refere-se à sua utilização na vida prática. Reportando-se ao período posterior à dominação de Castela, mostra algumas normas da regulamentação da justiça, aponta algumas traves da administração civil e eclesiástica, fala dos templos e dos mosteiros, do movimento dos portos, da prosperidade de indústrias, como a do vinho e a do açúcar. Enfim, a leitura destas páginas faz perpassar, diante dos nossos olhos, uma vasta galeria, movimentada e colorida, nobres e plebeus, soldados, corsários, comerciantes, frades e sacerdotes, raptos e batalhas, astúcia, denuo, covardia, pusilanimidade, ladrões, marinheiros e capitães, a secura extreme dos arroios e das terras e, uma vez por outra, uma benção de Deus. É, na verdade, um testemunho, até certo ponto

válido, duma época distante e atinente a um período pouco documentado, em que se pressente uma intensa agitação e um emaranhado jogo de interesses.

7. Uma vista de olhos pelo nosso texto frutuosiano (poderia, inclusivamente, dizer-se: por ocasião da correcção das provas tipográficas) deu-nos aso a colher, em punhado, alguns daqueles vocábulos que mais interesse nos despertaram. E, caso curioso, ou melhor: e, facto novamente verificado, ao passar sobre as frases deste Escritor de antanho, lembrámo-nos de que algumas dessas palavras, da língua portuguesa do século XVI, mais cá, mais lá, as temos ouvido à gente do povo (na Madeira, por exemplo), em consequência daquele fenómeno do conservantismo de formas de linguagem, entre a gente analfabeta dos campos e das serras (e, entre estas, mais do que na orla do mar). Dispusemo-las por ordem alfabética, abonámo-las com a frase ou segmento de expressão, em cuja unidade a significação toma corpo e sobressai, com os seus delicados matizes, e procurámos definir, indicar-lhes a etimologia, juntar-lhes pequenas observações de regência, de semântica, de fonética, de sinonímia — tudo com o fim de esclarecer e orientar o Leitor menos apetrechado e familiarizado com os assuntos de linguagem. A construção sintática dos verbos, quando não vulgar, interessou-nos. É, sem dúvida, uma pequeníssima contribuição para um futuro *Vocabulário* de Gaspar Frutuoso, empresa que só será possível tentar levar a cabo, como dissemos, em face duma edição crítica do seu livro. A firmeza da autenticidade do texto é condição *sine qua non*, especialmente para estes trabalhos. Sem essa confiança, todos os passos serão hesitantes, em consequência de que a natureza do terreno é arenosa e movediça.

Porque se tratava principalmente de um Escritor insular, que viveu na última metade do século XVI (1522-1591) e que se propôs, e, com isso, alcançou afortunada fama, escrever a primeira crónica dos arquipélagos desta banda do Atlântico, desde o primeiro instante respigaram-se observações e apartámos os respectivos verbetes que, de qualquer maneira, se referissem à vida do Mar — esse elemento tão familiar, mais que outro embalador da idiossincracia do ILHÉU — aos seus riscos medonhos, aos seus mistérios e à esplendorosa aventura humana para o superar, esclarecer ou revelar. Muito embora se trate de uma nesga de texto (recorde-se que só as suas *Saudades da Terra* são constituídas por seis

volumosos livros), não se poderá dizer despiciendos os resultados: *alevantar âncora\**, *armada* (3,29; 4,19; 5,7/8; 19; 39,10), *banda do mar* e *banda do sul* (35,17; 42,13), *barco*, *caravela*, *costado* (35,16), *deitar o prumo*, *embarcação*, *fazer-se à vela*, *fustas*, *galé*, *grande mar oceano* (1,3), *lanchas*, *levar âncoras*, *mar* (1,7; 20,5; 35,17; 39, 12), *mar da navegação de Portugal* (1,8/9), *mar do ocidente* (1,18), *maré* (20,8), *mar oceano* (12,15), *nau*, *navio*, *pescar de cana*, *porto* (2,30/31; 35,17), *remos* (2,39), *ressacas*, *velas* e *virações do mar*.

8. Esta edição do *Instituto de Estudios Canarios* é uma confluência de canseiras e de esforços para uma homenagem ao Escritor Português, que, com mais curiosidade, se debruçou sobre os formosos rincões de terra espanhola que são as Canárias.

La Laguna, Julho de 1963

\* As expressões, que não levam indicação de página e linha, foram objecto de anotação no *Glossário*.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTO ARTUR SARMENTO, *Fasquias e ripas da Madeira*, 2ª ed., Funchal, 1951;  
 FERNANDO AUGUSTO DA SILVA, *Pela História da Madeira*, Funchal, 1947;  
 FERNANDO AUGUSTO DA SILVA e CARLOS AZEVEDO DE MENEZES, *Elucidário madeirense*, 2ª ed., Funchal, 1940;  
 GASPAS FRUTUOSO, *Saudades da Terra*, Livro I, precedido de um ensaio crítico por Manuel Velho Arruda, Ponta Delgada, 1939;  
 GASPAS FRUTUOSO, *Saudades da Terra*, Livro III, Ponta Delgada 1922, com dois estudos: *Dados biográficos, nascimento e morte, o humanista, o historiador e o valor da sua obra, a família*, de Rodrigo Rodrigues; *Notícia bibliográfica das Saudades da Terra*, de João de Simas;  
 JERÓNIMO DIAS LEITE, *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da vida e feitos dos Capitães da dita Ilha*, Coimbra, 1947, com introdução e notas de João Franco Machado.



# AS ILHAS CANÁRIAS

(DE «SAUDADES DA TERRA»)

LIVRO I, CAPS. IX A XX

Em que a Verdade, respondendo a uma de duas perguntas  
que lhe fez a Fama, trata em geral do descobrimento das  
Canárias e dalgumas coisas delas

E querendo eu começar a contar o que destas Ilhas sabia, me disse ela: —Vejo, Senhora, estas Ilhas dos Açôres estarem nêste grande mar Oceano, e nêle mesmo estar a Ilha da Madeira e Pôrto Santo, e outras que são de El-Rei de Portugal, tão perto das Canárias, que são de El-Rei de Castela; e logo as Ilhas do Cabo Verde, povoadas de portugueses, e não entendo esta mistura, como neste mar houve dois senhores diversos. Também me faz duvidosa a terra das Antilhas, como passando por êste mar da navegação de Portugal as mandaram descobrir e povoar, e possuem pacificamente os Reis de Castela. E pois em vós se acha o desengano de muitas dúvidas, mercê receberei desenganardes-me nesta.—O coração (lhe disse eu) desenganado o tenho para todos, e muito mais para vós, Senhora, que tão obrigada me tendes. E o desengano, que quereis saber de mim nisso, que me preguntais, sou contente de o dar, da maneira que o soube de diversos cronistas, e autores, e de meu antigo pai que o contava.

Verdade é que os Reis de Portugal tiveram alguns anos a conquista do mar do Ocidente, até que em tempo de El Rei D. João, o segundo do nome, houve nisso alguma mudança, que depois contarei, como também deixo para contar adiante o descobrimento destas duas primeiras Ilhas dos Açôres e das sete mais abaixo que desejais saber. Mas por agora quanto á dúvida delas, e das outras que dizeis, sabeí, Senhora, que os legistas e canonistas tem uma regra que diz: «primo occupanti conceditur locus» que quere

dizer: «o primeiro que ocupa e possui algum lugar, fica pelo mesmo caso senhor dêle». Isto se usava antigamente nos descobrimentos das terras, antes de serem dadas as conquistas delas. O que primeiro descobria alguma, ficava senhor dela, se queria e podia

5 sustentar sua posse; até que pelo Santo Padre (como senhor que é supremo e logo-tenente de Deus na terra do espiritual, e temporal do Universo) foi isto determinado e limitado entre os Reis de Portugal e Castela, como claramente vereis nisto que irei dizendo.

Quatrocentos e quarenta anos antes da vinda de Salvador do

10 Mundo a êle, um Hannõ, capitão cartaginense, partiu de Andaluzia com sua armada contra a costa d'África e Guiné, e dizem que êste foi o primeiro que neste caminho e jornada descobriu a Ilhas Bem Afortunadas, que agora chamam Canárias; e além delas outras, que dizem Dorcadas, Hespérias e as Gorganas, que se agora chamam

15 do Cabo Verde, mas não ficaram suas, porque não teve mais que de passada a vista delas. E depois da vinda de Cristo Nosso Deus, no ano de mil e trezentos e quarenta e quatro, reinando D. Pedro de Aragão, o quarto, dizem os cronistas de seu tempo, que lhe pediu ajuda D. Luiz de Lacerda, neto de D. João de

20 Lacerda, para ir conquistar as Ilhas Canárias, que estão em vinte oito graus desta mesma banda, por lhe serem dadas pelo Papa Clemente sexto natural de França. E segundo isto, já naquêlo tempo havia muita notícia daquelas Ilhas por tôda Europa, quanto mais em Espanha; porque tamanhos principes não se haviam de

25 mover a esta emprêsa sem muita certeza. Também querem (como escreve o Capitão Antonio Galvão no livro, que fêz de diversos descobrimentos) que nêste meio tempo fôsse a Ilha da Madeira descoberta, que está em trinta e dois graus, por um inglêz, que se chamava Machim, que vindo de Inglaterra para Espanha com uma

30 mulher furtada, foram ter á Ilha com tormenta e surgiram naquêlo pôrto que agora se chama Machico de seu nome tomado. E por a amiga vir do mar enjoada, saiu em terra com alguns da companhia, e a nau com tempo se fêz à vela, e ela faleceu de anojada. Machim, que a muito amava, para sua sepultura fêz uma ermida de

35 Bom Jesus, e escreveu em uma pedra o nome seu e dela, e a causa que os ali trouxera, e pôs-lha por cabeceira. E ordenando um barco do tronco de uma árvore, que ali havia muito grossa, e embarcando-se nêle, com os que tinha, foram ter á costa de África sem velas, nem remos (porque, quando a fortuna a alguém começa

ser contrária, de tudo o despoja); os mouros, que os acharam, e os mais que os viram, houveram isto por cousa milagrosa, e por tal os apresentaram ao senhor da terra. E êle pela mesma causa os mandou a El-Rei de Castela, que era naquêle tempo D. Henrique terceiro, e pela informação que desta Ilha deram êste inglês Machim e a nau de sua companhia, reinando em Castela êste mesmo Rei D. Henrique terceiro, no ano mil e trezentos e noventa e três, se moveram muitos de França e Castela, a irem descobri-la e a gram Canária, principalmente andaluzes, biscainhos, lepuscanos, levando assaz gente e cavalos; mas não se sabe, se foi isto à sua custa, se de El-Rei. Como quer que seja, querem que fôssem os primeiros que houvessem vista das Canárias, e saíssem nelas, e cativassem cento e cincoenta pessoas. Outros querem que fôssem no ano de mil quatrocentos e cinco; mas por mais verdadeiro tenho, o que de Machim se conta na história, e crónica dos ilustres Capitães da Ilha da Madeira, como direi adiante, quando particularmente tratar dêles, e do descobrimento dela.

No ano de mil quatrocentos e dezassete, governando a Castela a Rainha D. Catarina, mulher que foi de El-Rei D. Henrique terceiro do nome, pelo principe seu filho D. João (que foi o segundo Rei do nome) como governadora dos reinos, um Mossem Rubem ou, segundo outros, Rubim de Bracamonte Almirante de França (que com cópia de franceses (dizem que) ajudou a El-Rei de Castela em uma certa guerra, com êste merecimento, e por êste serviço) lhe pedira a conquista das Canárias com titulo de rei, para um fidalgo francês seu parente, chamado mossem ou mosiur João de Betancurt, a que outros chamam Letencor, ou Betencor; e que a Rainha lhas dera e o ajudara; partindo então de Sevilha com boa armada o novo Rei de Canária; e querem ainda que a principal causa, que a isto a movera, era descobrir a Ilha de Madeira, que Machim achara; e não a achando, mas (segundo dizem alguns) descobrindo a Ilha do Pôrto Santo, foram ter às Canárias. E chegado às ilhas, saindo em terra, ganhara Lançarote, Forteventura, e a do Ferro, ou (como outros dizem) a do Inferno. E segundo diz João de Barros, sòmente Lançarote, Forteventura e a do Ferro. Mas não pôde conquistar a grã Canária, por achar nela muita resistência de mais de dez mil homens de pelêja. Na de Lançarote fez um bom castelo, ainda que de pedra e barro, com que conservasse o que tinha ganhado; e começando contratação de escravos, couros,

cêvo, mel, cêra, cânfora, urzela, figos, sangue de dragão e outras algumas cousas, que daquelas Ilhas mandava a Espanha, tirava interêsse, e ganhava bom dinheiro o Rei João de Betancourt ou Betancor. E logo no ano de mil e quatrocentos e vinte foi descoberta pelos portugueses a Ilha da Madeira, perto das Canárias, como em seu lugar contarei adiante. Estando assim o Rei Mossem João Betancor na conquista das Canárias, como dito é, dizem que o mataram; e deixara por seu herdeiro um parente chamado Mossem Menante ou Menaute, o qual (dizem que) com ajuda de alguns Castelhanos conquistou depois a Gomeira; outros querem dizer que Mossem João Betancor se fôsse a França refazer de novo para esta conquista e deixara ali um sobrinho, que se chamava Mossem Menante, e como nunca mais de lá viera o parente que não podia sustentar a guerra vendera as Canárias ao Infante D. Henrique por certa cousa, que lhe dera na Ilha da Madeira, como direi adiante. E porque, de doze Ilhas, que elas são, ainda ficavam por conquistar estas, Gran Canária, Palma, Graciosa, Inferno, Alegrança, Santa Clara, Roque e a dos Lobos. No ano de mil quatrocentos e vinte quatro mandou o mesmo Infante fazer uma armada para conquista destas Ilhas Canárias; ia por capitão mór dela D. Fernando de Castro; e como as gentes delas eram belicosas, defenderam bem suas casas, e vendo D. Fernando o grande gasto, que fazia, se tornou; e depois o Infante largou estas Ilhas á Coroa de Castela pelas ajudas que a Betancort dera. Mas os castelhanos contam isto doutra maneira: que nem El-Rei de Portugal, nem o Infante D. Henrique, as quiseram largar até chegarem a direito diante do Papa Eugénio quarto, veneziano, o qual, vendo isto, deu a conquista daquelas Ilhas por sentença a El-Rei D. João de Castela, no ano de mil quatrocentos e trinta e um; por onde cessou esta contenda das Canárias entre os Reis de Portugal e Castela. Mas, como ia contando, e segundo outros dizem, morto, ou ido a França sem mais tornar o Rei João Betancor, sucedeu no Reino das Canárias seu parente, chamado Mossem Menante ou Menaute; e provendo o Papa Martinho por bispo destas ilhas a um religioso chamado Frei Mendo, começaram os insulanos a receber a santa fé. Mas vendendo El-Rei Menante por escravos a muitos, que a santa fé haviam recebido, se aqueixou o Bispo a El-Rei D. João, pedindo-lhe que deitasse êste príncipe daquela terra; por esta causa havendo algumas diferenças, mandou lá El-Rei a um Pero Barba de Campos, visinho de

Sevilha, com três náus armadas e por fim El-Rei Menante por concerto e licença da Rainha D. Catarina, vendeu as Ilhas ao mesmo Pero Barba. E Pero Barba fêz o mesmo a um fidalgo de Sevilha chamado Fernão Peres, em cujos descendentes e de outros visinhos de Sevilha se conservaram até os tempos dos Reis Católicos D. Fernando quinto e D. Isabel; porque reinando êles em Castela no ano de mil quatrocentos setenta e oito, mandaram uma boa armada com Pedro de Vera, fidalgo, natural de Xarez para conquistar as Canárias; e surgindo em gran Canária, foram notáveis as cousas que os castelhanos fizeram em as conquistas delas, que duraram três anos. E no ano de mil quatrocentos e oitenta e três, ainda que os Reis Católicos D. Fernando o quinto e D. Isabel sua mulher tinham começada a guerra de Granada e esperavam a de Navarra, acometeram outra contra estas Ilhas do Oceano Atlântico, à gran Canária, Tenarife e à de Palma; que de sete principais, e descobertas, que elas são, restavam de conquistar estas três (porque as outras estavam em poder de visinhos de Sevilha desde os tempos de El-Rei D. João segundo, como atrás tenho dito); mandando com uma boa armada Afonso de Muxica e Pedro de Vera, capitães dextros assim no mar como na terra; os quais deram de súbito sôbre a Gran Canária, em a qual achando dois Reis bárbaros, que pugnavam sôbre o domínio, favoreceram a um, com cujo favor veio em breve tempo ao domínio dos Reis de Castela tôda a Ilha.

Desta maneira contam esta história os cronistas castelhanos. Mas o doutíssimo João de Barros, no livro primeiro da primeira década de sua Asia no capitulo doze diz: — que depois de tornar das Canárias D. Fernando de Castro, para favorecer os canários que lá ficavam convertidos á fé, mandou o Infante alguma gente, e por capitão dela Antão Gonçalves, seu guarda roupa; e passados alguns anos desistiu o Infante delas, por se entremeter nisso El-Rei de Castela, dando razões como lhe pertenciam, porque se Maciot vendera a fazenda e terras que tinha aproveitado, não podia vender o senhorio e jurisdição, que era da Corôa de Castela. Depois em tempo de El-Rei D. Henrique o quarto do nome em Castela, quando casou com a Rainha D. Joana, filha de El-Rei D. Duarte de Portugal, D. Martinho de Ataide, conde de Atouguia, que a levou a Castela, houve de El-Rei D. Henrique estas Ilhas de Canária por doação, que lhe delas fêz; e êle as vendeu depois ao marquês D. Pedro de Menezes, o primeiro dêste nome, e o marquês as

vendeu ao Infante D. Fernando, irmão de El-Rei D. Afonso e sobrinho do Infante D. Henrique; e mandou logo tomar posse delas por um Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre; em meio do qual tempo veio a Portugal um cavaleiro castelhano, por nome Fernão Peraza, pedindo restituição delas, porquanto êle as tinha comprado a um Guillam de las Casas, o qual as comprara a D. Henrique, conde de Nebla, em quem Maciot Betancor as trespassara por via de doação com procuração que tinha de seu tio João de Betancor, mostrando para isso bastantes procurações, escrituras e provisões dos Reis de Castela em confirmação das tais compras. E vendo El-Rei e o Infante sua justiça, desistiram delas; por morte do qual Fernão Peraza as herdou uma sua filha, por nome D. Inez Peraza, com quem casou um D. Garcia de Herrera,<sup>1</sup> fidalgo castelhano; e entre os filhos, que houve dela, foi D. Maria Daiala, com quem casou Diogo da Silva, português, estando ainda lá por parte do Infante D. Henrique, na conquista e governança delas; e porque as Ilhas da Gomeira e Ferro eram feitas em morgado, de que hoje é intitulado conde D. Guillen Peraza seu filho; ficaram partiveis as Ilhas de Lançarote e Forteventura, em que D. João da Silva, segundo conde de Portalegre, por parte de sua mãe a condessa tem herança que lhe renderá passante de trezentos mil reis; o que é uma memória em Portugal dos trabalhos que o Infante D. Henrique levou na conquista destas Ilhas; posto que o senhorio e jurisdição delas fôsse trespassado em Castela na maneira acima dita.

Além do que João de Barros no mesmo capítulo escreve dos ritos e costumes dos moradores destas Ilhas, como nele se poderá vêr, direi das sete mais principais algumas cousas que mais pude alcançar saber lidas e ouvidas.

Estas Ilhas Canárias, que eram e são habitadas, e que se chamam as Beatas ou Bem Afortunadas, estão quási tôdas arrumadas de leste-oeste, e demoram da Ilha da Madeira do sul até o sueste desta maneira: a Gran Canária que está em vinte e oito graus, e com Forteventura leste oeste, doze léguas; demora-lhe o cabo Bojador ao sueste, e à quarta do sul; e Forteventura com Lançarote está norte-sul três léguas uma da outra; entre as quais está uma Ilha pequena despovoada, chamada Ilha dos Lobos; e de Lançarote

<sup>1</sup> Aliás D. Diogo Garcia de Herrera (Nota de Velho Arruda).

á Alegança serão duas léguas, e canal limpo entre uma e outra; e da Alegança às Ilhetas de Canária haverá trinta e três léguas; e de Lançarote á Graciosa, que é terra despovoadá, haverá meia légua sòmente, que é um canal entre ambas. De Canária a Tenarife há treze léguas, a qual Tenarife está em vinte e oito graus e um terço, e também leste-oeste com as ilhetas de Canária; e dela á Gomeira são seis léguas; a qual Gomeira está em vinte oito graus menos um quarto, e vinte e cinco léguas da ilha Canária; e da Gomeira ao Ferro há seis léguas; e está a ilha do Ferro em vinte e sete graus e dois terços, e da Ilha de Canária trinta léguas. De Canária á Palma são trinta léguas; e está a Palma em vinte oito graus e meio; e (como disse) correm-se estas ilhas principais umas com as outras quási leste-oeste; e são estas Ilhas de Canária doze (como disse) contando a do Inferno, como diz João de Barros, ainda que não vi carta nenhuma de marear, em que a achasse; mas sete são as descobertas e mais principais. Estão em vinte e oito graus da parte do norte. Tem o maior dia treze horas, e a maior noite outras tantas. Distam de Espanha duzentas léguas; e da costa de África dezasete, ainda que de Forteventura ao Cabo Bojador, que está na Berberia, há treze léguas; e êste é o mais perto caminho das Canárias até á costa de terra de mouros. A Gran Canária é a principal; os naturais dela se chamam Canários, por haver nela grandes câis; e desta tomaram o nome geral de canários os habitantes das outras, ainda que tenham também seus particulares nomes. Esta Gran Canária é redonda, e a melhor de tôdas, e bem povoada, e por isso tem o nome de grande, não por ser maior em quantidade; tem muito gado, colhe-se nela muito pão e vinho e mel; há nela muitos engenhos de açúcar; e desta, e dalgumas das outras se carrega muita quantidade dêle para diversas partes. Tenarife é outra ilha destas maior de tôdas; está bem povoada e dá muito pão e vinho; os naturais dela se chamam Ganches, por serem muito enrochadores; tem uma serra que alguns chamam o pico de Teide, e outros de Tereira, do Duque de Maqueda, por particular mercê de Sua Majestade, que dizem ser uma das cousas mais altas, que navegantes sabem e vêem claramente sessenta léguas antes de chegar a ela, e de um terreiro, que faz como praça no cume dela, quando o mar está em calma, se vêem tôdas as outras Ilhas e parece cada uma delas un bairro pequeno, com estar algumas distantes mais de cincoenta léguas, e ter outras tantas de circuito;



a qual é verde no pé e sempre nevada no meio até o S. João, e é rasa e fumosa a tempos no alto, pelo muito enxofre que nela se acha, *de que levam a Espanha grande cópia. E dali até ao fim de Agosto podem subir a cla; está com neve, havendo nela muita o*  
 5 *restante do ano, com não nevar jãmais em tôdas aquelas ilhas circunstantes.*

A Palma é pequena; há nela muito gado, do qual se fazem muitos, e bons queijos; os naturais dela se chamam palmeiros, por ter a Ilha muitas palmas. A Gomeira é boa Ilha; tem grande abundância de gado e pão e vinho e açúcar e muita urzela; êstes se  
 10 chamam Gomeiros, como a Ilha Gomeira, de um Rei chamado Gomeiro ou Gomauro. Forteventura que é mais comprida, e Lançarote são duas Ilhas algum tanto despovoadas; mas têm muito gado cabrum; estão mui juntas uma da outra, como um quarto de légua.  
 15 E contam que uma mulher islenha nadou êste espaço de Forteventura a Lançarote, por livrar um seu filho da morte, a que ia condenado por justiça, levando provisão e perdão do governador que então estava em Forteventura, sem esperar por barco; os moradores dela se chamam Maforeiros, não sei por que razão. O Ferro tem  
 20 um lugar de poucos vizinhos, que se chamam Ferrenhos; porque há nela pedras que parecem ferro, e a costa fragosa da mesma maneira, que parece escória de ferro; e as árvores são ásperas e ferrenhas; dizem, que já alguns biscainhos, que vieram em ajuda de sua conquista acharam e fundiram ferro nela; é Ilha pequena e tôda  
 25 fragosa; estes não tem água de rio, nem fonte, nem poços; mas uma árvore grande perto do lugar em um alto, sôbre a qual se assenta uma névoa pela manhã, á maneira de nuve branca mui clara, e dali estila continuamente água pelas folhas, como rócio; a qual cai em um tanque, e dela bebem os homens e os animais, e é boa água;  
 30 tem além disto algumas cisternas em que recolhem água para as bestas e para seu serviço; os gados se mantêm com ramos e erva verde. Esta árvore nunca envelhece, nem cresce, mas sempre está em um sêr, com suas folhas verdes. Dizem que se quer parecer com o almástico, que dá almecega, como há muitos na Ilha de Tenarife, mas não o é; o almástico tem o parecer, e rizeza e cortar,  
 35 do páo branco, que há nesta Ilha de São Miguel, e ainda mais forte e rijo; e dizem que tem as folhas quási como maneira de três folhas de silva miudas, que tôdas três, e às vezes cinco juntas, parecem uma só folha farpada.

Quando foram depois conquistadas estas Canárias (como te-  
 nho dito) pelos espanhóis em tempo do católico D. Fernando, Rei  
 de Castela, no ano de mil e quatrocentos e oitenta e três, teve  
 Pero de Vera, cavaleiro, natural do Xarez, guerra mui rija com  
 êstes canários, que eram de muito esfôrço, os quais ainda não  
 tinham armas, usavam de varas, que aguçavam com pedras mui  
 agudas (as pedras se chamam tubonas, e são pretas á maneira de  
 azeviche), com as quais, como com dardos, passavam as adargas e  
 escudos; e também atiravam pedras com muito grande fôrça, por-  
 que eram todos mui valentes e desenvoltos; mas por fim foram  
 vencidos e reduzidos a sujeição de Espanha e ao culto divino, que  
 era o que mais lhe importava. Antes disso, não usavam de pão  
 nem de vestido, sòmente se cobriam com peles de animais de  
 cabras, de ovelhas, que havia na terra, cortidas com casca de pinho,  
 cozidas com correias do próprio couro e com sovelas de osso, que  
 aguçavam com as mesmas pedras tubonas; os trajos feitos destas  
 peles chamam tamarcos, e ficava o couro cortido delas á maneira  
 de baio. Comiam raizes de ervas, leite e carne de cabras, e frutas  
 de árvores e alguns querem dizer que também comiam a carne  
 crua, por não ter fôgo, e agora, *assada e cozida*, depois que o  
 tiveram ou inventaram fazer com dois paus, um chamado teimaste,  
 que é rijo, e outro tabaiba (de que se faz o visgó) que é brando,  
 roçando um no outro. Comiam gofio de cevada torrada; casavam-  
 -se com muitas mulheres, e primeiro que as conhecessem, as davam  
 a seus senhores por grande honra e por outra razão que dá João de  
 Barros. Tinham casas de ramos e covas onde moravam. Careciam  
 de fogo, ferro, letras e bestas de cárrega para seu serviço; semea-  
 -vam cevada sem nada, e algum trigo, lavrando a terra com cornos  
 de bois, bodes e cabras, e colhiam muito fruto. Há nestas Ilhas uns  
 pássaros que chamam canários, que em Espanha são de muitos esti-  
 mados. Adoravam a um só Deus, alevantando as mãos ao Céu, por-  
 que não tinham ídolos, e por esta razão foram bons de converter à  
 nossa fé. Tinham seus oratórios, que cada dia rociavam com leite  
 de cabras, a que chamavam animais santos. Tinham também sua lin-  
 guagem bárbara, cada ilha a sua, com que se entendiam. E de todos  
 êles ficaram muito poucos, porque tôdas estas Ilhas estão povoadas  
 já de gente de Espanha e doutras partes. Contarei, Senhora, al-  
 gumas cousas que particularmente pude saber de cada uma delas,  
 dizendo primeiro o que se diz da variedade de suas linguagens.

## Do que se diz das linguagens de tôdas estas Ilhas Canárias

Já disse que tinham os moradores destas Ilhas de Canária sua linguagem bárbara, cada Ilha a sua, com que se entendiam. Dizem que fazendo guerra os Romanos aos de Cartago, e vencendo-os nela, cortando as línguas a muitos, os puseram em navios no mar, os quais saíndo pelo estreito de Gibraltar, foram ter às Canárias, que naquêle tempo estavam desertas; e dêstes Cartagineses se povoaram; e como não tinham línguas inteiras com que falassem, seus filhos e descendentes inventaram cada um na Ilha que habitavam nova linguagem. E por isso cada uma destas Ilhas tinha a sua diferente das outras, e em uma mesma Ilha se achavam também diferentes linguagens em diversas partes dela, onde em diversos lugares desembarcaram, com as línguas cortadas. Também se diz nestas Ilhas Canárias, e há esta presunção, que algum Rei daquela parte de Berberia a elas mais chegada vizinha com algum nojo que teria de alguns seus vassalos, ou povos seus subditos, por castigo de alguma rebelião, ou delito, lhe mandaria cortar parte das línguas, com que os alvoroços e amotinações se fazem, e os deitaria fora de sua terra em embarcações, donde vieram ter às Canárias, a povoar aquelas sete Ilhas desertas; e em cada uma delas inventaram os sem línguas, ou os seus descendentes, novas linguagens. Também pode ser, que sem trazerem êstes Canários as línguas cortadas, cortou o discurso do tempo (que tudo muda) e mudou a primeira linguagem, que êles de principio falavam, em diferentes e diversas, como agora têm, por se êles dividirem uns dos outros em diversas ilhas, e em vários lugares de cada uma delas, e assim varia-

ram as linguagens pelo muito número dos anos corromper a primeira língua antiga, que todos traziam juntamente. E parece isto ser assim pela razão, que deu um André Martins, homem nobre e honrado, filho de Antão Martins da casta dos Monizes desta ilha de São Miguel, morador que foi no lugar de Rabo de Peixe, termo da Vila da Ribeira Grande desta mesma Ilha; o qual, passando a Ilha de Tenarife, uma das sete Ilhas Canárias, e havendo lá residido muitos anos, tendo particular amizade com um homem honrado canário, natural de Gran Canária, que se chamava Antão Delgado, espantando-se de não terem memória os naturais daquelas Ilhas donde procederam; e, perguntando-lhe se tinha disso alguma notícia, lhe respondeu Antão Delgado, sorrindo-se, que donde podiam proceder senão dessa Berberia, que estava ali tão perto. E André Martins lhe replicou, que não podia isso ser, porque se foram daí, tiveram a lei, e seita dos mouros, e a mesma língua. Ao que Antão Delgado respondeu, dizendo, parece, que naquele tempo em que os moradores destas Ilhas Canárias vieram aqui ter da terra da África, não havia ainda a seita de Mafâmede, que agora tem os mouros; porque eu entendo três línguas, convém a saber, a de Canária, a de Tenarife e a de Gomcira; e tôdas vão quasi parecendo a linguagem dos mouros. E disse mais Antão Delgado, que bem parecia isto ser assim, pois os canários tôda a maneira tinham dos mouros em seus costumes, porque têm suas moendas de mão, e usam de gofio como mouros, e parece, que ainda que mudaram a linguagem que traziam de princípio, não mudaram alguns costumes de sua terra, que com os olhos viram, e lá entre si costumavam. E ainda que os canários tinham variedade, suas linguagens quasi tôdas têm um modo da dos mouros.

Mas com tôdas estas razões sobreditas nada disto afirmo, para que se haja de ter por certo, porque outros afirmam que estas Ilhas de Canária tem muito antigo princípio, e foram já em tempo de Trajano, aquêl insigne e notável Imperador de Roma, descobertas e achadas por seu grande saber e indústria, e povoadas por seu mandado. Dizem que era êste Imperador Trajano grão filósofo, astrólogo e matemático, e que foi natural de Caliz de Espanha; o qual governando o Império, e mandando fazer gente de guerra para ajuntar grande exército contra seus inimigos, lhe foi dito, que havia certa nação de gente belicosa e usada nas armas perto de seu Império, ou por ventura seus subditos, os quais por serem

montanheses, pelejavam a pé tão esforçadamente, que havidos em seu exército, se podia haver com êles gram vitória, mas que arre- ceavam, usassem os tais de sua má inclinação, e costume, que era serem muito mudáveis, e fáceis de tornar atrás, como dizem, que  
5 fazem alguns tudescos, indo-se para quem mais sôlido lhes dá, ainda que seja a tempo, que os exércitos estão a ponto de se romper, pelo que se haviam causado já mui notáveis danos em outros encontros semelhantes, e exércitos de alguns seus antecessores. Sabido isto por Trajano, e que sempre ficaram sem castigo, ordenou um meio,  
10 por onde não pudessem executar sua malícia, nem causar algum dano sua mudança ou cubiça; mandando a seus capitães, que a todos matassem, reservando vivos sômente os vêlhos, e mulheres e moços e os que não pudessem tomar armas, e cortadas as línguas lhos trouxessem. Trazidos diante dêle os mandou levar em navios,  
15 dando regimento, que entrados no Mar Oceano, navegassem não muito longe da Costa de África direito au Sudoeste, e que a certos graus achariam as sete ilhas bemafortunadas, e nelas deitassem aquela gente sem línguas, repartindo em cada Ilha certo número deles, onde os deixassem, pelos extinguir, e apartar de seu mau nascimento, e para que os que dêles sucedessem, não soubessem dar conta de seu principio. O que parece ser assim, porque,  
20 em tôdas estas sete ilhas, os duma não entendiam a linguagem das outras, ainda que nos costumes eram, e são semelhantes; porque todos são mui valentes e animosos destros e ligeiros em todos os exercícios de guerra, correm, saltam, lutam e tiram funda e lança,  
25 mais que outra nação; são afabiles, alegres e amigos de banquetes, mas não dados a vinho. As mulheres são pela maior parte limpas, polidas, louçãs e de rara formosura, pelo qual muitos dos conquistadores, ou quási todos, se casaram nestas Ilhas e não tornaram a  
30 Espanha solteiros. Agora já têm perdido êstes islenhos a constelação ou inclinação de mudáveis, e são firmes na amizade, que prometem, e na religião cristã, e devotos de Nossa Senhora. São dados a criações de gado, e não buscando curiosidade de caças, moram nas cavernas da terra e covas e furnas das rochas; ainda  
35 que na polícia e trajos do vestido são já agora quási todos tão custosos, êles e elas, como os mais polidos castelhanos de Espanha.

## De algumas cousas que outros dizem das duas Ilhas Forteventura e Lançarote

Das Sete Ilhas de Canária, que estão povoadas, dizem alguns que a chamada Forteventura foi a primeira conquistada. E tem êste nome, por se achar nela uma escritura em pedra, que dizia ser povoada por Forteventura. E que a conquistou um Saiavedra, creado dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel. Tinha esta Ilha três Reis, um fóra do Curralejo à banda de Berberia; e outro em Oliva, que está três léguas do pôrto de Roque; e outro principal sôbre êstes dois tinha mais dentro da Ilha sua estância. E por não terem árvores, de que pudessem fazer algum modo de armas, como os de Gram Canária, e as mais Ilhas, tirando Lançarote, foram fáceis de ganhar, ainda que com os gados e com suas fundas se defenderam alguns, mas como a terra é mui descoberta, ainda que é a maior ilha de tôdas, a houveram os espanhóis em pouco tempo e sem muito dano. 5 10

Tem esta Ilha quarenta léguas em circuito, mas não é frutífera por ser pedregosa a maior parte dela; tem quatro povoações pequenas, a Vila, Oliva, o Pôrto e Curralejo. Os moradores são criadores de gado miudo e de camêlos; e já são liados com os espanhóis, com que casam seus filhos e filhas. Os islenhos e islenhas são grandes de estatura, quási morenos, bem dispostos e direitos, e elas alvas e formosas, porque guardam bem o rosto do sol e do ar. São leais a portugueses e a castelhanos, e inimigos de mouros de Berberia, aonde vão fazer muitos saltos, e trazem muita presa dêles, que vendem para a Ilha da Madeira, com quem têm grande trato e comércio, por causa do vinho e mel de canas, que 15 20 25

lhes levam por ser perto. Comem mais gofio que outro pão. São grandes comedores de carne de rês miuda; bebem o leite de cabras, e de ovelhas por água, pelo que são frescos e gordos, ligeiros e fortes, e muito membrudos. Dizem alguns que foi tomada  
 5 esta ilha dia de S. Filipe e Santiago, porque sua principal igreja é dêstes apóstolos. Entre os moradores dela há fidalgos dos Perdomos e Saiavedras e de outros apelidos.

A Ilha de Lançarote dizem ter êste nome por o Rei principal dela ser assim chamado; é quâsi tão grande, como Forteventura, e  
 10 está muito perto dela a oesnoroeeste,<sup>1</sup> a maior parte infrutifera. Dizem que foi conquistada logo depois de Forteventura, também por outro capitão criado da casa dos Reis Católicos já ditos, chamado Nuno Ferreira, português, muito parente do Conde da Castanheira. E outros dizem que deram os Reis Católicos a conquista e desco-  
 15 brimento destas Ilhas de Canária a um fidalgo de sua casa chamado D. Afonso de Lugo, ou D. Luiz de Lugo, e bem podia ser virem dois Saiavedra, e Nuno Ferreira por seus ajudadores, e como eram valorosos, dar-lhes cargo de semelhante empresa. Tem esta Ilha duas povoações mediócras: a Vila e Faria; detiveram-se os con-  
 20 quistadores pouco em sua conquista, como na de Forteventura, por ser terra descoberta de arvoredos. Os islenhos destas duas ilhas se chamam mahoreros, que em nossa linguagem quere dizer criadores de gados, porque êste é seu officio. São tão misturados com os da Berberia, que há mui poucos, que não tenham alguma  
 25 cousa de mouriscos, por razão de se darem de princípio muito às entradas e saltos contra os alarves da Berberia, que a elas está chegada e vizinha, como é Cabo Branco, Teide, S. Bartolomeu, o Rio do Ouro que chamam Arguim, e outros lugares. É agora con-  
 30 dado, e Conde destas duas Ilhas D. Agostinho de Herrera, genro de Pero da Ponte de Tenarife, o qual conde em sua mocidade foi mui dado a estas entradas e saltos em Berberia, com que enriqueceu muito, mas depois lhe custou caro a êle e a tôda sua Ilha, como agora direi.

Vendo-se êste senhor D. Agostinho de Herrera, mancebo bem  
 35 disposto de grandes forças, e ligeiro antes de ser casado, e com tal morgado e bons súbditos e parentes do mesmo esforço e altos espíritos, começou a dar-se a fazer saltos em Berberia, o que fazia

<sup>1</sup> Está escrito aoesnoroeeste.

tanto a seu salvo, que quási não havia quem lho estorvasse, por não serem até ali os inimigos dêles salteados, e viverem em seus aduares sem algum sobresalto. Desta continuação dêste Conde se vieram apelar e avisar os xilmeiros, alvares e berberiscos pela terra dentro, até que chegou notícia, onde havia mouros de guar- 5  
nição e polidos (porque estes xilmeiros são pobres criadores e pastores de vacas em aquela terra chã e arenisca, e campinas cobertas de uma mata baixa povoada de uns aduares, ou choças, onde com suas mulheres e filhos fazem sua morada, êstes alarves, dados a buscar junto da costa ambre de baleias) e como os mouros 10  
de dentro da terra são destros de cavallo, ricos e versados na guerra, correndo a fama de tantos saltos e entradas que o dito D. Agostinho de Herrera com os seus lhe fazia, deram muitas vezes a paga aos de Lançarote e aos de Tenarife, como em seu lugar direi. E não podendo sofrer tantas afrontas e perdas (parece que 15  
para ter melhor vingança) se socorreram ao Turco de Larache, e a outros corsários turcos, como os de Argel ou seus semelhantes. E estando D. Agostinho de Herrera com seus vassallos sem sobresalto nem receio de chegarem galês, nem fustas de mouros á sua Ilha, no ano de mil quinhentos sessenta e oito, ou nove, deram na dita Ilha sobre êles sete ou oito fustas bem apercebidas e armadas, 20  
e entrando na terra, quási a todos os moradores prenderam, mataram, cativaram e roubaram, levando consigo mulheres e meninos, que foi uma grande mágua e maior perda. O conde e sua mulher escaparam como milagrosamente escondidos em umas covas; e foram tão fiéis seus vassallos, que, posto que os mouros ou turcos lhe prometiam soltar-lhe a presa e cativos, se lhe dessem sômente o Conde, jámais puderam acabar isto com êles, ainda que se crê que muitos sabiam o lugar onde êle estava. Do qual feito se vê estar já mudada, ou extinguida neles a mudança de seus predecessores. 25  
Pelo grande desejo que estes infieis mostraram de haver á sua mão o Conde e a Condessa, se suspeitou e afirmam que não eram estes turcos alí vindos pela causa que atrás disse, da freqüência das entradas e do dano que dêle haviam recebido os ditos alarves; nem pela indústria dos mouros, senão por um feito que dizem cometer 30  
êste Senhor com uma mulher de um seu vassallo, natural de Tenarife; o qual indo negociar algumas cousas a uma das outras Ilhas e deixando sua mulher e filhos pequenos em Tenarife, sendo ela muito formosa e recolhida, dizem que entrou o dito Senhor em 35



sua casa contra sua vontade, fazendo pouco caso desta ofensa. Vindo o marido desta mulher e achando-a triste e coberta de dó chorosa, e tão dessemelhada, que quási a não conhecia, e, perguntando a causa de tão estranha mudança, lhe contou ela sua desventura. Dissimulando êle esta injúria e consolando-a, dizendo que os  
 5 senhores das terras tinham grande poder sôbre seus vassallos, se partiu para Tenarife, onde vendeu a fazenda que lá tinha, e tornando a Lançarote, deitou fama que se mudava a Tenarife. E embarcando-se êle e sua mulher e filhos com alguns parentes, que por  
 10 todos eram oito pessoas; como era homem de grande espírito, apartados do pôrto, fêz por fôrça navegar ao mestre para Larache, onde desembarcou com os sete de sua casa, dos quais não se soube mais que dizer o mestre depois que jurara êste homem de não descansar até não haver á sua mão o dito D. Agostinho de Herrera, e para isto se passaria a Turquia, se em África não pudesse ser  
 15 socorrido do Turquinho e de outros corsários, para que com suas fustas viessem a Lançarote e o vingassem; pelo que se crê trazer êste os turcos a esta Ilha e nela fazer o destroço já contado, em que não deixaram cousa que alguma cousa valesse; com que ficou  
 20 tão destruída que ainda até hoje não está restaurada, por ser terra pobre só de criações de gado miudo e de camêlos, como os de Forteventura seus vizinhos.

Faz-se sal nestas ilhas muito alvo, são as salinas do Conde, vão a elas por Faria, que é um lugar de criadores pequeno dis-  
 25 tante légua e meia da vila; fazem também bons queijos. A gente é mui afabil; são destros a cavallo, como mostraram no triste successo dos turcos; e com os franceses duas ou três vezes que na terra quiseram entrar; porque, como está a vila do Pôrto dos Arrifes quási  
 30 légua e meia, e tenham em um monte alto perto da vila uma tôrre para vigia, em descobrindo navios, logo se apercebem e defendem com ânimo valente; e ainda que são poucos, são de grande esfôrço, e já fizeram render muito maior número de franceses corsários, dando-se tanta pressa na defesa, que os franceses caíam vivos  
 no mar e se afogavam a montes, por não poder aguardar sua forte  
 35 e apressurada resistência. É finalmente terra belicosa, e para a saúde de bons ares; nem se viu, nem se soube em algum tempo haver nela, nem em nenhuma das outras, peste.

Do caso atrás contado da destruição que os mouros ou turcos fizeram na terra os regentes e ouvidores de Gram Canária quiseram

tomar conhecimento, mandando por ante si chamar ao Conde, o qual se partiu para a Côrte, querendo antes dar a conta disto a Sua Majestade; mas não foi ouvido, sendo remetido ao Regente e ouvidores. E aparecendo diante dêles, por do caso da mulher deshonrada não se achar bastante prova, e êle e a Condessa ficarem roubados de tôda sua fazenda, e tão descontentes, levando-lhe isto em conta; e que pela defensão da ilha, e povo se pôs no campo, como muito animoso, e milagrosamente escapou dos inimigos, encomendando-se a Nossa Senhora da Candelária, de que todos os islenhos são mui devotos, ou (o que é mais para crer) por estar inocente neste caso, que dêle se diz, foi Deus servido de o livrar; e foi tornado e reduzido a seu estado, sem fazer mais entradas em Berberia. Crê-se que lho proibiram.

*No ano de mil e quinhentos e oitenta e seis (1586) dizem que vieram sete galês de mouros a esta Ilha de Lançarote e cativaram até trezentas almas; e, que estando escondidas em uma cova a mulher e uma filha do Conde, as descobriu uma moura, e foram cativas com tôda a gente de sua casa que resgataram por dezassete mil cruzados; e outra filha solteira indo fugindo ao longo do mar se acolheu em um barco para a Ilha de Canária, e, depois de andarem os mouros alguns dias na terra, se foram, levando sòmente as trezentas almas cativas e muito despojo.*<sup>1</sup>

Há nesta Ilha fidalgos Perdomos, Cifontes, Saiavedras, Hererras e Betencores, gente de muito lustro, sujeitos á gran Canaria, como tôdas as mais Ilhas destas sete; tem uma igreja paroquial bem ornada; e outras duas ou três ermidas.

<sup>1</sup> Em entrelinhas, parece que escrito pela mão do autor (Nota de Bernardo Rodrigues).

## De algumas cousas da Ilha, chamada Gram Canária

Dizem alguns que a Ilha chamada Gram Canária foi a terceira que depois de Forteventura e Lançarote se conquistou, e dista delas vinte léguas, pouco mais ou menos, demorando-lhe a loesudoeste; é de quarenta léguas em circuito, quasi redonda, alta e grossa; cabeça e metrópele de tôdas as sete; onde reside o tribunal e audiência real, e desembargo de três ouvidores seculares e Regente, onde vão ter tôdas as casos e negócios de tôdas as outras ilhas, senão os crimes, os quais julgam e sentenciam e executam os governadores de cada uma delas; porque nesta Gram Canária há por si só governador que tem jurisdição de barão e cutelo. E o mesmo tem cada uma das outras Ilhas. É diocese e cabeça de todo o Bispado, cuja cidade das Palmas foi erigida em episcopal de tôdas sete, tresladando a ela a cadeira da de Lançarote, onde dizem que primeiro esteve; onde tem assento a Santa Inquisição, com os necessários oficiais do Santo Ofício, que Carlos quinto felicissimo Imperador mandou á dita Ilha para destruição de quaisquer here-  
sias ou cismas que houvesse, por haver nestas ilhas um continuo trato e comércio de diversas nações por causa dos bons açúcares e vinhos, breu, lã, queijos e outros frutos que em tôdas as mais  
delas há, como fica tocado atrás; pois D. Afonso de Lugo, ou D. Luiz, não conquistou mais das três, Palma, Tenarife e Gran Canária; e as outras couberam a diversos capitães, como adiante se dirá; foi esta Ilha a mais dificultosa de conquistar de tôdas elas; defenderam-se os islenhos muitos dias; tinha cinco ou seis Reis, e usavam de armas de pau lavradas com pedras queimadas e tostadas ao fogo, em tanta abundância e com tal artifício aguçadas, que, defendendo-se, duramente puderam também ofender aos espanhoys, de

que finalmente, com grande dificuldade e trabalho foram vencidos, tomados e desbaratados. A principal e última peleja foi em Guimarães, ainda que outros dizem que em Arucas. E dali até estes nossos tempos foi sempre em crescimento e aumento de tôdas as cousas e grande comércio; porque, como os espanhóis a acharam disposta e fértil, a cultivaram tanto, aplicando-lhe todos os frutos necessários á vida humana, que sempre será cabeça, como agora é, de tôdas as outras. Chama-se Gram Canária (como tenho dito) por razão dos grandes cães que acharam nela; e, ainda hoje em dia, há alguns maiores que lóbos; são brancos e malhados, e de tal presa, que sogigam a fortísimos touros; e por curiosidade dos mestres se tornam tão domésticos, que levam na boca cestos de carne dos açougues e outras cousas, sem ninguém ousar de lhos tomar, por serem bravos contra quem não é seu dono.

Tem esta Ilha estas povoações: a cidade de Santa Ana, principal cabeça, que terá mais de três mil vizinhos, bem assentada e situada com uma igreja catedral grande e rica, e de obra e traça mui custosa; tem outras duas ou três paróquias e dois Mosteiros de Franciscos e Dominicos bem ornados; está a Igreja Catedral situada em uma grande praça, onde há um formoso chafariz, servida com muitas dignidades e cônegos de grossas prebendas. O Daião D. João de Padilha, antecessor do que agora é, tinha mais de mil e quinhentos cruzados de renda; o Bispo, sete ou oito contos, com que traz grande casa; o Inquisidor, dois contos. E executa-se com tanto rigor a justiça no crime como na côrte de Sua Majestade; com o que é nestas Ilhas cada um senhor do que tem; esta Cidade de Santa Ana (que tem este nome por ser ganhada a ilha neste dia) é de tudo bem bastecida, e de grossos mercadores que tratam quarenta e cinqüenta mil cruzados, e mais e menos. O pôrto da banda de leste corre em praia quási uma légua norte e sul, da cidade até uns ilheus, onde está uma fortaleza bem situada, no qual comprimento estão a lugares baluartes e fortes bem artilhados; nunca foi de contrários entrada, ainda que muitas vezes cometida, pela boa ordem que há na defesa e armas; onde tem muitas bandeiras, e são os moradores de sua condição belicosos e destros.

No cabo dêste pôrto há umas estalagens, que a cidade proveu para remédio e colheita de estrangeiros e navegantes; donde se começa uma ladeira para o norte, que terá de subida quási meia légua e mais largura, no fim a qual da parte de oeste para a banda

de Tenerife está outro pôrto que chamam o Confeitall, por haver  
 ao lado dêle um cascalho que da terra sai tão branco e crespo que  
 parece confeitos, de mui alvo açúcar. Nêste pôrto se abrigam os  
 navios quando venta leste e les-sueste, e por estar perto do dos  
 5 Ilheus se encontram os mares e ressacas em águas vivas e quási  
 continuamente, tanto que algumas vezes aguardam para passar os  
 que vão da cidade ás ditas estalagens ou pousadas, até que vaze  
 mais a maré, pela qual causa se chamam os ilheus ou ilhetas.  
 Servem-se nesta cidade, e nos carrêtos do pôrto de camêlos,  
 10 que há muitos na Ilha; é temporã de frutos, porque em maio se  
 vendem uvas na praça, figos e bêbaras e melões, de meado abril,  
 tudo tão bom e maduro como em Espanha no estio e outono.  
 Parte esta cidade uma grota que traz em tempo de chuvas gran-  
 de enchente, ainda que não se viu nunca sair tanto de madre que  
 15 faça dano.

Desta cidade, ao sul, distância de duas léguas, está Telde, no-  
 bre povoação onde há dois ou três engenhos de açúcar da gente  
 da terra que são disto grandes lavradores e de vinhas e algodões,  
 como ao redor da cidade. Os espanhóis ali moradores são tão ben-  
 20 feitores, que não há palmo de terra que não esteja plantado e cul-  
 tivado para todo género de frutos; mas os islenhos são mais dados  
 a criar gado, com que uns e outros dão muito proveito á terra, e  
 enriquecem o povo de Telde, vila de até quinhentos vizinhos, por  
 causa dos engenhos. Tem aqui um Pero Seirão um engenho onde  
 25 mantém seis meses do ano mais de cento e cinqüenta homens, e  
 dá de proveito a seu dono mais de quinze mil cruzados.

De Telde vão a Guia, vila em que também há outros engenhos;  
 e a Guimar e Arucas, que tem outros, em que se faz açúcar, que  
 quer competir com o da Ilha da Madeira, e dizem os moradores  
 30 ser melhor; haverá em tôda a ilha até vinte e quatro engenhos de  
 açúcar, nenhum dos quais abaixa de safra de seis, sete mil arrobas;  
 pelo que é tão frequentada de diversas nações e tão rica, fértil,  
 abundante e sãdia. Sômente á banda do sudoeste, onde há tam-  
 bém povoações e fazendas de açúcar, dão febres, de que alguns  
 35 morrem; mas não há outras enfermidades, se os homens se sabem  
 reger; e ainda das febres dizem ser causa estar esta ilha e outras  
 perto do mais quente de Berberia para a parte do rio de Teide [?]  
 e Sam Bartolomeu, que é mui torrada do Sol; pelo que estas Ilhas  
 não são húmidas, nem chove, muito nem muitas vezes nelas.

## De algumas cousas da Ilha chamada Tenerife

A ilha de Tenerife dizem que foi a quarta conquistada e é logo a segunda Ilha depois da Gram Canária mais principal de tôdas as outras, ainda que a Palma o seja nas escalas das armadas e navegações; como entre estas ilhas dos Açores a mais rica e principal é esta ilha de S. Miguel, pois ela rende só mais que tôdas as outras juntas; mas a Ilha Terceira além de ser mais principal por ser a cabeça do Bispado, o é também por a razão das escalas, armadas e navegações, que ali vão ter em diversos tempos. Dizem que quando a conquistou o primeiro adiantado (que dizem ser D. Luiz) foi a mais rija, trabalhosa e dificultosa de ganhar, que tôdas as outras ilhas, por ser a gente dela muito belicosa e exercitada em guerras, que entre si traziam. Chegando o adiantado a ela, e assentando seu arraial, onde agora está situada a cidade da Alagoa, que é uma légua de pôrto de mar pela terra dentro costa arriba da banda do oriente; em cujo pôrto está uma freguesia de Santa Cruz, onde está uma fortaleza; e conquistando a terra o mesmo adiantado, quis um dia fazer um salto sôbre um lugar grande, que agora se chama Orotava (que está quatro léguas do campo, donde partiram, onde agora está a cidade), de um de sete, ou nove Reinos, que havia na mesma ilha; foram sôbre êle para lhe tomar seus gados, e cativar os moradores; e tomando-os de sobressalto, todavia se acolheram á serra; e tomando-lhe seus gados, se tornaram os espanhóis. Mas os naturais da ilha, como homens mui ligeiros e desenvoltos, que eram, vindo por riba pela serra, que é de muitos pinhais e outras árvores de diversas maneiras, os esperaram em um

5

10

15

20

25

lugar, que agora se chama Montanha Obscura, e aguardando-os ali, como chegaram, falando a sua linguagem ao gado, o viraram sôbre os espanhóis, com que os meteram em muito aperto, e morreu muita gente de ambas as partes, porque os da ilha pelejavam com
   
 5 grande ânimo com pedras e lanças de tea, que é um pau de pinho, do cerne do qual queimado se faz o breu, e estas lanças com as pontas feitas e tostadas no fogo, sem mais outro ferro à maneira de azagaias. Nesta guerra dizem que quebraram um olho ao adiantado, e ficou sua gente muito desbaratada; e pela muita mortanda-
   
 10 de, que ali houve nesta batalha, se chamou, e ainda agora se chama, aquêlê lugar a Matança. Vendo-se o adiantado desbaratado de gente, dizem, que tornou a Espanha; e que lá o favoreceu o Duque de Medina com oito centos homens, com os quais se tornou a conquistar a mesma ilha de Tenerife; e de caminho levou consigo
   
 15 muita gente dos naturais de Gram Canária, já convertidos e pacíficos, por serem homens fragueiros e valentes, prometendo-lhes dadas e repartições de terras na própria ilha de Tenerife depois da guerra acabada; e como os mesmos canários naquêlê tempo não faziam tanta conta das dadas, nem das terras, vindo depois o tempo de mais necessidade, lembrando-se seus filhos e netos e mais descendentes das promessas feitas a seus ante-passados, se moveram e movem a fazer muitas demandas sôbre elas. Indo o adiantado com esta gente, e dando modorra nos naturais de Tenerife, a foi vencendo e ganhando; e porque foram tão trabalhosos de vencer,
   
 20 e resistiram mais que nenhuns de tôdas as outras ilhas de Canária, os cativaram; esta foi a causa, por onde daquela só ilha traziam canários cativos, e não das outras, que mais fâcilmente se renderam. Mas depois os mesmos naturais de Tenerife, conhecendo a verdade, foram e são mui obedientes e bons cristãos. Dizem que se êstes ganches foram concordes uns com outros, nunca os puderam vencer, e sempre ficaram Senhores de sua terra, porque era ilha muito fragosa. Mas foram vencidos, porque as mulheres beneficiavam a terra, e faziam suas lavouras de cevada para seu gofio, e os homens sempre andavam em guerra entre si, uns reinos com os
   
 30 outros, que eram nela, uns dizem sete, outros nove; e por serem reinos divididos os puderam vencer.

Há nesta ilha de Tenerife umas árvores baixas como murteiras, que chamam lenhonoe, o pau das quais é aromático e cheira bem, do qual levam para Espanha para fazer dêle cofres e contas

cheirosas. Também há outras árvores baixas e rasteiras que chamam lenhos santos, ou lenha santa, a qual verde arde, e tem a côr como de losna; há também outras duas maneiras e qualidades de árvores que chamam tabaibas, uma se chama tabaiba doce, que do leite dela, que se leva para Espanha e para outras partes, se faz visgo, o qual é alvo como massa de pão de trigo, e algumas pessoas trazem esta massa dêle na boca, por dizerem ser boa para alimpar os dentes. A outra espécie de tabaiba tem o leite, que deita de si, tão forte, que não há dúvida, caindo nos olhos, cega-os, pelo que se guardam muito dêle; e se o deitam na água, onde há peixe, logo fica amortecido e sôbreaguado. Há também umas ervas á maneira de árvores, que do pé lançam muitas hastes sem folhas; umas que chamam cardões, que são maiores; e outras cardomilhos, mais pequenas; cujo sumo de ambas é peçonhento, e muito mais pôsto ao sereno; e o cardomilho tem mais forte peçonha que o cardão. Há nesta ilha muitos corvos, que fazem muito dano, assim nas sementeiras, quando as semeiam, como quando começam a engracecer, e também nos gados miudos, quando nascem, porque lhe tiram os olhos, e os matam, e comem, pelo que as mãis os ciam muito deles, e guardam, em quanto são pequenos; há também outras aves quási tão grandes como patas, brancas e pretas, chamadas guirres, que comem animais que acham mortos; e ha bilhafres e milhanos ou milãos, que são como bilhafres; e gaviões, e açôres e outras aves de rapina.

Nesta ilha de Tenerife (que parece que ardeu mais que nenhuma outra Ilha) há grandes e altas rochas e grotas pela terra dentro do mar á serra, e principalmente mais da banda do sul, que do norte; e ficaram nestas rochas e grotas grandes algares, ou covas, á maneira de moradas, em que os ganches naturais da terra moravam; e há cova entre elas tão grande feita daquela rocha de pedra, que podem caber, e morar nela duzentos e trezentos homens juntos; estas estão mais baixas ao longo da terra chã; e nos pináculos mais altos há muitas covas e algares, onde faziam suas sepulturas, as quais ordenavam desta maneira: quando faleciam, morrendo algum principal dêles, lhe tiravam o ventre (como aos outros mais baixos faziam) embalsamando-o com manteiga de gado miudo (porque não tinham outro, nem havia entre eles gado vacuum); assim os curavam ao sol e ao ar, e vestiam e atavam com suas correias de couro em peles cortidas; á maneira de mortalha, e os metiam em aquelas



covas altas daquelas grotas e rochas, como guardados onde nenhuma cousa lhe chegasse; e ainda agora, os que procedem dêles se injuriam, e afrontam muito, se lhe vão bulir com êles, e se algum travesso lhe vai deitar algum daqueles corpos mortos e mirrados  
5 pela rocha abaixo.

Quando lhe faltava chuva para as suas searas e pastos e havia grande sêca, para a pedir a Deus faziam suas procissões, levando os gados a lugares grandes e espaçosos, como praças, que tinham já limitados para isso, a que chamavam e chamam ainda hoje  
10 bailadeiros, e tangendo o gado ao redor como quem debulha em eira, lhe faziam dar tantas voltas, até que de esvaecido o mesmo gado caía um para uma parte, e outro para outra; e feito isto se iam então dali com esperança da chuva que desejavam; a qual Deus mandava, quando era a vontade do mesmo Deus, e não a sua dêles,  
15 que com tal modo e superstição lha pediam.

Parece que quando a gente que povoou estas ilhas das Canárias foi ter ali, nesta ilha de Tenerife saíram nove casais, e desembarcaram e povoaram em diversas partes da mesma ilha; e ensenhoreando cada um o que pôde, se vieram a chamar nove  
20 reis nela; e nas outras ilhas conforme ao número dos casais, que em cada uma delas desembarcaram, assim foi o número dos reis que entre si tinham. Mas nesta Ilha de Tenerife houve mais reis que em nenhuma das outras. Lançarote e Forteventura estão em algumas partes três léguas uma da outra, e trinta léguas de  
25 Tenerife; e de Lançarote e Forteventura, dizem, que se vê a Costa de Berberia, donde vieram a elas mouros por duas vezes, e roubando-as, levaram delas alguma gente cativa; porque êstes, e outros semelhantes gôstos ou desgôstos, costuma dar a ruim vizinhança.

Dizem que dista Tenerife de Gram Canária quási quinze léguas; é terra mui alta, e foi conquistada não muitos dias depois da Gram Canária. Os islenhos se chamam guanches, que em nossa linguagem quer dizer valentes, o enrochadores, e assim o são os  
30 que há ainda agora. Corre esta ilha leste oeste quinze léguas de comprido, e de largo a lugares oito e a lugares seis, e á banda da Teide quási dez, como é por Chasna, Eicode e Acadeixe. Tem em si doze ou treze povoações: a cidade e cabeça principal, chamada Alagoa, bem situada dista do pôrto de Santa Cruz uma légua; tem dois mil fogos pouco mais ou menos; há nela duas igrejas paroquias,

a Conceição e Sao Cristóvão, por ser ganhada dia do mesmo santo; tem um mosteiro de Dominicanos, outro de Agostinhos e outro de Franciscos; donde há sempre bons pregadores, e são conventos de muitos religiosos; há também outro convento de freiras de Santa Clara algum tanto fora da cidade; da qual não se vê o mar, por estar situada em um campo chão, no meio da ilha de mar a mar á parte de leste, bem bastecida de tôdas as cousas, por ser tôda a terra muito grossa, fértil e abundante, que quási não tem necessidade de cousa alguma de fora, se não de especiaria; panos se podiam escusar de fora, por os fazerem na terra de lã de muito gado ovelhum; sêdas também se dão, fiam e tecem nela; linho, sombreiros, calçado, trigo, mel, vinho, açúcar; e se tivera em si azeite fôra excelente; porque além de ser fértil, é mui sã, e de frescas águas, com que quási tôda se pôde regar, como regam as vinhas e canas; tem a cidade à banda do norte junto do mar, estes lugares: Tegueste, Tejina, Taguavava, Taraconte e a Matança. Indo da cidade para oeste, está a vila chamada Oratava de até trezentos vizinhos, onde como em outras vilas destas ilhas Canárias não há mais justiça, que um alcaide com alçada de até oito centos reis, como juiz pedaneo, com seu meirinho e escrivão; em todo o mais vão á cidade, ou cidades, como são Gram Canária e a Palma; tem esta vila de Orotava lavradores ricos de pão, vinho e açúcar, como na cidade, onde há também mercadores ricos, e os melhores e mais destros ginetairos, que há em tôdas as sete ilhas; são os cavalos todos mouriscos e haverá duzentos nobres de cavalo; há doze regedores perpétuos, cuja primeira voz no cabido vale dez mil cruzados, e os outros a quatro e a cinco mil quando se vendem com licença de El-Rei, ou os dão em casamento. Destes doze saem cada mês dois por deputados, que dão a execução as posturas da câmara, e põem preço às cousas comuns de pão e vinho, frutas e verdura; e trazem nesta Ilha, e nas mais tudo tanto a direito, que não se perde ponto de justiça; há além dêstes um fiel executor, que tem jurisdição sôbre os pesos e medidas, o qual procede com tanto rigor que a ninguém perdoa. Tem mais a cidade muita e honrada clerezia de ricas prebendas, e os templos bem servidos.

A vila de Orotava está situada em um fresco sitio de águas e verduras; há nela mais de quarenta homens de cavalo, que acodem aos alardos gerais da cidade, ainda que está quatro léguas dela.

Logo adiante caminhando para Garachico estão duas vilas que chamam Realejos norte sul uma da outra, e uma légua cada uma delas da Orotava. São povos cada um de mais de cem vizinhos, ricos de lavouras e açúcares; no Realejo de Riba está um engenho do adiantado, que tem ali as mais das terras ocupadas de canas; tem bons templos; e há também nelas gente de cavalo lustrosa; do Realejo de Baixo se vai á Rambla, onde há muitas vinhas e malvasias, que se regam pelo pé com frescas águas, como tôdas se querem regadas. Logo adiante está S. João no mesmo sítio, onde tudo são vinhas, e um povo pequeno perto do mar pela banda do norte; e daí a duas léguas está Icode dos Vinhos, que também é vila de duzentos vizinhos, quási todos portugueses ricos de vinhos, lavouras e criações; faz-se aqui muito vidro, que vai para as outras ilhas, e algumas vezes para as Índias de Castela para estilar, e fazer águas fortes para as minas, por ser vidro mui rijo.

Dêste Icode dos Vinhos a diferença de outro, que fica atrás chamado dos Trigos, lugar de bons lavradores, até Garachico há duas léguas tôdas plantadas de vinhas e canas de açúcar; a esta vila de Garachico vem grande escala por ter bom pôrto, onde se carregam muitos vinhos e açúcares, que da banda do norte se fazem para as Índias de Castela, Flandres e Inglaterra; dista esta vila da cidade nove léguas; será de quinhentos vizinhos; há nela dois alcaides ordinários, e dois meirinhos, e guardas do pôrto, e dois regedores, e deputados, criados e eleitos pela cidade; tem estalagens públicas bem providas, como na cidade. Desta ilha não se pode levar dinheiro para fora dela, senão empregado. Assiste o governador o mais do tempo na cidade e visita cada vila e lugar de três em três meses, ou por si ou por seu logotente; há nesta vila uma casa de sêda junto ao pôrto, onde se fia e tece muita; tem boa igreja paroquial, e um mosteiro de Franciscos, cuja capela com ser grande e de madeira bem lavrada e de artesão; certificam ser feita tôda dum pau de tea, cousa que parece impossível, mas quem vir os pinhos, que há na ilha e sua grandura, não o terá em muito; ainda que são muito maiores na ilha da Palma.

É esta vila de Garachico abundante de mantimentos; tem á entrada do pôrto por muro um rochedo mui alto de pedra viva com uma grande cruz em cima, o qual sendo de altura de uma tôrre de boa altura, viram já os moradores coberto de mar; porque o ano de mil e quinhentos cinqüenta e nove foi esta vila quási ala-

gada do mar, e entrou por ela, saindo da madre, pela banda de Malpais mais de dois tiros de besta, e foram as casas e ruas tôdas alagadas com uma grande maresia de levadia repentina, que durou cinco horas sem perigar pessoa; as perdas que fêz nas casas se repararam logo por haver na dita vila ricos lavradores de vinte até trinta mil cruzados de renda, e de suas lavouras e engenhos próprios de açúcares.

Desta vila para a banda de sudoeste está Boa Vista, que é pequeno lugar, onde em um alto tem a igreja de S. Pedro de muita romagem.

Correndo a ilha ao redor, vão por Chasna a Adeixe, á banda do sul, onde o mais do ano há no mar calmarias; estão aqui dois engenhos de açúcar dos Pontes, que moem cada ano nos seis meses da açafra oito, nove mil arrobas; os canaviais ocupam mais de quatro léguas de comprido. Daqui vão direitos ao pico de Teide, que está quási no meio da ilha, que por sua grande altura aparece do mar em distância de cinqüenta e sessenta léguas; e afirmam os que o viram, ser mais alto que o da ilha do Pico; vindo pela parte do sul, há alguns que o vêem da banda de Gram Canária, que demora ao sueste dêste pico, que *parece*<sup>1</sup> se ajunta com o Céu; neva muitas vezes neste pico com que muito tempo do ano está com as neves muito alvo, ainda que da banda do sul, sueste, sudoeste tenha um vulcão que de si deita continuamente fumo; como o vulcão de Guatimala das Fonduras, que correu no tempo do capitão Alvarado, quando morto êle pelos Indios, disse sua mulher D. Beatriz, que não lhe podia Deus fazer maior mal; mas dita esta blasfêmia á tarde do dia, ao outro pela manhã não ficou ela nem cousa sua, nem quanto alcançou a terra, que correu do vulcão, que não fôsse subvertido; como foi Vila Franca desta Ilha de S. Miguel no ano de mil quinhentos e vinte dois a vinte e dois dias de outubro.

De Adeixe vão a Nossa Senhora da Candelária, que está menos de três léguas por chão, e bom caminho por ser pela faldra da ilha pela parte do sul. A qual igreja é de grande romagem, onde se fazem muitos milagres, como é notório em tôda a ilha nos naturais, e nos de fora, que vem a ela em romaria.

<sup>1</sup> *parece*: foi acrescentado em entrelinhas por letra do autor (?) com tinta diferente (Nota de Bernardo Rodrigues).

Também a ilha de Tenerife enriquece não sòmente a seus naturais, mas a estrangeiros portuguezes, que nela moram lavradores, e mercadores e oficiais; e a outros de diversas partes e reinos, que a ela vão; é abundantissima em todos os frutos, de ares são e frescos; bem governada e regida. Seus moradores são tementes a Deus, afabiles, e de boa conversação; mui exercitados em escaramuças e armas; e finalmente quieta e ditosa terra, pois nunca foi de inimigos entrada, nem sequeada.

## Dalgumas cousas da ilha da Palma principalmente de sua principal cidade

A Palma, que é uma das maiores ilhas das sete de Canária, está ao noroeste da ilha de Tenerife dezoito léguas pouco mais ou menos dela; é terra mui alta e fructifera; foi (segundo alguns dizem) por D. Luiz de Lugo ganhada não muitos dias depois da de Tenerife; chama-se Palma pelas muitas palmas que houve, e há nela grandes, e mui altas, que dão tâmaras; tinha em si quatro reis; não foi tão trabalhosa de conquistar como Tenerife e Gram Canária; porque os islenhos dela (ainda que grandes homens de corpo e bem dispostos) não eram guerreiros; dizem que as mulheres pelejavam, e não podendo mais, se renderam, e muitos de seus maridos se meteram nas covas das altas rochas, e não ousando sair, morreram nelas miseravelmente de fome, de que dão testemunho hoje em dia os ossos dêles, que estão nas mesmas furnas alvejando, e se vêem no Barranco Sêco, que é alta grotta, e em outros lugares. Os que ficaram dêstes, e as mulheres trocaram depois as compreições, que os homens são agora tão esforçados, valentes, e ligeiros, que excedem a todos os das outras ilhas; e as mulheres de feras, bravas e guerreiras se tornaram umas cordeiras mansas, afáveis e conversáveis; são muito formosas, alvas e discretas, corteses e bem ensinadas; algumas casadas com portuguezes, e algumas com castelhenos, ainda que são poucos os mestiços; são de gentil corpo, e disposição, graciosas no falar, cantar e dançar, que é seu costume; é fidelissima gente a quem deles se fia, tanto, que se algum portugûes ou castelhano, ou pessoa de qualquer outra nação, de que agora está a cidade povoada, acontece algum homizio, êles o

escondem em lugares de covas tão secretos, e mantêm com carne assada, gofio, leite e água, que por mais que o busquem, pode ser achado, nem descoberto pelos filhos pequenos de casa, por mais que os afaguem, ou ameacem, até que busquem ordem para os embarcar. São todos creadores de ovelhas e cabras; seu comer é gofio de trigo e cevada amassado com azeite, mel e leite; tem tostadores, que êles mesmos fazem de barro muito lizos e limpos, em que tostam ao fogo sôbre brasas o trigo e cevada; e tem também moinhos pequenos de mão, em que o moem; e comem disto com a carne tão assada, que quâsi a queimam; e com a cozida mal cozida bebendo duas partes de leite, e uma de água, tudo envolto (que êles chamam beberagem), duas vezes no dia, com o que andam tão luzidos e gordos; e são tão valentes e ligeiros, que põem espanto; lutam, saltam, tiram uma pedra a manera de barra, tanto que nenhuma outra nação lhes pode ganhar; tiram muito uma lança e um dardo tão certo a um alvo, que põem sôbre um pau fincado no chão de altura de sete ou oito palmos, como à barreira, de vinte, trinta passos atrás, e encravam no pau, e muitos no alvo. Deitam-se com uma lança levada ao comprido do corpo do homem, terçada de maneira que põem um terço primeiro na terra, ou pedra, onde dão com um ferrão de aço, que a lança traz dum palmo de comprido com seu calço, sem poder fugir do lugar, donde dá; e ainda que seja três lanças de alto se lançam abaixo, e se vêm a pôr no chão com tanta facilidade que parecem aves. Não são ciosos, não guardam mais que mulher, filhas e irmãs. Não tem por amigo o que não quere comer e beber com êles; quando vão à cidade, vão tam bem tratados e limpos, como os mais polidos castelhanos. Elas são tão galantes e vestem tão custoso que parecem ter grossas rendas, e tudo sustentam com os queijos que fazem; lavram bem, mas quâsi não sabem fiar, nem tecer, o que deixam para as portuguesas; só em fazer camisas, pespontar jubões, lavar almofadas, e fazer obras de rede mui custosas, ganham para todos os seus gastos; e assim andam tão cheias de ouro e sêdas, que quando vão pelas festas à cidade, são causa dos cavaleiros e senhores fazerem muitas gentilezas a cavallo, e custosos serãos com librés de sêda, que vão arrastando pelo chão de cima dos cavalos; são estas islenhas tão formosas, porque nunca as queima o sol, pôsto que a terra é assaz calmosa; e porque afora uns badulaques, de que usam, que chamam mudas, andam embuçadas no campo com seus chapêus na cabeça

e luvas nas mãos com as pontas dos dedos descobertas, com que conservam muito sua alvura; pelo que muitos filhos de regedores e de homens principais da cidade e de ricos mercadores se casam com elas.

Quando à fundação e origem da cidade da Palma, os conquistadores, que a situaram e lhe deram princípio, a chamaram muitos anos a vila de Apuron, e S. Miguel de Santa Cruz da Palma. Mas depois foi feita cidade por Carlos Quinto, felicíssimo imperador de Alemanha, invictíssimo Rei de Espanha, pai do católico Rei Filipe que agora vive, e viva muitos anos, como coluna e sustentador da fé católica e de tôda a república cristã; que há florescido e floresce com maravilhosos triunfos, tanto, que por isso mesmo é invitíssimo, e sempre vencedor de seus contrários, a quem a maior monarquia do Mundo hoje por Deus Todo Poderoso está entregada, a qual lhe deixe gozar muitos anos em paz e sossêgo para extirpação e diminuição dos infieis, herejes, cismáticos e incrédulos, para glória do mui alto Senhor e memória de tão insigne e glorioso príncipe de gloriosa memória. Depois de feita pelo dito imperador cidade a vila de Apuron, a intitulou de S. Miguel de Santa Cruz da Palma. Dizem os islenhos desta ilha que antes, e depois que foi tomada, caía no cume e alto dela um manjar do Céu miudo e mui alvo, como confeitos muito miúdos, de tanta suavidade, que dava grande sustentação e consulação a quem o comia, que êles chamavam graça de Deus, e maná de grande cheiro; o qual coziam muito cêdo, e aquêle dia o comiam. Dizem mais que em quanto na vila, ou cidade, que agora é de mais de dois mil vizinhos, não houve tratos de mercadorias, nunca deixou de chover esta graça de Deus e maná; mas que, como os houve, logo se perdeu, e não apareceu mais.

Foi-se engrossando a terra, e com a noticia de sua fertilidade concorreram a ela framengos e espanhóis, catalães, aragoneses, levantiscos, portugueses, franceses e ingleses com seus tratos; de que foi em tanto aumento, que veio a ser a maior escala de Indias, e de tôdas as outras ilhas; plantaram vinhas, e vendo a grande abundância de vinhos que davam, encheram desta planta tôda a terra até entrar pela serra grande espaço, e as ladeiras altas e baixas, grotas, espessuras e montanhas, biscoitos, pedragais e bre-nhas; tanto que a banda do sul, dezoito léguas que tem de compridão esta ilha, todo o mais são vinhas; tirando as terras de canas de



açúcar dos salgueiros, que lá chamam sauzes; que é também um grosso fruto, que se dá nela bem; inda que agora é mais custoso por causa das águas, com que se regam; e tirando algumas poucas terras de pão, como são a Ponta Chã e Balravento no principio da ilha. E como a terra é mui larga e comprida, tem terras para tudo, assim para vinhas, como para trigo e canas; foi sempre esta ilha tão fértil de vinhas quando não há aí alforra; e da banda do norte de pão trigo e cevada; que dá cinco, seis mil pipas de dízimo; e só o sítio da cidade dá duas mil; e daqui veio a ter grande comércio e escala quási de tôdas as nações; e em tanto crescimento de bens que ela só rende de entradas e saídas de direitos da alfândega mais de trinta mil cruzados a seis por cento; quanto ao rendimento do pão, ano houve, em que especialmente em Agatavar e Tixarafe respondeu a cento e quinze, cento trinta fanegas por fanega; e o ano de mil e quinhentos sessenta e três respondeu a cento e dez e a cento doze fanegas por cada uma de sementeira; valeu então a fanega do trigo a quatro reales; mas os dois anos atrás foi tão grande esterilidade e carestia de trigo, que não se comia em tôda a ilha por muitos dias pão; porque naqueles dois anos arreo não choveu cou-  
sa, que matase o pó da terra; mantinham-se sòmente com carnes, queijos, inhame e leite, sem morrer pessoa alguma de fome, não chovendo, nem se colhendo pão nem vinho êstes dois anos.<sup>1</sup> E a dez de junho do ano de sessenta e um, estando já as uvas maduras e trazendo-as a vender á praça da dita cidade, veio um fôgo ou quentura do Céu, que ninguém podia sofrer fora de casa; e em três horas que durou, não ficou vinha em tôda a ilha, em que não queimasse as uvas tôdas, sem ficar cacho por queimar pouco, ou muito; e vinha que dava quatrocentas pipas ou botas de vinho, não deu dois barris; até as cepas se queimaram de tal maneira, que por mais de quatro anos arreo não deram vinho, como dantes; e se algum vinho escapou, foi no têrmo da vila de Santo André, e nos Salgueiros junto do rio; o mais todo ficou assado e destruido. Também de trigo nada se colheu, e morreram muitos à fome, senão

<sup>1</sup> Seguem-se no manuscrito duas linhas riscadas com tinta que parece a mesma empregada pelo autor, e que dizem o seguinte: «de que se viu claramente ser castigo de Deus pelo pecado nefando, que dois turcos cativos começaram a introduzir na [ilegível] até que foram castigados com sus sequazes; pelo qual» (Nota de Bernardo Rodrigues).

fôra por um padre Francisco prêgador, natural da ilha da Madeira, o qual fêz com os regedores tanto, que mandaram a um homem honrado flamengo mercador, chamado Anes Bantrilha, tio de Luiz Dolfos flamengo, vizinho da cidade de Ponta Delgada desta Ilha de São Miguel, a Flandres e a Bretanha, donde trouxe duas naus de trigo, em tão breve espaço, que partindo da ilha o primeiro domingo de quaresma do ano de sessenta e três, chegou véspera de Lazaro, quando já tinha chegado um mestre, chamado Silvestre Jorge com uma caravela carregada de trigo, e toucinhos de um Gonçalo Diniz mercador da vila da Ribeira Grande, que havia desgarrado com temporais, para acudir a tão bom tempo, com que se abasteceu a terra; e as outras ilhas, que também com a sêca não deram pão; e se estas naus e caravelas não chegaram, morreram muitos à fome; porque já a esta sazão não ficaram nem se achavam ervas, que comessem, e andavam as gentes, como pasmadas, fazendo procissões: a principal foi a uma ermida de Nossa Senhora de Taçacorte três léguas da cidade, onde se ajuntaram mais de duas mil almas sem levar que comer, pelo não haver na terra. Mas a todos mantêve dois dias que ali estiveram um Luiz de Vendaval flamengo, honrado e rico, casado com D. Maria Belhida, natural da mesma Ilha dos principais dela. 5 10 15 20

E é de notar que não se apagou a cêra na procissão aquelas três léguas de caminho aquêle dia, primeiro de março do ano de sessenta e dois, ainda que fêz vento e choveu no cume da serra; do qual se fêz uma prática na igreja maior de S. Salvador da dita cidade aquela noite da tornada, quando se mostravam as reliquias dos santos antes de se despedir a gente. E em uma véspera de Nossa Senhora da Assunção, quatorze de agosto do dito ano<sup>1</sup> choveu subitamente tanto, que fartou a terra de água; e logo no ano seguinte de sessenta e três deu Deus tanto trigo na ilha, que de uma fanega de semente se colhiam cento e dez, e cento e doze; e também a colheita do vinho foi fértil. 25 30

Tornando ao principio: A cidade está bem situada junto ao mar, quási no meio da ilha, porque dela a Garafia, que está á banda de leste, há mais de dez léguas, e a Foncallente da parte de oeste, 35

<sup>1</sup> Seguem-se oito palavras riscadas; parece com tinta empregada pelo autor. Tais palavras são: «acabando de queimar o derradeiro dos delinquentes no pecado nefando» (Nota de Bernardo Rodrigues).

sete ou oito; corre leste oeste como a ilha; tem ricas igrejas e casas de cabido e de regedores, que são dez perpétuos; e dois jurados, que são procuradores da cidade fidalgos, que lá chamam cavaleiros, a primeira voz no cabido; vale cada regimento dois e três mil cruzados; em sexta feira de cada semana entram em câmara, a qual casa é tão rica, que vale vinte mil cruzados. A principal igreja é de São Salvador; tem mais dois conventos de dominicos e franciscos; esteve muito rica e próspera esta cidade, inda que descuidada, e sem suspeita de ser saqueada, pelo que não tinha fortes, nem artilharia; o que foi causa e motivo de os franceses a entrarem, e saquearem e queimarem, por se vingarem da morte dum capitão que lhe mataram, ou por pecados dos moradores dela, como logo direi.

## Como foi saqueada a cidade de Santa Cruz da Palma por corsários franceses

Estando a cidade tão rica com seus abundantísimos frutos, tão soberba com o seu grosso comércio, sem temer adversidade descuidada, e desapercibida, como já disse, uma véspera da Madalena a vinte e um de julho do ano de mil e quinhentos cincoenta e três apareceram sete velas pela banda de leste a horas de terça, e com bom vento chegaram mais prestes do que se esperava ao pôrto da dita cidade, cuidando todos serem de Espanha, pôsto que duas naus flamengas, que delas vieram fugindo do Cabo de Gué, *onde se encontraram e pelejaram, e escapando, se abrigaram a esta ilha também por seu dano, afirmaram serem corsários; mas não abastou o que disseram para os crer a gente da terra, de que quâsi por escarneo saíram algumas companhias mal ordenadas á horta do cabo, que é principio da cidade; os franceses (que traziam bons capitães, Jaques Soria, e outros seis, e a pé de pau seu geral) eram destros e soldados velhos; e traziam já as lanchas cheias de soldados armados de armas brancas mui luzidas pelo costado das naus da banda do mar; e chegando ao pôrto, começaram a disparar seus tiros com tanta fúria nos da terra, e na cidade, que ninguém ousou aguardar nêle; e entretanto que a artilharia jogava, encobertos com a fumaça dela e outros artificios, que de indústria faziam, saíram em terra, sem haver algum, que lhe defendesse a saída; porque tôda a gente fugia sem aguardar marido por mulher, nem pai por filho; e assim tomaram a cidade, dizendo os franceses aos homens e mulheres que viam atravessar fugindo: «Vete a la sierra; vete a la sierra»; sòmente a um clerigo sacristão chamado João de*

5

10

15

20

25

Mançano mataram duma arcabuzada, e a outro leigo, que se lhes puseram diante.

Tomada a cidade em menos espaço de uma hora, aconteceu que um Diogo de Estupinhão regedor saiu fugindo de sua casa, di-  
zendo a sua mulher e filha que saíssem após êle, pois não era  
5 tempo de aguardar; o que sua mulher Belchiora de Socarra não quis fazer por que havia de ser a destruição da Palma, como depois foi, ficando em casa com sua filha e creadas, sem querer sair, por mais que outras vizinhas honradas lho diziam e requeriam, que  
10 como moravam muito apartadas do pôrto tiveram tempo para escapar se quiseram, ás quais ela respondia, que com uma garrafa que tinha cheia de vinho na mão, havia de pelejar contra êles. Não tardou muito que não aparecessem os franceses pela rua, indo dando surriada com seus arcabuzes por tôdas as janelas e portas;  
15 pelo que se escondeu a dita Belchiora de Socarra com sua filha e creadas em um lugar muito secreto de sua casa, onde estiveram dois dias, sem serem dos franceses sentidas, ainda que tinham a casa tomada, donde levaram muito tesoiro de ouro, prata e roupa, assim de dinheiro, baixelas e joias; como de fato, tapeçaria e alfaias, porque nada tinham tirado. Descobriu-as um menino pequeno de uma ama, e foram logo levadas cativas ás naus, donde resultou muito dano; e sem falta Pé de Pau com todos os seus, que saíram em terra, foram alí mortos, se esta mulher não fôra; porque tornando a gente da terra sôbre si, especialmente os islenhos, que  
20 por seu capitão traziam um valoroso islenho chamado Pero Fernandes de Justa, grande homem de corpo, e tão animoso, como um Alexandre; e com êles um valentissimo flamengo, senhor das duas naus, que dantes haviam vindo, que não podendo escapar dos franceses carregadas de açúcares, que traziam de Trudante, lhes picou as amarras e se vieram á costa, onde se fizeram pedaços; o qual assim por esta perda, como porque lá no Cabo de Gué, pelejando com êstes franceses, lhe tinham morto um seu irmão homem de grande esforço e rico, tomou tanta coragem contra êles, que junto com Pero Fernandes de Justa andava também por capitão ajudando aos da terra, e só com uma espada e rodela cada  
30 um ajudados de outros islenhos, fizeram tanto contra os franceses, que a mal de seu grado os encurralaram em uma só rua e praça da alfândega, onde estiveram sem ousar de sair, nem desmandar-se pela cidade; e se algum saía, logo pelos islenhos era morto; o

flamengo os acometia com grande esforço, como os via cessar de  
 de suas curriadas, e metido uma vez entre êles matou nove à espa-  
 da coberto com sua rodela, de que era mui destro, e posto seu  
 giolho em terra por debaixo das lorigas os estoqueava e matava 5  
 ajudado de Pero Fernandes de Justa; e de tal maneira os tinham  
 encerrados naquela praça, que não havia mais que fazer, senão  
 pôr-lhe fogo com tea, breu e alcatrão, que se buscava para assim  
 os queimar todos; e nenhum remédio tinham os franceses senão  
 morrer; porque a êste tempo se alevantou o mar de subito tão  
 bravo e furioso em dia de Santiago, que parecia pelejar o Senhor 10  
 pelos islenhos contra seus contrários por intercessão e merecimen-  
 tos de seu glorioso Apostolo Patrão Geral de Espanha. Mas como  
 os pecados dos homens são causa de privação de bens e glória,  
 não pôde ser haver vitória destes inimigos por um estôrvo e revés,  
 que houve, e é êste: Como os franceses tivessem no mar cativas nas 15  
 naus as ditas Belchiora de Socarra ou Socarrate, e a sua filha, e  
 uma ou duas creadas filhas de homens honrados; e João de Estu-  
 pinhão seu marido, e regedor da cidade andasse em terra com o  
 tenente Pero de Arguijo, e visse a determinação dos islenhos, e  
 seus capitães ser matarem aos franceses naquêlê santo dia, o que 20  
 seria causa de desonrarem a sua mulher e as mais, procurando o  
 remédio disto, que não redundava mais que em seu proveito par-  
 ticular, esquecido do bem comum e da honra da pátria, e do serviço  
 de Deus e de seu Rei, se foi ao tenente Arguijo, que estava em  
 Boavista acolhido com outros fora do perigo, e a altas vozes lhe 25  
 começou a fazer grandes requerimentos, dizendo o estado das  
 cousas da cidade, e que dando os islenhos Santiago nos franceses  
 aquêlê dia, como estava determinado e matando-os, se lhe seguia  
 a êle notável mal, e dano, e perda de sua honra, por ter sua mulher,  
 filha e creadas cativas, que lhe requeria da parte de Deus e de El- 30  
 Rei mandasse logo á cidade meirinhos, escrivães e porteiros deitar  
 pregão real, que sob pena de morte nenhum homem de qualquer  
 condição, que fôsse da terra, matasse, nem fôsse em favor de  
 matar a algum francês, nem desse ajuda para o tal aos capitães  
 islenhos, por se alevantarem sem autoridade da justiça; e cumpria 35  
 ao serviço de Deus e de El-rei deixarem pacificamente embarcar  
 os ditos franceses sem lhes fazer mal, nem dano algum; ao que o  
 dito tenente soccedeo com tanta facilidade, como se fôra a mais  
 justa e santa coisa do mundo; e como se não fôra mais o proveito

e honra de todos, e de vir a ser grande serviço de Deus e de El-rei alcançar vitória de inimigos luteranos, que sem temor de Deus e contra sua lei saem de suas pátrias a infestar e roubar as terras pacíficas de cristãos, fazendo dos templos sagrados sujas  
5 estrebarias, profanando as cousas sagradas, destruindo honras, fazendas e vidas; queimando as igrejas, cidadãos, vilas e lugares; saltando portos, derrotas e vias; e fazendo tais insultos, que põe medo dizê-los, quanto mais cometê-los; acabando Estupinhão seu requerimento sem mais consideração nem dilação mandou Arguijo,  
10 que assim se fizesse, como pedia, e logo foi feito; ouvido o pregão e mandado, os islenhos, como são obedientes á justiça, cessaram de ir adiante com sua determinação, de que nenhum perigo se lhes seguia; porque não havia em seis centos, que podiam ser os imigos, em terra um frasco cheio de pólvora; e estavam todos rendidos,  
15 procurando de fazer uma jangada, em que pudessem atar algum cabo, que das naus por alguma via lhe deitassem, com que poucos a poucos se pudessem embarcar e livrar dos da terra, que êste dia e a êste tempo e conjunção, tinham havidos três indios, gentis nadadores, e buzios, que se atreviam andando o mar pelo ar bravo  
20 e alterado, ir ás naus, e picar as amarras e cabos delas, e deitá-las á costa todos sete. Mas como lhe foi proibido aos islenhos e flamengos e a outros animosos mancebos da terra, não quiseram em nada mais entender, que em comer e beber, de que havia assaz pelas logeas e adegas, e ainda por ventura em roubar; e assim não  
25 o estorvavam nem impediam aos imigos, que logo cobraram alento, e os da terra, e êles se encontravam no roubo; e daqui veio alargarem os franceses tanto o passo, que um capitão parente do mesmo Pé de Pau saiu com alguns soldados seus, algum tanto fora da cidade para a banda do norte ainda entre as casas e arrebalde  
30 dela, e visto pelos islenhos, os mataram, e ao capitão prenderam, o qual lhe pediu, que o não matassem porque quanto havia nas naus do sacco e cativos, todo lhe faria dar por seu resgate; e aceitando-o os islenhos, chegou um de novo mui valente chamado João Angel, e vendo o francês capitão ser imigo, não podendo  
35 sofrer vê-lo vivo, arremeteu para o matar; os mais que estavam vendo sua determinação, lho estorvavam, dizendo, que quanto tinham nas naus da terra, lhe dariam por êle só, que era capitão e parente de Pé de Pau, que tudo cumpriria; ao que João Angel disse, não tornará êste mais a França, e atravessando-o com um

dardo, que trazia de um ferro comprido deu com êle morto em terra; o que foi outro impedimento de alcançar a vitória, e também grande dano para a terra, como sucedeu; donde parece claro ser êste e outros semelhantes sucessos castigo geral, ou particular de pecados, pois ainda da boa oportunidade e ocasião, que entre as mãos tinham, se não souberam, ou não puderam aproveitar êstes islenhos. 5

Foi a morte deste capitão muito pior successo, e mal para a terra, por ser sobrinho de Pé de Pau, que era geral de tôda esta armada; porque dissimulando os franceses por indústria e recado do mesmo Pé de Pau, que dando o tempo lugar e abonçando o mar, logo pôde ser avisado dos seus de tudo, o que passava e lhe mandou logo pólvora, e mais munição com muito alcatrão e instrumentos de fogo, e a ordem e fingimento, que haviam de ter com os da terra, e o preço e resgate, que se havia de dar da dita Belchiora de Socarrate e filha e creadas, que êle tinha em sua nau capitaina mui veneradas e acatadas, entregues a um Anes Bantrilha, flamengo, mercador muito rico, vizinho da mesma cidade, e de outro mercador da dita Palma chamado Beltrão de Curoagua, biscainho que, disseram depois o bom tratamento e respeito, que Pé de Pau a estas mulheres tinha; trazida a terra a nova do resgate, e quanto se pedia por elas, que eram oito mil cruzados, vieram a concordar em cinco mil, que logo lhe mandou o regedor João de Estupinhão por Anes Bantrilha e Beltão de Curoagua, de quem se fiou o Pé de Pau; o qual recebendo êste dinheiro, mandou logo as mulheres e mais cativos, que por outros preços foram resgatados; feito isto, querendo já os franceses alevantar âncora, mandou Pé de Pau pôr fogo á cidade com muitos barris de pólvora e alcatrão, em paga, pena e castigo de lhe matarem seu sobrinho; teve para êste efeito o francês seu ardil tão dissimulado, que o não puderam os islenhos, nem outros da terra suspeitar, porque os franceses, vendo que tinham por si a justiça da mesma terra, que havia defendido, que lhes não fizessem mal por causa dos cativos, pediram, e outorgou-se-lhe, que ninguém lhe estorvasse embarcar, nem tomar água, e fazer biscoitos aquêles dois dias, em os quais tiveram lugar de pôr pólvora e alcatrão pelas portas e casas desde a praça de Vorciro para baixo, que é a maior parte da cidade; a outra, que é para Assomada, e S. Francisco, a horta de Santa Catarina e a horta do Cabo era ocupada dos da terra, da qual não saíam abaixo, por 10 15 20 25 30 35



dar lugar aos franceses que se fôsem mais prestes sem receio do dano que êles queriam fazer. Embarcada sua aguada, biscoitos, vinhos, açúcares e todo seu roubo, e saque, á sua vontade, havendo treze dias que possuíam a cidade, começaram as naus no mar a disparar sua artilharia por alto, e os soldados sua arcabuzaria em terra pelas bocas das ruas a-fim, que nenhum dos da terra apparecesse; puseram fogo na pólvora e alcatrão, e madeira de tea tão disposta para arder, que ateando-se a um mesmo tempo ardeu tôda a cidade, com que os franceses luteranos tiveram sua embarcação livre. E Deus cala e dissimula com os semelhantes algozes, com que como benigno pai, com piedosissima mão castiga os filhos, tirando de nós o superfluo e danoso, e convidando-nos com o necessário e proveitoso, pondo como mãe azinhavre azêdo nas tetas, para nos destetar e apertar dos mimos e regalos da terra, e alevantar nossos espíritos a buscar outra riqueza e manjar *mais* alto de vida eterna, que é Êle mesmo.

Era esta cidade tão vã e soberba, tão louçã e pomposa, tão rica e abastada, tão solta na injustiça e vícios, e tão dada a deleites com sua fertilidade, e tão isenta e senhora, que não temia a adversidade, nem areceava castigo; por donde bem mereceu ser cauterizada em sua inchada presunção, e descuido: Soube-se, tenteado bem, que podia montar, o que dela levaram êstes franceses que a saquearam, um conto de ouro; e o dano que fizeram em a queimar e destruir, outro, e multi mais, era vê-la arder uma grande mágua, tanto que fazia, e fêz causar uma tristeza perpétua. Não perdoou o fogo e incendio desta desditosa cidade ao templo e casa de Nossa Senhora das Dôres, que era formoso, fresco e bem situado, com sua claustra, ricas oficinas e enfermarias, em que se curavam diversas enfermidades, hospital bem provido. Nem perdoou ao templo de Sao Domingos, convento mui aprazível; nem ás casas tão illustres, que havia de regedores, fidalgos e ricos mercadores, que eram muitas de valor, cada uma de quinze e dezasseis mil cruzados, com seus ricos pátios e fontes de água, e adegas cheias de pipas e botas de vinhos, e alfaias ricas de casa; finalmente o que êstes corsários não puderam levar, tudo queimaram e destruíram; era dantes muito para ver as casas ricas cheias de caixas e cofres encourados, escritórios ricos, tudo cheio de vestidos de sêdas e brocados, ouro é prata, dinheiro e joias, baixelas, tapeçarias, com que estavam ornadas com histórias, e cavides cheios de lanças e

alabardas, adargas e rodelas, armas e jaezes riquíssimos de cavalo de selas com mochilas e cobertas de brocado com muita pedraria; cadeiras de muito preço, arneses, cotas de malha com outras ricas armaduras, porque não há naquela ilha homem honrado, que não tenha dois, três cavalos mouriscos, e muitos oficiais os tem e sustentam, os quais nas festas de canas e escaramuças todos saem à praça, e são dos mais nobres estimados e buscados, e não invejados, nem murmurados, como em outras partes e nações fazem muitos inchados, que lhes parece serem sagrados, que não se hão-de deixar conversar de todos; o contrario do qual se usa nesta ilha da Palma, e mais ilhas Canárias; onde vestem calção, e cavalgam tão custosos os oficiais de ofícios mecânicos, como os fidalgos e regedores, conversando-se todos; e indo a serão disfarçados com librés mui custosas, de que se não usa mais daquêl dia. Tão rica era então aquela ilha e tais cousas sofria, tôda sua glória ardeu, e passou com tão infeliz successo, ardendo tôda a cidade em grandes chamas; os homens, e mulheres, meninos e velhos a altas vozes choravam, e não podendo de mágua vê-la assim queimar, mal diziam seus pecados; Pé de Pau com sua companhia a estavam vendo arder das naus com grande contentamento; mostrando ser outro Nero, que com outra não menos crueldade mandou queimar a Roma e a olhava de Tarpea.

Com êste contentamento se partiram do pôrto e foram sôbre a Gomeira, de que em seu lugar direi; os de Tenerife, vendo o grande fogo na Palma, logo suspeitaram o que era. Gram Canária e as mais ilhas sentindo-o também e suspeitando o que seria, se aperceberam e fortificaram o melhor que puderam, por não se vere em outro tanto, receando, que fôssem êstes piratas a seus portos; e todos choravam e ajudavam a sentir a dôr e perda de seus vizinhos. Havia nesta cidade homens tão ricos, que passavam alguns de duzentos mil cruzados; e os franceses, que a saquearam, lhe chamavam o Peruche, querendo dizer peru; pelo que era tão soberba e vã. Mas Deus, que sabe curar tais enfermidades com abaixar os altos e humilhar os soberbos, e com saudável mêzinha se permitiu que padecesse tão grande calamidade, destrôço e miséria, o tem remediado em dôbro e mais, e tirou disto grandes bens; porque se pôs a terra em cobro, fazendo-se agora tão forte que é inexpugnável. Pediu esta cidade ao católico Rei Filipe lhe desse com que se fortificassem; e concedeu-lhe Sua Majestade,

para as fortificações artilharia, e munições tudo, o que rendessem suas alfândegas (que importa muito) pelo tempo necessário, e imposições, e os mais próprios do conselho, acrescentando-os em tudo, e mandando-lhes armas e muita artilharia grossa; e assim por  
5 isto, como por a terra acudir com prósperas novidades, se restaurou tanto em dez anos, que está mais avantajada do que soía; porque reedificaram templos mais ricos e sumptuosos, casas mais altas, formosas e custosas; e o convento de S. Domingos muitas vezes melhor do que dantes estava; mandando-lhe fazer o licenciado de  
10 Santa Cruz a capela mór de seus bens muito alta e custosa, dando-lhe também um rico retábulo e ornamentos. E Luiz de Vendaval, que no tempo da fome mantêve a gente os dias atrás ditos, fêz uma capela logo junto da maior dêste convento, á banda do sul mui alta e fermosa, com seu retábulo com a história do Santissimo  
15 Sacramento, e do Maná sua figura, alto e grande, e de extremado pincel, com todos os ornamentos necessários de brocado, ouro e prata; para a qual tem dotado mui grande património além dum riquissimo pontifical de brocado, que deu para a igreja maior da cidade, que é de S. Salvador, a qual tem de fábrica cinco mil  
20 cruzados.

Quis dizer isto dêstes nobres, Senhora, para que se animem os ricos do Mundo a ser amigos dos necessitados, e do Culto Divino; pois não os fêz Deus tão proprietários que os escusasse de dispenseiros dos bens que Êle lhe deu graciosos, pois dêle os receberam, para repartirem em semelhantes obras e com os pobres, e não  
25 para os guardar, ou mal gastar em vaidades.

## De Taçacorte até Miraflores

Taçacorte, que nesta Ilha da Palma dizem ser o primeiro lugar, que foi conquistado, tem êste nome por duas duas razões, que pude saber da informação de alguns nobres e antigos islenhos; uma pela disposição do sítio, que parece uma taça, e outra, porque o rei mais principal dos que havia nela, tinha nesta parte sua côrte, e dizem que era tão polido e entendido, que no tempo que foi conquistada tinha paços e edificios mui semelhantes aos de Espanha sòmente feitos e traçados de seu saber e bom engenho; o qual se chamava Taço e tinha mãe, mulher e filhas de grande estatura. Na conquista desta ilha houve pouco que fazer, porque os homens dizem que foram muito pusilânimes, e vendo armas fugiam todos ao mais áspero das serras, grotas e rochas, que há na ilha, e deixaram o feito às mulheres, das quais há verdadeira notícia serem mui belicosas, ousadas e animosas, e nelas esteve a maior defesa de sua ilha; mas como eram mulheres e os espanhóis pelejavam com armas, foi pouco o trabalho que tiveram em alcançar a vitória. El-Rei Taço, que neste lugar tinha sua côrte, defendeu muito a entrada, até que junto com sua mãe caíram mortos, pelo qual os seus ficaram rendidos; e fugindo de mêdo dos espanhóis, acolhidos a ásperos lugares, sem mais quererem sair dêles, morriam, e morreram miseravelmente, de que hoje em dia se acham covas no áspero da terra cheias de ossos dêles, e se vêem algumas na grotta, que chamam Barranco Sêco, e no de Nogais e no de Santa Luzia. Ganhado êste lugar Taçacorte, que dantes se chamava côrte d'El-Rei Taço, ou por razão do nome do rei, ou do sítio de feitura de

5

10

15

20

25

uma taça, ou de ambos juntos, os espanhóis lhe puseram nome Taçacorte, que hoje tem. É ao presente um dos melhores sítios, que póde haver nas ilhas, e em tôda a terra firme por causa de sua grande fertilidade, e *de se aproveitarem nele mais os homens*

5 *pobres*, e engrossarem os ricos em dois engenhos de açúcar, que há nêle de grandissimo rendimento e proveito. Tomou-se êste lugar pelos espanhóis em dia de S. Miguel de Maio, pelo qual *fizeram logo uma igreja dedicada a êste arcanjo; e tem o pôrto da*

10 *banda do noroeste, ou a loesnoroeste, pouco mais ou menos; e à parte de leste tem sôbre si a Caldeira, chamada assim, porque é*

15 *uma cova semelhante a ela de grande altura, e de largura de nove léguas, que é nêste lugar a da ilha, da qual saem três ribeiras de*

20 *muita água mais doce, clara e sã, que quantas se podem achar, porque a qualquer hora, que se bebe, ou de noite, ou de dia, não faz*

25 *mal; nem se viu paralisia nesta ilha, nem enfermidade contagiosa; senão só em seis pessoas tocados do mal de S. Lazaro pelo excesso*

30 *de comerem leite e pescado, e por serem tão poucos não há casa deputada para Lazaros. E pela fresquidão destas águas, que da*

35 *Caldeira saem, ou pelo são e bom clima, constelação, é tão sãdia a ilha; nem se vê nela morrer alguém de tísico, nem de hidropisia, nem peste, nem as águas causaram algum dano. As ditas três ribei-*

*ras saem tão apartadas umas de outras, que as duas da banda do sul dela distam uma da outra quatro léguas; uma vai direita á cidade e outra aos Salgueiros, ou Sauzes; a da cidade é tanta, que moem seis ou sete casas de moinhos com ela, afora a que atraz tomam para ir por canos á dita cidade, de que (além das muitas particulares em mosteiros, casas de nobres e hortas) se fazem cinco fontes do conselho repartidas em bairros e praças: uma junto da igreja maior de S. Salvador na praça principal, outra no pôrto, outra arriba de S. Sebastião, outra na rua Real, que chamam Chorrilho, e outra junto a Santa Catarina perto do Telhal. Nasce esta ribeira da serra, como um terço de altura por subir em direito, daqui vai a Taçacorte, e dista dela quási três léguas; e tôdas estas três ribeiras parece claramente terem sua origem na Caldeira. Estão ao nascer divididas, como em triângulo, e são todas iguais, donde se colige o grandor da dita Caldeira, em que se comprehende o mais grosso da ilha, que com a vertente faz por esta parte de largura as ditas nove léguas; tem dentro em si grandes pastos para ovelhas, cabras e carneiros; que todos os creadores tem usando dela para*

seus gados, como de cousa comum a todos, metendo-os nela no principio do inverno por uma entrada tão estreita em seu cume á banda de Taçacorte, que não cabe mais de um homem por ela; e descido o gado por suas veredas, depois de ser embaixo no lugar mui espaçoso e fundo, não pode atinar a sair daquêlê lugar, e assim os trazem todos sem pastor, nem guarda; onde capiosamente multiplicam e engordam. É de notar que na multiplicação parem as ovelhas e cabras místiços, e assim se chamam, e parecem a bodes e carneiros, cujas peles são mais prezadas para botas e calçado, que a dos extremes, e a carne muito gostosa e tão sã, que se dá a enfermos; matam-nos por Pascoa de Ressurreição, e então os começam a tirar para os açougues; é tão proveitoso êste sitio para crear e engordar êstes gados, que em tôda a ribeira de Guadiana em Espanha o não há em sua qualidade melhor. Sai pela banda do nornoroeste uma ribeira de muita água por um estreito e muito fundo lugar e vai correndo por uma grota tão funda até entrar no mar, que não se aproveita ninguém dela, ainda que passa por junto dos lugares de Taçacorte e Argual, onde está outro engenho de açúcar, que foi de João de Monteverde, que dela tirou com grande custo água para o dito engenho, e seus canaviais por lugares tão perigosos, rompendo grandes rochedos, que pareceu ao principio impossivel tirar-se da mãe, e trazê-la ao dito lugar de Argal; mas com grande indústria de um Lesmes de Miranda à custa de João de Monteverde se tirou desde o ano de mil e quinhentos e cincoenta e cinco até o de cincoenta e sete, em que se acabou de tirar; e custou mais de doze mil cruzados; mas foi causa de grande proveito nestes dois engenhos e fazendas, que são avaliados em mais de duzentos mil cruzados; porque não fazem nêles menos de sete, oito mil arrobas de açúcar cada ano, moendo de janeiro até julho sem cessar; e são grandes os proveitos dos méis e reméis, que enviam a Flandres; forram os senhores dêles muitos gastos por terem muitos escravos e camêlos para cortar e acarretar as canas e lenha.

Tem êste lugar, que lá chamam dos Lhanos entre si, e o de Taçacorte á banda da serra, que fica para o sueste, o engenho de Argal, que se chamou assim por um algar ou cova grande, que faz todo aquêlê sitio a modo de fundo vale; por cima do qual vai começando a serra mui agra e fragosa até os pinhais, que por antre a penedia e pináculos se mostram mui grossos e altos, subindo

até ao cume da serra, deixando a Caldeira á banda do nordeste, e todo o que á parte do noroeste e oeste fica dêste sitio, é muito chão, e terras de pão e pastos, pelo que lhe chamaram Lhanos, que cá chamamos chãos, que serão espaço de légua e meia de  
 5 comprido, e quási uma de largo; limitam-se pela parte do ponente com o mar; e vão fazendo uma volta e ponta para o sudoeste, e acabam-se com umas terras também chãs, mas muito ardidias, que correram do cume da serra, por onde vão da Brenha á parte do norte pelos Paus Fincados até o mar, que é espanto imaginar quão  
 10 grande incêndio devia ser aquêlo nateiro de escória, que se mostra, pois não hão tentado descobrir alguma parte dêle, e nem porque venham correntes de chuvas, ou inundações, não faz impressão nêle, se não está tôda continua quási até o mar que é mais de légua e quarto, feito uma cousa estanhada, a qual com o sol claro dá uma  
 15 reverberação, que parece dar o sol em cousa de estanho; e junto do caminho, por onde passam, tem feito aquêlo escorial, como um cascalho miudo de escoria pura, que dizem ser qualidade de mine-rais que entre si pelejaram, movendo contenda natural, e se infla-  
 20 maram, e ardendo, brotaram para fora por aquêlo lugar e sitio, que está calvo e estéril sem produzir fruto, nem erva. E dêste lugar quási ao sol pôsto aparece a ilha do Ferro, e também outra por descobrir, que chamam de S. Brandão ao parecer não muito longe da Palma; mostrando-se uma terra negra não mui alta, a maneira de redonda, como a ilha de Gomeira, a qual nunca puderam acertar,  
 25 nem achar, inda que muitas vezes é vista e buscada.

Passado êste escorial, começa o sitio da Fonte Quente, que lá chamam Foncaliente, e o lugar chamado Tehiaja, onde moram is-  
 lenhos creadores de gados; além está logo a Fonte Quente, que  
 30 inda que está cinco léguas da cidade, não lhe faltam mimos das cousas que a terra dá de si, porque tem muitas frutas e lugares de-  
 leitosos de muita recreação; tomou o nome êste lugar de uma fonte, que ali havia de água muito quente, a qual secou e tornou a correr, e nela se curam sarnosos, gotosos e enfermos de outras enfermida-  
 35 des; vão dêstes dois lugares ouvir missa aos Chãos, ou Lhanos; ago-  
 ra dizem que já tem igreja; e todos êles ficam sem moradores quan-  
 do mudam seus gados para outras partes e pastos, conforme aos  
 tempos de fazer seus queijos e tosquias. Além está o lugar de Ti-  
 gualate, onde estão outras casas e cafuas de gado, onde residem  
 os islenhos mais ricos de gado, como são o capitão Pero Fernandes

de Justa e seus irmãos. Logo está Tigorte, onde há o mesmo que em Tigualate, chamados assim com nomes islenhos, que querem dizer cortinhas, ou cortiços, ou cafuas de gados; não tem igreja, vão ouvir missa a Mazo lugar de muitos vizinhos, onde está a freguesia de S. Braz, duas léguas dêles; limitam-se êstes sitios pela parte do mar também ao sudoeste; e pela parte do noroeste com os lugares atrás ditos; e pela parte do norte com a montanha, onde chamam os Paus Fincados, chamada assim, porque como era áspera e pouco seguida, para atinar aonde haviam saído, fincavam paus, e ainda hoje os tem, e seguiam, indo e vindo por êles sem errar, como por balisas; tem nestes lugares por não haver fontes, tanques tão grandes feitos de pau de tea, que é uma madeira de pinho, de que se faz o breu, que há alguns que levam mil botas de água, a qual conservam tão fria e gostosa, que dizem os médicos ser esta água, que bebem os islenhos, causa de serem tão sãos. Além está o Mocanal, que é uma espessa defesa, como se chama em Castela, tôda destas árvores, que chamam mocão, que tem a folha mui verde e denegrida da feição da da oliveira, mas não tão comprida, e mais larga; dá fruta que se come quási como cerejas pretas, muito docicada e carouçosa, chamada mocães ou mocanes; a qual defesa, ou floresta, cerra o sítio de Mazo, chamado assim por uma ponta, que deita ao mar, chamada a ponta de Mazo por ser grossa de penedia, algum tanto larga e comprida, no cabo redonda, e na parte de terra delgada; de maneira que parece da feição duma maça de maçar linho, pelo que lhe chamaram ponta do Maço, e depois ficou Mazo; e deita três pontas ao mar, que fazem umas calhetas que chamam Charcos das Liças, peixes que nelas se tomam. Vão ouvir missa á igreja de S. Braz, um quarto de légua, estes e os de Tiguerote e Tigualate. Recolhem muito trigo e vinho e mel de abelhas; criam gados, cabras e ovelhas, que dão muitos queijos e manteiga; há nesta montanha árvores silvestres, como são faias, vinháticos, louros, barbuzanos, tiis, adernos, azevinhos e mocães, ou mocanes, e sabi-peduias cheirosos como cedros. Dizem os islenhos que neste sítio habitava antes de conquistada a ilha um rei dos mais graves de tôda ela, que se chamava Maxerco ou Maxorco, que tinha filhos e filhas, os quais morreram todos na defesa da conquista, escapando só uma filha, de que procederam os de Justa, que era o nome desta infanta. É o mocão árvore como oliveira na madeira para bem arder e edificar, mas difere na folha e fruto, e quanto mais cortam

5

10

15

20

25

30

35



dêle, tanto mais nasce. Além do Monacal estão duas brenhas de pedra como biscoutal, e a de cima e a de baixo, onde há tantas vinhas, que dão de dizimo cada ano mais de mil e quinhentas botas de bom vinho, e melhor de tôda a ilha; dá também trigo, romãs, cardos e outras frutas. Na brenha de baixo está a freguesia de S. José, e na de cima a de S. Pedro. Além está outro sítio, que chamam as Mecheiras, aonde há muita fruta de espinho, coelhos e perdizes, e muitos pavões domésticos, que naquelas fazendas criam; onde não têm água, e bebem os moradores da fonte de Agacêncio, que são duas fazendas grandes também de vinhas, pomares e jardins. O mesmo tem Boavista, que é outra freguesia; chama-se Agacêncio por ter dantes muitos agacências, que cá chamamos losna; tem êste lugar e sítio um quarto de légua de comprido, e vai-se alargando até o cume da serra, onde dizem os antigos islenhos, que choveu muito tempo uma cousa como maná branco e suave, que êles apanhavam antes do meio dia, de grande sustentação e gôsto, que caía sôbre as árvores baixas e espessas, como são tagetes, retamas e ascências. Boavista tem uma igreja de Nossa Senhora da Conceição á vista da cidade, pelo que lhe chamaram Boavista. Confina êste sítio com a Caldeireta, que é uma subida mui agra do mar até á dita igreja, que por não se poder andar por ela, passavam os caminhantes com baixa-mar ao longo da costa; e o Penteadado, capitão português, indo ali ter, mandou assestar dois tiros do mar a esta rocha, e quebrou parte dela, com que fêz melhor o caminho. Adiante está o Verodal e Figueiral de figueiras de inferno, que chamam tabaibas; e as Covas Fragosas, que chamam Velhas, onde se recolhiam os islenhos na rocha, e logo está a Vinha da Fraga; e além o Barranco, e a grotta de João Maior, e depois o vale de Miraflores.

## De Miraflores até ao Barranco, ou Grota da Água, da Vila de Santo André

O Vale de Miraflores tem êste nome por dêle se verem todos os pomares, jardins e fazendas, que há em Boavista, e em Valoco, dito assim por ser fundo ou vão, que lhe cai para a banda de leste, lesnordeste, e em ambos êstes vales há grossas fazendas e riquíssimas vinhas, até chegar a Aroyos, e ao barranco, ou grota de Nossa Senhora das Dores, perto da cidade, e confinam com o lombo de Mata Velhas, e a grota, ou barranco dos Moinhos, que também se chama da Água por se tomar nêle a água, que vai ter á cidade, e passa por uma ermida de Nossa Senhora das Neves, meia légua da cidade. E entre a grota de Mirca, e a do Rio está uma ermida de Nossa Senhora da Encarnação de grande romagem; todos êstes vales e grotas são povoados não só de vinhas temporães, mas de frutas de diversas sortes de agro, romans, peras pardas, e outras muitas, até a horta do Cabo; e neste espaço vão da serra muitas grotas direitas ao mar, que com enchentes de chuvas põem muitas vezes em perigo a cidade, e fazem grandes danos. No campo de Mirca não há mais árvores que uma palma, da qual cuido que tomou nome a ilha; há também outra grota, que se chama o Barranco Sêco por não levar água; e dêle até a serra há campos chãos cobertos de murta, urzes e poejo, onde andam muitos coelhos, que se estendem ao norte meia légua até aos pinhais da parte de Tenagua, em que se colhe muito pão. Do barranco, ou Grota Sêca sobem á Ponta Chã por Mirca, baixa mar, que é caminho direito para os Saúzes, ou Salgueiros, Santo André, Galga e Gálguitos e Lomban-

5

10

15

20

25

das; e acabando de subir, tornam a descer para Tenagua, onde há uma fonte de boa água, que nasce na terra chã, entre umas lages movediças; arriba um pouco desta fonte começam as terras lavradas de Tenagua, nas quais<sup>1</sup> se dá muito pão; e até os almásticos

5 não há por ali outra planta senão cardoens e cardos ao redor das rochas, que caem sobre o mar, e por esta parte são mui altas, indo todo êste termo até á parte do norte desde as rochas, fazendo como ladeira, arriba muito ingreme. Os almásticos são três ou quatro árvores a modo de oliveiras, mas mais baixas, porque não

10 crescem muito em alto, senão em roda, tem a folha mui densa e macia, a qual cozida em água, e em vinho branco com alguns ferros velhos dentro, fazem tinta mui fina para escrever sem lhe deitar galha, nem caparosa, nem algum outro material; não produzem estas árvores fruto senão sòmente dão aquela graxa, que chamam

15 almecega, que é medicinal para muitas cousas e para fazer fino verniz; jámais perde a folha, nem lhe cai, nem a verdura, e é sua sombra mui fresca, pelo que parece, que os pôs Deus neste lugar junto do caminho para alívio dos que por êle vão, e como árvores reais ninguém corta delas mais que alguns ramos pequenos e folhas

20 para mézinhas, lavatórios e tinta. A terra é tão grossa e maçapês, que por muita água que chova, tôda a embebe em si, e por isso se chama (segundo meu parecer) Tenagua, ou porque há ao redor deste lugar quatro ou cinco fontes até chegar ao barranco de Santa Luzia. Começa Tenagua da saída de Barranco Sêco, onde logo

25 toma seu nome, indo para a Ponta Chã até á entrada do barranco de Santa Luzia mais de meia légua de largo leste oeste, e do sul á banda do norte quási outra meia légua, porque acaba seu limite ao tanque de Luiz Alvares, junto aos murtais; á parte de baixo do caminho está uma fonte bem lavrada feita em quadra em pedra

30 viva, que ao picão e escoda se fêz na mesma rocha, onde nasce, e logo abaixo um tanque, onde bebem os gados e lavam a roupa de tôda aquela vizinhança; a qual dizem que mandaram fazer Luiz Alvares e Rodrigo Anes de Tenagua, com um sombreiro, como abobada na mesma rocha, que cobre tôda a fonte; o baixa-mar abaixo

35 em direito desta fonte é mui chão, e dá muito trigo cercado ao

<sup>1</sup> *nas quais* está escrito no original nas entrelinhas com letra que parece do autor, a substituir uma palavra riscada (e ilegível) por ele, segundo se depreende do aspecto da tinta.

redor, como muro, de cardoens grandes espaço de dois moios de terra, e outro moio onde se chama o pôrto da Nau distante da Ponta Chã mais de meia légua; os quais dois moios de terra de baixa-mar se chamam Ponta Chã, que é de grosso maçapês, e o lugar afastado meia légua toma o nome de Ponta-Chã, que em sua linguagem chamam Punta Lhana. Tornando ao barranco de Santa Luzia, que tem êste nome por uma ermida que nele está desta Santa e é cerrado de rochas de ambas partes, e á entrada tem uma fonte, com que podiam regar as vinhas, e arvoredos, que tem, se quisessem, mas não é costume, nem necessário regá-las nesta ilha, por onde se vê que é mais fértil que Tenerife, onde se costumam regar. Além das terras de Santa Luzia e depois da Ponta Chã, está a igreja paroquial de S. João de cem vizinhos, todos lavradores; e há bons vinhos onde chamam o Granel e o<sup>1</sup> Sabinal, tem légua e meia de termo, mas porque chega do fim de Tenagua até a Galga, que é mais de légua e meia de comprido, e de largo do mar á serra, toca no baixa mar, onde há uma espaçosa e funda baía, que pela parte do sul tem sua entrada tão larga, que caberá uma grande nau por ela, e pode servir para galés; chama-se êste lugar Lhancon onde, há muitas cracas e marisco. Além estão vinhas de outros barrancos, e nesta parte são os pinhos e teas mais grossos, que em todo o restante da serra, porque passam de dez palmos de quadra os que se podem serrar, e de alto, toro de trinta e quarenta palmos em comprido; tem êste lugar uma grande fonte, e há nêle muitas árvores de frutas, em especial peras pardas e limões de talhada, que chamam franceses, e todo agro. Há outros moradores nobres e ricos, onde chamam o Granel, e o Sabinal, terra de pão e vinhas, e pastos, bastecida de carnes e frutas. Passado o Sabinal, indo para os Sauzes, está o barranco de Nogales, chamado assim, porque começa abaixo do lugar da Galga, onde há muitas nogueiras e castanheiros; como o Granel<sup>2</sup> de um granel grande, que sôbre esteios está feito mui antigo, onde os moradores dali guardavam seu trigo; e o Sabinal, porque para a parte do barranco de Nogales faz uma ladeira, onde há muitas sabinas, que é um pau á maneira de cedro, e de melhor cheiro, mas mais alvo na côr. É tôda esta parte do

<sup>1</sup> *Granel e o* estão nas entrelinhas no manuscrito original com letra do autor.

<sup>2</sup> *como o Granel* está escrito nas entrelinhas a substituir tres palavras riscadas ilegíveis, tudo feito por mão do autor.

ponente é mui cultivada, o que não é a parte do oriente da ilha por ser de rochas talhadas e mui ingremes; e com muito grã trabalho, e a voltas vão subindo os de pé e de cavalo, que vão para Santo André, e para os Sauzes pelo caminho real que vai por êste lugar. Estão nesta parte além do Granel as terras do Pinho, ditas assim por estar nelas um pinho manso, que não há outro em tôda a ilha; porque os outros são teas, de que fazem os ricos as casas com êle mui cheirosas e perpétuas, mas perigosas com o fogo, que na tea, como em alcatrão, se ateia e arde com gram fúria, e não abasta água para o apagar, mas com mantas molhadas o atalham; os pobres fazem casas de outra madeira. E por isso no mais alto dêste barranco cortam os ricos a sua no verão, quando as nevoas sobem ao mais alto das encumeadas da serra, donde vem frescura, que recreia os baixos; e nesta ilha não se vê outra tormenta nem em inverno, nem em verão, senão nevoas.

Alguns dizem que como Berberia está tão perto destas ilhas, e é terra tão quente e baixa, e sem névoas, nem outro impedimento que impida a grande quentura, que nela cai, por isso não tem as ilhas de Canária virações do mar frescas como a ilha da Madeira, que está perto destas de Canária; e como Tenerife e a Palma são tão altas, que neva nos altos, e coalha a neve no Pico de Teide, ainda que tem o vulcão no meio do pico, que continuamente arde e deita fumo, todavia não impede esta quentura ordinária ao frio natural, que não condeñse as chuvas e vapores de sôbre estas duas ilhas altas, que não deixe de nevar. E no dito Pico de Teide assiste a neve todo o ano, como se vê até no estio estar coalhada muitos anos. E da frescura destas duas ilhas Palma e Tenerife, colijo eu que vêm as virações à da Madeira, pois distam sessenta léguas no mais dela. As névoas da serra causam na ilha da Palma no verão e estio suave recreação, e são medicinais á alvorada, e á tarde são danosas; e por isso os filósofos e médicos desta ilha aconselham aos moradores que madruguem pela manhã por gosar aquela frescura.

Acabando de passar o barranco fundo, se começa a entrar pelas terras lavradas da Galga, dita assim, por ser um sitio redondo a modo de uma galga que deitam a rodar por uma ladeira; onde há muitas árvores e frutas, trigo, vinhas, hortas e legumes, fontes e águas; é êste lugar de lavradores e serradores; tem sua igreja da advocação do Nascimento de Nossa Senhora, e é povo de até

cincoenta vizinhos. Logo se segue o barranco, ou grota do Biscainho, que toma do mar a serra todo plantado de vinhas nas ladeiras de ambas as bandas. Saindo deste barranco para a parte do norte está o lugar de Galguitos, que é todo de vinhas, e bons vinhos para 5  
carregação das Indias, por lhe dar o sol depois que nasce, até que se põe, porque a ilha é algum tanto nordesteada, e é aqui quasi o meio dela. Tem até vinte vizinhos, que vão ouvir missa a S. João, ermida da Vila de Santo André, ou vão á Galga por ordem do Bispo. Saindo deste lugar, logo se entra em outro barranco pequeno, que se chama de S. João, todo plantado de vinhas; onde, e na 10  
Galga, e Ponta Chã houve já muito pastel, que deixaram de fazer, por haver mais proveito nos vinhos e trigo, e por os da escala das Indias, de que é frequentada aquela ilha, não pedirem senão vinhos. Concluindo êste barranco de S. João pela parte do caminho real, que vai da cidade, e o que vem das Lombadas e Galguitos se ajuntam em um à entrada da Vila de Santo André quatro léguas da cidade de lavradores ricos de vinhas e trigo. Tem duzentos vizinhos, tem duas calhetas da parte do sul, onde carregam seus vinhos e 15  
açúcares; mas não temem ser entrados por elas de imigos, porque são baixos de costa brava, e o mais rochas talhadas, onde dez homens se podem defender contra mil. Não tem moinhos; vão moer aos Sauzes, que tem boas moendas. Dois tiros de arcabuz para leste está uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, e adiante, espaço dum tiro de arcabuz, está o Guindaste, pôrto que disse em que carregam os açúcares para Flandes, ou Espanha; onde vai ter, 20  
como em receptaculo tôda a água, que sobeja da regadia dos canaviaes e moendas, e faz uma comprida e estreita alagoa; pelas bordas da qual se dá muito inhame branco, que em anos caros supre por pão, sendo cozido.

Deste pôrto adiante pela baixa-mar tudo são rochas e pene- 30  
dias, onde escassamente podem pescar de cana, e com trabalho tomar carangueijos de noite com lume de tea. O barranco da Vila de Santo André, que se chama de Água pela continua ribeira que por êle corre, será meia légua de comprido a parte do norte tôda cultivada de vinhas e pomares, e junto a ele há dragoeiros, como 35  
no barranco de Nogales, e nas mais grotas de tôda a ilha, que são árvores que nascem em lugares ásperos e tão ingremes que parece impossivel ir onde estão; mas todavia vão, e colhem dêles uma goma tão vermelha como sangue, que chamam sangue de dragão,

ferindo-o com uma fouce, ou espada, e pondo-lhe de baixo em que caia; pelos golpes dá êste sangue de si, que em caindo, logo coa-lha, e fica uma goma para muitas mézinhas proveitosa, e para con-servar limpas as armas sem tomar ferrugem, untando-as com ela  
5 brandamente derretida com pouca quentura. Desta goma uma sai de si por entre gretas da cortiça da árvore, e outra cai de gota, que é a mais fina e prezada. São estas árvores à maneira de palma direitas arriba, e poucas tem braços, senão é já no fim, onde em cima fazem copa redonda, como palma sem pencas; sua folha é  
10 como a de espadana, ou lirio espadanal, tão rija que fazem dela tamiaça para ataduras e cordas. E neste barranco são mais grossas e altas estas árvores, que em tôda a ilha; de que fazem grandes e pequenas gamelas do troço, e do costado rodelas; ninguém tem licença para cortar alguma, por ser árvore real, ainda que a tenha  
15 em sua propriedade; e as rodelas e vazilhas, que fazem, são dos que algum furacão arranca. Não se criam nestas ilhas Canárias rãs, nem sapos, nem cobras, senão sòmente em uma alagoa da Gomeira, e por isso as águas deste e dos outros barrancos são limpas e fres-cas, e com elas moem os engenhos de açúcar que há nelas.

## Do barranco da Água da Vila de Santo André até Foncallente fim da Ilha da parte do ponente

Tornando ao caminho direito, que da Vila de Santo André vai para os Sauzes ou Salgueiros, que à parte do nordeste caem, todo é ladeira acima até entrar na praça ou campo, que no dito lugar dos Sauzes está. E debaixo até riba, que será meia légua de comprimento, e outra meia de largo, tudo são canaviais até o barranco da Ferradura, que é todo o têrmo dos Sauzes, dito assim pela muita copia destas árvores, que em si tem ao longo das ribeiras, onde estão dois ricos engenhos de açúcar, cuja igreja paroquial é de advocação de Nossa Senhora de Monserrate. Ha neste lugar muitos pomares, jardins e frutas. Os sauzes são quási á maneira de salgueiros, mas de outra casca e pau, ainda que a folha é tôda uma; não é tão oco, como o salgueiro, nem quebra tanto; é muito branco, e dêle se fazem uns pauzinhos cozidos em vinho branco com sangue de dragueiro, que mandam a Espanha de presentes para fazer os dentes alvos. Em um engenho destes estêve um feitor chamado Plazência, que curava a enxaqueca com ensinar a beber o vinho puro, tendo já o jarro da água na outra mão, para, em tirando o copo da boca, beberem logo os enfermos a água após o vinho, com o qual remedio saravam. Tem êste lugar muita lenha, barbusanos, mocão, til, vinháticos e adernos; a folha dos vinháticos faz dano às alimárias, porque qualquer boi, ou porco, ou outro gado, que a come se embebeda de maneira que estão a par da morte, e sôbre todos as bestas muares, as quais sem nenhum remédio morrem. Cortando-se aqui a lenha, logo torna a brotar, pelo que jámais faltará nesta parte até *chegar* aos pinhais e cume da serra, que é ali



o mais alto da ilha. E é o caminho dos Sauzes a Garafia, por onde se atravessa a ilha de nove léguas, e tão fria a maior parte do ano esta encumeada que se hão gelado muitos homens nela, e outros se perderam com a névoa, e outros morreram, por ser em cima es-

5 calvada e sem abrigo, donde se vê tôda a caldeira que tem nove léguas em circuito, a qual alguns dizem ser assim criada em principio, porque não há sinal de pedra algum que corresse, senão as rochas agras, pelo que não pode entrar lá gado vacum. Logo mais

10 adiante no mesmo caminho que vai e vem a Garafia, está uma cruz que chamam dos Frades, porque passando por esta parte dois franciscos a pedir sua esmola, acharam um homem morto de frio, e outro quási morto, o qual remediaram com remedios de seu al-

15 forge. E por não esquecer êste caso, fizeram pôr ali aquela cruz, que tomou nome deles. Olhando desta cruz para a parte do nordeste se ve algumas vezes uma ilha grande e mais alta da banda de leste tão chegada, como a de Tenerife, que desta cruz dos Frades demora ao sueste, que parece ter, como dezoito léguas de comprimento. E ainda que esta ilha, e a de S. Brandão se vêem desta ilha da

20 Palma mui claras, nunca as foram buscar os moradores dela occupados em seus tratos e lavouras; alguns dizem ser a ilha da Madeira, que demora ao mesmo rumo, mas não parece assim, porque nenhuma aparência tem uma com a outra. E aos que dizem que por aquela parte é o mar mui lavrado e cursado, com os que vão e vem a Espanha, e ilha da Madeira, digo, que parece não terem razão, porque os que vem de Espanha põem a prôa a oeste, vindo

25 à Palma, e os que vão da Palma põem a prôa a leste, e os que vão à ilha da Madeira levam a prôa um pouco a leste até quási descobrir a Lançarote, por melhor cobrar e poder tomar a mesma ilha da Madeira; e assim se desencontram do rumo destas ilhas.

30 Passando a cruz dos Frades, se entra logo em um espêsso pinhal, cuja largura de duas léguas chega até Garafia, e comprimento de cinco até Agua Tuvar e Candelária, que é a parte de oeste, e discorre até João Adalid, e adiante de Santo António, onde anda grande cópia de gado de tôda sorte dos moradores daquêles loga-

35 res. Mas tornando aos Suazes da costa do sul, depois dêles está o barranco da Ferradura, dito assim, porque por onde vai o caminho para Balravento, e se abaiva por êle, é a modo de uma ferradura; está o termo dos Sauzes entre o barranco do Rio e êste da Ferradura, que é muito fresco de árvores silvestres e domésticas, frutas,

vinhas, e fontes, e moradas de islenhos fidalgos por ser lugar de recreação, e disposto para nos chãos de suas saídas trazerem seus gados, que quanto ao pastar deles são as terras comuns, e não há lugar proibido, senão os que tem fruto; e por isso os islenhos se mudam com seus gados de umas partes a outras muitas vezes. Se não houvesse neste barranco lagartixas, que destroem muita uva, colheriam muito mais vinho. E ainda que com remel do açúcar nos engenhos matem muitas, todavia há aí tantas e mais que em outra parte da ilha, que fazem grão dano, pelo que os moradores tomam por valedora a Santa Marta, em cujo dia fazem grande festa na igreja de Nossa Senhora de Monserrate, freguesia dos Sauzes. Entre o qual lugar e o de Balravento para o mar está um alto monte de penedia e rochedo que abriga êste barranco da parte de leste e sueste, pelo que é calidíssimo, e cria tantas lagartixas, mas os vinhos com a quentura são bons e as frutas estremadas, por ser também a terra arenisca, ainda que maçapês diferente de tôda a ilha, que é de puro maçapês. E se chovesse nela, como em outras partes, daria tantos mantimentos que não teria sua igual. Passado êste termo dos Sauzes, está um campo chão, que ao pé da vertente da serra se faz, onde estão as casas dos nobres e ricos Aparicios; e se começa o termo de Balravento estendido para o mar, todo de terras de pão com algumas boas vinhas; pela qual parte está povoada a costa baixa de homens honrados fregueses da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do lugar de Balravento de oitenta vizinhos, que está situado em um campo chão todo cercado de arvoredo como no meio do cume da serra, onde vai fenecer, e abaixar a dita serra para a banda de leste, onde é o começo desta ilha; e por êste baixamar está um cirne, ou penêdo junto à costa, do qual até Foncallente corre a ilha leste oeste dezoito léguas de comprido assim por mar como por terra.

Desta ponta, e pendo (*sic*) de baixa mar de Balravento começa a voltar a ilha pela parte do norte do oriente para o ocidente com aspera e agra costa, e alguns fajãs de vinha ao pé da rocha ao longo do mar, e com o espesso arvorêdo pela terra, criações de gados e algumas casas de lavradores ainda da freguesia do lugar de Balravento, onde vão à missa, ainda que distam três léguas até a granja e fonte nova que é de um regedor da ilha chamado Simão Garcia, perto do lugar de Santo António antes de Garafia. O pôrto desta granja, onde se carregam os vinhos que ela dá, e levam nas

botas á toa em barcos á cidade, que dista dela quinze léguas, está ao noroeste dela feito, como uma pequena calheta, sem haver outro pôrto da banda do norte para barcos sòmente, senão êste e o de Taça-corte.

- 5 Partindo desta granja para o lugar de Santo António, onde dela podem ir lá ouvir missa, pois é só espaço de meia légua por entre alto arvoredado, fica já o cume da terra á parte do sul. E haverá no dito lugar de Santo António, igreja paroquial, até quarenta vizinhos, que granjeam vinhas e gados em um monte, que chamam
- 10 Gôrdo entre o lugar e o mar, onde se não pode semear, nem colher trigo, que nesta parte há muito e bom os mais dos anos. Tem uma fonte junto da igreja, e muitas frutas, indo para Garafia, e João Dalid e S. Domingos, que assim se chama todo o termo de Garafia, que está abaixo de Santo António mais de meia légua, povoada
- 15 de moradores ricos portugueses, onde também está uma fonte do Pinhal, que se chama de João Dalid, por um homem dêste nome, passando no principio por ali com seus companheiros, lhes dizer «não passara hoje, João dali, daqui». E indo mais abaixo aonde está Nossa Senhora da Luz, chamou aquele sitio Garafia, que em
- 20 lingua islenha quere dizer aifaraga, e em espanhol rancho ou morada. Celebra-se a festa desta parouquia de Nossa Senhora da Luz em dia de sua Natividade; e terá duzentos vizinhos, porque incluye seu termo, João Dalid, Garafia, S. Domingos, a Cova da Agua e a Luz. Tem uma grotta ou barranco que se chama Grande, pelo êle
- 25 ser dum quarto de légua de comprido, e outro tanto de largo plantado de vinhas, onde há covas e furnas em que vivem alguns fregueses, e uma fonte, de que bebem á parte de oeste. Saindo dêste barranco dos Pinhais até o mar tudo são terras de pão, e dalgumas vinhas; e logo começam as terras e vinhas do sitio de S. Domingos
- 30 em a faldra chã, e água vertente da serra um quarto de légua de largura e outro de comprido até a Cova da Água. Tem o têrmo de S. Domingos, dito assim por ter aqui o convento desta ordem da cidade uma sua herdade de até vinte vizinhos, onde tem tanques de água da chuva sem ter fonte; até a Cova da Água que tem
- 35 êste nome por uma grande cova, que ali está tôda de pedra ao redor, e em baixo feita como um poço sempre no fundo com grande quantidade de água, que cai em gotas de riba da abobada, e dos lados; donde se provêem os moradores daquele têrmo, sem nunca lhe faltar; e alguns deles moram em outras covas ou furnas, ou

cavernas da terra, ou pedra, como a que nesta ilha de S. Miguel chamam biscoutal ou biscoito; e algumas vezes acontece cair alguma destas casas, quebrando a terra e pedra, e matar seus habitantes, como no ano de mil e quinhentos e cincoenta e cinco caiu uma lapa que estava sôbre o rio de Sacavém junto de Lisboa, domingo de ramos, e matou mais de quarenta pessoas, e feriu outras tantas dos que iam apanhar camarões que a maré trazia, e doutros que estavam aguardando pela barca, que havia de vir da outra parte de povos; e com uma chuva, que sobreveio, se acolheram ali onde os alcançou tal desastre. Estende-se êste sitio da Cova da Água pelas faldras dos Pinhais, e limite da Ponta Gorda, que está mais de meia légua da costa, e do barranco de Fernão Gil, onde êste homem rico tinha suas casas e herdades. E todo o espaço, que há antre a cova da Água e a Ponta Gorda, onde tem a igreja de Santo Amaro, freguesia de todo aquêlê têrmo, está cheio de pinhais grossos e mui altos; onde estão os fornos de breu e alcatrão, que só nesta parte da ilha se faz; estendendo-se os pinhais para o cume da serra e caldeira, que à parte do sul cai três léguas, e para a cruz dos Frades três ou quatro; faz-se aqui o breu dos pinhos tão grossos como um tonel, que com algum furacão caem alguns anos desta maneira. Atoram êstes troncos, que são bons de fender e cortar; e estão uns fornos, ou covas na terra fundas, como três fornos de cal; das quais, quando as fazem, tiram os torrões, com que logo ali em terra chã fazem uns repartimentos, que chamam tendais apegados uns a outros em ordem, à maneira de um tavoleiro de xadrez, e tem seus lugares abertos, por onde corre o breu, que vem fervendo derretido dos fornos, em que se queiman os toros da madeira, e tea primeiro no primeiro forno, onde está sòmente derretido, e se chama então alcatrão; e está abaixo outra cova em quadra tão grande, que possa caber nela todo o que na primeira se derrete, depois de bem queimada a tea sem aparecer tição, senão uma terrível chama, que faz por cima daquêlê breu, que chamam alcatrão, antes de ser a segunda vez cozido; a qual chama é, como quando se acende o lume em azeite ou cêra, que põe a derreter na tacha, que não se pode apagar, senão com se tirar do fogo. Estando pois assim o alcatrão derretido e inflamado no primeiro forno, lhe destapam o cano por baixo com um engeho de madeira, e corre logo para a segunda cova, ou forno com tal fúria, e tão inflamado, que nem o metal quando fazem algum

grande sino, leva tal inflamação. E estando neste segundo forno quadrado, ali lhe fazem o segundo cozimento, em que estão todo um dia, e uma noite, até ver estar já gastada a fúria e crueldade daquela matéria, que é tal antes, que se quando está alcatrão, o  
 5 soltassem por um rio de água fria, iria ardendo, sem se apagar até todo se consumir. Depois que se coze aquêlê dia e noite neste lugar, o tiram por seus canos feitos na terra, para ir aos tendais feitos a modo de em xadrez de umas casas a outras com tal quentura e fôrça, que não se pode ninguém chegar a êle, e em breve  
 10 espaço enche todo um campo tão grande, como um jôgo de pela, que está cavado todo em tendais a modo de em xadrez, como disse. E não se tira dali ainda aquêlê dia, mas ao outro seguinte já está dispôsto para tirar os tendais; e de un forno podem sair cem quintais de breu, ou mais ou menos, conforme às covas que fazem,  
 15 e ao grandor delas; e ardem às vezes cinco, seis covas destas, a que chamam fornos. Dali o levam os moradores da Cova da Água ao pôrto de Fernão Gil, para dêle o levarem à cidade.

Chama-se também êste têrmo Ponta Gorda, por sair ali uma ponta ao mar um quarto de légua de comprido, e meia légua de  
 20 largo; e por ser alta e redonda, herdou êste nome; e dista da cidade sete léguas, indo por Tiniçára. Da Ponta Gorda pela parte do norte cinco léguas até Tixarafe, são tudo faldras, águas vertentes da encumeada da Caldeira; estando primeiro Tiniçara, que é um vale de meia légua povoado de sete ou oito islenhos creadores de  
 25 gados; no qual dizem que um rei tinha sua morada chamado Altini, que quere dizer bom rei, ou rei grande, por não haver outro em tôda aquela banda até o de Taça-corte. Logo entram em Água Tuvar, que se devera chamar terra de pão, pois responde a cem fanegas por fanega em anos de chuvas; está aqui a igreja de Nossa  
 30 Senhora da Candelária, parquia destes três termos, Agua Tuvar, Tiniçara e Tixarafe, que se estendem duas léguas de terra; e serão entre todos oitenta vizinhos, onde também está o barranco do Bom Jesus, por ter ali sua ermida. Não tem aqui vinhas, nem frutas, nem fontes; e assim Agua Tuvar se podia melhor chamar Água  
 35 Tomar, pois a tomam da chuva, que se recolhe em covas de lagens, de que bebem e fazem tanques para os gados. E indo de Tixarafe para os chãos que chamam Lhanos, por dentro da terra há um barranco mui profundo, por onde passam por grandes e íngremes voltas, que se chamam as voltas de Magar, por sua agra e

aspera e amargosa subida; e assim esta ilha da Palma conclue seu fim, não com a doçura dos engenhos de açúcar, em que começou, senão no amargoso destas voltas, que serão mais de vinte. Há deste barranco aos chãos, ou Lhanos, menos de meia légua, e três á cidade, indo pelo caminho direito ao Pinho de Vaza Borrachas, sôbre cuja sombra fazem os sequiosos caminhantes êste officio que lhe deu tal nome, e dêste pinho á cidade duas léguas pequenas e boas de passar a encumeada; que por esta parte não é mais grossa, que acabando de a subir, começar logo a descer caminho aprazível, e também o que há pelo meio desta encumeada deste caminho para a parte de Foncalliente, como é indo pelo escurial, que é caminho pelo cume de gente e de gados até a dita Foncalliente, onde se acaba a ilha ao ponente; e distará deste caminho a Fonte Quente seis boas léguas; e deste lugar indo à parte do oriente até o cirne, ou penedo, em que se começa a ilha em Balravento doze léguas, com que umas e outras fazem as dezoito, que a ilha tôda tem de comprido. E tirando meia légua de Escurial, e alguns picos rasos pela parte do meio da caldeira, tôda a encumeada é de pinhais e outras árvores tão verdes, que nunca lhe falta folha; pelo que vendo esta ilha a de Tenerife, ou da parte do sul, sempre parece verde, e divisam o arvoredo de longe, quando a deixam as névoas, e neves que a continuam muito, mas nem por isso a deixam de andar todos os dias os islenhos com seus gados, passando a umas e outras partes com sua lança ao ombro e o saco ao tiracolo com sua vitualha, seu calção atado na cinta em faldra de camisa, zombando e dizendo um ao outro pariente —ataja la bruma— que assim chamam à névoa. Desta encumeada vão à cidade, que ao presente está aumentada, e se vai acrescentando com mui grossos fortes e baluartes; e em todolas outras particularidades por estar bem segura no zelo do serviço de sua majestade; e reformada nos costumes pelo grande cuidado e vigia que nisso tem o Reverendissimo Bispo D. Bartolomeu, estremado prelado. Com o que tenho concluido o que desta ilha da Palma pude saber de testemunhas de vista e de ouvida.

## Como foi achada e tomada a Ilha chamada Ferro e de algumas cousas que há nela

A ilha chamada do Ferro, que ao ponente da ilha da Palma está distância de doze léguas, com seu comprimento de pouco mais de légua e meia sueste noroeste. É ilha mui pequena e quási triangulada; terá em circuito três léguas e meia. Tem bom pôrto e  
5 entrada à parte do nordeste, onde faz a ilha como duas pontas a maneira de baía, o qual está da vila, que agora é, quási uma légua. Chama-se ilha do Ferro pela chamar assim um João Machim, biscainho, que foi, o que dizem, que a achou, indo na viagem das Indias, o qual vendo a costa ser de pedras e rochas ferrugentas,  
10 que não parecem senão ferro, disse: esta é a ilha do Ferro; e não disse mal, pois a mostra da pedra bem o parece. E porque a povoação, que então havia, quando se achou, e agora há, está quási no meio da ilha, não quero logo tratar do povoado, senão de sua costa ao redor. A qual começando deste pôrto, que se chama Por-  
15 to do Ferro entre as duas pontas, a de Santo André e a ponta Verde, que se mostra assim, por ter em si altos e verdes feitos e gamões, e outras verduras, antes de entrar nos pinhais, que por esta parte do norte e noroeste são mui espêssos, e o pôrto está mais perto da ponta de Santo André que da Verde, à boca de uma fajã  
20 seca e arenosa; há de uma ponta á outra, começando na de Santo André, e indo á Verde, onde dá volta a ilha pela parte do noroeste mais de meia légua, e da Verde a ponta do Sueste pela parte de oeste e sudoeste e sul até o sueste légua e meia, que é o comprimento, e dando a volta por leste e nordeste até a dita ponta de  
25 Santo André há outro tanto caminho, e assim fica a ilha de três

léguas e meia em circuito pouco mais ou menos; e é grossa tanto para uma parte como para outra. Alta de costa e lombada, sem ter outro algum pôrto, senão o que está dito, nem tem ao redor de si outra cousa notável, senão alguns penedos e rochedos, que faz a banda do sul um de outro dois tiros de arcabuz, onde com dificuldade podem ir a pescar de cana alguns mancebos islenhos, ainda que não são mui dados a êste exercício. Sendo pois a ilha tão pequena, e havendo já sido conquistadas as ilhas de Lançorote, Forteventura, e segundo alguns afirmam, a de gram Canária e Tenerife, e pode ser que também a Palma, indo para as Índias êste João Machim, biscainho, depois de tornado já Colon, e ido Fernão Cortez, inda que outros dizem que antes que o dito Fernão Cortez fôsse ao descobrimento de México, nem Santo Domingo, e antes que Magalhães soubesse navegar, fôra João Machim com dois navios na volta das Índias, e derrota batida chegou á vista desta ilha do Ferro; e conhecendo não ser alguma das já ganhadas se espantou, vendo que era tão pequena, pelo que viu não ser nenhuma das outras, de que tinha notícia, de cuja derrota tinha faltado, pela não saber bem tomar ao sair de Espanha, ou pelos ventos lhe serem contrários. Como quer que seja, isto lhe aconteceu a João Machim, como afirmam duas filhas suas Maria Machim e Luzia Machim, moradores na Palma, as quais na ilha de Ferro se crearam, vindo-se seu pai nela morar, por lhe haver feito El-Rei D. Fernando mercê de muita parte dela, como adiante se dirá. Mas êste é o primeiro descobrimento desta ilha, e o primeiro espanhol, que nela entrou, o qual levando (como disse) a derrota das Índias, e chegando á vista desta pequena ilha, se deliberou de a reconhecer e entrar nela; e surto no pôrto, que viu dispôsto para ancorar, saiu em terra, e vendo rasto de gente e gados, sem achar pessoa alguma, a quem preguntasse o que era, espantado passou adiante, e entrado mais dentro, depois de subido aquêle primeiro vale achou um campo chão, onde viu mais gado, e ouviu muitas vozes, às quais estiveram atentos êle e os que em sua companhia iam, que podiam ser seis ou sete pessoas, parecendo-lhes que ouviam cantos, e assim era, que a esta hora o Rei desta ilha com todos os que nela havia, estavam em um geral sacrificio, que ofereciam ao modo gentio. João Machim com os seus correu para aquela parte, onde ouviam as vozes, e não andaram muito, que não viram o que era; vendo-o, estiveram quedos, por não serem sentidos, espantados



de ver a maneira com que faziam seu sacrificio; imaginando como dariam neles, se iriam logo acometê-los, para tomar alguns; ou se tornariam aos navios a trazer mais gente e melhor aparelho para fazer a presa, acordaram, não mais de como estavam chegar a êles como fizeram. Êste rei, segundo os antigos islenhos afirmam, se chamaba Ossinisso, que em sua lingua quere dizer rei que guarda justiça, o qual usava muito êstes sacrificios para que Deus lhe mostrasse o que havia de ser dêle e daquela sua gente; e tinha dito aos seus que umas gentes santas e boas os haviam de levar daí a outras partes, onde haviam de ter maiores e melhores cousas que as que ali possuíam, e os tinha previndos (*sic*), dizendo mais que quando êstes santos e bons homens os viessem tirar daquele cativoiro, os conheceriam por isto, que não lhes fariam nenhum mal, senão bem, e lhes haviam de dar grandes e boas cousas, e desta maneira estivessem advertidos e avisados, que, *os que* os haviam de livrar daquele lugar cercado de água, viriam a êles pacificamente. Era isto entre êles já mui comunicado e notório; e todos tinham esperança de ser dali a melhor lugar transferidos; pela qual cousa nada se alteraram, quando João Machim se descobriu com os seus, e ainda que muitos deles, que a êste tempo estavam com El-Rei, puderam tomar pedras e seus paus tostados, com que, e a suas mãos uns com outros em suas pelepas se feriam, não o fizeram, mas alevantaram-se todos assim juntos retirando-se atrás a um logar mais alto; o que vendo João Machim e os seus disseram: a êles, a êles, tomemos alguns. E aconteceu que a filha d'El-rei, que estava ainda como suspensa e embebida ou transportada no sacrificio, ou pelo permitir Deus para bem seu, não se alevantou. E indo João Machim já mais depressa para onde os islenhos e El-rei estavam, ainda que não com espadas desembainhadas, senão cobertos com suas rodela, passaram por onde a moça filha de El-rei estava sem se haver levantado, e podia ser não a ter El-rei achado menos, e como João Machim, que ia diante, a viu, deitou mão dela, e posto que el-rei seu pai viu que lhe tinham tomado a filha, nem por isso se moveu donde estava, mas consentiu que a tivesse João Machim pela mão, ao que a moça se pôs a chorar; e João Machim a começou afagar, e quanto mais a afagaba, tanto mais ela chorava, dando maiores gritos, o que não sofrendo João Machim (ou seria algum dos seus), deu-lhe uma bofetada á moça, que com seu tamarco de couro vestida estava. Vendo isto el-rei seu pai, disse ao seus: não são

êstes os homens bons e gente santa que nos vem a buscar. Dizendo isto se moveram contra João Machim os seus ás pedradas, e com seus paus tostados tão rijos como de ferro a ferir nêles. Mas João Machim, que valoroso biscainho era, deu a moça a um dos seus, que a levasse ás naus, e fizesse vir prestes gente sua com 5  
 armas para se defenderem dos islenhos, que muitos acudiam das covas, que parece serem já idos do sacrificio quando o Machim chegou. O que levava a moça pôs tal diligência, que a tomou às costas com a boca para riba, porque mais a cegasse o sol, e também porque lhe não mordesse com raiva no pescôço; que em 10  
 breve espaço chegou ao pôrto com ela, e avisou do que passava os companheiros, os quais logo foram ao socorro, tornando o da moça com êles, que podiam ser uns e outros até cincoenta homens afora os marinheiros que nos navios ficavam. Acudiram contra João Machim e os outros mais de trezentos islenhos, homens e mu- 15  
 lheres, moços e moças com paus e pedras, e tão ousadamente os acometeram sem ter de ver com as espadas que os espanhóis traziam, que com trabalho podia João Machim virar o rosto a um cabo e a outro para ver o que os companheiros faziam, por não serem cercados dos islenhos; porque se a isso chegaram, sem falta foram 20  
 tomados e mortos; e assim se foram o melhor que puderam, retirando atrás, onde viram que se podiam melhor defender, porque tinham já muita necessidade. E estando em tal perigo, disse João Machim: não pelem êstes gentios com paus, senão com ferro, e assim são rijos como ferro. E senão chegaram a êste tempo os 25  
 que vinham das naus, todos os seis que eram foram mortos; chegando os das naus, fizeram tanto, que puderam tirar daquela briga ao Machim e seus companheiros quási mortos. E por ser tarde, e por não se atreverem contra tantos, se recolheram pelo vale abaixo; os islenhos os seguiram, até que viram o pôrto e descobriram as 30  
 naus, vendo-as, de espantados se puseram mais a olha-las que a segui-los abaixo, onde ao embarcar puderam fazer muito dano, e desta maneira se puderam embarcar os espanhóis sem impedimento. Isto contava um islenho chamado João Rodrigues Ferrenho e Maria Machim, mulher nobre antiga, moradora na Palma, que de 35  
 Espanha veio com seu pai e mãe ao Ferro, a qual dizia que, antes que a Palma se ganhãsse, se ganhou o Ferro. Luzia Machim irmã desta Maria Machim, ainda que assaz velha, era muito mais moça, e contava o mesmo pôsto que não havia conhecido a seu pai. Sua

5      mãe era islenha, porque morta a mulher que trouxe êste Machim  
 se casou com uma formosa islenha segunda vez, e queriam dizer  
 que também era filha deste Rei Ossinisso. O qual com os seus  
 vendo que nada tinham aproveitado aquêle dia na empresa, que  
 tomaram *de* pelejar com tão poucos, sem poder tomar algum dêles;  
 10      nem os espanhóis tão pouco lhe tinham feito muito mal (por donde  
 parece claro que não levavam arcabuzaria, ou por ainda senão usar,  
 ou por alguma outra razão) acordaram os islenhos de não se apar-  
 tar daquêle lugar sobre o pôrto, até ver se saiam ao outro dia fóra  
 15      seus contrários. João Machim e os seus *que* mui espantados esta-  
 vam de como os islenhos os haviam tanto perseguido, e pôsto em  
 extremo de se perder, se curaram das escalavraduras dos paus e  
 pedras que tinham recebido, e feridas como se foram feitas com  
 dardos de ferro, pelo que disse o Machim que bem pareciam paus  
 20      de ferro e não de madeira, e feridas de ferro e não de pau, e que  
 com razão lhe chamaria ilha de Ferro, pois como o parecia nas  
 pedras, assim o era nos paus e dos gentios dela; e disse mais:  
 tornemo-nos daqui a dar conta a El-rei meu Senhor desta ilha do  
 Ferro, e levemos-lhe esta peça, que nela com tanto trabalho ganha-  
 25      mos e far-nos-á mercês. Outros dizem que disse mais: e oferecer-  
 -lhe-emos a primeira ilha que se vio com gente, e por testemunha  
 lhe levarei esta moça tão formosa que tomei. Pelo que crêem  
 alguns que o Ferro foi a primeira ilha que se descobriu, ainda que  
 não a primeira que se tomou. E assim parece, porque desta vez  
 30      teve El-rei D. Fernando motivo para mandar quem as conquistasse  
 tôdas a um tempo por diversos conquistadores, pois Lançarote e  
 Forteventura couberam aos Sayavedras e Ferreiras; Canária, Tene-  
 rife, e a Palma a D. Afonso, e a D. Luiz de Lugo seu irmão; o Ferro  
 e a Gomeira aos de Ayala de Xerez, e a Machim e a seus compa-  
 35      nheiros. Seja como fôr, o João Machim, estando já curados e des-  
 cansados (*sic*) do trabalho daquêle dia, pesava-lhe de não haver  
 tomado outra moça ou pessoa daqueles islenhos, para que se  
 apaziguara aquela formosa moça, e acordou com os mais de sair  
 pela manhã outra vez a êles, e tomar os que pudessem. Mas como  
 em amanhacendo vissem todos os gentios juntos, e com grande  
 40      alarida, entenderam que nenhum dêles escaparia, se determina-  
 sem sair em terra, porque estavam os inimigos em tal lugar, que  
 com não fazer mais que deitar pedras com os pés, não poderiam  
 subir, nem fazer presa; e vendo ser inútil seu propósito, se lhes

mudou em que alçassem as velas, elevassem âncoras, e fôsem a  
 volta de Espanha a dar conta disto a El-rei; como logo fizeram,  
 porque tinham de carnes frescas havida grande cópia, que os que  
 nas náus ficaram, enquanto Machim com os mais andaram lá no  
 encontro do sacrificio, não estiveram ociosos, mas saíram a ver 5  
 de curiosos a terra, e tomaram muito gado cabrum que mataram,  
 e salgaram, com o qual tendo tempo, que lhes serviu, em poucos  
 dias chegaram a Espanha e á côrte; onde sabido por El-rei D.  
 Fernando o que passava, e vista a moça que traziam, deu crédito  
 a Machim. Ao qual mandou com outro capitão chamado Ayala, 10  
 com bastante armada logo no ano seguinte a esta empresa, e che-  
 gando á dita ilha um dia de Santo André a tempo que os naturais  
 dela também estavam em outro sacrificio; como os espanhóis iam  
 apercebidos e soubessem bem o que haviam de fazer, sem nenhum  
 temor saltaram em terra, e sendo dos islenhos sentidos, se alevan- 15  
 taram, mas como viram tantos, não quiseram pelejar, mandando-lho  
 assim seu rei; em um instante desapareceram todos, metendo-se  
 em suas covas, donde nenhum saiu aquele dia até o outro, em que  
 saiu El-rei primeiro, e todos sem paus nem pedras, fazendo sinal  
 com as mãos umas em cima doutras de querer paz, com os que vi- 20  
 nham, principalmente conhecendo a Machim que dantes tinham  
 visto na primeira entrada. E El-rei que entre todos se adiantou  
 lhe foi dando a mão a maneira de paz e conhecimento, e porque  
 Machim soube da filha seu pai se chamar Ossinisso, e outras cousas  
 que dela pôde aprender na lingua islenha por a moça ir tomando 25  
 em breve a lingua espanhola, foi o mesmo Machim também com  
 sua mão tomar a de El-rei, dizendo: Ossinisso tu leyva Nisa (que  
 leyva em islenho ferrenho quere dizer filha e Nisa era nome próprio  
 da filha) manda por ti. E como traziam aviso dos nomes das cou- 30  
 sas que lhes era necessário tratar, se abraçaram, e logo El-rei se foi  
 fazer o mesmo a D. Diogo d' Ayala, que por capitão-mór vinha com  
 Machim para conquistar outras ilhas, como por ordem d' El-rei  
 traziam. E outros querem dizer que Ayala e Machim vieram três  
 anos depois que a Palma foi ganhada e as outras ilhas, conforme 35  
 ao que Maria Machim dizia, e João Rodrigues Ferrenho afirmava,  
 que dali a um ano; mas bem podia êste não acertar, pois não sabia  
 de conta ao tempo que foi tomado, ou por ser já muito velho. Es-  
 tando El-rei e os capitães assentados em tôda paz, Ossinissa (*sic*)  
 fêz sinal aos seus que se viessem oferecer aos capitães, o que todos

fizeram. E El-rei mandou trazer uns vasos a modo de pratos de barro (que êles fazem mui lisos ás mãos lavrados, e brunidos com calhaus) cheios de requeijões e natas, e de gofio amassado com leite; porque tinham uso de cevada, de que tostada e moida entre pedras, ou pisada e limpa o faziam a seu modo. E lhes fêz presente de tudo isto com grande amor dizendo a Machim na sua linguagem que comessem êle e o capitão Ayala; ao que respondeu Machim que por seu amor o fariam; e assim comeram de tudo, mandando das naus trazer outras cousas e vestidos para Ossinissa e muitos mantimentos, vinho e frutas de Espanha, e de todos os mimos que os capitães traziam para suas pessoas. E desta maneira se irmanaram todos em breve espaço, como se de longo se conheceram, o que bem parece vir ordenado por Deus, que foi servido não se perderem as almas destes islenhos desta e das mais ilhas, e quis por êste meio trazê-los ao grémio da igreja e a seu conhecimento. Os capiães pelo regimento que de El-rei levavam, puseram em execução o que convinha; fizeram logo a igreja do Apóstolo Santo André, assim como puderam; informou-os Machim pela lingua na fé, receberam baptismo e em quatro meses que estiveram os capitães na terra fizeram casar sacramentalmente aos que acharam juntos, o que êles admitiram de boa vontade; dentro em um mês se lhe disse missa na igreja feita e acabada, informados que aquêle era o divino e verdadeiro sacrificio. Aceitaram a fé com grande amor e devoção. Deram-lhe vestidos e calçado de que El-rei D. Fernando mandou levar muita cópia, com as quais obras os obrigaram tanto, que nem irmãos, nem irmãs queriam ver senão aos espanhóis. E assim acabou de confirmar Ossinissa, que Deus lhe mandara aquêle bem para os tirar da gentildade e caminho de perdição, e trazer ao caminho da verdade; e outras cousas que seria longo processo contá-las; abasta em suma dizer que êles ficaram para sempre verdadeiros cristãos. Ficaram com êles clérigos e gente espanhola, e todos louvaram a Deus pela mercê que lhe fêz.

El-rei ficou como capitão de todos, mas dando a obediência a um irmão de Ayala, que aí ficou com cargo de justiça por El-rei. E acabando de pôr em ordem tôdas as cousas, a igreja e duas ou três casas que os espanhóis fizeram, puseram nome á vila, Vila dos Chãos, que lá dizem Lhanos de Santo André da ilha do Ferro a qual está assentada em um campo ou grota á maneira de varzea, ou fajã, ou vale, onde duma e outra parte tudo são covas em rocha, e

em terra feitas as mais delas á mão também lavradas e repartidas dentro, como umas logeas bem traçadas; parece que quando êstes antigamente aí foram deitados, que lhe ficaram instrumentos de ferro, com que as fizeram; e não lhe ficando instrumentos de fragua e fogo com que pudessem fazer ferramenta para cultivar a terra, consumiu o tempo tudo; e ainda que tivessem uso de cevada e a colhiam, era lávrada a terra com paus tostados de tea e til, com que recolhiam para seus gofios, o que haviam mister. Dizem que também das raízes dos feitos e gamões comiam assadas, e cozidas com a carne, mas bebiam leite, porque em tôda aquela ilha não há água corrente de fonte, nem ribeira que seja manifesta, nem pôço algum, ainda que cavem até o centro, tudo é sequissimo e estéril, sem nenhuma humidade, e a pouco espaço que cavem logo dão com a pedra, como na Ilha de Santa Maria, e quási sua semelhante na aparência da terra e grandura, mas não tão alta no cume como os picos dela. 5 10 15

Ayala e Machim, havendo primeiro corrido e andado tôda a ilha, posto que estava cheia de arvoredo e pinhais, especialmente para a ponta de Santa Luzia, que cai á parte do sul, ou quási a do sueste, donde divisaram e viram a ilha da Gomeira, que até alí não era achada, e como lhe pareceu que estava mui perto, dia de Santa Luzia se partiram para ela, que dista oito ou nove léguas uma da outra quási noroeste sueste; os quais deixaremos em sua viagem por tornar a particularizar as cousas que há na ilha do Ferro; e como os espanhóis e islenhos até hoje são os habitadores dela, ainda que não são muitos agora, porque como foram práticos, e cairam em bom uso de razão, logo se deram a ir-se daí a outras partes; mas parece que jámais se extinguirão até o fim do mundo, porque sempre as covas estão cheias dêles, e não fazem casas senão algumas, que se casam com portugueses. 20 25 30

Já tenho dito como esta ilha do Ferro é pouco mais ou menos de três léguas e meia; e quanto há do pôrto á Vila, e o nome, sitio e moradas que tem; e como não há fonte em tôda ela nem água alguma manancial, nem de poço. Mas Deus que não deixa ninguém sem remédio proveu esta terra, e já no tempo dos islenhos, antes de serem conquistados, lhe tinha dado um estranho socorro não com tanta abundância, como é depois, que os espanhóis entraram nela, que o ampliaram, dando o Senhor a industria. E é desta maneira, a fora o que de outras informações disto tenho contado. Há 35

uma só árvore grande indo para a encumeada não mui longe dela,  
 que está como em uma quebrada em uma fajã pequena, ou vale  
 sombrio, por estar algum tanto como em uma cova, onde o vento  
 não chega rijo, nem entra senão manso e brando, pelo que con-  
 5 tinuamente nesta parte há nevoa, e se lhe falta alguma hora do dia,  
 não passa outra que não acuda logo a névoa sobre a grande árvore;  
 a qual, como tenha em si a nevoa, logo destila água de si em tanta  
 abundância, que faz ao pé e ao redor dele (*sic*) charcos d'água;  
 onde os islenhos tinham feito com paus e pedras cavando a terra  
 10 umas covas a maneira de tanques, ou poças, em que tomavam  
 aquela água que bebiam; e da que corria sobeja destas poças  
 davam de beber a seus gados. Vendo os espanhóis ser êste lugar  
 remédio único para haver água, dispuseram-se a cortar tea e fazer  
 caixas grandes e grossas, como para lagares, pondo por baixo da  
 15 árvore alguns dêstes tanques de madeira, nos quais tomaram e fo-  
 ram tomando tanta água, que lhes abastava a êles, e a seus gados.  
 Crescendo depois mais o povo, e havendo mais necessidade, usaram  
 os homens de mais industria, e fizeram tudo ao redor da árvore por  
 baixo um tanque em quadra tão grande que levará mais de três  
 20 mil pipas d'água, o qual sempre está com muita, ainda que não  
 cheio; e é tão boa e sã, que a chamam a Água Santa, e a árvore  
 também Santa; a qual está fechada; e os meirinhos têm a chave e  
 se reparte por todos, três ou quatro vezes cada semana. E é cousa  
 25 maravilhosa, que jamais está vazio; mas por causa dos gados ove-  
 lhuns e cabrums, que há agora mais que nunca houve, se põem tanta  
 guarda nesta água; ainda que para tudo sobeja; Bendito o Senhor  
 em tôdas suas obras, que tão prestadio remedio foi servido dar  
 para tal necessidade. A árvore em que o Senhor pôs êste bem tão  
 necessário, dizem alguns, não se conhecer de que espécie seja. Um  
 30 serrador de madeira ou carpinteiro, que aí foi ter da ilha da Ma-  
 deira afirmou ser til, assim na folha como na casca. Ninguém ousa  
 chegar a cortar nela; tem as folhas estreitas<sup>1</sup> e compridas quasi co-  
 mo de pereira, senão que é mui verde e obscura, tanto, que é quá-  
 si preta, e mais comprida e não tão lisa; a casca é como a do vinhá-  
 35 tico, e quasi parece à do castanheiro; é árvore que se parece muito  
 com o barbusano em sua pretidão e postura, mas não na folha; e

<sup>1</sup> *estreitas e compridas* está escrito nas entrelinhas pela mesma letra com que se fizeram os acrescentamentos e substituições atras vistos (Nota de B. R.)

se o cerejeiro tivera a folha mais larga e romba da ponta, mui aparente lhe fora, ainda que não na côr preta a verde obscuro que mostra: finalmente é cousa maravilhosa querida e dada por Deus; e como tal não se compreende, nem distingue bem, se é certamente til ou não; ou que pau seja, mais que ter maior aparência de til que doutra alguma árvore. Seja o Senhor louvado para sempre universal e gracioso provedor, que tendo esta ilha, de que trato, por obra natural estéril de águas, e sem refugio de se poderem haver para o uso humano, proveu sua Divina Clemência e sumo poder por via tão maravilhosa de tão bastante remédio. Digo via maravilhosa, pois fêz uma só árvore apartada de tôdas as outras que estão na subida para o cume da ilha, da parte do sul, ou quási sueste, atractiva das nuvens e névoas, que postas em cima a maneira de cobertura e manto estila-se de si continuamente água, a mais doce, sã e saborosa que se tem visto. Cousa é de admiração e para por ela louvar muito ao Senhor, pois está claro não suceder isto a caso (*sic*), nem ser tanto obra natural, posto que sejam as árvores atractivas da humidade; mas como há outras muitas pelo mesmo vale arriba muito espessas, e não atraem névoa assim particular, como esta, senão quando a serra e encumeada acerta de se toldar tôda; mas esta não assim, senão que o mais do tempo se põem sobre ela a névoa, e logo estila água, como todos vêem, e de que todos bebem. Está esta fonte desta árvore da Vila de Santo André mais de um quarto de légua. E não edificaram a vila junto dela, por não ser lugar disposto e conveniente para isso. Nem ousaram edificar ali moradas, por não ser causa de expelir aquêle bem da nuvem, nem fazem lavouras pela mesma razão. Senão já apartado em Santa Luzia, e nos Chãos, que êles chamam Lhanos. O mais de outro vale do povo para o mar á parte do nordeste, que quási vai a leste tem plantado de vinhas. O pão, que mais se dá nesta ilha é cevada branca muito boa, de que fazem gofio os islenhos; e todos são creadores liberaes e bons cristãos.

O trato da terra é lãs, queijos, breu, que fazem muito, por ser a maior parte pinhais; também carregam nela navios de cevada para Espanha, e ás vezes para a Palma; fazem muitas chacinas de gado miudo; há muitos porcos que se criam nos feitosais. Tem a vila mais de cem vizinhos; a Santa Luzia começam a fazer outra povoação. Isto é o que desta ilha pude saber em soma (*sic*). Do Machim e da filha de El-rei Ossinisso direi na descrição da Gomeira.



## Como foi descoberta e tomada a Ilha chamada Gomeira, e de algumas cousas dela

A ilha chamada Gomeira (em que tocou Cristovam Colon quando no ano de mil quatro centos noventa e dois ia descobrir as Indias Ocidentais ou Antilhas) foi achada e tomada depois da do Ferro por Machim e Ayala, capitães; os quais como a vissem,  
5 estando no Ferro dia de Santa Luzia, a souberam bem demarcar. E partidos para ela, levando-a sempre á vista, chegaram em breve espaço aquêlo próprio dia á parte do norte, onde agora chamam S. José. E chegados com suas três naus, os gentios islenhos, que por ali traziam seus gados, espantados de ver o que nunca viram, se  
10 começaram a juntar, chamando e apelidando uns a outros, e correndo todos ao mar, crescendo cada vez mais, na dianteira dos quais andava um velho branco de cabelo comprido mais ornado de seus tamarcos de peles, o qual, pondo-se em um alto de uma ponta, disse o capitão Ayala a João Machim: parece aquêlo S. José  
15 que se espantou com os três Reis do Oriente, mas não fugiu, senão chegou-se a êles, pelo que ambos êstes capitães disseram: se Deus nos deixa tomar esta ilha, aqui se fará uma igreja do Bemaventurado S. José; como fizeram logo depois da ilha entrada. Aquêlo dia se deixaram estar ali ancorados por ser já tarde, e o lugar  
20 dificultoso de entrar, e áspero, ainda que não mui alto, aguardando até o outro, fazendo conta de correrem a costa com alguma barca, para ver onde seria melhor a saída. Vinda a manhã, viram vir ainda mais islenhos sem paus e sem pedras, como os do Ferro, senão com os braços uns sobre outros, e pegados uns dos outros,  
25 como fazem os flamengos, quando vão contentes do vinho; pelo

que entenderam êstes capitães que não eram dados a pelejar, nem tinham com quê, senão que eram pastores de gados cabrums, que viam andar pelas rochas. Estiveram os islenhos grande espaço olhando para as naus (era perto de Nossa Senhora da Esperança antes da festa do Natal) e começando andar ao longo do mar pelo alto da rocha da banda de leste para a parte do sueste, D. Diogo d'Ayala e João Machim mandaram levar âncoras e com tempo, que lhe servia, foram rodeando a ilha, que redonda se mostrava por tôdas as partes, se não naquela pequena ponta de S. José, e em outra, que iam buscar indo-os seguindo os islenhos por terra, crendo que iam buscar o pôrto do povoado. E chegando àquela ponta, que é d'alta rocha, ainda que chã por cima, os gentios se ajuntaram muitos mais, e quedos se puseram a olhar para as naus, que á vela iam correndo a costa com suas bandeiras e estandartes estendidos tocando seus tambores e trombetas; ao qual som foi tanto gentio islenho junto, que vendo-os D. Diogo de Ayala disse: valha-me Nossa Senhora de Guadalupe, e quantos, rogo-vos Senhora, rogueis a Deus que esta nação se venha a nós em paz e nos recebam sem dano, para que sejam verdadeiros cristãos, que eu vos prometo de neste lugar onde agora os vejo juntos sôbre aquela ponta fazer vossa igreja. E assim foi Deus servido de lhe cumprir seus desejos; e êle cumpriu sua promessa, que logo fêz a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe naquêlo próprio lugar depois de entrada a ilha. E mandando deitar o prumo, achando ser aquela costa limpa, ancoraram; e dali foram com as barcas vendo para baixo a costa, até que descobriram um bom pôrto, que tem, onde viram a povoação. E acharam outro pôrto qualquer dêstes disposto para poder por êle entrar na terra. Viram aquêlo vale, que à borda do mar começava, cheio de palmas mui altas, e um sitio tão deleitoso e gracioso, que os convidava a sair nêle logo, sem quererem ir mais abaixo pela parte do sul; e tornando, onde estavam as naus, á ponta de Guadalupe (nome que lhe ficou para sempre), folgaram aquêlo dia. E vindo a manhã do outro, se moveram para a povoação que tinham visto. E chegando ao primeiro pôrto, que de então se chama o pôrto de Nossa Senhora de Bom-passo, nome posto pelos dois capitães, não por ser bom de passar, senão porque viram tantos islenhos amontoados nêle, e quedos defronte das naus, disseram: êste outro é bom passo para rodear a êstes amanhã que é dia de Nossa Senhora sairemos por êle, enquanto êstes estão embebidos a olhar *para* as

naus que já estavam surtas; por isso lhe ficou êste nome. Como também á ilha chamaram Gomeira, por verem aquêlê vale cheio de palmas altas com seus frutos e dactiles; e muito almásticos e alguns dragoeiros, todos correndo goma de si. E outros lhe chamam Gomeira por outra razão que adiante se dirá, mas não sei se acertam. Como os capitães aquela noite acordaram de sair pelo pôrto de Bom-passo para desembarcar, por ser alto sôbre todo o vale, onde ficariam senhores dos islenhos, e daí veriam se queriam antes paz que guerra; e não querendo os fariam render por fôrça; pois podia ser que trouxessem seus surrões cheios de pedras, com que podiam receber dano, como tinham recebido dos mouros de Granada, que pouco antes (parece) fora conquistada; tendo êste conselho por bom, o puseram por obra. Começando pois os tambores e trombetas ao outro dia muito cedo dar sua alvorada das naus, estando os islenhos pasmados e ocupados em ouvir e ver no outro pôrto, saíram os espanhóis no do Bom-passo, e subindo por uma ingreme ladeira, se puseram no mais alto daquela subida, onde agora está a ermida de Nossa Senhora da Esperança. Vendo-se ali, determinaram de cometer aos islenhos, para o que mandaram tocar seus instrumentos de guerra, com que os gentios se alvoraçaram, mas não que buscassem modo de pelejar, ainda que muitos eram. Vendo isto os capitães acordaram de mandar a êles alguns de seus soldados cobertos de seus escudos e rodelas, e não se sabe se levavam alguns arcabuzes, ou se já se usavam; ou iriam com bestas; os quais descendo pelo vale abaixo, que daquela parte era raso sem arvores, tanto quanto lhe era mandado a tomar os islenhos que pudessem; cada um espanhol levou o seu pelo braço daqueles que ao vale desceram, sem os sentirem, os que estavam na praia; e quando o sentiram, já eram postos em côbro. E, chegados onde os capitães estavam, se alegrou Machim com êles, entendendo de os entender, cuidando ser sua linguagem, a que com a filha de Ossinisso tinha aprendido, chamada Nasci, que depois se chamou Clara, porque em dia de Santa Clara a fizeram cristã, a qual D. Clara foi depois uma insigne mulher, assim em formosura, como em virtude e prudência; e querem dizer que o Ayala, que na ilha do Ferro ficou, tornando a Espanha se casou com ela por amor da grande amizade que com Ossinisso, ou Ossinissa, seu pai tivera; e que o pai a viu casada com êle antes de sua morte. E disto não sei mais, senão que os espanhóis cobraram a ilha da Gomeira aquêlê

dia de Nossa Senhora, e os islenhos se vieram a êles com dansas a seu modo, e ofereceram aos capitães seus requeijões, carnes, dactiles e palmitos, que são os olhos das palmas para comer tenros e gostosos. Machim nada entendeu da linguagem dêstes, senão só por acenos se veio dar a entender e a entende-los; principalmente porque traziam alguns islenhos do Ferro para êste fim de serem linguas, mas não se entenderam uns a outros, mais que o modo e meneios que se faziam; e quanto ao comer e traço, todo era um; por onde em breve tempo se vieram a entender e consentir que os baptizassem; e não deixavam por fazer cousa que vissem ser aos espanhóis agradável, dando as novas uns aos outros por tôdas as partes da ilha, que é muito maior que a do Ferro, e tôda redonda de nove léguas em circuito, outros dizem *que* de doze.

Mais adiante do meio da ilha tomando de leste a loeste, e de S. José a Santiago, que é do norte ao sueste, tem um vale chamado do Gram Rei, o qual tinha uma filha chamada Aremoga, que em lingua islenha, quere dizer Gomeira, ou Gomeiroga, que é o mesmo que mulher sabia. Esta dizem que, quando soube que outras gentes tinham entrado na ilha, disse a seu pai: Deus quere ser com nós outros, mas tu não serás rei, vamo-los a ver, porque te honrem, e podes lhe dar obediência, porque êstes são filhos de Deus. E logo seu pai e ela vieram como em andas a vêr os capitães e naus, avisados de todos os outros reis, que cinco havia na ilha. As andas em que vinha cada um, eram uns paus tecidos com palmas, á maneira de padiolas, senão que tinham quatro braços de cada banda, a qual traziam aos ombros oito daqueles islenhos. E assim chegaram com esta pompa, onde agora chamam Armigua, que era lugar de água, que em sua lingua se chama Angira, e os capitães lhe puseram nome Armigua; porque uma grande ribeira de boa água, onde agora estão os moinhos, que aqui vem de mais adiante um grande espaço, tôda se mete por uma caverna da terra, que ali a Natureza creou, e não se vê mais, por isso a chamaram Armigua, como quem diz manilha, ainda que para isso devera dizer Armilha, pode ser que se corrompeu o vocábulo, ou por outra razão não sabida. Chegados o Gram Rei e sua filha Aregoma ou Aremoga, com todos os seus que os cercavam postos em terra, e saídos da sua maneira de andas se foram êle com as mãos estendidas, e a filha com traço mui honesto e alegre rosto a D. Diogo de Ayala e a Machim, que já os estavam esperando, dos quais foram bem recebidos e festejados

com tôda música de instrumentos, e estrondo de tambores e trombetas. E mandando estender toalhas e tapetes para se assentarem naquêlo prado, se ordenou de comer assim de carne assada da terra, como do que vinha nas naus, ao que El-rei e sua filha suce-

5 deram com mostras de grande obediência; e estando os outros quatro reis já juntos comeram e beberam, como viam fazer aos espanhóis, espantados de suas presenças e atavios, e som de trombetas e menistris, que de industria os capitães ordenaram para melhor e com mais vontade os atrair à policia cristã. Acabando de comer,

10 os capitães tomaram antre si o Gram Rei, que era de melhor entendimento que os quatro, e a filha, e fizeram que se vestissem de ricos vestidos, que para êste efeito mandaram trazer das naus a êste lugar apartado quâsi uma légua do pôrto, sem nenhum pôr dúvida a se vestir e calçar, com o qual os capitães se fizeram amar e obedecer

15 dêles, e os foram ensinando a entender a lingua espanhola, em que os deixaram destros e cristãos em cinco ou seis meses, que aí estiveram; e com quatro ou cinco igrejas feitas, e todo o necessário para celebrar nelas. Todo o dito até aqui se soube de D. Fernando de Ayala, irmão de D. Diogo de Ayala, conde que agora é da Gomeira,

20 e do Ferro, bisneto do conde primeiro desta ilha, que foi primeiro capitão, de que ao presente digo que a descobriu com João Machim.

Dizem que viveu muitos anos e foi mui prudente, e bem acondicionado, e agradável a El-rei D. Fernando, que de pobre fidalgo o fêz conde; e êste seu bisneto D. Fernando, que agora é conde, e casou na Palma, contou isto, que de seu bisavô tinha lido e ouvido ao

25 Conde D. Afonso, seu pai, que foi o terceiro conde desta ilha, e a outras pessoas.

Foi esta ilha, e a do Ferro havidas sem morte nem dano de alguém; que, como disse, dista uma da outra nove léguas. E a Gomeira

30 ra da Palma outras nove, de terra a terra, e de pôrto a pôrto doze. E de Tenerife de terra a terra cinco, e de pôrto a pôrto onze, demorando-lhe Tenerife a les-nordeste, e a Palma ao norte, e a ilha do Ferro ao noroeste; e ela oposta a todas ao contrário destes rumos, redonda e alta. Em tôda a costa ao redor se apanha urzela,

35 como no Ferro, a melhor que vai a Flandres. Tôda a costa é de uma rocha ruiva, pelada e descoberta de árvores à banda do norte, e noroeste, leste e nordeste; pelas quais partes se dá muito pão, ainda que não tem água, senão uma fonte a S. José, e um areal à entrada da ponta, onde um islenho achou uma vez um tão grande

monte de ambre, que podera fazer ricos a todos os da ilha, se fora para isso; parece que conheceu mal o que era; crendo todavia ser alguma cousa boa; e descobriu-se a quem o disse ao Conde D. Afonso de Ayala, pai do que agora é, o qual, como o soube, foi com pessoas de sua casa aonde o ambre estava escondido pelo islenho meio português, dizendo-lhe que era seu, e quasi por fôrça lho tomou, que dizem ser mais de um grande quarto dêle. Como o conde o teve em seu poder, trabalhou de contentar ao islenho com afagos, e alguma cousa que lhe deu, dizendo-lhe que se fôsse aquilo cousa boa, o faria homem, se se calasse, para que ninguém o sentisse. E descobrindo-lhe o islenho que tinha mais um saco cheio em sua casa, que levaria, indo com êle para Espanha, o houve o conde à sua mão com côr de ir todo em uma pipa, que diria ser de açúcar; e com todo se foi a Espanha, deixando ao islenho. E lá se aproveitou do ambar, que vendeu por milhares de cruzados, com que pagou grandes dívidas que devia em a ilha, porque era amigo da côrte, e tinha muitos filhos, alguns dêles bastardos. Sabido isto pelo islenho, foi ter com êle, requerendo-lhe que lhe pagasse, senão que o faria saber ao imperador; pela qual causa satisfez o conde ao pobre islenho, que se contentou com o que lhe deu, se assim é, como na Gomeira se conta.

Junto desta ponta de S. José há esta fonte que disse, e uma maneira de parecer pôrto, onde dificultosamente podem abaixar ao areal, e não há outro pôrto, nem descida em tôda a banda do norte, nem do noroeste. A loeste estão uns pequenos ilheus de pene-dia, apartados da ilha no mar, onde também não há caminho por ser rocha talhada; á parte do sudoeste, e a do sul parece haver fontes e árvores verdes.

Indo pela parte do norte do pôrto de Bom-passo ao de Guadalupe há mais de légua, e do de Guadalupe ao de S. José há mais de duas léguas e meia; o qual porto de S. José está direito norte sul com a brenha da cidade da ilha de Palma oito léguas e meia; e leste oeste com a ponta de Nagua de Tenerife cinco léguas. Da ponta de S. José á de Arure, que está no meio da ilha, há duas léguas; e de Arure ao pôrto de Bom-passo a leste quatro léguas e meia; e outras quatro e meia até o pôrto de Santiago, que está com a boca ao sueste, e é um dos melhores que há nas ilhas tôdas; tem êste nome por D. Diogo de Ayala fundar ali uma ermida deste apóstolo com pedra branca que ali havia lavrada por oficiais, que mandou vir de

Espanha para as fortificações da ilha. E depois mandou plantar aquêlê vale de árvores de espinho, e de outras sortes de frutas que ali se dão muitas e boas, cercadas ao redor de grandes vinhas; dista do pôrto da vila quási duas léguas. De modo que contando  
 5 tôda a costa com suas pontas e feição da ilha, tem tôda em circuito onze léguas e meia, e sem estas particularidades tem nove sòmente; e em diametro por tôdas as partes três e meia pouco mais ou menos. Mas ainda que é pequena dá muitos proveitos de pão, vinho, açúcar, queijos, lãs e chacinas. E tem mais bestas asnais esta só  
 10 que tôdas as outras, porque há muitos homens que tem cada um mais de cincoenta e sessenta asnos. E a um Gaspar Borges, grande artifice de cousas de ferro, que foi ai ter roubado, cometeu o Conde D. Belchior, e Almenára seu governador um casamento, dizendo que além dos bois e fazenda de raiz e dinheiro lhe dariam  
 15 cincoenta asnos, ao que êle respondeu: se eu tal fizer seremos cincoenta e um; pelo que não lhe falaram mais nisso.

É esta ilha da Gomeira mui frutífera. E entre o pôrto do Bompasso e o Grande, que é tôda a boca de um vale, tem uma honrada vila grande e bem situada, rica e povoada de nobre gente. O pôrto de Bompasso, ainda que é pequeno, se fez pôrto, por terem nêlê  
 20 abrigo os navios com o tempo sul e sueste, ainda que está com a boca a lés-nordeste; mas é abrigo a êstes ventos por causa de uma comprida e larga ponta, que da terra como espigão sai ao mar tanto como um tiro de arcabuz do lugar onde está a igreja de Nossa  
 25 Senhora do Bompasso, abaixo da qual é tão delgado a metade, que não há de um mar a outro mais grossura que de uma rua; e a outra metade vai fazendo cabeça, e alargando-se mais que uma boa praça redonda, indo torcendo o pescoço sôbre o braço esquerdo, com que faz ficar o dito pôrto de Bompasso seguro de todos os ventos;  
 30 porque como está com a boca para o nordeste, e a esta parte a ilha de Tenerife seja mui alta com a encumeada do Pico de Teide, e a Ponta de Chasna muito baixa, porque do cume para ela corre muito costa abaixo, por onde não há vento que lhe faça dano, nem para Deixe; e fazem grandes calmarias antre estas duas ilhas nesta  
 35 parte a todos os ventos, senão ao norte e noroeste; pelo que êste pôrto fica abrigado pelo lanço que entra no mar antre êstes dois portos; na parte que é grosso e largo, é também mui alto todo de rochedo com que corta as amarras, e êste só dano tem; mas nunca nêlê se perdeu navio. Também à banda de Nossa Senhora de

Guadalupe faz outra sacada muito grossa ao mar a maneira de meia rodela, com que abriga um pôrto e outro do norte. O pôrto Grande entra pela terra na boca daquêle vale, onde agora é a Vila, todo, o que é de comprido o espigão, que entre os dois portos está; e bota pela parte do norte a um forte, que se fêz depois que Pé de Pau ali foi, e acometeu esta ilha o ano de mil e quinhentos e cincoenta e três, em véspera de S. Pedro ad Vincula, mas não ousou, nem a pode entrar, tão bem se souberam valer e animar os moradores dela islenhos, e não islenhos, como adiante direi; e vai fazendo esta boca uma volta para a parte do norte, e para o noroeste vai em quadra tanto, como o vale é de largo, que será dois tiros de arcabuz. E faz a ilha á banda do sul, ou sueste outra grande sacada de meia légua ao mar em torno a maneira de um muro redondo, e para a serra vai subindo até o cume dela, chamando-se Serro do Camelo por ter no alto uma grande árvore com uma corcova de um braço, com que parece camelo, a quem a vê da vila, e doutras partes; e logo torna a dar volta para o norte, e cerra-se arriba do vale com outro serro de Bom-passo, que vai subindo cada vez mais, até se ajuntar com a do Camelo; dali para baixo é tudo vale chão e espaçoso, onde está a vila quási em redondo, a qual se parte em quatro ruas: a de Perotomel, genro do conde e cunhado do que agora é; a de Samora, a de S. Francisco, e a que vai de casa do Conde por fora da praça à igreja. Na praça estão três palmas quási tão altas como a torre de Sevilha, que cansa a vista de olhar sua altura, mas não dão dactiles. Defronte do pôrto no meio do areal está uma torre de cantaria com seus tiros; e mais para a vila à parte do Mosteiro de S. Francisco está uma alagôa de água doce, onde há rãs, como em Espanha; e mais para a praça está um poço, que só êle é de água salobre em toda a ilha, de que se provêem os navegantes; e afora êste poço há mais de cento na vila, que quási todos tem em suas casas de doce, e gostosissima água; a qual afirmam todos ser a ribeira dos moinhos de Armiga, que disse, se metia por um algar na terra, e não se vê mais, sendo muita. Com a qual água dos poços que os moradores fazem em suas casas cavando sòmente até duas braças, escusam o serviço de fora. Com uma grande enchente de água de Armiga, que pela mesma ribeira veio, há poucos anos, arrebetou na vila, e alagando-a tôda, cuidando os moradores ser subvertidos, se acolheram às ladeiras altas do vale, e cessando o impeto da ribeira, cessou a água na



vila, e tornou tudo a seu lugar, como dantes; ainda que se diz ficar a boca aberta da água que arrabentou abaixo da ermida de S. Sebastião. Outras três palmas estão na horta do hospital, que dão tamaras, e segundo dizem, não é tudo uma cousa dactil e tamara; e  
 5 outras palmas há na vila e no Mosteiro de S. Francisco. A igreja principal tem sete piares (*sic*) por banda, é da advocação de Nossa Senhora da Assunção; e há cinco ermidas, em uma das quais de Nossa Senhora dos Remédios está uma formosa, grave e devotíssima imagem de Nossa Senhora de pincel, que parece penetrar e inflamar em devoção o coração de quem a vê; a qual deu ao conde e  
 10 à condessa um grande Senhor que ia por vice-rei para as Índias, que lhe não pode negar, sendo pedida pelos grandes presentes, que dêles tinha recebido.

Quando Pé de Pau foi ter a esta ilha da Gomeira depois de saquear a Palma, ancorou no pôrto desta vila véspera de S. Pedro Ad Vincula, pondo suas oito naus apartadas umas das outras, para que o tomassem todo, a fim de de fazer dano em todo o lugar, por então ser mau de defender e não ter fortaleza come agora tem. Mas os gomeiros souberam mais que êle, porque todos vieram à praia,  
 20 e a Bom-passo, fazendo de noite trincheiras e covas na areia, em que se metessem, quando disparasse a artilharia, que o dia seguinte todo esteve disparando. E vendo os gomeiros que se deliberava o inimigo cometê-los, mandaram a noite, que veio fora da vila as mulheres e moços e moças, e tôdas as pessoas que não eram para pelejar, estar sôbre os altos, que cercam o vale com seus tambores  
 25 e bandeiras e paus por lanças e arcabuzes, que parece vir gente de dentro da terra, a defender a entrada do pôrto, e entrando com êste ardil, antes de sair o sol, se mostrou uma companhia ao Camelo, e outra em outro espigão ali perto, e outra ao caminho de Armiga; e como Pé de Pau, e a gente das naus os viram, parecendo-lhe ser  
 30 grande número do gente e ser impossível poder entrar na terra, que se defendia melhor, que os da Palma, mandaram alçar âncoras, e velas, ouvindo os gritos, e desafios dos gomeiros que lhe chamavam feios e injuriosos nomes, dizendo que saíssem, e não fôssem fugindo, que bem aparelhadas lhe tinham as mesas, e os mimos. E desta maneira ficou a terra livre, e esteve mais de vinte e quatro  
 35 anos, que franceses tornassem a ela, informados uns de outros da boa gente que tinha. Mais depois haverá seis ou sete anos, foi entrada de noite por má vigia, e o conde e condessa pela misericórdia

de Deus escaparam sós, e quási sem vestidos; e os franceses a modo de turcos cativaram os que poderam tomar e saquearam quanto acharam aquela noite, e pela manhã lhes deram resgate, o qual havido, se foram sem estar mais no pôrto, temendo não lhe viessem os de dentro da terra fazer algum mal; os quais são tão poucos, que não há setenta moradores; e os mais dos que tem lá suas fazendas moram na vila, senão os que estão nos engenhos de açúcar que são três. 5

Armiga, de que já disse, é um lugar quási uma légua da vila, onde estão os moinhos; há nêle até doze vizinhos todos lavradores em casas apartadas umas das outras, segundo têm suas fazendas, onde esteve a corte do Grao Rei, pelo que se chama o vale do Grao Rei; é muito fresco com uma fresca ribeira de boa água, em que se acham grãos de ouro, que o ano de cincoenta e cinco em setembro, um mestre Lourenço Florentim, indo por esta ilha para as Indias de Castela, como era bom apartador, apartou em umas bacias não de cobre, como se costuma, mas de pau, e tirou grãos que valeram três cruzados. De Armiga e Benchehigua, nome islenho, que quer dizer terra fresca, há perto de meia légua, é também grangeria, onde está um engenho de açúcar dos Samoras; tem terra de pão, como Arure, que cai à parte do norte, onde há muitos pastos, e á banda do sul está Chepude com o engenho d'açúcar de Preto Meleão, genro do conde. Arure em lingua islenha quer dizer casa d'Elrei, e Chepude terra de palmas, porque légua e meia, que pode haver de Benchehigua a Chepude, tudo são palmares, que dão dactiles, e não são as que dão tamaras. Os dactiles são como azeitonas pretas daquela feição e redondos, senão que não são agudos na ponta, de cor lionada, mui gostosos e muitos, por ser tão expêso o palmar, que com trabalho se pode andar entre êle; onde há grande copia de veados, que não tem nenhuma das outras ilhas; multiplicados de dois pares dêles, que de Espanha mandou trazer o Conde D. Afonso de Ayala por sua recreação, vendo êste logar dispôsto para esta criação. O ano de mil e quinhentos e cincoenta e cinco no principio de novembro foi a esta caça o Marquês de Canhete, que ia por viso-rei às Indias a Peru com dois seus filhos e outros muitos fidalgos, sendo Conde D. Belchior, que aquêle ano era entrado na terra, e os levou a êste Chepude, e mataram três cervos, que com grande festa e som de instrumentos levaram abertos e atravessados em azémolas com dois porcos do monte à Vila. E a Arure foram à 35

caça de perdizes, de que há muitas da banda do norte, que é raza e descoberta com algum mato baixo e verde. Está Arure de Benchehigua meia légua; dali ás rochas e costa, passando uma serreta sem
 5 de meia légua. Os outros palmares de Chepude são mui grandes, estendem-se para a banda do sul quási até o vale de Santiago; tem mais proveito estas palmas de dactiles, que dando-lhes um golpe no meio do tronco, estilam por êle licor, de que usam como vinho tão agradável ao gôsto que se bebe bem, e há tavernas dêle. E para
 10 melhor o aproveitarem, põem um canal desde a ferida da palma até à boca de qualquer vasilha que querem encher, e tirado dali, não há mister mais artificio senão bebe-lo. Nesta parte se mostra a terra mais comprida e larga que em todo o mais dela. E de Benchehigua, Chepude e Arure será á vila quási duas léguas. De Benchehigua indo por baixo de Armiga há vinhas que dão bons vinhos.
 15 E passando uma tresposta, onde nasce a água de Armiga, que faz uma volta á parte do norte e se junta com outra, que vai por detrás de Arure, se mostram grandes rochedos, em que se acha muita urzela que dizem ser a melhor do Mundo. Atravessando esta baixa
 20 serra cheia de palmas e outras árvores, no baixo dela começa o vale do Grao Rei, donde aparece da outra parte do norte uma quebrada de areia de cor dourada, da qual por conselho dalguns que por ali passavam para as Indias, mandou o Conde D. Afonso um sacco, de que se fizeram ensaios em Sevilha, e não se tiraram dois cruzados
 25 d'ouro, fazendo quási o mesmo de custo; por ser fraca a influência que deu naquela areia, que procede daquela serreta como mineral, e enche todo aquêle vale do Grao Rei; como em Gram Canária o confeital, que também é mineral, e daquelas pedras miudas da grandura, côr e feição de confeitos, com que se enganam muitos.
 30 E assim cantam os islenhos da Gomeira uma endecha: «Ana Sanchez, Ana Sanchez, flor del vale del Gran Rei, deseo tengo de cogerte, mas más saludad tengo de verte; flor del valle del vallete, flor del valle del Gran Rei». E dobrando-a muitas vezes com grande sentimento dizem que a cantam pela filha do Gram Rei, chamada
 35 Aregoma ou Aremoga; a qual depois, quando se tornou cristã, por ser informada que Santa Ana foi mãe da Virgem Nossa Senhora, mãe de Deus, disse que se chamaria ela Ana, e assim se chamou, e seu pai D. Sancho, de que ela tomou Sanchez por sobrenome; pelo que os islenhos cantam a dita endecha ou cantar soydoso, com

saudade dela que quis ir morrer a Espanha; e ver donde saíram os homens filhos de Deus que lhe foram causa de tanto bem. E dizem que sendo esta donzela mui formosa nunca quis casar, e que na côrte da Rainha D. Isabel morreu bemaventuradamente.

Tornando ao vale do Gram Rei, é de largo um quarto de légua, e estendendo-se de comprido até o mar mais de meia para a parte do sul, e todo é frutífero, e se dão nêle canas de açúcar, que se podem regar com duas fontes que tem, uma a um lado, outra ao outro, as quais se moem em um engenho que está nêle. Tem também terras de pão e de pastos, onde residem muitos creadores. Há nas faldas destas serras à parte de noroeste e oeste muita caça de cervos e perdizes; os coelhos são tantos, que com paus os matam, e também se acham porcos javalis. Há também romãs e cidras e fruta de espinho em todo aquêl sitio para a parte do mar. Dista êste vale do Gram Rei três léguas e meia da vila. Pelas outras partes para oeste e norte são palmares de palmitos, e alguns pinhos. Dizem que Paulo Jaymes, rico vizinho da vila, fêz um engenho de açúcar entre Benchehigua e êste vale do Gram Rei, do qual vale até o cabo da ilha haverá légua e meia, com que vem justa a conta das doze léguas que tem esta ilha de comprido, e quatro de largo, de figura mais ovada que redonda. E é tão rica de mantimentos, que de sua fertelidade procedem, que não se sabe ilha tão pequena tal como esta da Gomeira, o que se vê bem claro nisto que agora direi, pois no mês de outubro do ano de 1554, véspera de S. Lucas, chegando a ela a frota de Espanha, que eram sessenta naus e cinco galeões de armada, que Pero Meledez levava; e estando dezoito dias surtos no pôrto já dito da Vila da Gomeira sem terem tempo para a viagem, e sendo tanta a gente espanhola que em terra saía cada dia, que nem nas ruas, nem nas praças, nem no pôrto cabiam, e tudo era cheio, não lhes faltou pão, vinho, carnes, leitões, cabritos, aves, caça, leite, queijos, frutas, e todo refresco, em tanta abundância todos os dezoitos dias que esteve surta a frota, que tudo sobejava e não faltava. E nem em Sevilha se poderá achar tanto, e em preços tão comuns; por que um castrado mui bom não custava mais de dois, três reales, os queijos a quatro e cinco reales como continuo se vendem; o arrátel de pão a doze reis, como antes se comia; os ovos a dois reis; as galinhas a três reales; e todos os mantimentos nos mesmos preços que na terra tinham, se vendiam sem exceder o modo, e não como em outras partes, onde se usa

com os estrangeiros de muita crueza, não sei se contra caridade, vendendo o gato por lebre; e o mesmo parece que fariam com grande deshumanidade, se podessem, vender a água por vinho; as pedras por pão e a terra por fruta. Cuido eu que se aos que hoje  
 5 estão no inferno fora concedido vir ao Mundo, foram boas testemunhas desta verdade. Mas tornando ao que ia dizendo, não faltou também naquêles dezoito dias aos espanhóis naquela fertil ilha de doze léguas de terra açúcar, conservas, em tanta abundância, que levaram o mel de abelhas, as candeas, cebo, e cera, legumes, a  
 10 cevada com os moinhos, em que fazem gofio, de que o vice-rei e seus filhos e os fidalgos que com êle iam, foi mui satisfeito de como é manjar tão são, amassada aquela farinha de cevada com mel e azeite, que nutre, alimpa, e engorda e causa muita força e ligeireza, de que levaram grande cópia, e carneiros, patos, galipavos, não fazendo continuamente senão embarcar e gastar, sem ale-  
 15 vantar nenhuma cousa a maiores valias, até que se partiu para as Indias o visorrei mui alegre e contente com todos os seus a tres de novembro do dito ano. Há também na costa desta ilha Gomeira muito e bom marisco, e carangueijos de duas maneiras, como são os que chamam mouros e judeos, burgaus, ameixas e cracas, como tem tôdas as outras Ilhas Canárias; assim como tem gados, queijos, lãs,  
 20 mel, cêra, açúcar, e conservas tôdas as coisas que se podem fazer, até de gamões, ou gamonilha, que por outro nome se chama raiz de abrotia, e conserva do nabo do feito, que chamam denteabrum, do qual nabo moido também fazem pão e o cozem com leite. Isto é o que há nas quatro Ilhas, Gram Canária, Tenerife, a Palma e esta da Gomeira, mas Lançarote, Forteventura e a Ferro por sua esterilidade não dão açúcar, nem entram com estas na fertilidade, e em todo o mais são quási semelhantes. E na Gomeira há caracóis que não há  
 25 em nenhuma das outras. E ela e a Palma só tem batatas mui extremadas e boas. E em tôdas estas ilhas há muito pescado, afora o que a elas vem da pescaria, de que ali há grande escala.

A ilha de Gram Canária e a de Tenerife e a da Palma são de Sua Majestade, e por êle está a justiça. A Ilha de Lançarote e Forteventura são do Conde D. Agostinho de Ferreira, que agora é  
 35 Marquês de Lançarote e Senhor de Forteventura;<sup>1</sup> e as ilhas da Gomeira e do Ferro dizem que são do Conde D. Diogo de Ayala.

<sup>1</sup> «que agora é Marquês de Lançarote e Senhor de Forteventura» foi acrescentado mais tarde, parece que por letra do autor.

# TRADUCCIÓN

[Capítulo] en el que la Verdad, respondiendo a una de las dos preguntas que le hizo la Fama, trata en general del descubrimiento de las Canarias y de algunas cosas de ellas.

[1] Y queriendo yo [la Verdad] comenzar a contar lo que sabía de estas islas, me dijo ella [la Fama]: —Veo, Señora, que estas Islas Azores están en este gran Mar Océano, y en el mismo están la isla de Madera y la de Porto Santo y otras que son del Rey de Portugal, tan cerca de las Canarias, que son del Rey de Castilla; y luego están las islas de Cabo Verde, pobladas de portugueses, y no entiendo esta mezcla, cómo en este mar hubo dos señores diversos. También me pone en duda la tierra de las Antillas, cómo pasando por este mar propio de la navegación de Portugal las mandaron descubrir y poblar y las poseen pacíficamente los Reyes de Castilla. Y pues que vos poseéis la explicación de muchas dudas, recibiré a merced que me aclaréis ésta. —O corazón —le dije yo—, aclarado lo tengo para todos y mucho más para vos, Señora, que me tenéis tan obligada; y la claridad que queréis saber de mí, en esto que me preguntáis, me propongo dároslo por lo que supe de diversos autores y cronistas y de mi anciano padre según lo contaba.

Es verdad que los Reyes de Portugal tuvieron para sí algunos años la conquista del mar de poniente, hasta que, en tiempo del Rey D. Juan II, hubo en ello la mudanza que contaré; como asimismo dejó para adelante el descubrimiento de estas dos primeras islas Azores y de las siete más abajo que deseáis saber. Mas ahora, en cuanto a la duda sobre ellas y las otras que decís, sabed, Señora, que los legistas y canonistas tienen una regla que dice: *primo occupanti conceditur locus o sea*: [2] «el primero que ocupa y posee un lugar, queda por ello solo señor del mismo». Esto se usaba antiguamente en los descubrimientos de tierras, antes de que se realizase la conquista de ellas. El que primero descubría alguna tierra quedaba señor de ella, si quería y podía sustentar su posesión; hasta que por el Santo Padre, como Señor supremo que es y lugarteniente de Dios en la Tierra, en lo espiritual y temporal del Universo, fue esto determinado y limitado entre los Reyes de Portugal y Castilla, como claramente veréis en lo que iré diciendo.

440 años antes de la venida a él del Salvador del Mundo, Hannón, capitán cartaginés, partió de Andalucía con su armada hacia las costas de África y Guinea; y

dicen que éste fue el primero que, siguiendo este camino, descubrió las Islas Afortunadas, que llaman ahora las Canarias; y además de ellas las otras que se dicen Dorcadás, Herpérides y las Gorgonas, que se llaman ahora de Cabo Verde, pero no quedaron suyas, porque no hizo más que verlas de pasada. Después de la venida de Cristo N. S. Dios, en el año 1344, reinando D. Pedro IV de Aragón, dicen los cronistas de su tiempo que le pidió ayuda D. Luis de Lacerda, nieto de D. Juan de Lacerda, para ir a conquistar las Islas Canarias, que están a 28° en esta misma banda, por haberle sido dadas por el Papa Clemente VI, natural de Francia, y según esto ya había en aquel tiempo muchas noticias de aquellas islas por toda Europa, cuanto más en España, porque tales príncipes no se decidirían a esta empresa sin mucha certidumbre. También sostienen (como escribe el capitán Antonio Galvão, en el libro que hizo sobre diversos descubrimientos) que en este entretanto fue descubierta la isla de Madera, que está en 32°, por un inglés que se llamaba Machín,<sup>1</sup> el cual viniendo de Inglaterra hacia España con una mujer raptada, arribaron a la isla por tormenta y surgieron en el puerto que ahora se llama Machico, tomado de su nombre. Y porque la amiga venía mareada del mar, bajó a tierra con algunos de la compañía, y la nave, impelida por el viento, se hizo a la vela, y ella falleció acongojada. Machín, que la amaba mucho, hizo para su sepultura una ermita a la advocación de Buen Jesús, y escribió en una piedra los nombres de él y de ella con la causa que allí les trajo, y púsoles de cabecera; armó un barco con el tronco de un árbol muy grueso que allí había, y embarcándose en él con los suyos fueron a dar a la costa de África, sin velas ni remos (porque cuando la fortuna se aparta de uno, [3] de todo lo despoja). Los moros que los hallaron y los demás que los vieron tuvieron el hecho por milagroso y los presentaron al señor del país, el cual, por la misma razón, los mandó al Rey de Castilla, que era entonces D. Enrique III, y por la información que de esta isla dieron este inglés Machín y la nave de sus compañeros, reinando en Castilla el mismo rey D. Enrique III y en el año 1393, muchas gentes de Francia y de Castilla se decidieron a ir a descubrirla, y también a Gran Canaria, principalmente andaluces, vizcaínos, guipuzcoanos, llevando bastante gente y caballos; pero no se sabe si fue a su costa o bien a la del Rey. De todos modos dicen que fueron los primeros<sup>2</sup> que vieron las Canarias y saltaron en ellas y que cautivaron 150 personas. Otros dicen que fue en el año 1405, pero tengo por más cierto lo que se cuenta de Machín en la historia y crónica de los ilustres capitanes de la isla de la Madera, como diré luego al tratar particularmente de ellos y del descubrimiento de ésta.

En 1417,<sup>3</sup> gobernando Castilla la reina D<sup>a</sup> Catalina, viuda del rey D. Enrique III, por el príncipe D. Juan, su hijo (que fue el segundo del nombre), un Mossen Rubén, o para otros Rubín de Bracamonte, Almirante de Francia (que se dice que con muchos franceses ayudó al Rey de Castilla en cierta guerra), con este mérito y por este servicio le pidió el derecho de conquista de las Canarias, con

<sup>1</sup> La historia de este Machín, vizcaíno, que no inglés, ha sido aclarada recientemente. Cf. J. ALVAREZ DELGADO, *Juan Machín, vizcaíno*, «Anuario de Estudios Atlánticos», VII, 1961.

<sup>2</sup> Es imposible rectificar los muchos errores, como éste, que inserta el autor.

<sup>3</sup> Fecha errónea, procedente de la edición de la Crónica de Juan II por Galindez Carvajal. Fue error muy divulgado.



título de Rey, para un hidalgo francés su pariente, llamado Mossen o Mossiur Juan de Betancurt, a quien otros llaman Letencor o Betencor; y que la Reina se las dio y le ayudó. Partió entonces de Sevilla con buena armada el nuevo Rey de Canarias, y dicen todavía que la principal causa que le movió a ello era descubrir la isla de Madera, que había hallado Machín. Pero no la halló, sino la de Porto Santo; fueron a dar en Canarias. Y llegado y desembarcado en ellas, dicen que conquistó Lanzarote, Fuerteventura y la del Hierro, o para otros, la del Infierno. O, según dice João de Barros, solamente aquellas tres; pero no pudo conquistar la Gran Canaria, por hallar en ella mucha resistencia de parte de más de 10.000 hombres de guerra. En Lanzarote hizo un buen castillo, bien que sólo de piedras y barro,<sup>4</sup> para conservar lo que había ganado; y comenzando la negociación de esclavos, cueros, [4] sebo, miel, cánfora (resina),<sup>5</sup> orchilla, higos, sangre de drago y aun otras cosas que mandaba a España desde aquellas islas, sacaba interés y ganaba buen dinero el Rey Juan de Betancourt o Betancor. Después, en 1420, fue descubierta Madera por los portugueses cerca de las Canarias, como contaré luego en su lugar. Estando así el Rey Mossen Juan Betancor en la conquista de las Canarias, dicen que lo mataron y que dejó por heredero suyo un pariente llamado Mossen Menante o Menaute, el cual, según se dice, con ayuda de algunos castellanos conquistó luego La Gomera; otros pretenden que Mossen Juan Betancor se fue a Francia a rehacerse para esta conquista y que dejó allí a un sobrino llamado Mossen Menante y, como no regresara más, el pariente, que no podía sostener la guerra, vendió las Canarias al Infante D. Henrique por algo que le diera en la isla de la Madera, como diré luego. Y como de doce islas que son quedaban por conquistar Gran Canaria, La Palma, Graciosa, Infierno, Alegranza, Santa Clara, Roque y la de los Lobos, en 1424 mandó el mismo Infante hacer una armada para conquistarlas. Iba por capitán mayor D. Fernando de Castro, y como las gentes de ellas eran belicosas defendieron bien sus casas, y viendo D. Fernando el gran dispendio que consumía se volvió; y entonces el Infante dio estas islas a la Corona de Castilla por las ayudas que había dado a Betancort. Pero los castellanos cuentan esto de otra manera: que ni el Rey de Portugal ni el Infante D. Henrique las quisieron soltar hasta que llegaron a derecho ante el Papa Eugenio IV, veneciano, quien, visto esto, dio por sentencia la conquista de aquellas islas al Rey D. Juan de Castilla, en 1431, por donde cesó esta contienda de las Canarias entre los reyes de Portugal y Castilla. Pero como iba contando, y según parecer de otros, muerto o ido a Francia definitivamente el Rey Juan de Betencor, sucedióle en el Reino de las Canarias su pariente llamado Mossen Menante o Menaute, y habiendo promovido el papa Martín por obispo de estas islas a un religioso llamado Fray Mendo, comenzaron los isleños a recibir la santa fe. Pero como vendiese el Rey Menante a muchos que habían recibido la santa fe por esclavos, el obispo se quejó al Rey D. Juan, pidiéndole que echase a este príncipe de aquella tierra, y habiendo diferencias por esta causa, el Rey envió

<sup>4</sup> Los restos han sido hallados recientemente y, en efecto, son de piedras cogidas con barro. Cf. «Revista de Historia Canaria», XXVI, 1960, 357-370.

<sup>5</sup> Cánfora o alcanfor jamás se ha producido en Canarias. De no ser una de las muchas confusiones del autor, puede entenderse resina de otras especies arbóreas.

allá a un Pero Barba de Campos, vecino de [5] Sevilla, con tres naves armadas, y por fin el Rey Menaute, por concierto y licencia de la Reina D<sup>a</sup> Catalina, vendió las islas al mismo Pero Barba; y éste hizo lo mismo a un hidalgo de Sevilla llamado Fernán Pérez, en cuyos descendientes y de otros sevillanos se conservaron hasta los tiempos de los Reyes Católicos D. Fernando V y D<sup>a</sup> Isabel, porque, reinando ellos en Castilla en 1478, enviaron una buena armada con Pedro de Vera, hidalgo natural de Jerez, para conquistar las Canarias; y llegando a Gran Canaria los castellanos hicieron notables cosas, que duraron tres años, en su conquista. Y en 1483, aunque los Reyes Católicos habían comenzado la guerra de Granada y esperaban la de Navarra, emprendieron otra contra estas islas del Océano Atlántico, la Gran Canaria, Tenerife y la de La Palma, que de siete principales y descubiertas sólo quedaban por conquistar estas tres (ya que las otras estaban en poder de los vecinos de Sevilla desde tiempos del Rey D. Juan II, como antes dije); mandaron con una buena armada a Alfonso de Muxica y Pedro de Vera, capitanes diestros así en mar como en tierra, los cuales dieron de repente sobre Gran Canaria, donde, hallando dos reyes bárbaros, que se disputaban el dominio, apoyaron a uno contra el otro, con lo cual vino en poco tiempo al dominio de los Reyes de Castilla toda la isla.

Así cuentan esto los cronistas castellanos. Mas el doctísimo João de Barros, en el libro I de la primera década de su «Asia», cap. 12, dice, que después de vuelto de Canarias D. Fernando de Castro, para favorecer a los canarios que allí quedaban convertidos a la fe, mandó el Infante alguna gente y por su capitán Antão Gonçalves, su «guarda-ropa», y después de algunos años renunció el Infante a ellas, por entremeterse en ello el Rey de Castilla, dando razones según las cuales le pertenecían, pues si Maciot vendió la hacienda y tierras que había beneficiado, no podía vender el señorío y jurisdicción, que eran de la Corona de Castilla. Luego, cuando el Rey D. Enrique IV de Castilla se casó con la reina D<sup>a</sup> Juana, hija del Rey D. Duarte de Portugal, D. Martinho de Ataíde, conde de Atougua, que la llevó a Castilla, obtuvo del Rey D. Enrique estas islas de Canaria por donación que le hizo de ellas, y él las vendió al Marqués D. Diogo de Menezes, primero del título, y el marqués las [6] vendió al Infante D. Fernando, hermano del Rey D. Afonso y sobrino del Infante D. Henrique, y mandó luego tomar posesión de ellas a un tal Diogo da Silva, que luego fue conde de Portalegre; y en este entretiem po vino a Portugal un caballero castellano, de nombre Fernán Peraza, pidiendo la restitución de ellas, por cuanto las había comprado a un Guillén de las Casas, quien las compró a D. Enrique, Conde de Niebla, a quien las había traspasado Maciot Betancor, por vía de donación con poder de procurador que tenía de su tío Juan de Betancor, mostrando para ello las necesarias procuraciones, escrituras y provisiones de los Reyes de Castilla en confirmación de las compras. Y viendo su justicia el Rey y el Infante renunciaron a ellas. Por muerte de este Fernán Peraza las heredó una hija suya de nombre D. Inés Peraza, que se casó con un D. García de Herrera, hidalgo castellano; y entre los hijos de ellos fue D. María de Ayala, con quien casó Diogo da Silva, portugués, estando todavía allá de parte del Infante D. Henrique en la conquista y gobierno de ellas; y porque las islas de La Gomera y El Hierro constituían mayorazgo, de que es titulado conde D. Guillén Peraza, su hijo, quedaban partibles las de Lanzarote y Fuerteventura, en las que D. João da Silva, segundo conde de Portalegre, tiene por

parte de su madre, la condesa, herencia que le rendirá pasados trescientos mil reis; lo que es una memoria en Portugal de los trabajos que el Infante D. Henrique llevó en la conquista de estas islas, ya que su señorío y jurisdicción fue traspasado a Castilla en la manera dicha.

Además de lo que João de Barros en el mismo capítulo escribe sobre los ritos y costumbres de los moradores de estas islas, como en él se podrá ver, diré de las siete más principales algunas cosas más que pude alcanzar a saber leídas u oídas.

Estas Islas Canarias, que eran y son habitadas y que se llaman las Beatas o Afortunadas, están casi todas alineadas de Este a Oeste y quedan de la isla de la Madera de S hasta SE de esta manera: la Gran Canaria, que está a 28° y a 12 leguas EO de Fuerteventura; el Cabo Bojador le queda al SE, la cuarta del S; Fuerteventura con Lanzarote están NS a 3 leguas una de otra y entre ellas está un islote despoblado, llamado isla de Lobos; de Lanzarote [7] a Alegranza habrá 2 leguas y canal limpio entre ambas; de Alegranza a las Isletas de Canaria habrá 33 leguas; y de Lanzarote a Graciosa, que es tierra despoblada, solamente habrá media legua, que es un canal entre ambas. De Canaria a Tenerife hay 13 leguas, y esta Tenerife está en 28° y un tercio, también EO con las Isletas de Canaria; y de ahí a La Gomera son 6 leguas, la cual está 28° menos un cuarto y a 25 leguas de la Isla Canaria; de La Gomera a El Hierro hay 6 leguas y la isla de El Hierro está a 27° y dos tercios y de Canaria 30 leguas. De Canaria a La Palma son 30 leguas y está La Palma a 28° y medio, y como dije estas islas principales se corren unas tras otras casi de E a O; y son 12 contando la del Infierno, como dice João de Barros, aunque no vi carta alguna de marear en que se la señalase,<sup>6</sup> pero son 7 las descubiertas y más principales, están a 28° N y tiene el día más largo 13 horas y otras tantas la mayor noche. Distan de España 200 leguas y 17 de la costa de África, si bien de Fuerteventura al Cabo Bojador, en Berbería, hay 13 leguas y éste es el camino más corto de Canarias a tierra de moros. Gran Canaria es la principal, sus naturales se llaman canarios, porque hay en ella grandes canes, y de ésta tomaron el nombre general de canarios los habitantes de las otras, aunque tengan también sus nombres particulares. Esta Gran Canaria es redonda y la mejor de todas y bien poblada y por eso tiene el nombre de Grande, no por ser mayor en extensión; tiene mucho ganado, se cosecha en ella mucho pan, vino y miel, hay en ella muchos ingenios de azúcar y de ella y de algunas de las otras se carga mucha cantidad para diversas partes. Tenerife es otra de estas islas, la mayor de todas, está bien poblada y da mucho pan y vino; sus naturales se llaman ganches por ser muy fragueros.<sup>7</sup> Tienen una sierra o montaña que unos llaman pico de Teide y otros de Tereira, del Duque de Maqueda, por particular merced de Su Majestad, que dicen es uno de los puntos más altos que conocen los navegantes y ven claramente 60 leguas antes de llegar; desde una terraza que tiene a manera de plaza en la cima, estando el mar en calma, se ven todas las otras islas, cada una como un barrio pequeño, con estar algunas a más de 50 leguas y tener otras tantas de circuito; [8] es verde al pie y siempre nevada en medio

<sup>6</sup> El autor desconoce que este nombre se aplicó durante dos siglos a Tenerife.

<sup>7</sup> *Enrochadores*. No descubrimos la relación con ganches (*sic*).

hasta S. Juan, y es rasa y humeante a veces en lo alto por el mucho azufre que en ella se halla, del que llevan gran cantidad a España. Hasta fin de agosto se puede subir, está con nieve, mucha en el resto del año, siendo así que no nieva jamás en todas las islas circundantes.<sup>8</sup>

La Palma es pequeña; tiene mucho granado del cual se hacen muchos y buenos quesos; los naturales se llaman palmeros por tener la isla muchas palmas. La Gomera es buena isla, con gran abundancia de ganado, pan, vino, azúcar y mucha orchilla; ellos se llaman gomeros, como la isla Gomera de un Rey llamado Gomero o Gomauro. Fuerteventura, que es la más larga, y Lanzarote son dos islas poco pobladas, pero tienen mucho ganado cabrío; están muy juntas, como a un cuarto de legua, y se cuenta que una mujer isleña pasó nadando todo este espacio por librar a un hijo suyo de la muerte, a que estaba condenado por justicia, llevando provisión y perdón del gobernador que estaba entonces en Fuerteventura, sin esperar por barco. Los moradores se llaman maforeiros, no sé por qué razón. El Hierro tiene un lugar de pocos vecinos llamados herreños, porque hay en ella piedras que parecen hierro y la costa fragosa del mismo modo que parece escoria de hierro; y los árboles son ásperos y adustos; dicen que en tiempo unos vizcaínos que vinieron a ayudar a su conquista hallaron y fundieron hierro en ella; isla pequeña y toda fragosa, no tienen agua de río, ni fuente ni pozos, pero un gran árbol cerca del poblado en un alto, sobre el cual se forma una niebla por la mañana, a manera de nube blanca muy clara, y de ella destila continuamente agua por las hojas como rocío; la cual cae en un depósito y de ella beben los hombres y animales y es buena; tiene además algunas cisternas en que recogen agua para las bestias y para su servicio; los ganados se mantienen con ramas y yerba verde. Este árbol nunca envejece ni crece, sino está siempre igual con sus hojas verdes. Dicen que se parece al almácigo, pero no lo es; el almácigo (lentisco) que da almáciga, como hay muchos en la isla de Tenerife, es parecido, en la dureza y el cortar, al paloblanco que hay en esta isla de San Miguel y todavía es más fuerte y duro; y dicen que tiene las hojas como a manera de tres hojas de zarza pequeñas, que las tres y a veces cinco juntas parecen una sola hoja rasgada.

[9] Cuando después fueron conquistadas estas Islas Canarias por los españoles en tiempo del Rey Católico D. Fernando de Castilla, año de 1483, Pedro de Vera, caballero natural de Jerez, tuvo guerra dura con estos canarios, que eran muy esforzados, los cuales, aunque no tuviesen armas, usaban varas, que afilaban con piedras, muy agudas (que llaman tubonas<sup>9</sup> y son negras como azabache), con las cuales como dardos traspasaban las adargas y escudos; también arrojaban piedras con gran fuerza, pues eran todos muy valientes y ágiles; mas al fin fueron vencidos y reducidos a la sujeción de España y al culto divino, que era lo que más importaba. Antes de ello no usaban pan ni vestido, se cubrían solamente con pieles de cabras y ovejas, curtidas con cáscara de pino, cosidas con correas del propio cuero y con leznas de hueso que aguzaban con las mismas piedras tubonas; los trajes hechos de estas pieles llaman tamarcos y el cuero curtido de ellas como

<sup>8</sup> Sabemos que nieva también, a veces, en las cumbres de Gran Canaria y de La Palma.

<sup>9</sup> (Sic) por tabonas.

bayo. Comían raíces de yerbas, leche y carne de cabras y frutas de árboles y aun dicen que también comían la carne cruda, por no tener fuego, y ahora asada y cocida, después que lo tuvieron o inventaron encenderlo con dos palitos, uno llamado teimaste, que es duro, y otro tabaiba (del que se hace el visco), que es blando, rozando uno con otro. Comían gofio de cebada tostada; se casaban con muchas mujeres, y antes de conocerlas las daban a sus señores, como gran honra, y por otra razón que da João de Barros.<sup>10</sup> Tenían casas de ramas y cuevas donde moraban. Carecían de fuego,<sup>11</sup> hierro, letras y bestias de carga para su servicio. Sembraban cebada sin más y algún trigo, labrando la tierra con cuernos de bueyes,<sup>12</sup> cabrones y cabras, cogían mucho fruto. En estas islas hay unos pájaros, que llaman canarios, que son en España estimados de muchos. Adoraban a un solo Dios, levantando las manos al cielo, pues no tenían ídolos, y por ello fueron fáciles de convertir a nuestra fe. Tenían sus oratorios, que rociaban cada día con leche de cabras, a las que llamaban animales santos. También tenían su lenguaje bárbaro, cada isla el suyo, con el que se entendían. Y de todos ellos quedaron muy pocos, por lo que todas estas islas están ya pobladas de gente de España y de otras partes. Contaré, Señora, algunas cosas que particularmente pude saber de cada una de ellas, primero de la variedad de sus lenguajes.

<sup>10</sup> No la hemos hallado.

<sup>11</sup> Este error es incompatible con la cebada tostada y todo lo que sabemos de cierto por la arqueología.

<sup>12</sup> Otro pintoresco disparate; si no había bovinos, mal podía haber cuernos de ellos.

## Lo que se dice de los lenguajes de estas Islas Canarias

[10] Ya dije que tenían los moradores de estas Islas Canarias su lenguaje bárbaro, uno cada isla, con el que se entendían. Dicen que haciendo guerra los romanos a los cartagineses,<sup>13</sup> habiéndolos vencido, cortaron la lengua a muchos, los pusieron en naves en el mar, las cuales, saliendo por el estrecho de Gibraltar, fueron a parar a las Canarias, que entonces estaban desiertas; y de estos cartagineses se poblaron. Y como no tenían lenguas enteras para hablar, sus hijos y descendientes inventaron en cada isla que habitaban un nuevo lenguaje. Y por esto cada una de estas islas tenía el suyo propio, y aun en una misma isla se hablaban diferentes lenguajes en partes diversas de ella, según los diversos lugares donde desembarcaron con las lenguas cortadas. También se dice en estas Islas Canarias que algún Rey de aquella parte de Berbería que les está más vecina, a causa de algún enojo que tendría de algunos vasallos suyos, o pueblos sus súbditos, para castigo de alguna rebelión o delito, les mandaría cortar parte de la lengua, con la cual los alborotos y motines se hacen, y los echaría fuera de su tierra en embarcaciones que vinieron a parar a las Canarias a poblar aquellas siete islas desiertas; y en cada una de ellas inventaron los sin lengua o sus descendientes nuevos lenguajes. También puede ser que sin traer estos canarios las lenguas cortadas, el discurso del tiempo que todo lo muda cortó y mudó el primer lenguaje que ellos al principio hablaban en diferentes y diversos que ahora tienen, a causa de separarse unos de otros en distintas islas y en varios lugares de cada una de ellas, y así [11] los lenguajes variaron por el gran número de años que corrompió la primera lengua antigua que todos traían juntamente. Esto parece ser así por la razón que dio un Andrés Martins, hombre noble y honrado, hijo de Antón Martins, de la casta de los Monizes de esta isla de San Miguel, morador que fue del lugar de Rabo de Peixe, término de la Villa de Ribeira Grande de esta misma isla; el cual, pasando a la isla de Tenerife, una de las siete Islas Canarias, y habiendo residido en ella muchos años, tuvo particular amistad con un hombre honrado canario, natural de Gran Canaria, que se llamaba Antón Delgado, y extrañábase de que no tuviesen memoria los naturales de aquellas islas de dónde procedían; y preguntándole si tenía de esto alguna noticia, le respondió Antón

<sup>13</sup> Sería ocioso rectificar estas consejas de deslenguados cartagineses y romanos que llenan este capítulo.

Delgado, sonriéndose, que de dónde podían proceder sino de esta Berbería, que estaba de allí tan cerca. Y le replicó Andrés Martins que no podía así ser, porque si fuesen de allí tendrían la ley y secta de los moros y la misma lengua. A lo que respondió Antón Delgado: — Parece que en el tiempo cuando los habitantes de Canarias de la tierra de África vinieron a parar aquí, todavía no había la secta de Mahoma, que ahora siguen los moros; porque yo entiendo tres lenguas, a saber, la de Canaria, la de Tenerife y la de La Gomera, y todas se parecen mucho a la lengua de los moros. Y aun decía Antón Delgado que bien podía esto ser así, pues los canarios tienen todas las maneras de los moros en sus costumbres, así sus molinillos de mano, y usan gofio como moros y parece que aunque cambiaron el lenguaje que traían, no cambiaron algunas costumbres de su tierra, que habían visto con sus ojos y practicaban entre ellos allá. Y aunque los canarios tengan variedad, sus lenguajes casi todos tiran al de los moros.

Mas con todas las susodichas razones nada de esto afirmo, para que haya de tenerse por cierto, pues otros aseguran que estas islas de Canaria tienen principio muy antiguo y fueron ya descubiertas y halladas en tiempo de Trajano, el insigne emperador de Roma, por su gran saber e industria, y pobladas por su mandato. Dicen que era este Emperador gran filósofo, astrólogo y matemático, y que fue natural de Cádiz en España; el cual, gobernando el Imperio y mandando llevar gente de guerra para juntar un gran ejército contra sus enemigos, supo que había una nación de gentes belicosas y habituadas a las armas cerca de su Imperio o acaso súbditos de él, los cuales, por ser [12] montaraces, luchaban a pie tan esforzadamente, que habidos en su ejército podían ayudar mucho a la victoria, pero que había recelo que usasen de la mala inclinación que tenían de ser muy inconstantes y tornadizos, como se dice que hacen algunos alemanes, que se van a quien les da más sueldo, a veces en el preciso momento de atacar, por lo que se habían producido graves daños en los ejércitos de antecesores suyos. Sabido además por Trajano que siempre habían quedado sin castigo, dispuso para impedirles en lo sucesivo seguir su veleidad o codicia, que sus capitanes los matasen a todos salvo mujeres, viejos y niños, los que no podían tomar armas y, cortadas las lenguas aun a éstos, mandolos llevar en navíos con orden de que en el Océano navegasen cerca de la costa de Africa, rumbo SO, y que, en llegando a las Islas Afortunadas, echasen aquellas gentes sin lengua en ellas, repartidas entre las siete islas, para acabarlos y apartarlos de su mal nacimiento y para que los que les sucediesen no supiesen dar noticia de su procedencia. Lo que bien parece ser así, pues en las siete islas los de una no entendían el lenguaje de las otras, mientras en las costumbres eran y son semejantes: todos son muy valientes y animosos, diestros y ligeros en toda guerra, saltan, luchan y tiran a honda y de lanza más que otras gentes algunas; son afables, alegres y amigos de banquetes, pero no dados al vino. Las mujeres son en general limpias, pulidas, garridas y de rara hermosura, por lo cual muchos de los conquistadores, o casi todos, se casaron en las islas y no regresaron solteros. Ahora ya han perdido estos isleños la inclinación de mudables y son firmes en la amistad y en la religión cristiana y devotos de Nuestra Señora. Son aficionados a la ganadería, y no importándoles comodidades en sus casas, viven en cavernas bajo tierra y cuevas y oquedades de las peñas; aunque en el cuidado y porte del vestido son ya ahora casi todos tan exigentes, ellos y ellas, como los más pulidos castellanos de España.

## De algunas cosas que dicen otros de las dos islas Fuerteventura y Lanzarote

[13] De las siete islas de Canaria que están pobladas dicen algunos que la llamada Fuerteventura fue la primera conquistada. Y tiene ese nombre por haberse hallado en ella una inscripción en piedra que decía ser poblada por Forteventura; y que la conquistó un Saavedra, criado de los Reyes Católicos. Esta isla tenía tres reyes; uno fuera del Corralejo, hacia la parte de Berbería; otro en Oliva, a tres leguas del puerto de Roque, y otro, principal sobre estos dos, tenía su estancia más adentro de la isla. Y por no tener árboles de que pudiesen hacer alguna manera de armas, como los de Gran Canaria y las otras islas, salvo Lanzarote, fueron fáciles de vencer, aunque con sus ganados y con sus hondas se defendieron algunos, mas como la tierra es muy descubierta, aunque es la mayor isla de todas, la dominaron los españoles en poco tiempo y sin mucho daño.

Tiene esta isla 40 leguas de circuito, pero no es fructífera, por ser pedregosa la mayor parte de ella; tiene cuatro pequeñas poblaciones, La Villa, Oliva, El Puerto y Corralejo. Los habitantes son criadores de ganado menor y de camellos y ya están ligados con los españoles, con los que se casan sus hijos e hijas. Los isleños e isleñas son de gran estatura, bastante morenos, bien dispuestos y derechos, y ellas blancas y hermosas, porque guardan bien el rostro del sol y el aire. Son leales a portugueses y castellanos y enemigos de los moros de Berbería, adonde van a hacer muchos asaltos y traen de ellos mucha presa que venden con destino a Madera, con la que tienen gran trato y comercio, a causa del vino y miel que [14] les llevan, por ser cerca. Comen más gofio que otro pan. Son grandes comedores de carne de reses menores; beben la leche de cabras y ovejas por agua, por lo cual son frescos y gordos, ligeros y fuertes, y muy membrudos. Algunos dicen que fue tomada esta isla el día de San Felipe y Santiago, por lo cual su principal iglesia está dedicada a estos apóstoles. Entre los habitantes hay hidalgos de los Perdomos y Saavedras y de otros apellidos.

La isla de Lanzarote dicen tener ese nombre por el rey principal de ella que así se llamaba; es casi tan grande como Fuerteventura, y está muy cerca de ella a ONO, la mayor parte estéril. Dicen que fue conquistada luego después de Fuerteventura, también por otro capitán criado de la casa de los Reyes Católicos llamado Nuno Ferreira, portugués, muy pariente del Conde de la Castanheira. Otros dicen que los Reyes Católicos dieron la conquista de estas islas de Canaria a un hidalgo de su casa llamado Don Alonso de Lugo, o Don Luis de Lugo, y bien



podría ser viniesen dos Saiavedra y Nuno Ferreira por auxiliares suyos,<sup>14</sup> y como eran valientes, se les diese el cargo de la empresa. Tiene esta isla dos poblados mediocres, la Villa y Haría; poco se detuvieron los conquistadores en dominarla, como en Fuerteventura, por ser tierra descubierta. Los isleños de estas dos islas se llaman mahoreros, que en nuestra lengua quiere decir criadores de ganado,<sup>15</sup> porque éste es su oficio. Son tan mezclados con los berberiscos, que muy pocos hay que no tengan algo de moriscos, por causa de darse desde el principio mucho a las entradas y asaltos contra los árabes de Berbería, que está tan vecina, como es Cabo Blanco, Teide,<sup>16</sup> San Bartolomé, el Río del Oro, que llaman Arguim, y otros lugares. Es ahora condado y Conde de esas dos islas D. Agustín de Herrera, yerno de Pero da Ponte, de Tenerife, el cual Conde en su mocedad fue muy dado a esas entradas y asaltos en Berbería, con lo que se enriqueció mucho, pero luego le costó caro a él y a toda su isla, como ahora diré.

Viéndose este Señor D. Agustín de Herrera mancebo bien dispuesto, de grandes fuerzas y ligero, antes de ser casado, y con tal mayorazgo y buenos súbditos y parientes, del mismo esfuerzo y alto espíritu, comenzó a asaltar la Berbería, lo que hacía [15] tan a salvo, que casi no hallaba quién se le opusiese, por no ser hasta entonces sus enemigos molestados y vivir en sus aduares sin sobresalto alguno. De esta repetición de las acciones del Conde se vinieron a llamar y avisar los xilmeiros,<sup>17</sup> árabes y berberiscos por la tierra adentro hasta que llegó la noticia a donde había moros de guarnición y diestros (puesto que estos xilmeiros son pobres criadores y pastores de vacas en aquella tierra llana y arenosa y descampados cubiertos sólo de maleza, poblados de unos aduares o chozas donde tienen su morada con sus mujeres e hijos estos árabes, dedicados a buscar ámbar de ballenas junto a la costa), y como los moros de tierra adentro son buenos jinetes, ricos y habituados a la guerra, corriendo la fama de tantos asaltos que el dicho Agustín con los suyos les hacía, dieron muchas veces su paga a los de Lanzarote y a los de Tenerife, como diré. Y no pudiendo sufrir tantas afrentas, tal vez para tener mejor venganza, acudieron al Turco de Larache y a otros corsarios turcos, como los de Argel o sus samejantes; y estando Don Agustín de Herrera con sus vasallos sin sobresalto ni recelo de galeras ni fustas de moros en su isla, en el año 1568, o al siguiente, dieron sobre la isla siete u ocho fustas bien apercebidas y armadas, que entrando en la tierra prendieron a casi todos los moradores, mataron, cautivaron y robaron, llevándose consigo a las mujeres y niños, que fue grande lástima y mayor pérdida. El Conde y su mujer escaparon como de milagro escondidos en unas cuevas, y fueron tan fieles sus vasallos, que aunque los moros o turcos les decían soltarles si les daban solamente al Conde, jamás pudieron conseguirlo, aunque se cree que muchos sabían el lugar donde estaba. Con lo que se ve ya ha cambiado o se ha extinguido entre ellos la veleidad de sus antepasados. Por el gran deseo

<sup>14</sup> Sospecho una corrupción del texto: si leemos *os* en lugar de *dois*, traduciremos *los* y no *dos*, que carece de sentido.

<sup>15</sup> Antes, pág. 8, lin. 19, ha dicho que no sabía el porqué de *mahoreros*.

<sup>16</sup> Lugar no identificado.

<sup>17</sup> Usó ya este gentilicio (escrito *schirmeiros*) Valentim Fernandes, *Descripcam*, pág. 42-63, *passim*, para designar a los pescadores azanegues de las islas y costa de Arguim, al S de Cabo Blanco.

que estos infieles mostraban de hacer a su mano al Conde y a la Condesa, se sospechó y afirmó que no eran estos turcos venidos de allí por la causa que dije, de la frecuencia de las entradas y del daño que de él habían recibido los árabes, ni por industria de los moros, sino por un hecho que dicen había cometido este señor con una mujer de un vasallo suyo, natural de Tenerife, el cual yendo a negociar algunas cosas a una de las otras islas y dejando su mujer e hijos pequeños en Tenerife (*sic*), siendo ella muy hermosa y recogida, dicen que entró el dicho señor en [16] su casa contra su voluntad haciendo poco caso de esta ofensa. Viniendo el marido de esta mujer y hallándola triste y cubierta de luto, llorosa y tan desemejada que casi no la conocía, y preguntando la causa de tan extraña mudanza, le contó su desventura. Disimulando él esta injuria y consolándola diciendo que los señores de las tierras tenían gran poder sobre sus vasallos, se fue a Tenerife, donde vendió su hacienda, y volviendo a Lanzarote echó fama que se mudaba a Tenerife, y embarcándose él, su mujer e hijos con algunos parientes que en todo eran ocho personas, como era hombre de gran espíritu, apartados del puerto hizo por fuerza navegar al maestre hacia Larache, donde desembarcó con los siete de su casa, de los cuales no se supo más que lo que decía el maestre después: que juraba ese hombre no descansar hasta haber a su mano al dicho D. Agustín de Herrera y que para ello se pasaría a Turquía si en África no pudiese ser socorrido del Turquillo o de otros corsarios que con sus fustas viniesen a Lanzarote y le vengasen; por lo que se cree que trajo éste los turcos a esta isla y en ella hizo el destrozo ya contado en que no dejaron cosa que valiese. Quedó tan destruida, que todavía hoy no está restaurada, por ser tierra pobre, sólo apta para criar ganado menor y camellos, como Fuerteventura, su vecina.

En estas islas se hace sal muy blanca; a las salinas del Conde se va por Haría, que es un pequeño lugar de pastores distante legua y media de la Villa; también hacen buenos quesos. La gente es muy afable, buenos jinetes, como mostraron en el triste caso de los turcos y con los franceses dos o tres veces que quisieron entrar en la tierra; pues como la Villa está casi a legua y media del Puerto de los Arrecifes y tienen en un monte alto cerca de la Villa una torre para vigía, en descubriendo navíos en seguida se preparan y defienden con valiente ánimo, y aunque son pocos, son de gran esfuerzo, y alguna vez hicieron rendir a un número mayor de corsarios franceses: pues se daban tanta prisa en la acción, que los franceses caían vivos en el mar y se ahogaban a montones antes que aguardar su fuerte y rápido ataque. Finalmente es tierra belicosa, y para la salud, de aires buenos; ni se vio ni se supo en tiempo alguno haber habido peste en ella ni en ninguna de las otras.

Del caso contado de la ruina que los moros o turcos hicieron en la tierra, los regentes y oidores de Gran Canaria quisieron [17] tomar conocimiento, mandando llamar ante sí al Conde, el cual partió para la Corte, prefiriendo dar antes cuenta a Su Majestad; pero no fue oído, sino remitido al Regente y oidores; y comparecido ante ellos, porque del caso de la mujer deshonrada no se hallaron pruebas bastantes y él y la Condesa quedaron robados de toda su hacienda y tan descontentos, se le tuvo esto en cuenta; y como además se puso en campaña animosamente para defensa de la isla y su pueblo, que milagrosamente escapó de los enemigos encomendándose a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de la Candelaria, de la que todos los isleños son muy devotos o, en fin, lo que es más de creer, por ser inocente en el caso, fue Dios servido de

librarlo; y fue vuelto a su estado, pero sin hacer más entradas en Berbería. Créese que lo prohibieron.

En 1586 dicen que vinieron siete galeras de moros a esta isla de Lanzarote y cautivaron hasta 300 almas, y estando escondidas en una cueva la mujer y una hija del Conde, las descubrió una mora y fueron cautivas con toda la gente de su casa, que se rescataron por 17.000 cruzados; y otra hija soltera huyendo por la costa se acogió en un barco que fue a Gran Canaria; y después de andar los moros algunos días por la tierra se fueron llevando solamente las 300 almas cautivas y mucho despojo.

En esta isla hay hidalgos Perdomos, Cifontes, Saiavedras, Herreras y Bencencores, gente de mucho lustre, sujetos a la Gran Canaria, como todas las otras islas de estas siete. Tiene una iglesia parroquial bien adornada y dos o tres ermitas más.

## De algunas cosas de la isla llamada Gran Canaria

[18] Dicen algunos que la isla llamada Gran Canaria fue la tercera que se conquistó, después de Fuerteventura y Lanzarote; dista de ellas 20 leguas, quedándose a O SO. Es de 40 leguas en circuito, casi redonda, alta y maciza. Cabeza y metrópoli de todas siete, donde reside el Tribunal y Audiencia Real y magistratura de tres Oidores seculares y Regente, donde van todos los casos y negocios de todas las otras islas, salvo los criminales, pues éstos los juzgan, sentencian y ejecutan los gobernadores de cada una de ellas; ya que en esta Gran Canaria hay por sí gobernador que tiene jurisdicción de horca y cuchillo, y lo mismo tiene cada una de las otras islas. Es diócesis y cabeza de todo el Obispado, cuya ciudad de Las Palmas fue erigida en episcopal de todas siete, al trasladar a ella la silla de la de Lanzarote, donde dicen que estuvo primero; donde tiene asiento la Santa Inquisición, con los correspondientes oficiales del Santo Oficio, que mandó a dicha isla Carlos V, felicísimo Emperador, para destrucción de cualquier herejía o cisma que hubiese, por haber en estas islas un continuo comercio y trato de diversas naciones a causa de los buenos azúcares y vinos, pez, lanas, quesos y otros frutos que hay en la mayor parte de ellas; pues D. Alonso de Lugo, o D. Luis, sólo conquistó tres: La Palma, Tenerife y Gran Canaria, y las otras cupieron a diversos capitanes, como luego se dirá.<sup>18</sup> Fue esta isla la más difícil de conquistar, los isleños se defendieron mucho tiempo; tenía cinco o seis reyes y usaban armas de madera labradas con piedras, quemadas y tostadas a fuego en tanta abundancia y con tal artificio aguzadas, que no sólo valían para defensa sino también podían ofender a los españoles, [19] que finalmente con gran dificultad y trabajo los vencieron, tomaron y desbarataron. La principal y última pelea fue en Güímar,<sup>19</sup> aunque otros dicen en Arucas, y desde entonces fue siempre en crecimiento de todas las cosas y gran comercio; pues como los españoles la hallaron dispuesta y fértil, la cultivaron tanto, sembrando en ella todos los frutos necesarios a la vida humana, que siempre será

<sup>18</sup> Antes mostró algún conocimiento de los conquistadores de Gran Canaria (pág. 5, lins. 19-23).

<sup>19</sup> ¿Precisa advertir que Güímar está en Tenerife? En Arucas se libró más bien el primer combate de Pedro de Vera y los canarios. Acaso Güímar esté por Gáldar.

cabeza, como ahora, de todas las demás. Llámase Gran Canaria, como dije, en razón de los grandes canes que hallaron en ella, y aún hoy hay algunos mayores que lobos; son blancos y moteados y de tal presa, que sujetan a fuertes toros y por habilidad de los dueños se vuelven tan domésticos, que llevan en la boca cestos de carne de los mataderos y otras cosas, sin que nadie ose tomárselos por ser tan bravos contra quien no es su dueño.

Tiene esta isla estas poblaciones: la ciudad de Santa Ana, principal cabeza, que tendrá más de 3.000 vecinos, bien asentada con una iglesia Catedral grande y rica y de obra y traza muy costosa; tiene otras dos o tres parroquias y dos monasterios de Franciscanos y Dominicos; la iglesia Catedral, situada en una gran plaza donde hay una hermosa fuente de caños, está servida de muchas dignidades y canónigos con fuertes prebendas. El Deán Don Juan de Padilla, antecesor del que ahora es, tenía más de 1.500 cruzados de renta; el Obispo tiene siete u ocho millones, con que trae gran casa; el Inquisidor, dos millones. Y ejecútase con tanto rigor la justicia criminal como en la corte de Su Majestad, y así en estas islas cada uno es señor de lo que tiene. Esta ciudad de Santa Ana (que lleva ese nombre por ganarse la isla en ese día) es de todo bien abastecida y hay grandes mercados que giran 40 o 20.000 cruzados. El Puerto de cara al E forma playa casi una legua de N a S desde la ciudad hasta unos islotes donde está una fortaleza bien situada, en cuya largura hay baluartes y fuertes bien artillados; nunca fue entrada de contrarios, aunque muchas veces acometida, por lo bien dispuesto de su defensa y armas, pues tiene muchas banderas y los moradores son de condición belicosa y diestros.

En el extremo del Puerto hay unos albergues que la ciudad dispuso para remedio de los forasteros y mareantes; allí comienza una ladera hacia el N, que tendrá casi media legua y más anchura, al fin de la cual al O hacia [20] Tenerife está otro puerto que llaman El Confital por haber junto a él un casco que sale de la tierra tan blanco y crespo que parecen confites de blanco azúcar. En este puerto se abrigan las naves cuando sopla del E y E-SE y por estar cerca del puerto de los Islotes se encuentran los mares y resacas en aguas vivas y aun continuamente, tanto que a veces tienen que aguardar para pasar los que van de la ciudad a dichos albergues o posadas hasta que se retira la marea, por cuya causa se llama el lugar los Islotes o Isletas. Sírvense en esta ciudad y en los acarreo del puerto de camellos, que muchos hay en la Isla. Es temprana de frutos, pues en mayo se venden uvas en la plaza, higos y brevas y melones en mediados de abril, todo tan bueno y maduro como en España en verano y otoño. Un barranco divide esta ciudad, que en tiempo de lluvias trae gran riada, mas nunca se vio que saliese tanto de madre que hiciese daño.

Al S de esta ciudad, a distancia de dos leguas, está Telde, noble poblado donde hay dos o tres ingenios de azúcar de gentes del país que son grandes labradores de caña y de viñas y algodones, como en torno de la ciudad. Los españoles que allí viven son tan laboriosos que no hay palmo de tierra que no esté plantado y cultivado para todo género de frutos; pero los isleños son más dados a apacentar ganado, con lo cual unos y otros dan mucho provecho a la tierra y enriquecen el pueblo de Telde, villa de cerca de 500 vecinos, gracias a los ingenios. Un tal Pero Seirão tiene un ingenio en que mantiene seis meses del año más de 150 hombres y da provecho a su dueño de más de 15.000 cruzados.

De Telde van a Guía,<sup>20</sup> villa que también tiene ingenios; y a Güímar y Arucas, que tiene otros donde se hace azúcar que quiere competir con el de la isla de Madera, y aun dicen que es mejor. Habrá en toda la isla hasta 24 ingenios, a ninguno de los cuales baja su zafra de 6 a 7.000 arrobas; por ello es tan visitada la isla por diversas naciones y tan rica, fértil, abundante y saludable. Solamente en la parte del SO, donde también hay poblaciones y haciendas de azúcar, se dan fiebres, de las que mueren algunos; pero no hay otras enfermedades si las gentes se saben gobernar, y aun de las fiebres dicen que las causa estar la isla cerca de lo más cálido de Berbería hacia la parte del río de Teide y San Bartolomé, que es muy tostada del sol; por lo cual estas islas no son húmedas y no llueve mucho ni a menudo en ellas.

<sup>20</sup> En vano intentaríamos orientarnos en este itinerario.

## De algunas cosas de la isla llamada Tenerife

[21] La isla de Tenerife dicen que fue la cuarta conquistada<sup>21</sup> y es la segunda después de Gran Canaria como más principal de todas las demás, aunque La Palma lo sea por las escalas de las armadas y navegantes; así como en estas islas Azores la más rica y principal es ésta de S. Miguel, ya que ella sola rinde más que todas las otras juntas, pero la isla Tercera, además de ser más principal por cabeza del Obispado, lo es también por razón de las escalas, armadas y navegaciones que por allí pasan en diversos tiempos. Dicen que cuando la conquistó el primer Adelantado (dicen que fue D. Luis) resultó la más dura, trabajosa y difícil de ganar por ser su gente muy belicosa y ejercitada en guerras que entre sí traían. Llegado el Adelantado a ella asentó su real donde está hoy la ciudad de La Laguna, a una legua del puerto de mar, cuesta arriba, en la parte de Oriente; en cuyo puerto hay una vecindad de Santa Cruz con una fortaleza; y conquistando la tierra el mismo Adelantado quiso dar un asalto a un lugar grande que hoy se llama Orotava (a cuatro leguas del campo de donde salieron, que es donde ahora está la ciudad), que es uno de los siete o nueve reinos que había en la misma isla. Fueron sobre él para tomar sus ganados y cautivar a los habitantes, y aunque los cogieron de sorpresa todavía se escaparon a la sierra, así que con los ganados se volvieron los españoles. Pero los naturales de la isla, hombres ligeros y diestros, yendo por la cima de la sierra que está llena de pinares y otros árboles diversos, los esperaron en un [22] lugar que ahora se llama Montaña Oscura, y cuando llegaron, gritando en su lenguaje al ganado, lo revolvieron sobre los españoles, con lo que les metieron en mucho aprieto y murió mucha gente de ambas partes, pues los de la isla peleaban animosos con piedras y lanzas de tea, que es una madera de pino, del corazón de la cual, quemado, se hace la pez, y estas lanzas con las puntas hechas y tostadas al fuego sin otro hierro usan a manera de azagaya. En este combate dicen que quebraron un ojo al Adelantado y quedó su gente muy desbaratada y por la mucha mortandad que allí hubo se llamó a aquel lugar, y todavía ahora se llama, La Matanza. Viéndose el Adelantado así derrotado, sin gente, dicen que volvió a España y que allí le favoreció el Duque de Medina con 800 hombres, con los cuales

<sup>21</sup> Es sabido que fue la última (1494-1496), por tanto la séptima.

volvió a la isla de Tenerife y de camino llevó consigo mucha gente de los naturales de Gran Canaria, ya convertidos y pacificados, por ser hombres fragueros y valientes, a los que prometió datas y repartos de tierra en la misma isla, acabada que fuese la guerra; y si bien los mismos canarios entonces no hacían gran cabal de las datas ni de las tierras, viniendo después tiempos de más necesidad, se acordaron los hijos, nietos y descendientes de las promesas hechas a sus antepasados y se determinaron a hacer muchas demandas sobre ellas. Yendo el Adelantado con esta gente y atacados de modorra los naturales de Tenerife, la fue venciendo y ganando, y como fueran tan trabajosos de vencer y resistieran más que otros algunos en todas las Canarias, los cautivaron; por esta causa sólo de esta isla traían canarios cautivos y no de las otras que se rindieron más fácilmente;<sup>22</sup> mas luego los mismos naturales de Tenerife, conociendo la verdad, fueron y son muy obedientes y buenos cristianos. Dicen que si estos ganches se hubiesen concertado unos con otros nunca pudieran vencerlos y habrían quedado siempre señores de su tierra, porque es isla muy fragosa; pero fueron vencidos, porque las mujeres trabajaban la tierra y hacían las sembraduras de cebada para su gofio y los hombres andaban siempre en guerra entre sí, unos reinos contra otros, que dicen eran siete, otros nueve, y por ser reinos divididos los pudieron vencer.

Hay en esta isla de Tenerife unos árboles bajos como mirtos que llaman liña-noel, la madera de los cuales es aromática y huele bien y la llevan a España para hacer de ella cofres y cuentas [23] olorosas. Hay también otros árboles bajos y rastreros que llaman leña santa, la cual arde aun verde y tiene el color como de ajenjo; otras dos calidades de árboles llaman tabaiba dulce, de cuya leche, que se lleva a España y a otras partes, se hace visco o liga, el cual es blanco como masa de pan de trigo, y algunas personas se ponen esta masa en la boca, porque dicen que es buena para limpiar los dientes. La otra especie de tabaiba tiene la leche que arroja de sí tan fuerte, que sin remedio, si cae en los ojos, los ciega, por lo que se guardan mucho de ella; y si la echan en agua donde hay peces, luego quedan amortecidos y flotando. Hay también unas plantas a manera de árboles que desde el pie lanzan muchas astas sin hojas; unas que llaman cardones, que son mayores, y otras cardoncillos, más pequeñas; el zumo de ambas es muy venenoso y mucho más puesto al sereno, y el cardoncillo tiene veneno más fuerte que el cardón. Hay muchos cuervos, que hacen mucho daño en las sementeras tanto cuando siembran como cuando comienzan a granar, y también en los animales menudos cuando nacen, porque les sacan los ojos y los matan y comen, aunque las madres se guardan mucho de ellos mientras son pequeños; otras aves hay casi tan grandes como patos, blancas y negras, llamadas guirres, que comen animales muertos; y «bilhafres» y milanos que son como «bilhafres»;<sup>23</sup> gâvilanes, azores y otras aves de rapiña.

En esta isla de Tenerife, que parece que ardió más que ninguna, hay grandes y altas peñas y barrancos por la tierra adentro del mar a la sierra, y más en la banda del S. Quedaron en estas peñas y barrancos grandes cavernas en que los

<sup>22</sup> Cautivos hubo en la conquista de todas, pero acaso los de Tenerife fueron más abundantes en los mercados en algún momento; a ellos se refiere Münzer, *Itinerarium hispanicum*, «Revue Hispanique», t. 48, p. 23.

<sup>23</sup> *bilhafre*, hoy port. *milhafre*, aunque no es fácil señalar la especie, pues se le supone equivalente al gavilán, aquí citado como diferente.



ganches naturales de la tierra habitaban; y las hay tan grandes bajo la piedra, que pueden caber y vivir en ella 200 o 300 hombres juntos; éstas están más bajas, a lo largo de la tierra llana, y en las cimas más altas hay otras cuevas y cavernas en donde sepultaban sus muertos, de esta manera: cuando fallecía algún principal de ellos le sacaban el vientre (como también a los otros) y los embalsamaban con grasa de ganado menor (pues no había entre ellos ganado vacuno) y así los curaban al sol y al aire y los vestían y ataban, con correas de cuero, en pieles curtidas a manera de mortaja, y los metían en aquellas [24] cuevas altas de los barrancos y peñas donde no les llegase cosa alguna. Todavía ahora los que proceden de ellos se ofenden y afrentan mucho si van a tocarlos o si algún travieso va a tirar alguno de los cuerpos muertos y mirados de la peña abajo.

Cuando les faltaba lluvia para sus sementeras y pastos y había gran sequía, para rogar a Dios hacían procesiones, llevando los ganados a lugares espaciosos como plazas que tenían ya señalados para esto y que llamaban, y aún todavía hoy, bailaderos, y azuzando el ganado en torno como si trillasen en la era, le hacían dar tantas vueltas hasta que desvanecido el mismo ganado se echaba por el suelo; y hecho esto se iban con esperanza de la lluvia deseada, la cual Dios mandaba cuando era su voluntad y no la de ellos, que con tal modo y superstición la pedían.

Parece que cuando la gente que pobló estas Canarias se llegó hasta esta de Tenerife, salieron nueve familias y desembarcaron para poblar en diversas partes de la misma isla: y dominando cada una lo que pudo, vinieron a llamarse nueve reyes en ella, y en las otras islas, conforme al número de familias que en cada una desembarcaron, así fue el número de los reyes que tuvieron. En esta isla de Tenerife hubo más reyes que en otra alguna. Lanzarote y Fuerteventura, que están tres leguas una de otra, quedan a treinta leguas de Tenerife; y de ellas dicen que se ve la costa de Berbería, de donde vinieron a ellas moros por dos veces, las robaron y se llevaron alguna gente cautiva; estos y otros semejantes disgustos acostumbra a dar la ruin vecindad.

Dicen que Tenerife dista de Gran Canaria casi 15 leguas; es tierra muy alta y fue conquistada poco después de Gran Canaria. Los isleños se llaman guancher, que en nuestra lengua significa valientes o fragueros (montañeros), y así son los que hay todavía. La isla corre de E a O 15 leguas de largo y de ancho de 8 a 6 y en la parte del Teide casi 10, por Chasna, Icode y Acadeje. Hay 12 o 13 poblaciones: la ciudad y capital principal, llamada La Laguna, bien situada, dista del puerto de Santa Cruz una legua; tiene 2.000 hogares poco más o menos, hay dos iglesias parroquiales, [25] la Concepción y San Cristóbal, por ser ganada el día de este santo; tiene un monasterio de Dominicos, otro de Agustinos y otro de Franciscanos, en los cuales hay siempre buenos predicadores y muchos religiosos; hay también otro convento de monjas de Santa Clara un tanto fuera de la ciudad; desde ésta no se ve el mar por estar situada en un campo llano a mitad de la isla de mar a mar hacia la parte del E, bien abastecida de todas las cosas por ser toda la tierra muy profunda, fértil y abundante, así que casi no tiene necesidad de cosa alguna de fuera, si no es especiería. Paños se pueden excusar, pues hacen en el país de la lana del abundante ganado ovejuno; sedas también se dan, se hilan y tejen en él; lino, sombreros, calzado, trigo, miel, vino, azúcar; y si tuviera aceite sería excelente; así que además de ser fértil y muy sana, tiene frescas aguas con que se puede regar casi todo, como riegan las viñas y las cañas. La ciudad, a la

parte del N cerca del mar, tiene estos lugares: Tegueste, Tejina, Taguavava,<sup>24</sup> Taronte y La Matanza. Yendo de la ciudad a poniente esta la villa llamada Orotava, de unos 300 vecinos, donde, como en otras villas de estas islas, no hay otra justicia que un alcalde con alzada hasta 800 reales, como juez pedáneo con su merino y escribano; para lo demás van a la ciudad o ciudades como en Gran Canaria y La Palma. Esta villa de Orotava tiene ricos labradores de pan, vino y azúcar como la ciudad, donde también hay mercaderes ricos y los mejores jinetes de todas las islas; los caballos son moriscos y habrá 200 nobles de a caballo; hay doce regidores perpetuos, cuya primera voz en Cabildo vale 10.000 cruzados y los otros a 4 o 5.000, cuando se venden con licencia del Rey o se dan en casamiento. De estos 12 salen cada mes dos diputados que ejecutan las ordenanzas del Cabildo y tasan las cosas comunes de pan, vino, frutas y verduras y traen en esta isla y las otras todo tan derecho, que no se pierde punto de justicia. Hay además un fiel ejecutor con jurisdicción sobre pesas y medidas que procede con rigor y a nadie perdona. La ciudad tiene además mucha y buena clerecía y de ricas prebendas y los templos bien servidos.

La villa de La Orotava está situada es un fresco sitio de aguas y verduras; hay más de 40 hombres de a caballo que acuden a los alardes generales de la ciudad, aunque está a 4 leguas de ella. [26] Más adelante, caminando hacia Garachico, hay dos villas que llaman Realejos, una al N de la otra, a una legua de La Orotava. Son pueblos de más de 100 vecinos cada uno, ricos de sembrados y azúcares. En el Realejo de Arriba hay un ingenio del Adelantado, que tiene allí las más de sus tierras plantadas de cañas; tiene buenos templos y también hay en ellas gente lustrosa de a caballo. Del Realejo de Abajo se va a la Rambla, donde hay muchas viñas y malvasías que se riegan por la cepa con buenas aguas, como todas se deben regar. Más adelante está S. Juan, donde todo son viñas; es un pueblo pequeño cerca del mar por el lado del N, y a dos leguas de él está Icode de los Vinos, que es también villa de 200 vecinos, casi todos portugueses ricos de vinos, sembraduras y gañanías; aquí se hace mucho vidrio que se manda a las otras islas y a veces a las Indias de Castilla, para destilar y hacer aguas fuertes para las minas, por ser vidrio muy duro. De este Icode de los Vinos, a diferencia de otro que queda detrás llamado de los Trigos, lugar de buenos labradores, hasta Garachico hay 2 leguas plantadas de viñas y cañas de azúcar; a esta villa de Garachico viene gran escala por tener buen puerto en que se cargan muchos vinos y azúcares que en esta parte del N hacen, para enviar a las Indias, a Flandes y a Inglaterra; de esta villa a la ciudad hay 9 leguas y tendrá 500 vecinos; tiene dos alcaldes ordinarios y dos merinos y guardas del puerto y dos regidores y diputados, nombrados por la ciudad; tiene albergues públicos bien provistos como en la ciudad. De esta isla no se puede llevar dinero a fuera sino es en géneros; el gobernador está por lo común en la ciudad y visita cada villa o lugar cada tres meses, por sí o por su lugarteniente; junto al puerto hay en esta villa una casa de seda en la que se hila y se teje mucha; tiene buena iglesia parroquial y un monasterio de Franciscanos, cuya capilla, con ser grande y artesonada de madera bien labrada, certifican estar

<sup>24</sup> Error de transcripción por Tag(u)anana, tomadas las n por u y éstas transcritas v. Prueba ello que el autor tomaba sus datos de un texto escrito y no de informes de viva voz.

hecha toda de un solo tronco de tea; cosa que parece imposible, pero el que vea los pinos que hay en la isla y su tamaño no lo tendrá en mucho, aunque son mucho mayores los de La Palma. Esta villa de Garachico abunda en mantenimientos; la entrada del puerto tiene por defensa un roque muy alto, desnudo, con una gran cruz en la cima; el cual, aun siendo de altura de una buena torre, una vez vieron los moradores cubierto por el mar, ya que en el año 1559 esta villa estuvo casi anegada [27] por la mar que entró por ella salida de madre, por la banda de Mal País, más de dos tiros de ballesta, y las casas y calles todas anegadas por una gran marejada de leva repentina, que duró cinco horas sin peligro de personas; las pérdidas que causó en las casas se repararon pronto por haber en la villa labradores ricos de 20 a 30.000 cruzados de renta y de sus sembrados e ingenios propios de azúcares.

De aquí hacia el SO está Buenavista, que es lugar pequeño que en un alto tiene la iglesia de S. Pedro, de gran romería.

Corriendo en torno a la isla se va por Chasna a Adeje a la banda del S donde hay calmas en el mar la mayor parte del año; aquí hay dos ingenios de azúcar, de los Pontes, que muelen cada uno en los seis meses de zafra 8 o 9.000 arrobas; los cañaverales ocupan más de 4 leguas de largo. De aquí se va directo al pico del Teide, que casi está en medio de la isla, que por su gran altura se divisa desde el mar a distancia de 50 y 60 millas, y los que lo vieron afirman que es más alto que el de la isla del Pico;<sup>25</sup> viniendo del S algunos lo ven de la banda de Gran Canaria, que queda al SE del pico, que parece se junta con el cielo; nieva muchas veces en el pico, por lo que gran parte del año está blanquísimo con las nieves, aunque por el lado del S, SE, SO tenga un volcán que echa continuamente humo, como el volcán de Guatemala de las Honduras que corrió en tiempo del Capitán Alvarado cuando, muerto por los indios, dijo su mujer Doña Beatriz que no podía Dios hacerle mayor mal, pero dicha esta blasfemia en la tarde del día, al otro por la mañana no quedó ella ni cosa suya ni cuánto alcanzó la tierra que corrió del volcán que no quedase subvertido; como fue en Vila Franca de esta isla de S. Miguel en 1522, a 22 de octubre.

De Adeje se va a Nuestra Señora de Candelaria, que está a menos de 3 leguas por el llano y buen camino por ser por la fáldea de la isla por la parte del S. Es iglesia de grande romería, en que se hacen muchos milagros, como es notorio en toda la isla entre los naturales y los de fuera que vienen a ella en romería.

[28] También la isla de Tenerife enriquece no solamente a sus naturales sino además a extranjeros, portugueses que viven en ella como labradores, mercaderes y artesanos; y a otros de diversas partes y reinos que a ella van; es abundantísima de todos los frutos, de aires sanos y frescos, bien gobernada y regida. Sus habitantes son temerosos de Dios, afables y de buena conversación, muy ejercitados en escaramuzas y armas; y en fin es quieta y dichosa tierra, pues nunca fue entrada de enemigos ni saqueada.

<sup>25</sup> Una de las Azores. Desde luego el Teide, con sus 3.718 m es mucho más alto que el Pico, que sólo alcanza 2.322 m, si bien está todavía mucho más cerca de la costa.

## Algunas cosas de la isla de La Palma, y de su ciudad principal

[29] La Palma, que es una de las mejores islas de las siete de Canaria, está al NO de Tenerife, a unas 18 leguas. Es tierra muy alta y fructífera, que dicen que fue ganada por D. Luis de Lugo, poco después de Tenerife. Toma su nombre de las muchas palmas que hubo y hay en ella, grandes, altas, que dan dátiles; tenía cuatro reyes; fue más fácil de conquistar que Tenerife o Gran Canaria, porque sus habitantes, aunque hombres de gran cuerpo y proporcionados, no eran guerreros; dicen que peleaban las mujeres, y no pudiendo más se rindieron y muchos de sus maridos se metieron en las cuevas de los acantilados y, no osando salir, murieron en ellas miserablemente de hambre, de lo que dan testimonio hoy todavía sus huesos,<sup>26</sup> que están alveando en las mismas cavernas, como se ven en el Barranco Seco, que es un profundo barranco, y en otros sitios. Los que quedaron de ellos y las mujeres cambiaron después su disposición, tanto que los hombres son ahora tan esforzados, valientes y ligeros, que exceden a los de las demás islas; y las mujeres de fieras, bravas y guerreras se tornaron mansas ovejas, afables y conversadoras; son muy hermosas, blancas y discretas, corteses y bien educadas, algunas están casadas con portugueses, otras con castellanos, aunque los mestizos son pocos. Son de cuerpo gentil y en proporción, graciosas en hablar, cantar y danzar según su costumbre. Son gente fidelísima a quien de ellos se fia, tanto que si algún portugués o castellano o de otra nación, de que está poblada hoy la ciudad, se ve precisado a huir, ellos lo [30] esconden en lugares de cuevas secretas y lo mantienen de carne asada, gofio, leche y agua, que es inútil que lo busquen, ni lo descubren los niños por más que los halaguen o amenacen, hasta que hallan manera de embarcarlos. Todos son criadores de cabras y ovejas, comen gofio de trigo y cebada amasado con aceite, miel y leche. En tostadores que hacen de barro, muy lisos y limpios, tuestan sobre brasas el trigo y cebada y tienen también molinos pequeños de mano en que muelen; y esto comen con la carne tan asada que casi la queman; y con la cocida, mal cocida, bebiendo dos partes de leche y una de agua mezcladas que ellos llaman beberaje, dos veces al día, por lo que

<sup>26</sup> Claro que estos huesos eran de cuevas funerarias indígenas y no de muertos de hambre.

andan tan lucidos y gordos. Son tan valientes y ligeros, que admira: luchan, saltan, tiran una piedra a manera de barra, tanto que ninguna otra nación puede ganarles; tiran una lanza y un dardo tan certeros a su blanco, que ponen sobre un palo clavado en tierra de altura de 7 u 8 palmos, como a la barrera, desde 20 o 30 pasos atrás y dan en el palo y muchos en el blanco. Arrójanse con la lanza, llevada a lo largo del cuerpo del hombre, terciada de manera que ponen un tercio primero en la tierra o piedra donde dan con una contera de acero que trae la lanza, de un palmo de larga con su cubo, sin que pueda desviarse de donde da, y aunque sea tres lanzas de alto se tiran abajo y vienen a ponerse en el suelo con tanta facilidad, que parecen aves. No son celosos, no guardan sino mujer, hijas y hermanas. No tienen por amigo a quien no quiere comer y beber con ellos; cuando van a la ciudad van tan bien trajeados y limpios como los más pulidos castellanos. Ellas son tan galantes y visten con tanto costo, que parecen tener grandes rentas, y lo sostienen todo con los quesos que hacen; bordan bien, pero casi no saben hilar ni tejer, cosa que dejan para las portuguesas; sólo en hacer camisas, respuntar jubones, bordar almohadas y hacer obras de red muy costosas ganan para todos sus gastos y así andan tan llenas de oro y sedas, que cuando van por fiestas son causa que los caballeros y señores hagan muchas gentilezas y costosos bailes con libreas de seda que van arrastrando por tierra, montados en los caballos. Estas isleñas son tan hermosas, porque nunca las quema el sol, aunque la tierra es bastante caliente, y porque, aparte unos afeites que usan que llaman mudas, en el campo van embozadas con sus sombreros en la cabeza [31] y guantes en las manos con las puntas de los dedos descubiertas, con lo que guardan mucho su blancura; y así muchos hijos de regidores y de hombres principales de la ciudad y de ricos mercaderes se casan con ellas.

En cuanto a la fundación y origen de la ciudad de La Palma, los conquistadores que la situaron y dieron origen la llamaron mucho tiempo la Villa de Apurón y San Miguel de Santa Cruz de La Palma. Pero luego fue elevada a ciudad por Carlos V, felicísimo Emperador de Alemania, invictísimo Rey de España, padre del Católico Rey Felipe, que vive ahora, y que sea por muchos años, como columna y sustentador de la fe católica y de toda la república cristiana, a la que ha adornado con tan maravillosos triunfos, siempre vencedor de sus contrarios, al cual ha sido dada la mayor monarquía del mundo por Dios Todopoderoso, que se la deje gozar muchos años en paz y sosiego, para extirpación y desarraigo de infieles, herejes, cismáticos e incrédulos, gloria del Señor y memoria de tan insigne príncipe. Hecha ya ciudad, la tituló de San Miguel de Santa Cruz de La Palma. Los isleños dicen que antes y después de ser tomada la isla caía en la cumbre un manjar del cielo, menudo y blanco, como confites, tan suave, que daba sustento y consuelo a quien lo comía; ellos lo llamaban Gracia de Dios y maná oloroso, y lo cocían<sup>27</sup> muy temprano y lo comían el mismo día. Todavía dicen que mientras en la villa o ciudad, que ahora es de más de 2.000 vecinos, no hubo tratos mercantiles, nunca dejó de llover esta Gracia de Dios y maná; pero, en cuanto los hubo, se perdió para no volver más.

<sup>27</sup> *coziam*, seguramente por *cogian*, que estaría, así en castellano, en el texto aprovechado por el autor.

Fue creciendo la tierra y con la noticia de su fertilidad acudieron flamencos y españoles, catalanes, aragoneses, levantinos, portugueses, franceses e ingleses con sus negocios, de lo que vino tanto aumento, que vino a ser la mayor escala de Indias y de todas estas islas; plantaron viñas, y al ver la gran abundancia de vinos que daban, llenaron de cepas toda la tierra hasta meterse en la sierra y en las laderas altas y bajas, barrancos, espesuras y montañas, eriales, pedregales y breñas, tanto que por el S en las 18 leguas de largo que tiene la isla todo son viñas, quitando las tierras de caña [32] dulce de los Sauzales (que aquí llamamos *salgueiros*), que es también una gran producción que se da bien, aunque ahora es más costosa, por las aguas con que se riega; y hay también algunas pocas tierras de pan llevar, como Punta Llana y Barlovento, al principio de la isla. Y como la tierra es muy ancha y larga, hay sitio para todo; tanto para viñas como para trigo y cañas; siempre fue fértil esta isla para las viñas, pues no hay roya (por la parte del N lo es para el pan de trigo y cebada), que da 5 y 6.000 pipas de diezmo y sólo en el sitio de la ciudad da 2.000. De aquí viene tan gran comercio y escala de todas las naciones y tanto crecimiento de bienes, que ella sola rinde de derechos de entradas y salidas de aduana más de 30.000 cruzados a 6<sup>o</sup>/<sub>o</sub>. En cuanto a rendimiento de pan, año hubo en que especialmente en Agatavar y Tijarafe respondió a 115, o 130 fanegas por hanega de tierra y el año 1563 dio a 110 y a 112 por fanega de sembradura; y entonces valió la fanega de trigo 4 reales, pero en los dos años antes fue tan grande la esterilidad y carestía de trigo, que no se comió en muchos días pan en toda la isla; porque durante aquellos dos años arreo no llovió gota que matase el polvo de la tierra; manteníanse solamente con carne, queso, ñames y leche sin que muriese nadie de hambre, sin llover ni cosechar pan ni vino estos dos años. Y a 10 de junio del año 61, estando ya las uvas maduras y al traerlas a vender a la plaza de la ciudad, vino un fuego o calentura del cielo que nadie podía sufrirlo fuera de casa, y en 3 horas que duró, no quedó viña en toda la isla en que no se quemasen todas las uvas sin dejar muestra; viña que daba 400 pipas o botas de vino, no dio 2 barriles; hasta las cepas se quemaron de tal manera que tardaron 4 años a dar vino como antes, y si algún vino escapó fue en el término de San Andrés y en Los Sauces junto al río; lo demás quedó todo asado y destruido. Tampoco se cogió nada de trigo, y muchos hubiesen muerto de hambre, si no [33] fuese un padre franciscano predicador, natural de la isla de Madera, que tanto hizo con los regidores que enviaran a un honrado mercader flamenco llamado Anes Bantrilha, tío del flamenco Luis Dolfos, vecino de la ciudad de Ponta Delgada de esta isla de S. Miguel, a Flandes y a Bretaña, de donde trajo dos naves de trigo, tan presto que, partiendo de la isla el primer domingo de Cuaresma del 63, llegó víspera de Lázaro, cuando ya había llegado un maestre llamado Silvestre Jorge con la carabela de trigo, y tocinos de un Gonzalo Diniz mercader de la villa de Ribeira Grande, que había perdido el rumbo por los temporales, para acudir a tan buen tiempo, con lo cual se abasteció la tierra. Y las demás islas tampoco dieron pan, por la sequía, de modo que si estas naves y carabelas no llegaran, hubiesen muerto de hambre muchos; ya que en este momento no quedaban ni se hallaban hierbas que comer y las gentes andaban como pasmadas, haciendo procesiones: la principal fue a la ermita de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de Tazacorte, a 3 leguas de la ciudad, en la que se juntaron más de 2.000 almas sin llevar nada que comer, pues no lo había en la tierra. Pero a todos mantuvo dos días que allí estuvieron un Luis de

Vendaval, flamenco, honrado y rico, casado con D<sup>a</sup>. María Belhida, natural de la misma isla, de los principales de ella.

Y es de notar que no se apagó la cera en la procesión en todas aquellas tres leguas de camino, aquel día primero de marzo del 62, aunque hizo viento y llovió en la cumbre de la sierra; sobre lo cual se hizo una plática en la iglesia mayor de S. Salvador de dicha ciudad, aquella noche a la vuelta, cuando se mostraban las reliquias de los santos antes de despedirse la gente. Y en una víspera de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de la Asunción, 14 de agosto de dicho año, llovió subitamente, tanto que hartó la tierra de agua, y en el año siguiente de 63, dio Dios tanto trigo, que de una fanega de sembradura se cogian ciento y diez y aún ciento y doce; y también fue fértil la cosecha de vino.

Volviendo al comienzo: la ciudad está bien situada junto al mar casi al medio de la isla, pues de ella a Garafía, que está a la banda del E,<sup>28</sup> hay más de 10 leguas y a Fuencaliente, de la parte de O, [34] 7 u 8 y corre el E-O como la isla. Tiene ricas iglesias y casas de Cabildo y de regidores, que son diez perpetuos y dos jurados que son procuradores de la ciudad, hidalgos que allá llaman caballeros, la primera voz en Cabildo. Vale cada regimiento 2 o 3.000 cruzados; el viernes de cada semana acuden a sesión y su casa es tan rica, que vale 20.000 cruzados. La principal iglesia es de S. Salvador; tiene además dos conventos, de Dominicos y Franciscanos. Muy rica y próspera fue esta ciudad, aunque descuidada y sin sospecha de ser saqueada, por lo cual no tenía fuertes ni artillería, lo que fue causa de que los franceses la entrasen, saqueasen y quemasen para vengarse de la muerte de un capitán que les mataron, o por pecados de sus moradores, como luego diré.

<sup>28</sup> El mapa del autor estaba mal orientado: E es N y O léase S.

## Cómo fue saqueada la ciudad de Santa Cruz de La Palma por corsarios franceses

[35] Estando la ciudad tan rica con sus abundantes frutos, tan soberbia con su gran comercio, sin temer adversidad y desapercibida, como dije, una víspera de Magdalena, 21 de julio de 1553, aparecieron siete velas por la banda del E a la hora tercia, y con buen viento llegaron más pronto de lo que se esperaba al puerto de la ciudad, pensando todos que eran de España, aunque dos naves flamencas que venían huyendo de ellas desde el cabo de Guir, donde se encontraron y batieron y escapando se abrigaron a esta isla para su daño, afirmaron ser corsarios. Mas no bastó lo que dijeron para ser creídos de la gente de tierra, de la que casi por escarnio salieron algunas compañías mal ordenadas a la huerta del Cabo, que es principio de la ciudad; los franceses (que traían buenos capitanes, Jaques Soria y otros seis, y Pie de Palo, su general) eran diestros y soldados viejos y traían ya las lanchas llenas de tropa armada de armas blancas muy lucidas por el lado de las naves no visible de tierra; y en llegando al puerto comenzaron a disparar sus tiros con tanta furia sobre las compañías y la ciudad, que nadie osó aguardarlos; y mientras la artillería jugaba, encubiertos con la humareda y otros artificios que de industria hacían, saltaron en tierra sin que nadie se les opusiese pues todos huían sin aguardar marido por mujer ni padre por hijo y así toda la ciudad, diciendo los franceses a los hombres y mujeres que veían cruzar huyendo: «¡Vete a la sierra!, ¡vete a la sierra!» Solamente a un clérigo y sacristán llamado Juan de [36] Manzano lo mataron de un arcabuzazo y a un lego, que se les pusieron delante.

Tomada la ciudad en menos de una hora, ocurrió que un Diego de Estupiñán, regidor, salió huyendo de su casa, diciendo a su mujer e hija que viniesen tras él, pues no era tiempo de aguardar; lo que su mujer, Belchiora de Socarrá, no quiso hacer, lo que había de ser causa de la destrucción de La Palma, y se quedó en casa con su hija y criadas, sin querer salir, por más que otras vecinas honradas se lo decían y requerían, que como vivían muy lejos del puerto tenían tiempo para escapar si quisieran; a las cuales ella respondía que con una garrafa que tenía llena de vino en la mano pelearía con ellos. No tardó mucho que aparecieran los franceses por la calle, atronando con sus arcabuces por todas las ventanas y puertas, por lo que se escondió la dicha Belchiora con su hija y criadas en un lugar muy secreto de su casa, donde estuvieron dos días sin ser sentidas de los franceses



aunque tenían la casa tomada, de la cual sacaron gran tesoro de oro, plata y ropa, así dinero, vajillas y joyas como de vestidos, tapicerías y atavíos, puesto que nada habían sacado. Las descubrió un niño de una ama y luego fueron llevadas cautivas a las naves, de lo que resultó mucho daño, pues es seguro que Pie de Palo con todos los suyos que saltaron a tierra hubiesen allí muerto, a no ser por esta mujer. Porque volviendo la gente del país sobre sí, especialmente los isleños que traían por capitán un hombre valeroso llamado Pero Fernández de Justa, de gran cuerpo y animoso como un Alejandro, y venía con ellos un valentísimo flamenco, dueño de las dos naves que habían llegado antes, que no pudiendo escapar de los franceses, cargadas de azúcares que traían de Trudante,<sup>29</sup> picoles las amarras y vinieron a dar en la costa, donde se hicieron pedazos, el cual, así por esta pérdida como porque allá en el cabo de Guir, peleando con ellos, le habían muerto un hermano suyo, hombre de gran esfuerzo y rico, tomó tanta ira contra ellos que, junto a Pero Fernández de Justa iba también por capitán ayudando a los de la tierra, y sólo con espada y rodela cada uno, ayudados de otros isleños, tanto hicieron contra los franceses, que, mal de su grado, los acorralaron en una sola calle y plaza de la Alhóndiga,<sup>30</sup> donde estuvieron sin osar salir ni desbandarse por la ciudad, y si alguno salía pronto era muerto por los isleños. El [37] flamenco les acometía con gran esfuerzo al verlos cesar en sus correrías, y metido una vez entre ellos mató a nueve a espada, cubierto con su rodela, en lo que era muy diestro: puesta la rodilla en tierra, por bajo de las lorigas los estoqueaba y mataba, ayudado de Pero Fernández de Justa. De tal manera los tenían encerrados en aquella plaza, que no había más que ponerle fuego con tea, pez y alquitrán, que se estaba buscando, para así quemarlos a todos; y ningún remedio quedaba a los franceses, sino morir, puesto que se levantó entonces el mar súbitamente tan bravo y furioso en aquel día de Santiago, que no parecía sino pelear el Señor por los isleños por intercesión de su glorioso Apóstol, patrón general de España.

Mas como los pecados de los hombres son causa de privación de bienes y gloria, no se pudo haber victoria de estos enemigos por un estorbo que surgió: como los franceses tuviesen cautivas en las naves a las dichas Belchiora de Socarrá o Socarrate, a su hija y a una o dos criadas, hijas de hombres conocidos, Juan de Estupiñán, su marido y regidor de la ciudad, que andaba en tierra con el Teniente [de gobernador] Pero de Arguijo, y viese que era determinación de los isleños y sus capitanes matar a los franceses en aquel santo día, pensó que ello sería causa de deshonor a su mujer y las demás; y procurando remedio que sólo redundaba en su provecho particular, olvidado del bien común, de la honra de la patria y del servicio de Dios y de su Rey, se fue al Teniente Arguijo, que estaba en Buenavista, refugiado con otros fuera del peligro, y a grandes voces comenzole a hacer requerimiento diciendo el estado de las cosas en la ciudad y que dando los isleños ¡Santiago! sobre los franceses aquel día como estaba pensado y matándolos, se le

<sup>29</sup> Es Tarudant, capital del Sus, no lejos de Agadir, de donde, en efecto, en el siglo XVI, se exportaron azúcares, cultivo e industria introducidos por los mismos canarios en el siglo XV, cuando frecuentaban el mercado de Tagaos.

<sup>30</sup> *Alfândega* es hoy 'aduana', pero creo preferible traducir *alhóndiga*, de la misma raíz árabe que *alfândega* y que entonces era seguramente equivalente: 'almacén y mercado público de granos'.

seguía a él gran daño y pérdida de su honra, por tener su mujer, hija y criadas cautivas; y le requería de parte de Dios y del Rey mandase luego a la ciudad merinos, escribanos y porteros a echar pregón real que bajo pena de muerte ningún hombre del país matase ni intentase matar a ningún francés, ni diese ayuda para ello a los capitanes isleños que se habían levantado sin autoridad de la Justicia, y que cumplía al servicio de Dios y del Rey dejar embarcar pacíficamente a los dichos franceses sin hacerles mal ni daño, a lo que accedió el dicho Teniente con tanta facilidad como si fuese la más justa y santa cosa del mundo y como si no fuera de más provecho [38] y honra de todos y gran servicio de Dios y del Rey alcanzar victoria de enemigos luteranos que sin temor de Dios y contra su santa ley salen de sus nidos a infestar y robar las pacíficas tierras de los cristianos, haciendo de los sagrados templos sucios corrales, profanando las cosas sagradas, destruyendo honras, haciendas y vidas, quemando las iglesias, ciudades, villas y lugares, asaltando los puertos, rutas y caminos y haciendo tantos insultos, que da miedo decirlos, cuanto más cometerlos. Y acabando Estupiñán su requerimiento, sin más consideración y dilación mandó Arguijo que se hiciese como pedía. Y hecho y oído el pregón y mandato, los isleños, como son obedientes a la Justicia, cesaron de seguir adelante su propósito, del que ningún peligro se les seguía, pues no había entre los 600 que podían alcanzar los enemigos en tierra un frasco lleno de pólvora, y estaban todos rendidos, procurando hacer una almadía en que pudiesen atar algún cabo que les echasen desde las naves y con el cual poco a poco pudiesen embarcarse y librarse de los de tierra, los cuales este día y precisamente en este momento habían procurado tres indios, ágiles nadadores y buzos, que se atrevían, a pesar de lo bravo que estaba el mar por el recio viento, a ir hasta las naves y picarles las amarras y sus cabos y así estrellarlas todas siete en la costa. Pero como se les prohibió a los isleños y flamencos y a otros animosos muchachos de la tierra, ya no quisieron ocuparse en otra cosa que en comer y beber, de que había abundancia en las ventas y bodegas, y aun tal vez en robar.

Y así no lo estorbaban ni impedían a los enemigos, que pronto cobraron alientos, y unos y otros se encontraban en los robos. De ahí vino que los franceses se alargaron tanto, que un capitán, pariente del propio Pie de Palo, salió con algunos soldados, hasta fuera de la ciudad por la parte del N, todavía entre las casas y arrabales de ella; pero, vistos por los isleños, los mataron y prendieron al capitán, el cual pidió que no lo matasen, puesto que todo lo que en las naves había del saco y cautivos, todo se lo haría dar por su rescate. Habiéndolo aceptado los isleños, llegó nuevamente allí un valentón llamado Juan Ángel, y viendo que el capitán francés era enemigo, no pudo aguantar de verlo vivo y arremetió para matarlo; los que estaban viendo su propósito, se lo estorbaban, diciéndole que cuánto había en las naves cogido en tierra lo darían sólo por él, que era capitán y pariente de Pie de Palo, que así todo lo cumpliría. Pero Juan Ángel dijo: «No volverá éste más a Francia», y atravesándolo con un [39] dardo que traía con un hierro largo, lo tendió muerto en el suelo; y esto fue otro impedimento de alcanzar la victoria y también gran daño para al país. De donde se deduce que estos y otros semejantes sucesos son castigo general o particular de pecados, pues, con la buena ocasión que tenían entre las manos, no supieron o no pudieron aprovecharse de ella estos isleños.

La muerte de este capitán fue suceso todavía mucho peor para el país, por

ser sobrino de Pie de Palo, general de toda esta armada; porque, disimulando los franceses, por industria y encargo del mismo Pie de Palo, que, merced a la mejoría del tiempo y bonanza del mar, pudo ser avisado de todo por los suyos, les mandó pólvora y munición con mucho alquitrán e instrumentos de fuego y la orden del fingimiento que habían de llevar con los de la tierra y el precio o rescate que se había de exigir por la dicha Belchiora de Socarrate, hija y criadas, que tenía él en la nao capitana, muy respetadas y miradas, entregadas a un Anes Bantrilha, flamenco, mercader muy rico, vecino de la ciudad, y otro mercader de la isla llamado Beltrán de Curoagua,<sup>31</sup> vizcaino, que después dijeron el buen trato y respeto que tuvo Pie de Palo para estas mujeres. Traída a tierra la nueva del rescate y cuánto se pedía por ellas, que eran 8.000 cruzados,<sup>32</sup> se vino a concordar en 5.000, que en seguida mandó el regidor Juan de Estupiñán por los dichos Bantrilha y Curoagua, de quienes fio Pie de Palo. El cual, recibido este dinero, envió luego las mujeres y los demás cautivos, que fueron rescatados por otros precios. Esto hecho, y queriendo ya los franceses levantar las áncoras, mandó Pie de Palo poner fuego en la ciudad, por medio de muchos barriles de pólvora y alquitrán, en represalia de haberle matado a su sobrino, y tuvo para ello el francés su propósito tan disimulado, que no pudieron sospechar ningunos de la tierra, pues los franceses, viendo que tenían a su lado la Justicia del mismo país, que había prohibido que les molestasen, por causa de los cautivos, pidieron y se les concedió que no se les estorbase al embarear, ni hacer aguada y bizcocho aquellos dos días, durante los cuales tuvieron espacio de poner pólvora y alquitrán por las puertas y casas desde la plaza de Vorciro<sup>33</sup> hacia abajo, que es la mayor parte de la ciudad; el resto, que es hacia la Asomada y San Francisco, la huerta de Santa Catalina y la huerta del Cabo, estaba ocupado por los de la tierra, de donde no salían hacia abajo para [40] facilitar a los franceses que se fuesen más pronto, sin recelo del daño que querían hacer. Embarcados la aguada, bizcocho, vino, azúcar y todo su robo y saqueo a su voluntad, cuando hacía trece días que poseían la ciudad, comenzaron las naves desde el mar a disparar su artillería por alto y los soldados su arcabucería en tierra por las bocacalles, a fin de que no apareciese nadie de los de la tierra, y pusieron fuego en la pólvora, alquitrán y madera tea, tan dispuesta para arder, que prendiendo al mismo tiempo, ardió toda la ciudad, con lo que los luteranos franceses tuvieron bien libre su embarque. Que Dios calla y disimula con semejantes verdugos, con los que, como benigno padre, castiga piadosamente a los hijos, quitándonos lo superfluo y dañoso y ofreciéndonos lo necesario y provechoso; nos pone amargo acibar en las tetas como madre que nos quiere destetar y quitar de mimos y regalos de la tierra y levantar nuestros espíritus hacia otra riqueza y manjar más alto, el de la vida eterna, que es Él mismo.

Esta ciudad era tan vana y soberbia, tan lozana y pomposa, tan rica y bien provista, tan suelta en la injusticia y los vicios y tan dada a deleites con su ferti-

<sup>31</sup> ¿Acaso por Curogna, Coruña?

<sup>32</sup> Esta moneda, que usó de común el autor para valorar las cosas, se acuñó en Portugal desde Alfonso V y en tiempos de los reyes españoles; era de oro y valdría una dobla de Castilla, unos 4'50 gramos.

<sup>33</sup> Vorciro es inverosímil. No adivino a que palabra puede corresponder. ¿Acaso Moreiro?

lidad, y tan libre y señora, que no temía la adversidad ni recelaba castigo, por lo cual bien mereció ser cauterizada en su vana presunción y descuido. Súpose, bien calculado, que lo que de ella se llevaron estos franceses bien podía montar a un millón de oro; y el daño que hicieron, quemándola y destruyéndola, otro o mucho más; verla arder era gran dolor, que causaba tristeza perpetua. El fuego e incendio de esta desdichada ciudad no perdonó al templo y casa de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de los Dolores, que era hermoso, fresco y bien situado, con su claustro, ricas dependencias y enfermerías, donde se curaban diversas enfermedades, hospital bien asistido. Ni perdonó al templo de S. Domingo, convento muy apreciable, ni las casas tan ilustres de regidores, hidalgos y ricos mercaderes, que eran muchas de gran valor, cada una de 15 y 16.000 cruzados, con sus ricos patios y fuentes de agua, y bodegas llenas de pipas y botas de vinos y todo el ajuar de tan ricas casas; en fin, lo que estos corsarios no pudieron llevarse, todo lo quemaron y destruyeron. Había mucho que admirar, antes, en las casas llenas de cajas y cofres guarnecidos de cuero, ricos escritorios y todo lleno de vestidos de seda y brocado, oro y plata, dinero y joyas, vajillas, tapicerías adornadas con historias y alacenas llenas de lanzas y [41] alabardas, adargas y rodelas, armas y jaeces riquísimos de silla con arzones y cubiertas de brocado con mucha pedrería, sillas de brazos de mucho precio, arneses, cotas de malla con otras ricas armaduras, pues no hay en aquella isla hombre distinguido que no tenga dos o tres caballos moriscos, y muchos artesanos los tienen y sustentan y en las fiestas de cañas y escaramuzas todos salen a la plaza y son de los más nobles estimados y buscados, lejos de envidiados ni murmurados, como en otras partes hacen muchos envanecidos, que se creen ser sagrados y no toleran que les hable todo el mundo; al contrario se usa en esta isla de La Palma y demás islas Canarias, en donde visten calzón y cabalgan tan lucidamente los oficiales de oficios mecánicos como los hidalgos y regidores, conversando todos juntos y yendo a saraos disfrazados con libreas muy costosas, que sólo se usan para un día. Tan rica era entonces aquella isla y tales cosas sufrió, toda su gloria ardió y pasó con tan infeliz suceso, todo consumido por las llamas; hombres, mujeres, niños y viejos lloraban a gritos y, doloridos al verla quemar, maldecían sus pecados. Pie de Palo y sus compañeros la veían arder desde las naves tan contentos, mostrándose otro Nerón que con igual crueldad mandó quemar a Roma y lo miraba desde Tarpeya.

Con este éxito se marcharon del puerto y fueron sobre La Gomera, de lo que hablaré en su lugar; los de Tenerife, viendo el gran fuego en La Palma, pronto sospecharon lo que era y se apercibieron lo mejor que pudieron, lo mismo que en Gran Canaria y las otras islas en cuanto tuvieron sospecha, recelando no fuesen estos piratas a sus puertos; y todos lloraban y participaban en el dolor y pérdida de sus vecinos. En esta ciudad había hombres tan ricos, que tenían algunos más de 200.000 cruzados, y los franceses la llamaban el Peruche, queriendo decir Perú, que así era tan soberbia y vana; pero Dios sabe curar tales presunciones, abatiendo a los altos, humillando a los soberbios y con saludable medicina permitió que padeciese tan gran calamidad, destrozo y miseria; y lo ha remediado en doble, y más sacó de ello grandes bienes: se puso la tierra en cobro y se ha hecho ahora tan fuerte, que es inexpugnable; pidió la ciudad al católico rey Felipe que le diese medio de fortificarse, y Su Majestad le concedió [42] para las fortificaciones, artillería y municiones todo lo que rindiesen sus aduanas, que es mucho, y por el

tiempo necesario, y los impuestos y otros propios del Concejo, acrecentándolos, y les mandó armas y mucha artillería gruesa. Por esto y porque la tierra acudió con prósperas novedades, se restauró tanto en diez años, que ya aventaja a lo que solía; reedificaron templos más ricos y suntuosos, casas más altas, hermosas y valiosas, el convento de Santo Domingo mucho mejor que estaba antes; la capilla mayor la ha mandado hacer de sus bienes, muy alta y costosa, el licenciado de Santa Cruz, dándole también rico retablo y ornamentos. Luis de Vendaval, que en el tiempo del hambre mantuvo a la gente, como dije, hizo una capilla junto a la mayor de este convento, al lado S, muy hermosa con su retablo de la historia del Santísimo Sacramento y del maná, su alegoría, grande y de hábil pincel, con todos los ornamentos necesarios de brocado, oro y plata, al cual ha dotado con gran patrimonio, además de un riquísimo pontifical de brocado que dio para la iglesia mayor de la ciudad, la de S. Salvador, que tiene 5.000 cruzados de fábrica.

Esto quise decir, Señora, para que se animen los ricos del mundo a ser amigos de los necesitados y del culto divino, pues no los hizo Dios tan dueños que los excusase de administradores de los bienes que Él les dio, que los recibieron para repartirlos en semejantes obras y con los pobres y no para guardarlos o malgastarlos en vanidades.

## De Tazacorte hasta Miraflores

[43] Tazacorte, que en esta isla de La Palma dicen ser el primer lugar que fue conquistado, tuvo nombre de dos motivos, que pude saber por información de algunos nobles y antiguos isleños. Uno, por la disposición del sitio, que parece una taza, y otro porque el rey más principal tenía allí su corte, y dicen que era tan pulido y entendido, que cuando fue conquistada la isla tenía palacios y edificios muy semejantes a los de España, hechos y trazados solamente con su saber y buen ingenio, el cual se llamaba Tazo y tenía madre, mujer e hijas de gran estatura. En la conquista de la isla poco hubo que hacer, porque dicen que los hombres fueron muy pusilánimes y viendo armas huían todos a lo más áspero de las sierras, barrancos y peñas que hay en la isla y dejaban el asunto a las mujeres, de las cuales se sabe de cierto que eran belicosas, osadas y animosas, y en ellas estuvo principalmente la defensa de su isla; pero como eran mujeres y los españoles peleaban con armas, no les costó mucho alcanzar la victoria. El rey Tazo, que tenía aquí su corte, defendió mucho la entrada, hasta que cayó muerto con su madre, con lo cual los suyos se rindieron y huyendo de miedo de los españoles se acogieron a ásperos lugares y no quisieron jamás salir de ellos, y así morían y murieron miserablemente, como se ve hoy en las cuevas que se hallan en lo áspero de la tierra, llenas de sus huesos; algunas se ven en el barranco que llaman Seco y en el de Nogales y el de Santa Lucía. Ganado este lugar de Tazacorte, llamado antes Corte del rey Tazo, ya sea por el nombre del rey, ya por hechura del [44] lugar, o ambas cosas, los españoles le dieron el nombre que hoy tiene. Es ahora de los mejores sitios de las Islas, y aún la Tierra Firme, por su gran fertilidad, y de provecho para los hombres pobres y aumento de los ricos, con dos ingenios de azúcar que hay, de gran rendimiento y provecho. Este lugar fue tomado por los españoles, día de S. Miguel de mayo, y por ello en seguida hicieron una iglesia dedicada a este Arcángel; el puerto está al NO, y a la parte del E está, encima, La Caldera, así llamada porque es una hoya de esta forma, de gran profundidad, de ancho de 9 leguas, que es en este lugar la de la isla, de donde salen tres arroyos de mucha agua, más dulce, clara y sana de cuantas se puedan hallar, pues a cualquier hora que se beba, de noche o de día, no daña. Tampoco se ha visto parálisis, ni enfermedades contagiosas, si no es en seis personas tocadas del mal de S. Lázaro por tomar leche y pescado en exceso; y por ser tan pocos no hay casa diputada

para ellos. Por la frescura de estas aguas que de La Caldera salen, o por el clima sano o constelación, es tan saludable la isla, que ni se ve morir en ella de tisis ni de hidropesía, ni peste ni las aguas hacen algún daño. Los tres arroyos dichos salen tan alejados unos de otros, que los dos de la parte del S distan uno de otro cuatro leguas; uno va directo a la ciudad y el otro a Los Sauces; el de la ciudad es tan copioso, que mueve seis o siete molinos, aparte del agua que toman y llevan por caños a dicha ciudad, de la que, aparte las muchas particulares en monasterios, casas nobles y huertas, se hacen cinco fuentes del Concejo repartidas en barrios y plazas: una junto a la iglesia mayor de S. Salvador, en la plaza principal, otra en el puerto, otra arriba de S. Sebastián, otra en la Calle Real, que llaman Chorrillo, y otra junto a Santa Catalina, cerca del Tejar. Nace este arroyo de la sierra como a un tercio de altura subiendo derechamente; de aquí se va a Tzacorte, que dista de ella casi tres leguas, y parece claramente que los tres arroyos tienen su origen en La Caldera. Al nacer están divididos como en triángulo y son todos iguales, de donde se colige la grandeza de dicha Caldera, que coge lo más grueso de la Isla, que con la vertiente hace por esta parte la dicha anchura de nueve leguas; dentro tiene grandes pastos para ovejas, cabras y carneros, que todos los criadores usan de ello para [45] sus ganados como de cosa común, metiéndolos allí al comienzo del invierno por una entrada tan estrecha en su cumbre, a la banda de Tzacorte, que no pasa más de un hombre por ella; y habiendo bajado el ganado por sus veredas, cuando está abajo, en lugar muy espacioso y hondo, no atina a salir de él, y así todos se crían sin pastor ni guarda, mientras se multiplican y engordan copiosamente. Y es de notar que en la multiplicación paren las ovejas y cabras mestizas, que así se llaman, y parecen cabrones y carneros, cuyas pieles son más apreciadas para botas y calzado que las de los puros, y la carne muy gustosa y tan sana que se da a enfermos; los matan por Pascua de Resurrección y entonces los comienzan a sacar y llevar a los mataderos; y tan provechoso es este sitio para criar y engordar ganados, que en toda la ribera del Guadiana en España no hay otro mejor. Por la parte del NNO sale un arroyo de mucha agua por un estrecho y profundo lugar y va corriendo por un barranco tan hondo, hasta entrar en el mar, que no se aprovecha nadie de él, aunque pasa junto a los lugares de Tzacorte y Argual, donde hay otro ingenio de azúcar que fué de Juan de Monteverde, que sacó agua del arroyo con gran coste para dicho ingenio y sus cañaverales, por lugares tan peligrosos y rompiendo grandes peñas, que al principio parecía imposible sacarla de la madre y traerla al dicho lugar de Argal; pero, con gran industria de un Lesmes de Miranda y a costa de Juan de Monteverde, se sacó, bajando desde el año 1555 al 57, en que se acabó la obra; y costó más de 12.000 cruzados, pero fue de gran provecho de estos dos ingenios y haciendas, que están valorados en más de 200.000 cruzados, pues no se hacen en ellos menos de 7 u 8.000 arrobas de azúcar cada año, moliendo de enero a julio sin cesar, con grandes provechos de las mieles y remieles que envían a Flandes; los dueños de ellos cubren muchos gastos de muchos esclavos y camellos que tienen para cortar y acarrear las cañas y leña.

Tiene este lugar, que allí llaman Los Llanos, y el de Tzacorte a la banda de la sierra que queda al SE, el ingenio de Argal, que se llamó así por un «algar» u hondonada grande que hace todo aquel sitio a manera de hondo valle, por encima del cual comienza la sierra muy agria y fragosa hasta los pinares, que se

muestran gordos y altos entre las peñas y que suben [46] hasta la cumbre de la sierra, dejando La Caldera al NE, y todo lo que queda de este sitio hacia NO y O es muy llano y tierras de pan llevar y pastos, por lo cual lo llamaban Llanos, que aquí decimos «chãos», que será espacio de legua y media de largo y casi una de ancho; por el poniente lindan con el mar y van haciendo una vuelta y punta para el SO y se acaban con unas tierras, también llanas, pero muy requemadas, que corrieron de la cumbre de la sierra por donde van de la Breña a la parte del N por los Palos Hincados hasta el mar, que es espanto imaginar cuán grande incendio debía ser aquel depósito de escoria que se muestra, pues no se ha intentado descubrir parte alguna de él, ni aunque vengan inundaciones le hacen ninguna mella, sino que está extendido casi hasta el mar, que es más de legua y cuarto, como una cosa estañada que con el sol claro da reflejos que parecen de estaño, y junto al camino por donde se pasa aquel escorial ha producido un cascajo menudo de escoria pura que dicen ser calidad de minerales que entre sí pelearon, moviendo contienda natural, y se inflamaron y ardiendo brotaron fuera por aquel lugar, que es calvo y estéril sin producir fruto ni hierba. Desde este lugar casi al ponerse el sol aparece la isla de El Hierro, y también otra por descubrir que llaman de San Brandán, al parecer no muy lejos de La Palma; se muestra como una tierra negra no muy alta, redonda como la isla de La Gomera, y a ella nunca se pudieron acercar, aunque muchas veces es vista y buscada.

Pasado este escorial comienza el sitio de Fuencaliente, que así lo llaman, y el lugar de Tehiaja, donde viven isleños criadores de ganados; más allá está la Fuente Caliente, que aunque se halla a cinco leguas de la ciudad, no le faltan finezas de las cosas que la tierra da, pues tiene muchas frutas y lugares deleitosos de mucha recreación; tomó nombre de una fuente que allí había de agua muy caliente, la cual se secó y tornó a correr, y se curan en ella sarnosos, gotosos y otros enfermos; de estos dos lugares van a oír misa a Los Llanos; ahora dicen que ya tienen iglesia; y ambos quedan sin habitantes cuando mudan sus ganados a otras partes, según los tiempos de hacer quesos y esquilas. Más allá está el lugar de Tigualate, donde hay otras casas y corrales de ganado y residen los isleños más ricos de ganado, como son el capitán Pero Fernández [47] de Justa y sus hermanos. Luego está Tigorte, donde hay lo mismo que en Tigualate, y son llamadas así con nombres isleños, que quieren decir corralitos o cortijos o cuevas de ganados; no hay iglesia y van a oír misa a Mazo, lugar de muchos vecinos, donde está la parroquia de S. Blas, a dos leguas. Estos sitios se limitan al SO por el mar y por NO con los lugares ya dichos; por el N con la montaña donde dicen los Palos Hincados, que se llamó así porque, por ser áspera y quebrada, para atinar el camino, hincaban palos, y todavía los hay, y seguían de uno a otro sin errar, como por balizas. Por no haber fuentes en estos lugares tienen tanques de agua tan grandes, hechos de madera de tea, que es una madera de pino con que se hace la pez, que algunos llevan 1.000 botas de agua, que conservan tan fresca y gustosa, que los médicos dicen que es gracias a esta agua que beben los isleños el ser tan sanos. Más allá está El Mocanal, que es lo que se llama en Castilla una dehesa, muy espesa de esos árboles que llaman mocanes, que tienen hoja muy verde y denegrada de la forma de la de olivo, pero más corta y ancha; da fruta que se come, casi como cerezas negras, dulce y con hueso, llamada mocanes; la cual dehesa o floresta cierra el sitio de Mazo, que así se llama por una punta que avanza en el mar, la



punta de Mazo, por ser de gruesas rocas, bastante ancha y larga, en su extremo redonda y en la parte de tierra delgada, de manera que tiene la forma de una maza de machacar lino; y echa tres puntas hacia el mar que hacen unas caletas que llaman Charcos de las Lisas, que son peces que en ellas se cogen. Oyen misa en S. Blas, a un cuarto de legua. Cogen mucho trigo, vino y miel de abejas, crían cabras y ovejas que dan mucho queso y manteca; en esta montaña hay árboles silvestres como son fayas, viñáticos, loros, barbuzanos, tilos, adernos, aceviños, mocanes y sabinas olorosas como cedros. Dicen los isleños que en este lugar habitaba antes de la conquista un rey de los mayores de la isla, que se llamaba Maxerco o Maxorco, que tenía hijos e hijas que murieron todos en la defensa, que sólo escapó una hija de la que proceden los de Justa, que era el nombre de esta infanta. Es el mocán árbol como el olivo en la madera para bien arder y edificar, pero difiere en la hoja y fruto, y cuanto más lo cortan, [48] tanto más nace. Más allá del Mocanal están dos Breñas de piedra como bizcocho, la de Arriba y la de Abajo, donde hay tantas viñas, que dan de diezmo cada año más de 1.500 botas de buen vino, el mejor de toda la isla; también da trigo, granados, cardos y otras frutas. En la Breña de Abajo está la parroquia de S. José y en la de Arriba la de S. Pedro. Luego está otro sitio que llaman Las Mecheiras, donde hay mucha fruta de espino, conejos y perdices y muchos pavos domésticos que crían en aquellas haciendas, donde no tienen agua y beben de la fuente de Agacencio, que son dos haciendas grandes también de viñas, vergeles y jardines. Lo mismo tiene Buenavista, que es otra parroquia. Llámase Agacencio por tener antes muchos ajenjos (agacencios, que llamamos losna). Este sitio tiene un cuarto de legua de largo y vase ensanchando hasta la cumbre de la sierra, allá donde dicen los isleños antiguos que llovió mucho tiempo una cosa como maná blanco y suave que ellos recogían antes del mediodía, de gran sustento y gusto, que caía sobre los árboles bajos y espesos como son tagetes, retamas y ajenjos. Buenavista tiene una iglesia de Nuestra Señora de la Concepción a la vista de la ciudad, por lo que la llamaron Buenavista. Confina con La Caldereta, que es una subida muy agria del mar hasta dicha iglesia, que por no poder subir por ella los caminantes pasaban con la marea baja a lo largo de la costa; y el Penteado, capitán portugués, habiendo llegado allí, mandó disparar dos tiros desde el mar a esta roca y la quebró en parte, con lo que hizo mejor el camino. Adelante está El Verodal y El Higueral, de higueras de infierno, que llaman tabaibas; y las Cuevas Fragosas, que llaman Viejas, donde se recogían los isleños en la roca, y luego está la Viña de la Fraga; y luego el barranco de Juan Mayor y después el valle de Miraflores.

## De Miraflores hasta el barranco del Agua de la Villa de S. Andrés

[49] El barrio de Miraflores se llama así, porque desde él se ven todos los vergeles, jardines y haciendas que hay en Buenavista y en Valoco, así llamado por ser hondo o hueco, que le cae por el lado del E, ENE, y en ambos valles hay grandes haciendas y riquísimas viñas hasta llegar a Aroyos y al barranco de N<sup>o</sup>. S<sup>o</sup>. de los Dolores, cerca de la ciudad, y confinan con el lomo de Mata Viejas y el barranco de los Molinos, que se llama también del Agua, por tomarse en él la que va a la ciudad, y pasa por una ermita de N<sup>o</sup>. S<sup>o</sup>. de las Nieves, media legua de la ciudad. Entre el barranco de Mirca y el de El Río, hay una ermita de N<sup>o</sup>. S<sup>o</sup>. de la Encarnación, de gran romería. Todos estos valles y barrancos están poblados no sólo de viñas tempranas, sino de diversos frutales, de agrios, granados, peras pardas y otras muchas, hasta la huerta del Cabo; y en este espacio bajan muchos barrancos derechos de la sierra al mar que, con las crecidas, ponen muchas veces en peligro la ciudad y hacen grandes daños. En el campo de Mirca no hay más árboles que una palma, de la que creo tomó el nombre la isla;<sup>34</sup> hay también otro barranco llamado Seco, por no llevar agua, y de él a la sierra hay campos llanos cubiertos de arrayán, brezos y poleos, en los que andan muchos conejos, y se extienden media legua al N hasta los pinares de Tenagua, y se coge mucho pan. Del Barranco Seco suben a Punta Llana por Mirca, bajamar, que es camino recto para Los Sauces, San Andrés, La Galga y Galguitos y Lombandas; [50] y acabando de subir vuelven a bajar para Tenagua, donde hay una fuente de buena agua, que nace en tierra llana, entre unas lajas movedizas; un poco encima de esta fuente comienzan las tierras labrantías de Tenagua, en las cuales se da mucho pan; y hasta Los Almacigos no hay por ahí otra planta, sino cardones y cardos en torno a las rocas que caen sobre el mar, que por esta parte son muy altas, yendo todo este camino hasta la parte del N desde las rocas, haciendo como ladera, en lo alto muy escarpada. Los almacigos son tres o cuatro árboles como olivos, pero más bajos, pues crecen no por lo alto, sino en torno, tienen la hoja muy gruesa y luciente, la cual cocida

<sup>34</sup> Se llamó así desde el siglo XV, pero en los primeros mapas, desde el XIV, suele llevar en italiano *Isola delli palme*, plural que fue malentendido como singular por los cartógrafos españoles; así el nombre no aludía a una palma particular.

en agua y en vino blanco, con unos hierros viejos dentro, hace tinta muy fina para escribir, sin añadirle agalla ni caparrosa; no producen estos árboles otro fruto que aquella goma que llaman almáciga, que es medicinal y sirve para hacer barniz fino; no pierde jamás la hoja ni la verdura y su sombra es muy fresca, por lo que parece que los puso Dios en este lugar junto al camino para alivio de los que por él van, y como árboles reales nadie corta de ellos sino algún ramo pequeño para medicinas, lavatorios y tinta. La tierra es tan profunda y arcillosa, que por mucha agua que llueva, toda la embebe, y por eso se llama (según creo) Tenagua, o porque hay en torno cuatro o cinco fuentes hasta llegar al barranco de Santa Lucía. Comienza Tenagua desde la salida del Barranco Seco, donde toma su nombre, yendo hacia Punta Llana hasta la entrada del barranco de Santa Lucía, de más de media legua de ancho de E a O, y del S a la banda del N casi otra media legua, pues acaba su límite en el tanque de Luis Álvarez, junto a los arrayanes; debajo del camino está una fuente bien labrada, hecha en cuadrado en piedra viva, que a picareta y escoda se hizo en la misma roca donde nace, y luego abajo un tanque donde beben los ganados y lavan la ropa de todo aquel vecindario, la cual dicen que mandaron hacer Luis Álvarez y Rodrigo Anes de Tenagua, con una visera como bóveda en la misma roca, que cubre toda la fuente. La bajamar o costa debajo de esta fuente es muy llana y da mucho trigo, cercada en [51] torno a modo de muro, de grandes cardones, espacio de dos modios de tierra, y otro modio donde se llama el Puerto de la Nave, distante de Punta Llana más de media legua; estos dos modios de tierra de bajamar se llaman Punta Llana, que es de gruesa arcilla, y un lugar apartado media legua, toma el nombre de Punta Llana. Volviendo al barranco de Santa Lucía, así llamado por una ermita de esta santa, está cerrado de rocas por ambas partes y a la entrada tiene una fuente con la que podían regar las viñas y arbolado si quisiesen, pero ni es costumbre ni necesario regarlas en esta isla, por lo que se ve cuánto más fértil es que Tenerife, donde se acostumbra regar. Más allá de las tierras de Santa Lucía y después de Punta Llana está la iglesia parroquial de S. Juan, con cien vecinos, todos labradores; hay buenos vinos donde llaman El Granel y El Sabinal, tiene legua y media de término, que llega del fin de Tenagua hasta La Galga, que es más de legua y media de largo, y de ancho de mar a sierra, toca en bajamar, donde hay una bahía honda y espaciosa, que tiene por el S una entrada tan ancha, que cabe una gran nave y puede servir para galeras; este lugar se llama Llancón, muy abundante en clacas<sup>35</sup> y mariscos. Más allá hay viñas en otros barrancos, y pinos y teas más gordos que en el resto de la sierra, pues pasan de diez palmos de cuadra los que se pueden aserrar, y de altura, toza de 30 a 40 palmos. Hay aquí una gran fuente y muchos árboles frutales, peras pardas, limones de tajada, que llaman franceses, y todos los agrios. Viven otros vecinos nobles y ricos donde llaman El Granel y El Sabinal, tierra de pan y viñas y pastos, abundante de carnes y frutas. Pasado El Sabinal, yendo a Los Sauces, está el barranco de Nogales, que le llaman así porque comienza abajo del lugar de La Galga, donde hay muchos nogales y castaños; como El Granel por un granel

<sup>35</sup> La *claca* es un crustáceo que, aunque no figura en los diccionarios castellanos, fue registrado ya por Viera y Clavijo, *Diccionario de Historia Natural de las Islas Canarias*, s. v. El nombre científico que le da es *Balanus maritimus*, que habrá sido cambiado varias veces y corresponde a varias especies.

grande muy antiguo que está sobre esteos, en que los moradores guardaban su trigo;<sup>36</sup> y El Sabinal, porque por el lado del barranco de Nogales hace una ladera que tiene muchas sabinas, que es una madera a manera de cedro y de mejor olor, pero más clara en el color. Y toda esta parte del [52] poniente está muy cultivada, al contrario de la parte de oriente de la isla, por ser de rocas cortadas y muy pendientes; sólo con un gran trabajo y dando vueltas van subiendo los de a pie y de a caballo que van a S. Andrés y a Los Sauces, siguiendo el camino real que pasa por este lugar. Además de El Granel hay en esta parte las tierras del Pino, que las llaman así por un pino manso, que no hay otro en toda la isla, pues los demás son teas, con que los ricos hacen sus casas olorosas y perpetuas, pero peligrosas al fuego, que se prende y arde con gran furia en la tea, como alquitrán, y nada sirve el agua para apagarlo y sólo lo atajan con mantas mojadas; los pobres hacen las casas de otra madera. Por eso en lo más alto del barranco cortan los ricos la suya en verano, cuando suben las nubes hasta la cumbre de la sierra, de donde viene frescura que alivia la tierra baja; y en esta isla no hay otras tormentas, invierno o verano, sino estas nieblas.

Dicen algunos que como Berbería está tan cerca de estas islas y es tierra tan caliente y baja, sin nubes, ni otra defensa que alivie el gran calor que cae en ella, por eso las Canarias no tienen virazones frescas del mar como la isla de Madera, tan cerca de estas de Canarias, y como Tenerife y La Palma son tan altas, que nieva en lo alto y cuaja en el Pico del Teide, aunque tiene el volcán en medio del Pico, que arde siempre y arroja humo, sin embargo este calor no impide el frío natural que condensa las lluvias sobre estas dos islas altas, ni deja de nevar. En dicho Pico de Teide persiste la nieve todo el año, y así se ve muchos años estar cuajada hasta el estío, y de la frescura de estas dos islas colijo yo que vienen las virazones a la Madera, pues distan 60 leguas solamente. Las nieblas de la sierra producen en la isla de La Palma, en primavera y verano, suave ambiente, y son medicinales al amanecer y dañosas por la tarde; por ello los hombres cultos y médicos de esta isla aconsejan a las gentes que madruguen para gozar de aquella frescura.

Pasado que se ha el Barranco Hondo, se comienza a entrar en las tierras labrantías de La Galga, así dicha por ser un sitio redondo como una galga que echan a rodar por una ladera; hay muchos árboles y frutas, trigo, viñas, huertas y legumbres, fuentes y aguas; es lugar de labradores y aserradores, tiene su iglesia del Nacimiento de N<sup>a</sup>. Señora y hasta [53] unos 50 vecinos. Sigue el barranco del Vizcaíno, que va del mar a la sierra, plantado de viñas en ambas laderas. Saliendo de este barranco hacia el N está el lugar de Los Galguitos, todo de viñas que dan buenos vinos para enviar a las Indias, porque les da el sol desde que nace hasta que se pone, ya que la isla es algo nordesteada y aquí es casi el medio de ella. Tiene hasta 20 vecinos que oyen misa en S. Juan, ermita de la villa de S. Andrés, o van a La Galga, por orden del obispo. Desde este lugar luego se entra en otro barranco pequeño llamado de S. Juan, todo plantado de viñas, en donde, así como en La Galga y Punta Llana, hubo mucho pastel que dejaron de sembrar por tener

<sup>36</sup> Este granel o granero sería un hórreo; siendo de grandes dimensiones se parecería más a los asturianos que a los gallegos actuales.

más provecho con viñas y trigo y porque los de la escala de las Indias que frecuentan la isla no piden sino vinos. Concluido este barranco de S. Juan por la parte del camino real que va de la ciudad y el que viene de Las Lomadas y Los Galguitos, se juntan en uno a la entrada de la villa de S. Andrés, 4 leguas de la ciudad; es villa de labradores ricos de viñas y trigo. Son 200 vecinos, tiene dos caletas por la parte del S, en las que cargan sus vinos y azúcares, pero no temen ser atacados por ellas de enemigos, porque son bajos de costa brava, la mayor parte rocas acantiladas en las que diez hombres pueden defenderse contra mil. No hay molinos y van a moler a Los Sauces, que tiene buenas moliendas. A dos tiros de arcabuz, al E, está una ermita de N.ª S.ª de la Piedad, y adelante, a un tiro de arcabuz, está El Guindaste, puerto donde cargan los azúcares para Flandes o España, donde va a parar como en un receptáculo toda el agua que sobra del regadío de las cañas y molinos, que hace una estrecha y larga laguna, en cuyas orillas se da mucho ñame blanco, que en años escasos sule al pan, una vez cocido.

Adelante de este puerto, por la orilla del mar, todo son rocas y peñas en que escasamente se puede pescar con caña, y con trabajo coger cangrejos por la noche con hachones de tea. El barranco de la villa de S. Andrés, que se llama del Agua porque corre por él continuamente en media legua de largo, a la parte del N está todo cultivado de viñas y vergeles, y junto a él hay dragos como en el barranco de Nogales y en la mayoría de los barrancos de la isla, que son árboles que nacen en lugares ásperos y tan abruptos, que parece imposible llegar donde están, pero también van y cogen de ellos una goma tan roja como sangre, que llaman sangre de drago, [54] hiriéndole con una hoz o espada y poniéndole debajo un vaso en que caiga; por las heridas desprende esta sangre, que luego cuaja y queda una goma provechosa para muchas medicinas y para conservar limpias las armas, que no toman herrumbre, untándolas con ella derretida suavemente con poco calor. De esta goma una sale por sí por entre las grietas de la corteza del árbol y otra cae a gotas, que es la más fina y apreciada. Estos árboles son como palmas, rectos hacia arriba y pocos tienen brazos, si no es ya al fin, donde hacen encima una copa redonda, como palma sin palmones; la hoja es como la de la espadaña o lirio espadaña, tan tiesa, que hacen de ella cordel para ataduras y cuerdas. En este barranco son más gruesos y altos estos árboles que en toda la isla y hacen grandes y pequeñas gamellas de la toza, y del costado rodelas, pero nadie tiene licencia para cortar ninguno, por ser árbol real, aunque esté en sus propiedades; y las rodelas y vasijas que hacen son de los que el vendaval arranca. En estas Islas Canarias no se crían ranas ni sapos ni culebras, salvo en una laguna de La Gomera, y por esto las aguas de los barrancos son limpias y frescas, y con ellas muelen los ingenios de azúcar que hay.

### Del Barranco del Agua de la Villa de S. Andrés hasta Fuencaliente, fin de la isla por la parte de poniente.<sup>37</sup>

[55] Volviendo al camino derecho que de la villa de S. Andrés va a Los Sauces, que caen al NE, todo es ladera arriba hasta entrar en la plaza o campo que hay en dicho lugar de Los Sauces. De abajo a arriba en media legua y otro tanto de anchura todo son cañaverales hasta el barranco de la Herradura, que todo es término de Los Sauces, así dicho por la abundancia de este árbol, a lo largo de los arroyos donde hay dos ricos ingenios de azúcar. La iglesia parroquial es de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Monserrate. En este lugar hay muchos vergeles, jardines y frutas. Los sauces son casi como «salgueiros», pero de otra corteza y madera, aunque la hoja es la misma; no es tan hueco como el salgueiro ni quiebra tanto; es muy blanco; de él se hacen unos palillos cocidos en vino blanco con sangre de drago, que mandan a España para blanquear los dientes. En uno de estos ingenios estuvo un factor llamado Plasencia, que curaba la jaqueca enseñando a beber el vino puro teniendo el jarro del agua en la otra mano para, apenas apartada la copa de la boca, beber los enfermos el agua tras el vino, remedio con el que sanaban. Hay mucha leña, barbuzanos, mocán, til, viñátigos y adernos; la hoja de los viñátigos hace daño a los animales, pues cualquier buey, cerdo u otra res que la come se emborracha de manera que se pone en trance de muerte, sobre todo las bestias mulares, que mueren sin remedio alguno. Apenas cortada la leña vuelve en seguida a brotar, y así jamás faltará en esta parte, hasta llegar a los pinares y cumbre de la sierra, que es [56] lo más alto de la isla. Y por allí va el camino de Los Sauces a Garafía, que cruza la isla en 9 leguas, y es tan fría la mayor parte del año esta cumbre, que muchos hombres se han helado y otros se perdieron con la niebla y aun murieron por ser una cima calva y sin abrigo, desde donde se ve toda La Caldera, que tiene 9 leguas de circuito. Dicen algunos que así se formó en principio, pues no hay señal de piedra alguna que corriese, sino las rocas agrias, por lo que no puede entrar ahí ganado vacuno. Más adelante en el mismo camino que va a Garafía hay una Cruz que llaman de los Frailes, porque pasando dos franciscanos para pedir limosna, hallaron un hombre muerto de frío y otro poco menos, al cual

<sup>37</sup> Recuérdese que el autor está desorientado: su poniente es en realidad el S.

remediaron con recursos de su alforja, y para no olvidar el caso hicieron poner allí aquella cruz.

Mirando desde esta Cruz al NE se ve a veces una isla grande, más alta por la banda del E, tan cercana como Tenerife, que queda al SE de esta Cruz de los Frailes; parece tener 18 leguas de largo, y aunque esta isla y la de S. Brandán se ven desde la de La Palma bien claras, nunca fueron a buscarlas estos habitantes, ocupados en sus tratos y labores. Dicen algunos que es la isla de Madera, que cae al mismo rumbo, pero no parece ser así, pues no se parecen. Y a los que dicen que por aquella parte el mar es muy frecuentado por ser el rumbo de España y de la isla de Madera, digo que no parece que tengan razón, ya que los que vienen de España ponen proa al O viniendo a La Palma y los que van de La Palma la ponen al E; los que van a la Madera llevan proa un poco al E casi hasta descubrir Lanzarote para cobrar mejor y tomar la misma isla de Madera; y así todos se apartan del rumbo de esas islas.

Pasando la Cruz de los Frailes se entra en un espeso pinar, cuya anchura es de dos leguas hasta Garafía y de largo 5 hasta Agua Tavar<sup>38</sup> y Candelaria, que está al O y discurre hasta Juan Adalid y adelante de S. Antonio, donde anda gran copia de ganado de toda clase de los pobladores de aquellos lugares. Pero volviendo a Los Sauces de la costa S, está después el barranco de la Herradura, así dicho porque por donde va el camino a Barlovento y se baja por él es a manera de una herradura; el término de Los Sauces está entre los barrancos del Río y este de la Herradura, que es muy fresco con árboles silvestres y domésticos, frutas, [57] viñas, fuentes y moradas de isleños hidalgos, por ser lugar ameno y a propósito para apacentar ganados en los llanos de sus salidas, pues en el pastar las tierras son comunes y no hay más lugar prohibido que los frutales, y por esto los isleños se mudan con sus ganados a menudo de unas a otras partes. Si no hubiese en este barranco lagartijas que destruyen mucha uva, cogerían mucho más vino, pues aunque con remiel del azúcar matan muchas en los ingenios, todavía hay tantas y más que en parte alguna de la isla, y hacen gran daño, por lo que estas gentes toman por valedora a Santa Marta, día en que hacen gran fiesta en la iglesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Monserrate, parroquia de Los Sauces. Entre este lugar y el de Barlovento, hacia el mar, hay un alto monte de peñas y roquedos que abriga este barranco por el E y SE, con lo que es calidísimo y cría tantas lagartijas, pero los vinos con el calor son buenos y las frutas excelentes, también por ser la tierra arenosa, aunque de arcilla, diferente de toda la isla, que es de arcilla pura. Y si lloviese como en otras partes daría tanto, que no tendría igual.

Pasado este término de Los Sauces está un campo llano que se forma al pie de la sierra donde están las casas de los nobles y ricos Aparicios; y comienza el término de Barlovento, extendido hacia el mar, todo de tierras de pan con algunas buenas viñas, y en esta parte está poblada la costa baja de hombres honrados, parroquianos de la iglesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> del Rosario del lugar de Barlovento, de 80 vecinos, situado en un campo llano rodeado de arboleda como en la cima de la

<sup>38</sup> Agua Tavar en el original; ya vimos tubonas por tabonas. En nombres propios o desconocidos, el autor a menudo pone *u* en lugar de *a*, seguramente por mala lectura de una *a* más o menos abierta.

sierra, y allí va a acabar y bajar la dicha sierra hacia el E, que es el comienzo de la isla. En esta costa hay una peña o roque junto a ella, desde el cual hasta Fuencaiente corre la isla EO 18 leguas.<sup>39</sup>

Desde este punto y peña de la costa de Barlovento comienza a girar la isla de oriente a occidente con costa muy brava, en la cual apenas hay algunas fajas de viña al pie del acantilado junto al mar, espeso arbolado por la tierra, rebaños de ganados y algunas casas de labradores todavía en la parroquia de Barlovento, aunque distan 3 leguas hasta la granja y fuente nueva, que es de un regidor de la isla llamado Simón García, cerca del lugar de S. Antonio, antes de Garafía. Al NE está el puerto de esta granja, como una pequeña caleta, donde cargan sus vinos y los llevan [58] en cueros improvisados embarcados a la ciudad, que dista de aquí 15 leguas, y no hay otro puerto en toda la parte N, salvo éste y el de Tazacorte.

Desde esta granja al lugar de S. Antonio, adonde pueden ir a oír misa, pues sólo es a media legua por entre alto bosque, queda el extremo de la tierra a la parte del S. En este lugar de S. Antonio, iglesia parroquial, habrá 40 vecinos, que benefician viñas y ganados en un monte que llaman Gordo entre el lugar y el mar, donde no se puede sembrar ni coger trigo, que en esta parte hay mucho y bueno los más de los años. Tiene una fuente junto a la iglesia y muchas frutas, yendo a Garafía y Juan Dalid y S. Domingo, que así se llama todo el término de Garafía, que está debajo de S. Antonio más de media legua, poblado de habitantes ricos portugueses, donde hay también una fuente del Pinar, que se llama Juan Dalid, por un hombre de este nombre, quien pasando a principio por allí con sus compañeros les dijo: «No pasará hoy, Juan de allí, de aquí».<sup>40</sup> Y yendo más abajo, donde está N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de la Luz, llamó aquel sitio Garafía, que en lengua isleña quiere decir «aifaraga»,<sup>41</sup> en español rancho o morada. La fiesta de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de la Luz cae el día de su natividad. Habrá 200 vecinos incluidos sus términos, Juan Dalid, Garafía, Santo Domingo, la Cueva del Agua y La Luz. Tiene un barranco llamado Grande, por serlo de un cuarto de legua de largo y otro tanto de ancho, plantado de viñas con cuevas y furnias profundas, donde viven algunos feligreses, y una fuente al O. Saliendo de este barranco, de los pinares hasta el mar todo son tierras de pan llevar y algunas viñas, y luego comienzan los cultivos de Santo Domingo en la falda llana de la sierra, cuarto de legua de ancho y de largo, hasta la Cueva del Agua. El término de Santo Domingo, así llamado porque el convento de esta orden en la ciudad tiene ahí una heredad, de 20 vecinos, que tiene tanques de agua de lluvia sin haber fuente, hasta la Cueva del Agua, que toma nombre de una gran cueva que hay allí, toda de piedra en torno y suelo como un pozo, lleno al fondo de mucha agua, que cae en gotas de la bóveda y de los lados, de la cual se proveen los vecinos del término, que nunca les falta, y algunos de ellos viven en otras cuevas o furnias o [59] cavernas de tierra o piedra como la que llaman en esta isla de S. Miguel «biscoutal» o bizcocho; y ocurre a veces caerse alguna de estas casas,

<sup>39</sup> En cualquier mapa actual se ve que esta costa desde Barlovento corre E a O unos 20 a 25 km., pero luego, tras una amplia curva, se dirige hacia el S hasta Fuencaiente.

<sup>40</sup> Este juego de palabras se pierde en la traducción.

<sup>41</sup> No identificamos esta palabra.



deshecha la tierra y piedra y matar a sus habitantes, como en el año 1555 cayó una laja que estaba sobre el río de Sacavém, junto a Lisboa, Domingo de Ramos, y mató más de 40 personas e hirió otras tantas de los que iban a coger camarones que traía el mar, y otras que estaban aguardando la barca que debía venir de otros pueblos; y sobreviniendo lluvia se acogieron allí donde les alcanzó el desastre.

Este sitio de Cueva de Agua se extiende por las faldas de los pinares y límite de Punta Gorda, que está a más de media legua de la costa, y del barranco de Fernán Gil, donde este hombre rico tenía sus casas y heredades. Y todo el espacio que hay entre Cueva de Agua y Punta Gorda, donde está la iglesia de San Amaro, parroquia de aquel término, está lleno de gruesos y altos pinos. Allí están los hornos de pez y alquitrán, que sólo se hace en esta parte de la isla. Los pinares se extienden hacia la cumbre de la sierra y La Caldera, que cae 3 leguas al S, y a la Cruz de los Frailes 3 o 4. La pez se hace de pinos tan gordos como un tonel, que algunos años caen con el huracán, de esta manera: cortan esos troncos, que son buenos de partir, y en la tierra hay unos hornos o cuevas hondas, como tres hornos de cal, de los cuales, cuando los hacen, sacan los terrones con que luego allí en tierra llana hacen unos compartimientos, que llaman tendales, unos juntos a otros en orden así como un tablero de ajedrez, que tienen sus aberturas por donde corre la pez que viene hirviendo derretida de los hornos en que se queman los troncos de tea, primero en un horno donde solamente se derrite y se llama alquitrán; y debajo está otra cueva en cuadro tan grande, que puede caber en ella todo lo que en la primera se derrite, después de bien quemada la tea, sin dejar tizón, sino una terrible llama que se levanta por encima de la pez que llaman alquitrán antes de ser por segunda vez cocida; la cual llama es como cuando se prende aceite o cera que ponen a derretir en sartén, que no se puede apagar sino apartando del fuego. Estando pues el alquitrán inflamado en el primer horno, le destapan la tobera por debajo con un instrumento de madera, y corre a la segunda cueva u horno con tal furia y tan inflamado, que ni el metal cuando hacen alguna [60] gran campana lleva tal inflamación; y en ese segundo horno cuadrado le hacen el segundo cocimiento, en que están todo el día y una noche, hasta que ven que está ya gastada la furia y crueldad de aquella materia, que es tal antes, que si soltasen este alquitrán por un río de agua fría iría ardiendo sin apagarse hasta consumirse del todo. Después de cocerse aquel día y noche, lo sacan por sus caños hechos en la tierra para ir a los tendales a modo de ajedrez, de una casilla a otra, con tal calor y fuerza, que nadie puede acercarse, y en breve tiempo llena todo un campo tan grande como un juego de pelota, que está cavado todo en tendales como dije, y no se saca de allí hasta el día siguiente, cuando está dispuesto para sacar los tendales. De un horno pueden salir 100 quintales de pez, según sean las cuevas y su tamaño, y a veces arden cinco o seis a las que llaman hornos. Los habitantes de Cueva de Agua llevan la pez al puerto de Fernán Gil y de allí a la ciudad.

Este término de Punta Gorda se llama así por una punta en el mar un cuarto de legua de largo y media de ancho que es alta y redonda; dista de la ciudad 7 leguas yendo por Tinizara. De Punta Gorda por el N hay 5 leguas a Tijarafe, todo laderas, aguas vertientes de la cumbre de La Caldera; primero está Tinizara, un valle de media legua, poblado de 7 u 8 isleños ganaderos, en el cual dicen que un rey llamado Altini tenía su morada; quiere decir buen rey o rey grande, por no haber

otro hasta Tazacorte. Luego se entra en Agua Tubar, que debiera llamarse tierra de pan, pues da ciento por uno en años de lluvia; aquí está la iglesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Candelaria, parroquia de tres términos: Agua Tubar, Tinizara y Tijarafe, que cojen dos leguas de tierra y serán entre todos 80 vecinos. Está también el barranco del Buen Jesús con su ermita; no hay viñas ni frutas ni fuentes, y así Agua Tubar mejor se llamaría Agua Tomar, pues la toman de la lluvia que se recoge en aljibes de lajas de que beben y hacen tanques para el ganado. Yendo de Tijarafe hacia Los Llanos hay un barranco muy profundo que salvan con grandes y empinadas vueltas, que llaman las vueltas de Magar, por su agria [ 61 ], áspera y amarga subida.

Y así esta isla de La Palma acaba no con la dulzura de los ingenios de azúcar con que comenzó sino con la amargura de estas vueltas, que serán más de 20. De este barranco a Los Llanos hay menos de media legua y 3 a la ciudad, yendo por el camino derecho al pino de Vaza Borrachas,<sup>42</sup> bajo cuya sombra los sedientos caminantes hacen el oficio que le dio tal nombre; y de este pino a la ciudad, 2 leguas pequeñas y buenas de pasar por la cumbre, que por esta parte no es más ancha, pues en acabando de subir comienza el descenso por camino apacible; también lo es el que sigue por el filo de esta cumbre hacia Fuencaliente, yendo por el escorial, que es camino de cumbre para gentes y ganados hasta dicha Fuencaliente, donde se acaba la isla a poniente y tendrá 6 buenas leguas. Y de este lugar hacia la parte de oriente, hasta el peñón en que comienza la isla en Barlovento, 12 leguas, y unas y otras hacen las 18 que tiene la isla de largura; y quitando media legua de escorial y algunos picos rasos de la parte del medio de La Caldera, todas las cumbres son de pinares y otros árboles tan verdes, que nunca les falta la hoja, por lo que vista esta isla de Tenerife o de la parte del S, siempre parece verde y ven el arbolado de lejos cuando las nieblas y nieves lo dejan, que son continuas, pero los isleños no dejan por eso de correr esas cumbres con sus ganados todos los días, pasando de una a otra parte con su lanza al hombro y su alforja con sus vituallas, su calzón atado a la cintura y en faldas de camisa, bromeando y diciendo uno a otro compadre: «Ataja la bruma», que así llaman a la niebla. De esta cumbre van a la ciudad que ahora ha aumentado y se va acrecentando con grandes fuertes y baluartes y en todo lo demás, por estar muy celosa del servicio de Su Majestad; reformada en sus costumbres por el gran cuidado y vigilancia que en ello tiene el Reverendísimo Obispo D. Bartolomé, excelente prelado, con lo que concluyo lo que de esta isla de La Palma pude saber de testimonios de vista y de oída.

<sup>42</sup> Port. *borracha* 'bota de cuero para vino'; Vacía Borrachas: 'apura botas'.

## Cómo fue hallada y tomada la isla llamada Hierro y de algunas cosas que en ella hay

[62] La isla de El Hierro, que está a 12 leguas al poniente de la de La Palma, larga de poco más de legua y media SE NO, es isla muy pequeña y casi triangular; tendrá en circuito tres leguas y media. Tiene buen puerto y entrada al NE, donde hace como dos puntas a manera de bahía, que está de la villa que hay ahora casi a una legua. Llámase isla de El Hierro, porque así la llamó un Juan Machín, vizcaíno, que fue quien, dicen, la halló yendo de viaje a las Indias, el cual, viendo que la costa era de piedras y rocas rojizas, ferrugientas, que no parecen sino hierro, dijo: «Ésta es la isla de El Hierro»; y no dijo mal, pues el color de la piedra bien lo parece. Y porque la población que entonces había, cuando se halló, lo mismo que la que ahora hay está casi en medio de la isla, no quiero ahora hablar del poblado sino de las costas en torno, las cuales comienzan desde este puerto que se llama Puerto de El Hierro, entre las dos puntas, la de S. Andrés y la Punta Verde, que tiene este color porque tiene altos y verdes helechos y gamones y otras verduras, antes de entrar en los pinares, que en esta parte N y NO son muy espesos, y el puerto, está más cerca de la Punta de S. Andrés que de la Verde, a la boca de una fajana seca y arenosa. De una punta a otra hay más de media legua y en la Verde la isla da vuelta hacia NO y de esta punta a la de SE por la parte del O y SO y S hasta el SE, legua y media, que es el largo, y dando la vuelta por el E y NE hasta dicha punta de S. Andrés hay otro tanto, y así la isla queda de tres [63] leguas y media en circuito; y es tan abultada por un lado como por el otro, alta de costa y alomada, sin otro puerto alguno ni otra cosa notable alrededor, apenas algunas peñas que salen al S a dos tiros de arcabuz una de otra donde con dificultad algunos muchachos isleños pueden ir a pescar con caña, aunque son poco dados a este ejercicio. Siendo tan pequeña, y habiendo sido ya conquistadas Lanzarote y Fuerteventura y, según afirman, Gran Canaria y Tenerife, y tal vez también La Palma, iba hacia las Indias este Juan Machín, vizcaíno, después de vuelta ya Colón e ido Fernán Cortés, aunque otros dicen que antes que Fernán Cortés fuese a descubrir Méjico y Santo Domingo y antes que Magallanes supiese navegar, había ido Machín con dos navíos camino de las Indias, y haciendo derrota llegó a la vista de esta isla de El Hierro y, conociendo que no era ninguna de la ya ganadas, se sorprendió viendo que era tan pequeña, por lo que

conoció que no era ninguna de las otras que sabía; se había apartado de su derrota por no saberla tomar bien al salir de España o por los vientos serle contrarios. Como sea, esto le sobrevino a Juan Machín y lo afirman dos hijas suyas, María Machín y Lucía Machín, que viven en La Palma y se criaron en la isla de El Hierro, donde se había establecido su padre por la merced que le hizo el rey D. Fernando de mucha parte de ella, como luego se dirá. Y éste es el primer descubrimiento de esta isla y el primer español que vino a ella, el cual como dije llevaba la derrota de las Indias y llegando a vista de esta pequeña isla se propuso reconocerla y entrarla, y estando en el puerto que vio apto para anclar saltó a tierra, vio rastro de gentes y ganados, aunque no vio persona alguna a quien preguntar, y extrañado siguió adelante y, después de subido aquel primer valle, halló un campo llano donde vio más ganado y oyó muchas voces, las cuales escucharon él y sus compañeros, que serían seis o siete, pareciéndoles que oían cantos, y así era, pues entonces el rey de esta isla con todos sus súbditos estaban en un sacrificio público que ofrecían al estilo gentil. Juan Machín y la compañía corrieron hacia allá y poco anduvieron que no viesen lo que era; entonces estuvieron quedos, por no ser sentidos, extrañados [64] de ver la manera como hacían su sacrificio. Pensando cómo les atacarían, si luego, para coger algunos, o si volverían a los navíos por más gente y mejores medios para hacer presa, decidieron, tal como estaban, llegarse a ellos, como hicieron. Este rey, según afirman los antiguos isleños, se llamaba Ossinisso, que quiere decir en su lengua rey justiciero, el cual usaba mucho de estos sacrificios para que Dios le mostrase lo que había de ser de él y de su gente; y había dicho a los suyos que unas gentes santas y buenas los habían de llevar de ahí a otras partes, donde habían de tener mayores y mejores cosas que las que allí poseían, y los tenía prevenidos para que, cuando estos santos y buenos hombres los viniesen a sacar de aquel cautiverio, los conocerían porque no les harían ningún mal y les darían buenas cosas, y que los que los habían de librar de aquel cercado de agua vendrían pacíficamente. Esto era entre ellos ya muy corrido y notorio, y todos tenían esperanza de ser pasados de allí a lugar mejor; y así en nada se alteraron cuando Juan Machín apareció con los suyos, y aunque muchos que estaban con el rey pudieron tomar piedras y sus lanzas tostadas con las que se herían en sus peleas unos a otros, no lo hicieron, sino que se levantaron todos juntos y se retiraron a un lugar más alto, lo cual viendo Juan Machín y los suyos dijeron: «A ellos, a ellos, cojamos algunos». Y aconteció que la hija del rey, que todavía estaba como suspensa y pasmada o transportada en el sacrificio, o por permitirlo Dios para su bien, no se levantó. Y Juan Machín, yendo ya más aprisa hacia donde los isleños y el rey estaban, si bien no con espadas desnudas, sino cubiertos con sus rodela, pasaron por donde estaba sin levantarse la hija del rey, y tal vez el rey no la había echado de menos, y como Juan Machín que iba delante la vio, le echó la mano, y aunque el rey su padre vio que le habían cogido a la hija, no por eso se movió de donde estaba, mas consintió que la llevase Juan Machín por la mano, aunque la joven se echó a llorar y Juan Machín comenzó a acariciarla, y cuanto más la acariciaba, tanto más ella lloraba y daba mayores gritos, y no sufriendolo Juan Machín (o acaso alguno de los suyos), dióle una bofetada a la joven, que estaba vestida con su tamarco. Viendo esto el rey su padre dijo a los suyos: «No son [65] éstos los hombres buenos y gente santa que nos vienen a buscar». Y diciendo esto arrancaron contra Juan Machín y los suyos a pedradas y con sus palos tostados tan

duros como de hierro. Pero Juan Machín, que era un valiente vizcaino, dio la joven a uno de los suyos, que la llevase a las naves e hiciese venir gente prontamente con armas para defenderse de los isleños, que acudían muchos de las cuevas, que al parecer ya se habían ido del sacrificio cuando llegó Machín. El que llevaba la muchacha puso tal diligencia, que la llevó a cuevas cara arriba, por que más le cegase el sol y también por que no le mordiese rabiosa en el pescuezo, y en breve tiempo llegó al puerto con ella y avisó a los compañeros, que acudieron al socorro, y con ellos el de la muchacha, que serían unos 50 hombres, aparte de los marineros, que quedaron en los navios. Contra Juan Machín y los demás acudieron más de 300 isleños, hombres y mujeres, muchachos y muchachas, con palos y piedras, y tan osadamente les acometían, sin temor de las espadas que los españoles traían, que con trabajo podía Juan Machín volver el rostro a una y otra parte para ver lo que hacían los compañeros, para no ser cercados de los isleños, que si esto alcanzaban, bien seguro serían tomados y muertos. Se fueron retirando lo mejor que pudieron hacia donde vieron que se podían defender mejor, pues tenían ya mucha necesidad. Y estando en tal peligro dijo Juan Machín: «Estos gentiles no pelean con palos, sino con hierro, y por esto son duros como hierro». Y si no hubieran llegado a este tiempo los que de las naves venían, los seis que eran habrían sido muertos; habiendo llegado los de las naves, tanto hicieron, que pudieron sacar de la brega a Machín y a sus compañeros medio muertos, y por ser tarde y no atreverse contra tantos, se recogieron valle abajo. Los isleños les siguieron, pero cuando vieron el puerto y descubrieron las naves, de sorprendidos se pusieron más a mirarlas que a perseguirlos, donde al embarcar pudieron haber hecho mucho daño, y así los españoles pudieron hacerlo sin impedimento. Contaba esto un isleño llamado Juan Rodríguez Herreño y María Machín, mujer noble, antigua moradora de La Palma, que vino de España a El Hierro con sus padres, la cual decía que antes que La Palma se ganó El Hierro. Lucía Machín, su hermana, aunque de edad avanzada, era mucho más joven, y contaba lo mismo, aunque no había conocido a su padre. Su [66] madre era isleña, porque muerta la mujer que trajo este Machín, se casó con una hermosa isleña, y pretendían que también era hija de este rey Ossiniso. El cual y los suyos viendo que nada habían sacado aquel día en el intento de pelear con tan pocos, sin poder tomar a ninguno, ni tampoco los españoles les habían hecho mucho daño (de donde se deduce que no llevaban arcabucería o por no usarse todavía, u otra razón), decidieron los isleños no alejarse del mirador sobre el puerto hasta ver si saltaban a tierra otro día sus contrarios. Juan Machín y su gente, muy escaldados de como los isleños les habían perseguido y puesto en tal peligro, se curaron de las descalabraduras de palos y piedras que habían recibido y heridas como si fuesen de dardos de hierro, que, como decía Machín, bien parecían palos de hierro y no de madera, y tales las heridas, que con razón se llamaría isla de El Hierro; pues si lo parecía en las piedras, así era en los palos de sus gentiles. Y aún dijo: «Volvámonos de aquí a dar cuenta al rey mi Señor y llevémosle esta pieza que con tanto trabajo ganamos en la isla, y nos hará mercedes». Otros dicen que añadió: «Y le ofreceremos la primera isla que se vio con gente, y como testimonio le llevaré esta muchacha tan hermosa que tomé»; y por esto creen algunos que El Hierro fue la primera isla que se descubrió, aunque no la primera que se tomó, y parece que fue así, puesto que el rey Fernando dispuso que se conquistasen todas a un tiempo por diversos conquistadores, y Lanzarote y Fuerteventura

tocaron a los Saavedras y Herreras; Canaria, Tenerife y La Palma a D. Alonso y a D. Luis de Lugo, su hermano; El Hierro y La Gomera a los de Ayala de Jerez y a Machín y compañeros.

Como fuese, Juan Machín, curados y descansados ya del trabajo de aquel día, le pesaba no haber tomado otros de aquellos isleños, para que se apaciguase aquella hermosa joven, y decidió, con los más, saltar a tierra por la mañana y coger los que pudiesen. Mas como al amanecer viesan a todos los gentiles juntos y con grande alarido, entendieron que ninguno de ellos escaparía si salían a tierra, pues los enemigos estaban en tal lugar, que con sólo echar a rodar piedras con los pies no podrían subir ni hacer presa, y vista la inutilidad del intento, se [67] mudaron para tender velas, alzar áncoras y dar vuelta a España, a dar cuenta al rey. Así lo hicieron, ya que habían conseguido gran copia de carnes frescas, que los que quedaron en las naves cuando Machín con los más fueron al encuentro del sacrificio, no estuvieron ociosos, sino que bajaron a ver la tierra y cogieron mucho ganado cabruno que mataron y salaron, con lo cual, y tiempo favorable, en pocos días llegaron a España y a la Corte, donde, sabido por el rey D. Fernando lo que pasaba y vista la muchacha que traían, dio crédito a Machín.

Lo mandó con otro capitán llamado Ayala, con bastante armada, al año siguiente, y llegaron a la isla un día de S. Andrés, al tiempo que los naturales estaban también en otro sacrificio. Los españoles, que iban apercebidos y sabían bien lo que tenían que hacer, saltaron a tierra sin temor; los sintieron los isleños, que acudieron, pero, viendo tantos, rehusaron pelear, que así lo mandó su rey, y en un instante se desvanecieron todos, metiéndose en sus cuevas, de donde no salió ninguno aquel día, y al otro salió primero el rey y todos sin palos ni piedras, haciendo señal con las manos, unas encima de otras, de querer paz con los que venían, principalmente por conocer a Machín, que antes habían visto en la primera entrada. Y el rey se adelantó y les fue dando la mano como paz y conocimiento; y como Machín sabía por la hija que su padre se llamaba Ossiniso y otras cosas que de ella pudo aprender en lengua isleña, ya que la chica aprendió en breve la lengua española, fue el mismo Machín con su mano a tomar la del rey diciendo: «Ossiniso tu Leyva Nisa manda por ti», que Leyva en herreño quiere decir hija y Nisa era el nombre propio de ella. Y como traían aviso de los nombres de las cosas que les era necesario tratar, se abrazaron, y luego el rey fue a hacer lo mismo a D. Diego de Ayala, que venía por capitán con Machín para conquistar otras islas, según orden del rey que traían. Otros pretenden que Ayala y Machín vinieron tres años después de ganarse La Palma y las otras islas, según decía María Machín; y Juan Rodríguez Herreño afirmaba que sólo un año. Pero bien podía éste errar, pues no sabía de cuentas cuando fue tomado, o por ser ya muy viejo. Estando el rey y los capitanes concertados en todo, Ossinissa hizo señal a los suyos que viniesen a ofrecerse a los capitanes, y así lo hicieron todos. [68] El rey mandó traer unos vasos, como platos de barro, que ellos hacen muy lisos, labrados a mano y bruñidos con callaos, llenos de requesones y natas y de gofio amasado con leche, pues tenían cebada que, tostada y molida entre piedras o pisada y limpia, lo hacían a su modo; les hizo presente de todo diciendo a Machín en su lengua que comiesen él y el capitán Ayala, a lo que respondió Machín que por amor suyo lo harían, y así lo hicieron y mandaron a las naves por otras cosas y vestidos para Ossinissa y muchos mantenimientos, vino y frutas de España y todas las golosinas que los

capitanes traían para sus personas. Así se hermanaron todos en poco tiempo, como si de mucho se conociesen, que no parece sino haberlo ordenado Dios, que fue servido que no se perdiesen las almas de estos isleños de todas estas islas y quiso por este medio traerlos al gremio de la Iglesia y a su conocimiento. Los capitanes, según las órdenes que del rey traían, ejecutaron lo que convenia; e hicieron después la iglesia del apóstol S. Andrés, como pudieron; Machín informolos de la fe por la lengua, recibieron el bautismo y en cuatro meses que estuvieron los capitanes hicieron casar sacramentalmente a los que hallaron ajuntados, lo que admitieron ellos de buena voluntad; antes de un mes se les dijo misa en la iglesia hecha y acabada, ya informados de que aquel era el divino y verdadero sacrificio, y ellos aceptaron la fe con gran amor y devoción. Les dieron vestidos y calzado de que el rey D. Fernando mandó llevar en abundancia, con cuyos dones les obligaron tanto, que ni hermanos ni hermanas querían ver, sino a los españoles, y así acabose de confirmar Ossinissa en que Dios les enviaba aquel bien para sacarlos de la gentilidad y camino de perdición, traerlos al camino de la verdad y otras cosas que seria largo de contar; baste decir que quedaron para siempre verdaderos cristianos. Quedaron con ellos clérigos y gente española, y todos loaron a Dios por la merced que les hacía.

El rey quedó como capitán de todos, pero dando obediencia a un hermano de Ayala, que quedó con cargo de justicia por el rey. Y acabando de poner todo en orden, la iglesia y dos o tres casas que hicieron los españoles, llamaron a la villa Villa de Los Llanos, que allá dicen Llanos de S. Andrés de la isla de El Hierro, que está asentada en un campo o valle a manera de campiña cultivada, en la cual, a una y otra parte, hay cuevas en roca y [69] en tierra, hechas la mayoría de ellas a mano, y tan bien labradas y repartidas por dentro como unas lonjas bien planeadas; que cuando los naturales fueron echados allí en lo antiguo, les quedaron instrumentos de hierro con los que las hicieron; y no quedándoles instrumentos de fragua y fuego con que poder hacer herramientas para cultivar la tierra, todo lo consumió el tiempo. Aunque tuviesen cebada y la cogían, la tierra era labrada con palos tostados de tea y til, con lo cual recogían para sus gofios lo que habían menester. Dicen que también de las raíces de los helechos y gamones, asadas y cocidas con la carne, hacían comida y bebían leche, pues en toda aquella isla no hay agua corriente de fuente ni arroyo que se vea ni pozo alguno; aunque caven hasta el centro, todo es sequísimo y estéril, sin ninguna humedad, y a poco que caven ya dan en la piedra, como en la isla de Santa María, que es casi su semejante en la apariencia de la tierra y tamaño, pero no tan alta en la cima como en sus picos.

Ayala y Machín, habiendo corrido primero toda la isla, aunque estaba llena de arbolado y pinares, especialmente hacia la punta de Santa Lucía, que cae al lado del S, casi al SE, de donde divisaron la isla de La Gomera, que hasta entonces no había sido hallada, y como les pareció que estaba muy cerca, el día de Santa Lucía se fueron a ella, que dista 8 o 9 leguas casi NO SE; a los cuales dejaremos en su viaje para volver a ciertas cosas que hay en la isla de El Hierro. Y como los españoles e isleños son hasta hoy sus habitantes, aunque no son muchos al presente, como son prácticos y discurren bien, bien pronto comenzaron a emigrar, mas parece que jamás se extinguirán, pues siempre las cuevas están llenas de ellos, y no hacen casas sino algunas que se casan con portugueses.

Ya tengo dicho que esta isla es de unas tres leguas y media, y cuánto hay del puerto a la villa, el nombre, sitio y moradas que tiene, cómo no hay fuente ni manantial ni pozo. Pero Dios, que a nadie deja sin remedio, proveyó esta tierra, y ya en el tiempo de los isleños, antes de la conquista, les había dado un extraño socorro, no con tanta abundancia como hay después que los españoles entraron en la isla, que lo ampliaron dando el Señor la industria. Es de esta manera, aparte lo que de otras informaciones tengo ya contado: Hay [70] un solo árbol grande, yendo para la cumbre, no lejos de ella, que está en una quebrada en una haza pequeña o valle sombrío, por estar en una hondonada, donde el viento no llega duro, sino manso y blando, por lo cual hay continuamente en este lugar una niebla, y si falta a alguna hora del día, no pasa otra que no se concentre la niebla sobre el gran árbol. Y éste, como tenga en sí la niebla, luego destila agua en tanta abundancia, que hace al pie y en torno charcos de agua, donde los isleños habían hecho con palos y piedras, cavando la tierra, unos hoyos a manera de tanques o pozas en que recogían el agua que bebían; y de la que corría sobrante de estas pozas daban de beber a sus ganados. Viendo los españoles ser este lugar el único remedio para tener agua, se dispusieron a cortar tea y a hacer cajas grandes y gruesas como para lagares, poniendo debajo del árbol algunos de estos tanques de madera, en los cuales recogieron siempre tanta agua, que les bastaba a ellos y a sus ganados. Aumentada luego la población y habiendo más necesidad, usaron de más industria e hicieron, todo en torno del árbol por abajo, un tanque en cuadra tan grande, que llevará más de 3.000 pipas de agua,<sup>43</sup> el cual siempre está mediado, aunque no lléno, y es tan buena y sana, que la llaman agua santa y al árbol también santo; éste está cerrado y los merinos o guardas tienen la llave, y se reparte entre todos, tres o cuatro veces cada semana. Es cosa maravillosa que jamás está vacía, pero a causa de los rebaños de ovejas y cabras, que ahora hay más que nunca hubo, se pone tanta guarda en esta agua, aunque sobra para todo. ¡Bendito el Señor en todas sus obras, que tan presto remedio fue servido dar para tal necesidad! El árbol en que el Señor puso este bien tan necesario algunos dicen que no se conoce de qué especie sea. Un serrador de madera o carpintero que fue a parar allí de la isla de la Madera afirmó que era til, así en la hoja como en la corteza; nadie osa cortar nada de él; tiene la hoja estrecha y larga casi como de peral, aunque es muy verde y oscura, tanto que es casi negra y más larga y no tan lisa; la corteza es como la del viñatigo, parecida a la del castaño; es árbol que se parece mucho al barbuzano en su negrura y porte, pero no en la hoja; y [71] si el cerezo tuviese la hoja más larga y roma en la punta, fuera muy parecido, aunque no en el color negro y verde oscuro que muestra. En fin, es cosa maravillosa, querida y dada por Dios, y como tal no se comprende ni se distingue bien si es ciertamente til o no, o qué especie sea, sino que tiene más apariencia de til que de otro árbol alguno. ¡Sea el Señor alabado para siempre, universal y gracioso proveedor, que siendo esta isla por obra natural estéril de aguas y sin recurso para hallarla para uso humano, proveyó su Divina Clemencia, por vía tan maravillosa, darle remedio tan bastante! Digo vía maravillosa, pues hizo un solo árbol apartado de todos los demás, que están en la subida a la cumbre de la isla, hacia el S, o casi SE, que

<sup>43</sup> Una pipa son unos 480 litros.



atrae las nubes y nieblas, que puestas encima a manera de cobertura o manto destilan continuamente agua, la más dulce, sana y sabrosa que se ha visto; es cosa de admiración y para por ella alabar mucho al Señor, pues es bien claro que no sucede esto al acaso, ni es obra natural, aunque sean los árboles atrayentes de la humedad; mas hay otros muchos en el mismo valle arriba muy espesos y no atraen niebla así particular como éste, sino cuando la sierra y cumbre acierta a nublarse toda; pero éste no es así, sino que la mayor parte del tiempo se pone sobre él la niebla, y en seguida destila agua como todos ven y de que todos beben. Esta fuente de este árbol está a más de un cuarto de legua de la Villa de S. Andrés, que no edificaron la villa allí junto, por no ser lugar dispuesto para esto, ni osaron edificar allí casas, no fuesen causa de expeler aquel bien de la nube, ni hacen labores por la misma razón, sino ya lejos en Santa Lucía y en Los Llanos. Lo más de otro valle del pueblo al mar hacia el NE, casi al E, tienen plantado de viñas. El pan que se da más en esta isla es cebada blanca muy buena de la que hacen gofio los isleños; y todos son ganaderos liberales y buenos cristianos.

Los negocios de la tierra son lanas, quesos, pez, que hacen mucha por ser la mayor parte pinares; también cargan navíos de cebada para España y a veces para La Palma; hacen muchas chacinas de ganado menor, hay muchos puercos que se crían en los helechales. La villa tiene más de cien vecinos y en Santa Lucía comienzan a hacer otra población. Esto es lo que de esta isla pude saber en suma. De Machín y de la hija del rey Ossiniso diré más hablando de La Gomera.

## Cómo fue descubierta y tomada la isla llamada Gomera y de algunas cosas de ella

[72] La isla llamada Gomera (en la que tocó Cristobal Colón cuando en el año 1492 fue a descubrir las Indias Occidentales o Antillas) fue hallada y tomada después de la de El Hierro por Machín y Ayala,<sup>44</sup> capitanes, los cuales al verla, estando en El Hierro en día de Santa Lucía, la supieron bien demarcar, y partiendo para ella, llevándola siempre a la vista, llegaron pronto en aquel mismo día a la parte N donde ahora llaman S. José. Y llegados con sus tres naves, los isleños gentiles que por allí pastaban sus ganados, alterados al ver lo que nunca habían visto, empezaron a juntarse, llamándose unos a otros y corriendo todos al mar, aumentando cada vez más; delante de todos iba un viejo de cabello blanco largo y adornado con sus tamarcos de pieles, del cual poniéndose en lo alto de una punta, dijo el capitán Ayala a Juan Machín: «Aquel parece S. José, que se admiró con los tres Reyes de Oriente». Pero no huyó, sino que acercose a ellos, por lo que dijeron ambos capitanes: «Si Dios nos deja tomar esta isla, aquí se hará una iglesia del Bienaventurado S. José», como en efecto hicieron, después de ganada la isla. Aquel día se quedaron allí anclados, por ser ya tarde y el lugar dificultoso y áspero, aunque no muy alto; aguardaron hasta el otro, pensando recorrer la costa con alguna barca para ver dónde desembarcar. Venida la mañana, vieron venir todavía más isleños, sin paños ni piedras, como los de El Hierro, pero con los brazos unos sobre otros y cogidos entre sí como hacen los flamencos cuando van alegres de beber vino; por lo [73] que entendieron los capitanes que no eran dados a pelear ni tenían con qué, sino que eran pastores de ganados cabrunos que veían andar por las rocas. Estuvieron los isleños mucho tiempo mirando las naves (era cerca de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de la Esperanza, antes de la fiesta de Navidad) y habiendo comenzado a andar a lo largo del mar por lo alto de la roca por la banda del E hacia el SE D. Diego de Ayala y Juan Machín mandaron levar anclas y con tiempo favorable fueron bojeando la isla, que se mostró redonda por todos los lados, excepto en aquella pequeña punta de S. José, y en otra que iban a buscar, seguidos por los isleños por tierra; creyendo que buscaban el puerto del poblado; y llegando a

<sup>44</sup> Nótese la contradicción: se supone a Machín y a Ayala descubriendo éstas islas al ir a Indias; y Colón tocando en La Gomera después que ellos.

aquella punta, que es de alta roca, aunque llana en la cima, los gentiles se juntaron en mayor número y quietos se pusieron a mirar las naves que a la vela iban corriendo la costa con sus banderas y estandartes al viento, tocando sus tambores y trompetas, al son de los cuales se juntó tanta gente, que, viéndolos, dijo D. Diego de Ayala; «¡Válgame N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Guadalupe y toda la Corte Celestial! Ruégoos, Señora, roguéis a Dios que esta nación numerosa se venga a nosotros en paz y nos reciban sin daño, para que sean buenos cristianos, que yo os prometo hacer vuestra iglesia en este lugar donde ahora los veo juntos, sobre aquella punta». Y así fue Dios servido de cumplir sus deseos, y él cumplió su promesa, pues luego hizo la iglesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Guadalupe en el mismo lugar de la isla; y mandando echar el plomo hallaron que la costa era limpia, anclaron y con las barcas fueron hacia la costa, hasta que descubrieron un buen puerto que tienen, desde donde vieron la población. Hallaron otro puerto, cualquiera de los dos apto para bajar a tierra; vieron aquel valle que comenzaba a la orilla del mar, lleno de palmas, muy altas, un sitio tan delicioso y gracioso, que les convidaba a ir a él inmediatamente, sin buscar más abajo hacia el S, y volviendo a donde estaban las naves, a la punta de Guadalupe, nombre que le quedó para siempre, descansaron aquel día.

Llegada la mañana del otro día, se movieron hacia la población que habían visto. Llegando al primer puerto (que desde entonces se llama de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> del Buen Paso, nombre puesto por los dos capitanes, no por ser bueno de pasar, sino porque vieron tantos isleños amontonados en él y quietos frente a las naves, que dijeron: «Este otro es buen paso para rodear a éstos; mañana, que es día de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup>, saltaremos por él, mientras ellos están embebidos mirando a las [74] naves», que ya estaban surtas; por eso le quedó el nombre). También a la isla la llamaron Gomera, por ver aquel valle lleno de palmas altas con sus frutos y dátiles, y muchos almácigos y algunos dragos todos soltando goma de sí. Otros la llaman Gomera, por otra razón que luego se dirá, pero no sé quién acierta. Los capitanes acordaron aquella noche saltar por el puerto del Buen Paso, por ser alto sobre el valle, donde quedarían señores de los isleños, y así verían si preferían la paz o la guerra; y si no era así les harían rendir por fuerza, pues tal vez llevaran sus zurroneos llenos de piedras para hacer daño, como lo habían recibido de los moros de Granada, que poco antes había sido conquistada. Teniendo por bueno este consejo, lo pusieron por obra. Habiendo comenzado al otro día muy de mañana los tambores y trompetas a dar su alborada desde las naves, mientras los isleños estaban pasmados y embargados en oír y ver en el otro puerto, bajaron los españoles al del Buen Paso, y subiendo por una ladera muy pina, alcanzaron lo más alto de aquella subida, donde ahora está la ermita de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de la Esperanza. Y viéndose allí, decidieron acometer a los isleños, para lo cual mandaron tocar los instrumentos de guerra, con lo que los gentiles se alborozaron, pero sin buscar modo de pelear, aunque eran muchos. Viéndolo, los capitanes decidieron enviarles algunos de sus soldados cubiertos con sus escudos y rodela, y no se sabe si llevaban algunos arcabuces, si ya se usaban o bien iban con ballestas; y así, descendiendo por el valle abajo, que era raso, sin árboles por aquel lado, en la medida en que les era mandado coger de aquellos isleños tantos como pudiesen, cada español llevó el suyo por el brazo, de aquellos que descendieron al valle, sin sentirlos los que estaban en la playa; y cuando los sintieron ya estaban puestos en cobro. Y llegados donde los capitanes estaban, Machín se alegró con ellos, creyendo entenderlos,

pues cuidaba que su lenguaje era el que con la hija de Ossinisso había aprendido, llamada Nasci, que después se llamó Clara, porque en día de Santa Clara la hicieron cristiana; la cual D<sup>a</sup> Clara fue después mujer insigne, así en hermosura como en virtud y prudencia, y aun dicen que el Ayala que en la isla de El Hierro quedó, habiendo vuelto a España se casó con ella por mor de la gran amistad que con Ossinisso (u Ossinissa), su padre, tuvo, y que el padre la vio casada con él antes de su muerte. Y no sé de esto más sino que los españoles ganaron la isla de La Gomera aquel [75] día de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> y los isleños se vinieron a ellos con danzas a su modo, y ofrecieron a los capitanes sus requesones, carnes, dátiles y palmitos, que son los cogollos de las palmas para comer tiernos y gustosos. Nada entendió Machín de la lengua de éstos, sino que sólo por signos se vino a dar a entender y a entenderlos, y aun porque traían algunos isleños de El Hierro a este fin de hacer de intérpretes o lenguas, pero no se entendieron unos con otros sino por el modo y gestos que se hacían; y en cuanto al comer y vestir todo era uno, por lo cual en breve tiempo vinieron a entenderse y consentir que los bautizasen; y no dejaban de hacer cualquier cosa que vieses ser agradable a los españoles, y daban las noticias unos a otros por toda la isla, que es mucho mayor que la de El Hierro, toda redonda, de 9 leguas de circuito, que otros dicen 12.

Más allá de media isla, tomando de E a O, y de San José a Santiago, que es del N al SE, tienen un valle llamado del Gran Rey, el cual tenía una hija llamada Aremoga, que en su lengua vale Gomera o Gomeiroga, que es lo mismo que mujer sabia. Ésta dicen que cuando supo que otras gentes habían entrado en la isla, dijo a su padre: «Dios quiere ser con nosotros, pero tú no serás rey; vayamos a verlos para que te honren, y puedes darles obediencia, porque son hijos de Dios». Y luego su padre y ella vinieron, como en andas, a ver a los capitanes y naves, avisados de todos los otros reyes, que había cinco en la isla. Las andas en que venía cada uno eran unos palos tejidos con palmas, a la manera de parihuelas, que tenían cuatro brazos a cada lado y la llevaban a hombros ocho isleños; con esta pompa llegaron donde ahora se llama Armigua, que era lugar de agua, que en su lengua se llama Angira, y los capitanes le pusieron Armigua, porque un gran arroyo de buen agua que viene de más arriba por un gran espacio, en el lugar donde ahora están los molinos, se mete todo en una caverna de la tierra que allí creó la Naturaleza, y no se ve más; por eso la llamaron Armigua, como diciendo «Manilha» ('tubo de barro para conducción de aguas'), aunque para esto debían decir Armilha; acaso se corrompió el vocablo, o por otra razón no sabida. Llegados el Gran Rey y su hija Aremoga, con todos los suyos, que los rodeaban, puestos en tierra y salidos de su manera de andas, se fueron, él con las manos tendidas y la hija con traje muy honesto y rostro alegre, hacia D. Diego de Ayala y Machín, que ya les estaban esperando, y les recibieron muy bien y festejaron [76] con música de muchos instrumentos y estruendo de tambores y trompetas. Y mandando extender manteles y tapetes para que se sentasen en aquel alegre prado, se sirvió de comer, así carne asada de la tierra como de lo que venía en las naves, a lo que se avinieron el rey y su hija con muestras de gran obediencia; y habiendo llegado ya los otros cuatro reyes, comieron y bebieron como veían hacer a los españoles, admirados de su presencia y atavíos y son de trompetas y ministrales, que de industria los capitanes habían ordenado para atraerlos mejor y con más voluntad a la educación cristiana. Después de comer los capitanes, tomaron entre sí al Gran

Rey, que era de mejor entendimiento que los cuatro, y a la hija, e hicieron que se vistiesen de ricos vestidos, que a tal efecto mandaron traer de las naves a este lugar, separado casi una legua del puerto; y ninguno puso duda en vestirse y calzarse, con lo cual los capitanes se hicieron amar y obedecer de ellos y les fueron enseñando a entender la lengua española, en lo que les dejaron diestros y cristianos en cinco o seis meses que allí estuvieron, y con cuatro o cinco iglesias hechas y todo lo necesario para celebrar en ellas.

Todo esto se supo por D. Fernando de Ayala, hermano de D. Diego de Ayala, que ahora es conde de La Gomera y de El Hierro, biznieto del primer conde de esta isla, que fue primero capitán, del que ahora digo que la descubrió con Juan Machín. Dicen que vivió muchos años y fue muy prudente, de buena condición y agradable al rey D. Fernando, que de pobre hidalgo lo hizo conde; y este su biznieto D. Fernando, que ahora es conde, casó en La Palma y contó esto que de su bisabuelo había oído y leído al conde D. Alfonso, su padre, que fue el tercer conde de esta isla, y a otras personas.<sup>45</sup>

Esta isla y la de El Hierro fueron ganadas sin muerte ni daño de nadie; como dije, distan una de otra 9 leguas. La Gomera de La Palma otras 9, de tierra a tierra, pero 12 de puerto a puerto. De Tenerife, de tierra a tierra, 5, y de puerto a puerto, 11; quedan Tenerife a E NE, La Palma al N, y El Hierro al NO; es redonda y alta; en toda la costa se coge orchilla como en El Hierro, la mejor que va a Flandes. La costa es toda de una roca rojiza, pelada y desprovista de árboles por el N NO y el E NE; en estas partes se da mucho pan, aunque no tenga agua, si no es una fuente en S. José y un gran arenal a la entrada de la punta, donde un isleño halló una vez un tan grande [77] montón de ámbar, que pudiera hacer ricos a todos los de la isla, si para esto fuese. Parece que conoció mal lo que era, aun creyendo que era cosa buena; descubriose a quien lo dijo al conde D. Alfonso de Ayala, padre del que ahora es, el cual, en cuanto lo supo, fue con gente de su casa a donde había escondido el ámbar el isleño medio portugués, diciéndole que era suyo, y casi por fuerza lo tomó, que dicen que era más de un gran cuarto.<sup>46</sup> Cuando el conde lo tuvo en mano, trató de contentar al isleño con halagos y alguna cosa que le dio, diciéndole que si aquello fuese cosa buena, le haría hombre, con tal que se callase y que nadie lo supiese. Y el isleño le descubrió que todavía tenía un saco lleno en su casa, que llevaría yendo con él a España, y lo obtuvo el

<sup>45</sup> El D. Fernando de la pág. 76, lín. 24, debe leerse, con toda evidencia, D. Diego. Este D. Diego de Ayala y Rojas fue, en efecto, conde de La Gomera, de 1565 a 1592. D. Fernando Sarmiento de Ayala, hermano sólo de padre de D. Diego, existió también, pero ambos no eran biznietos, sino hijos de Guillén Peraza de Ayala, primer conde de La Gomera. El bisabuelo fue Diego de Herrera, señor de Canarias por su esposa D<sup>a</sup> Inés Peraza. Un conde D. Alfonso no existió, ni pariente alguno de este nombre. Si el supuesto D. Diego de Ayala, conquistador y compañero de Machín, ha de identificarse con una persona histórica, tiene que ser con el tatarabuelo de aquellos hermanos, padre de D<sup>a</sup> Inés, Fernand Peraza el el Viejo, primer ocupante castellano de la Isla, fundador de la más tarde llamada Torre del Conde, en San Sebastián de La Gomera, hacia 1450 (Cfr. *Nobiliario de Canarias*, J. Régulo, editor, III, 1959, págs. 149 y sigs.).

<sup>46</sup> un gran cuarto. «Cuarto» significó en portugués, además de su sentido general, un cuarto de alqueire, medida antigua. Así entiende el Sr. Serra debe traducirse; el Sr. Pestana prefiere suplir «una cuarta parte del hallazgo».

conde so color de ir todo en una pipa, que declararía ser de azúcar. Con todo se fue a España, dejando al isleño, y allá se aprovechó del ámbar, que vendió por millares de cruzados, con los que pagó grandes deudas que tenía en la isla, pues era amigo de la corte y tenía muchos hijos, de ellos algunos bastardos. Cuando supo esto el isleño, fue a dar con él y le requirió que le pagase, pues de lo contrario se lo haría saber al Emperador, y por esto satisfizo el conde al pobre isleño, que se contentó con lo que le dio, si es así, como en La Gomera se cuenta.

Junto a esta punta de S. José hay la fuente que dije y una apariencia de puerto, donde con dificultad se puede llegar a tierra, pero no hay otro, ni aun un desembarcadero, en toda la banda N, ni NO. Al O hay unos pequeños islotes de peñas, apartados de la isla mar adentro, costa donde tampoco hay camino, por ser roca acantilada; al S, y SO parece que hay fuentes y árboles verdes.

Yendo por el N, del puerto del Buen Paso al de Guadalupe, hay más de 1 legua, y de ahí a la de S. José, más de  $2\frac{1}{2}$  leguas; y este puerto de S. José está derecho NS con la Breña de la ciudad de la isla de La Palma,  $8\frac{1}{2}$  leguas, y EO con la punta de Anaga en Tenerife, 5 leguas. De la punta de S. José a la de Arure, que está en medio de la isla, hay 2 leguas, y otras  $4\frac{1}{2}$  hasta el puerto de Santiago, que tiene la boca al SE y es uno de los mejores que hay en todas las islas; ese nombre lo tiene por D. Diego de Ayala, que fundó allí la ermita de este Apóstol con piedra blanca que allí había labrada por oficiales que hizo venir de [78] España para las fortificaciones de la isla. Y mandó plantar aquel valle de árboles de espino y de otras clases de frutas, que allí se dan muchas y buenas, rodeadas de grandes viñas; del puerto de la villa dista casi dos leguas. De modo que, contando toda la costa con sus puntas y forma de la isla, tiene en círculo  $11\frac{1}{2}$  leguas, y sin estas sinuosidades, tiene 9 solamente; de diámetro, por cualquier parte,  $3\frac{1}{2}$ . Aunque es pequeña produce mucho pan, vino, azúcar, quesos, lanas y chacinas; tiene más bestias asnales esta isla sola que todas las otras, porque hay muchos hombres que tienen cada uno 50 o 60 asnos. A un Gaspar Borges, gran artífice de cosas de hierro que, robado fue o parar allí, propusieron el conde D. Belchior y Almenara, su gobernador, un casamiento, diciendo que aparte de los bueyes y hacienda de raíz y dinero, le darían 50 asnos, a lo que respondió: «Si yo tal hiciese, seríamos 51», y así no le volvieron a hablar de ello.

Es muy fructifera esta isla de La Gomera. Entre el puerto de Buen Paso y el Grande, que es toda la boca del valle, tiene una buena villa, grande, bien situada, rica y poblada de noble gente. El puerto del Buen Paso, aunque pequeño, se hizo puerto para tener abrigo en él las naves con tiempo S y SE, aunque tiene entrada E NE; pero está abrigado de estos vientos por una larga y ancha punta, que sale de tierra como un espigón dentro del mar, tanto como un tiro de arcabuz, desde el lugar donde está la iglesia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> del Buen Paso, debajo de la cual es tan delgado a la mitad, que no hay de un mar a otro más ancho que una calle; y la otra mitad va haciendo cabeza y ensanchándose más que una buena plaza redonda, que se va torciendo hacia el lado izquierdo, con lo que queda dicho puerto seguro de todos los vientos, pues como tiene la boca hacia el NE y a esta parte está la isla de Tenerife, muy alta con su cumbre del Pico del Teide, y la Punta de Chasna muy baja, pues de la cumbre hasta ella se va muy cuesta abajo, no hay pues viento que le haga daño, ni hacia Adeje. Hay grandes calmas entre estas dos islas para todos los vientos, si no es N y NO; así este puerto queda abrigado por el trecho

de tierra que entra en el mar, entre estos dos puertos; donde es grueso y ancho es también muy alto, todo de roquedo que corta las amarras, que es el solo daño que tiene, pero nunca en él se perdió navío. También a la parte de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de [79] Guadalupe tiene otro saliente muy grande hacia el mar, como media rodela, que abriga un puerto y otro al N. El puerto Grande entra por la tierra en la boca de aquel valle donde hoy está la Villa, tanto como tiene de largo el espigón que está entre los dos puertos y va hacia el N hasta un fuerte que se hizo después que Pie de Palo estuvo allí y acometió esta isla, año 1553, víspera de S. Pedro ad Víncula; pero no osó ni pudo entrar: tan bien supieron valerse y animarse los moradores, isleños y no isleños, como luego diré. Esta boca va haciendo una vuelta hacia el N, y al NO va en cuadra tanto como el valle tiene de ancho, que será dos tiros de arcabuz.

La isla por el S o SE hace otra gran salida, de media legua, hacia el mar en torno, como un muro redondo, y hacia la sierra va subiendo hasta la cima de ella, que se llama Sierra del Camello, por tener en lo alto un gran árbol con una corcova que parece de camello para quien la ve desde la Villa y de otras partes; luego vuelve a dar vuelta al N y se une arriba del valle con otra Sierra del Buen Paso, que va subiendo más y más hasta juntarse con la del Camello; de ahí abajo todo es valle llano y espacioso, donde está la Villa casi en redondo, que se reparte en cuatro calles: la de Perotomé, yerno del conde y cuñado del que es ahora; la de Zamora, la de S. Francisco y la que va de casa del conde, por fuera de la plaza, a la Iglesia. En la plaza hay tres palmas casi tan altas como la torre de Sevilla, que cansa la vista de mirar su altura, pero no dan dátiles. Frente al puerto, en medio del arenal, está una torre de cantería con sus tiros, y más hacia la Villa, a la parte del monasterio de S. Francisco, está una laguna de agua dulce, donde hay ranas como en España; más hacia la plaza hay un pozo que es el único de agua salobre que hay en toda la isla, del cual se proveen los navegantes; aparte de este pozo, hay más de cien en la Villa, que casi todos tienen uno en su casa, y son de agua dulce y gustosísima; afirman todos que es del arroyo de los molinos de Armiga, que dije se metía por una cueva en la tierra y no se ve más, aun siendo copioso; con esta agua de los pozos, que los vecinos hacen en sus casas cavando solamente hasta dos brazas, excusan el servicio de fuera.

Con ocasión de una gran crecida de agua de Armiga, que bajó por el mismo cauce hace pocos años, reventó en la Villa, anegándola toda; temiendo los vecinos ser arrastrados, se acogiearn a las laderas altas del valle y, cesado el ímpetu del barranco, cesó también el agua en la [80] Villa y todo volvió a su lugar como antes; aunque se dice que quedó abierta la boca del agua que reventó por abajo de la ermita de S. Sebastián. Hay otras tres palmas en la huerta del hospital, que dan tamaras, que, según dicen, no es lo mismo dátil que támara; otras palmas hay en la Villa y en el monasterio de S. Francisco. La iglesia principal tiene siete pilares a cada lado y es de la advocación de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de la Asunción; hay cinco ermitas, en una de las cuales, la de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de los Remedios, hay una hermosa, grave y devotísima imagen de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>., de pincel, que parece penetrar e inflamar de devoción el corazón de quien la ve, la cual dio al conde y a la condesa un gran señor que iba de virrey a las Indias, que no se la pudo negar, siendo pedida, por los grandes presentes que de ellos había recibido.

Cuando Pie de Palo llegó a esta isla de La Gomera, después de saquear La Palma, ancló en el puerto de esta Villa, víspera de S. Pedro ad Víncula, poniendo

sus ocho naves separadas unas de otras, a fin de que lo cogiesen todo e hiciesen daño en todo el poblado, que entonces era difícil de defender por no tener fortaleza como ahora.<sup>47</sup> Pero los gomeros supieron más que él, pues todos acudieron a la playa y a Buen Paso, haciendo por la noche trincheras y hoyos en la arena, donde pudieran meterse cuando disparase la artillería, que lo hizo todo el día siguiente. Y viendo los gomeros que el enemigo se disponía a acometerlos, a la noche siguiente, enviaron todas las mujeres y niños y todas las personas inútiles para la pelea, fuera de la Villa, que se situasen en las alturas que rodean el valle, con tambores y banderas y palos por lanzas y arcabuces, que pareciese ser gente que venía de dentro de la tierra a defender la entrada del puerto, y así, con este ardid, antes de salir el sol, se mostró una compañía en el Camello, otra en otro espigón allí cerca, otra en el camino de Armiga; y cuando Pie de Palo y las gentes de las naves los vieron, pareciéndoles ser gran número de gente y ser imposible poder entrar a tierra, que se defendía mejor que los de La Palma, mandaron alzar anclas y velas, oyendo los gritos y desafíos de los gomeros, que los llamaban nombres feos e injuriosos, diciéndoles que bajasen a tierra y no huyesen, que les tenían bien preparadas las mesas y los regalos. Y de esta manera quedó la tierra libre y pasaron más de 24 años antes que franceses volviesen a ella, unos de otros informados de la buena gente que había.

Pero después, habrá seis o siete años, fue entrada la isla de noche por mala vigilancia, y el conde y la condesa, por misericordia [81] de Dios, escaparon solos y casi sin vestidos, y los franceses, a modo de turcos, cautivaron a los que pudieron coger y saquearon cuánto hallaron aquella noche, y por la mañana les dieron rescate, habido el cual se fueron sin aguardar más en el puerto, temerosos que viniesen los de dentro de la tierra a hacerles daño; los cuales son tan pocos, que no hay 70 moradores, y los más que tienen haciendas allí viven en la Villa, salvo los que están en los ingenios de azúcar, que son 3.

Armiga, de que ya hablé, es un lugar a casi una legua de la Villa, donde están los molinos; tiene hasta 12 vecinos, todos labradores en casas alejadas unas de otras, según tienen sus haciendas, donde estuvo la corte del Gran Rey, por lo que se llama Valle del Gran Rey;<sup>48</sup> es muy fresco con fresco arroyo de buena agua, en que se hallan pepitas de oro, que en el año 55, en septiembre, un maestre, Lorenzo Florentín, yendo a las Indias de Castilla, al pasar por esta isla, como era buen apartador, recogió en unas bateas, no de cobre, como es costumbre, sino de madera, pepitas de oro que valieron 3 cruzados.<sup>49</sup> De Armiga a Benchehigua, nombre isleño que quiere decir tierra fresca, hay cerca de media legua; es también tierra cultivada, donde hay un ingenio de azúcar de los Zamoras. Tiene tierra de pan como Arure, que cae al N, y tiene muchos pastos, y al S está Chepude con el ingenio de azúcar de Prieto Melián, yerno del conde. Arure en lengua isleña quiere decir casa del rey, y Chepude tierra de palmas, porque legua y media que

<sup>47</sup> La Torre del Conde, que como decimos antes, ya existía; no es útil ante el uso eficaz de la artillería.

<sup>48</sup> Es sabido que, hoy por lo menos, este nombre no es del Valle de Hermigua, (Armiga), sino otro a poniente de la isla.

<sup>49</sup> Naturalmente, jamás ha habido pepitas de oro, en los arroyos de las Islas Canarias.



puede haber de Benchehigua a Chepude todo son palmares que dan dátiles, que no son de las que dan tamaras. Los dátiles son como aceitunas negras, de aquella forma y redondos, pero no son agudos en la punta, de color leonado, muy gustosos, y muchos, por ser tan espeso el palmar, que apenas se puede andar por dentro; hay abundancia de venados, cosa que no tiene ninguna de los otras islas. Se multiplicaron de dos pares que mandó traer de España el conde D. Alfonso de Ayala para su recreo, viendo que este lugar era dispuesto para criarlos. El año 1555, a principios de noviembre, fue a esta caza el marqués de Cañete, que iba de virrey a las Indias, al Perú, con dos hijos suyos y otros muchos hidalgos, siendo conde D. Belchior, que había entrado aquel año en la tierra, y los llevó a Chepude y mataron tres ciervos, que con gran fiesta y a son de instrumentos llevaron a la Villa, abiertos y atravesados en acémilas, con dos jabalies del monte. A Arure fueron a [82] caza de perdices, de las cuales hay muchas a la parte del N, que es tierra descubierta, con matojos bajos y verdes. Arure está a media legua de Benchehigua; de allí a los acantilados de la costa hay más de media legua, pasando una pequeña sierra sin árboles altos, sino palmitos, hacia el N NE. Los otros palmares de Chepude, muy grandes, se extienden hacia el S casi hasta el valle de Santiago; otro provecho de estas palmas datileras es que, dándoles un machetazo en medio del tronco, destilan por él un licor del que usan como vino, tan agradable al gusto, que se bebe bien, y hay tabernas de él. Para aprovecharlo mejor ponen una canal desde la herida de la palma hasta la boca de cualquier vasija que quieren llenar, y así sacado no hace falta otra preparación, sino beberlo.

En esta parte la tierra se muestra más llana que en el resto del país. De Benchehigua, Chepude y Arure habrá casi dos leguas hasta la Villa. De Benchehigua, yendo por bajo de Armiga, hay viñas que dan buenos mostos, y pasando una cresta, donde nace el agua de Armiga, que hace una vuelta hacia el N y se junta con otra que va por detrás de Arure, se muestran grandes peñas, en las que se halla mucha orchilla, que dicen es la mejor del mundo. Atravesada esta baja sierra llena de palmas y otros árboles, a su pie comienza el Valle del Gran Rey, en donde aparece a la parte del N una quebrada de arena de color dorado, de la cual, por consejo de algunos que por ahí pasaban camino de las Indias, mandó el conde D. Alfonso un saco, de la que se hicieron ensayos en Sevilla; no se sacaron dos cruzados de oro; y se hizo casi lo mismo de costes, por ser débil la influencia que dio en aquella arena, que procede de la sierra como mineral y llena todo aquel Valle de Gran Rey, como en Gran Canaria El Confital, que también es mineral y de aquellas piedras menudas de tamaño, color y aspecto de confites, con los que se engañan muchos.

Cantan los isleños de La Gomera una endecha que dice así:

*Ana Sánchez, Ana Sánchez,  
 flor del Valle del Gran Rey,  
 deseo tengo de cogerte,  
 mas más salud tengo de verte;  
 flor del Valle del Vallete,  
 flor del Valle del Gran Rey.<sup>50</sup>*

<sup>50</sup> Es seguro que estos versos están más o menos estropeados en el texto. Ciertas oscuridades de sentido pueden responder a palabras castellanas calca-

Y repitiéndola muchas veces con gran sentimiento, dicen que la cantan por la hija del Gran Rey, llamada Aregoma o Aremoga, la cual, luego que se volvió cristiana, informada de que Santa Ana fue madre de la Virgen, madre de Dios, dijo que se llamaría Ana, y así fue, y su padre D. Sancho, de lo que ella tomó el Sánchez por apellido. Así que los isleños cantan la dicha endecha o triste cantar soledoso, con [83] añoranza de ella, que prefirió ir a morir en España para ver de dónde salieron los hombres hijos de Dios que fueron causa de tanto bien para ella. Dicen que siendo esta doncella muy hermosa, nunca quiso casarse, y que, en la corte de la Reina Isabel, murió santamente.

Volviendo al Valle del Gran Rey, diré que es ancho un cuarto de legua, y se extiende a lo largo hasta el mar más de media hacia el S, y todo es fructífero; da cañas de azúcar, que se pueden regar con dos fuentes que tiene, una a cada lado, las cuales se muelen en un ingenio que hay. Tiene también tierras de pan y de pastos, de que viven muchos ganaderos. Hay ciervos y perdices; los conejos son tantos, que los matan a palos, y también se hallan jabalíes; hay también granados, cidras y majuelos de espino en todo aquel lugar hacia el mar. Dista tres leguas y media de la Villa; hacia O y N hay palmares de palmitos y algunos pinos. Dicen que Pablo Jaymes, rico vecino de la Villa, hizo un ingenio de azúcar entre Benchehigua y este valle del Gran Rey, del cual valle hasta el fin o cabo de la isla habrá  $1\frac{1}{2}$  leguas, con lo que se cierra la cuenta de las 12 millas que tiene esta isla de largo y 4 de ancho, de figura más bien oval que redonda. Es tan rica en mantenimientos, que proceden de su fertilidad, que no se sabe de isla tan pequeña semejante a esta de La Gomera, lo que bien se ve en esto que contaré. En octubre de 1554, vispera de S. Lucas, llegó a ella la flota de España, que era de 60 navas y 5 galeones de armada, que llevaba Pedro Meléndez; estuvo 18 días surta en el puerto de la Villa de La Gomera, porque el tiempo no era oportuno para el viaje, y siendo tanta la gente española que cada día bajaba a tierra, que ni en las calles ni en las plazas ni en el puerto cabían, que todo estaba lleno, no les faltó pan, vino, carne, lechones, cabritos, aves, caza, leche, quesos, frutas y cualquier refresco, en tanta abundancia en todos los 18 días que estuvo surta la flota, que todo sobraba y nada faltaba. Ni en Sevilla se pudiera hallar tanto y a precios tan corrientes, pues un buen castrado no costaba más de dos o tres reales, los quesos a cuatro y cinco reales, como se venden de continuo; el arrate de pan<sup>51</sup> a 12 reis, como se pagaba antes; los huevos, a dos reis; las gallinas, a tres reales, y todos los mantenimientos a los mismos precios que en la tierra tenían se vendían sin subir, y no como en otras partes donde se abusa [84] mucho con los forasteros, no sé si contra caridad, vendiendo gato por liebre; y lo mismo parece que harían si pudiesen vender el agua por vino, las piedras por pan y la tierra por fruta, sin humanidad. Pienso yo que si a los que están en el infierno fuera dado venir al mundo, serían buenos testimonios de esta verdad. Pero volviendo a lo que iba diciendo, *no faltó también en aquellos 18 días a los españoles en aquella fértil isla de 12 leguas de tierra azúcar y conservas en tanta abundancia, que*

das sobre expresiones indígenas; pero *salud* es error por *soledad*, que corresponde al idiotismo portugués *saudade*, entonces indudablemente equivalente al castellano *soledad*.

<sup>51</sup> Arrate, peso de unos 460 gramos.

llevaron la miel de abejas, las candelas, sebo y cera, legumbres, la cebada con los molinos que hacen gofio, de lo cual el virrey con sus hijos y los hidalgos que con él iban quedaron muy satisfechos, por ser manjar tan sano, amasada aquella harina de cebada con miel y aceite, que nutre, limpia y engorda y da mucha fuerza y ligereza; y así llevaron cantidad, y carneros, patos, pavos, no haciendo otra cosa de continuo, sino embarcar y gastar, sin subir ninguna cosa a mayores valías, hasta que partió para las Indias el virrey, muy alegre y contento con todos los suyos, a 3 de noviembre de dicho año.

También hay en la costa de esta isla Gomera mucho y buen marisco, y cangrejos de dos clases, como son los que llaman moros y judíos, burgados, almejas y clacas, como tienen todas las Islas Canarias; así como tiene ganados, quesos, lanas, miel, cera, azúcar y conservas de todas las cosas que se pueden hacer, hasta de gamones o gamonilla, que por otro nombre se llama raíz de abrotano, y conserva de la del helecho que llaman helecho macho, de la cual, molida, también hacen pan y la cuecen con leche.

Esto es lo que hay en las cuatro islas, Gran Canaria, Tenerife, La Palma y esta de La Gomera, pero Lanzarote, Fuerteventura y El Hierro, por su esterilidad, no dan azúcar ni entran con éstas en la fertilidad, aunque en todo lo demás son casi semejantes. En La Gomera hay caracoles, que no hay en ninguna de las otras, y ella y La Palma solas tienen batatas muy excelentes y buenas. En todas hay mucho pescado, aparte del que les viene de las flotas de pesca que frecuentan mucho las islas.

La isla de Gran Canaria y la de Tenerife y la de La Palma son de Su Majestad, y en su nombre se ejerce la justicia. La isla de Lanzarote y Fuerteventura son del conde D. Agustín de Herrera, que ahora es Marqués de Lanzarote y Señor de Fuerteventura, y las islas de La Gomera y de El Hierro dicen que son del conde D. Diego de Ayala.

# GLOSSÁRIO

## EXPLICAÇÃO DAS SIGLAS USADAS:

adj.	adjectivo
adv.	advérbio
cast.	castelhano
cat.	catalão
cfr.	confronte
fr.	francês
i. e.	id est (isto é)
lat.	latim
loc. adv.	locução adverbial
loc. prep.	locução prepositiva
n. gent.	nome gentilico
p. p.	particípio passado
p. pr.	particípio presente
pref.	prefixo
prep.	preposição
q. v.	queira ver
subs.	substantivo
suf.	sufixo
s. v.	sub voce (na palavra, sob a palavra)
v. i.	verbo intransitivo
vid.	vide (veja-se)
v. r.	verbo reflexo
v. t.	verbo transitivo

Importante: Na transcrição dos passos de Frutuoso e no índice, tanto as páginas como as linhas são indicadas por algarismos árabes. A vírgula (,) separa a indicação da página da indicação da linha; o ponto e vírgula (;) separa a indicação das linhas (Por exemplo: 4,3;5; 8,9; deverá ler-se: página 4, linhas 3 e 5; página 8, linha 9).

**à barreira** (loc. adv.) «que põem sobre um pau fincado no chão de altura de sete ou oito palmos, como à barreira» 30,17. Tem por base: *barra*, que se encontra no nome dum entretém popular: *jogo da barra*, constituído por uma fila horizontal de lages de altura de mais de palmo, às quais os jogadores, um de cada vez, atiram com uma pedra, postos a uma distância combinada. Ganha aquele que as derrubar a todas. Se não há engano, Frutuoso alude a isso.

**abastar** (v. t.) «mas não abastou o que disseram» 35,11; 52,10; 70,16. Mais vulgar é: *bastar*.

**açafra** (subs.) «estão aqui dois engenhos de açúcar dos Pontes, que moem cada ano nos seis meses da açafra oito, nove mil arrobas» 27,14. Em Gil Vicente: *çafra* «na çafra do apanhar / me deu saturno quebranto» *Inferno*, versos 187/188. A forma *açafra* apresenta o a protésico. Vid.: *saфра*.

**acarretar** (v. t.) «e acarretar as canas e lenha» 45,32. A forma popular é: *acartar*. Assenta em *carro*.

**acolher** (v. t.) e **acolher-se** (v. r.) «fugindo ao longo do mar se acolheu em um barco» 17,20; 37,25; 43,19. Do lat. \**accölligere*.

**acondiçoadado** (adj.) «e foi mui prudente e bem acondiçoadado» 76,22/23. O significado favorável ou desfavorável provém do advérbio, que se lhe junte: *bem acondiçoadado*; *mal acondiçoadado*. Cândido de Figueiredo abona com um passo de Camilo Castelo Branco, no seu *Dicionário*. Assenta na primitiva forma do substantivo: *condiçõ*, de *conditiõne*.

**adarga** (subs.) «passavam as adargas e escudos» 9,8. Do árabe *ad-darghâ*. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, documenta-o do século XV: «tomoulhe a darga e a azagaya».

**adegas** (lógicas e -)

**a direito** (loc. adv.) «que nem El-Rei de Portugal, nem o Infante D. Henrique as quiseram largar até chegarem a direito diante do Papa» 4,26; «trazem nesta Ilha e nas mais tudo tanto a direito» 25,31. Vid.: *em direito*.

**advocação** (subs.) «cuja igreja paroquial é de advocação de Nossa Senhora». 55,8/9. Vid.: *valedor*.

**a fora** (loc. prep.) «e é desta maneira, a fora o que outras informações» 69,39. Do latim *fōrā*, adv. e prep. Temos as duas preposições *a* e *fora*, que explicam: *afora*, *à excepção de*, *além de*. Também se usa a preposição simples: *fora*: «tudo está bem, fora o que te diz respeito».

**agacêncio** (subs.) «por ter dantes muitos agacências, que cá chamamos losna» 48,12. Vid.: *losna*.

**aguada** (subs.) «embarcada sua aguada» 40,2. Substantivação do p. p. do verbo *aguar*, do lat. *ad e aquāri, fazer provisão de água*. Parece ter um sentido geral de *abastecimento*, sem a preocupação de particularizar este ou aquele elemento.

**aifaraga** (subs.) Palavra indígena das Canárias. Vid.: *rancho*.

**alardo** (subs.) Do árabe: *al-'arD*. Parece pertencer à mesma família: *alarida*, que, no seu *Dicionário etimológico*, José Pedro Machado data do século XVI: «pranto popular em gritos e alarida». Vid.: *homens de cavalo*.

**alarida** (subs.) «e com grande alarida» 66,36. Vid.: *alardo*.

**alcatrão** (subst.) 59,16/17;29;33;36. Do árabe *al-qaTrān*.

**alevantar âncora** São três as expressões sinónimas (encontradas sem preocupação de busca exaustiva) as usadas por Frutuoso para se referir à manobra do navio que *levanta ferro* (esta é popularíssima): *alevantar âncora* «querendo já os franceses aleventar âncora» 39,27; *elevant âncoras*: «alçassem as velas, elevassem âncoras» 67,1; *levar âncoras* «mandaram levar âncoras» 73,7.

Estes três verbos assentam no latim *leve-*: *alevantar*, de *levantar*, de *\*levantāre*, de *levāre*, a través do p. pr.: *levante-*. A forma *alevantar*, com a próstese, e *levantar* ainda hoje alternam na linguagem do povo. *Elevant* de *ēlevāre* e *levar* de *levāre*. A palavra *âncora* é o lat. *ancōra-*. É de notar a diferença de número: *âncora* e *âncoras*. Até certo ponto, a frase *fazer-se à vela* pode corresponder à mesma ideia. Para expressar a manobra contrária (*preparativos de escolha da melhor posição do navio e paragem deste*), de par com o verbo *ancorar*, do citado substantivo *âncora*, recordemo-nos de que Frutuoso também usa desta forma: *deitar o prumo*: «E mandando deitar o prumo, achando ser aquela costa limpa, ancoraram» 73,24. Daqui se vê que as duas acções são distintas: *deitar o prumo* é *sondar o relevo do fundo do mar, a altura da água*, etc. Ao latim *plumbu-*, o português foi buscar: *chumbo*, *plumo* e *prumo* (documentado por José Pedro Machado, no seu *Dicionário*, no século XV: lançaram o prumo e acharam quarenta e cinco braças). *Deitar* é o lat.: *dejectare*, de *dejicere*, através do supino: *dejectum*.

**alforra** (subs.) 32,7. Palavra de origem árabe, conforme o *Dicionário etimológico*, de José Pedro Machado: *al-hurr*. Das *Ilhas de Zargo*, do Pe. Eduardo Pereira, pág. 564: *alforra* (*Pseudococcus*) um do tipo *citri* e outro do tipo *adonidum*.

**algar** (subs.) «e ficaram nestas rochas e grotas grandes algares ou covas, à maneira de moradas, em que os ganches naturais da terra moravam» «e nos pináculos mais altos há muitas covas e algares, onde faziam suas sepulturas» «O engenho de Argal, que se chamou assim por um algar ou cova grande, que faz todo aquele sítio a modo de fundo vale» 23,28;33; 45,36. Do árabe: *al-gār*. Repare-se na metátese que se deu em *Argal*, topónimo, que aparece na terceira abonação de Frutuoso.

**almástico** (subs.) «Dizem que (uma árvore grande, que existe na Ilha do Ferro) se quer parecer com o almástico, que dá almécega, como há muitos na Ilha de Tenarife, mas não o é; o almástico tem o parecer e rizeja e cortar do pão branco, que há nesta Ilha de São Miguel, e ainda mais forte e rijo» 8,34;35; 50,4;8. Vid.: *páu branco*.

**almécega** (subs.) 8,34; 50,15: Vid.: *almástico*.

**alto** (em -... em roda)

**a mal de seu grado** Vid.: *grado*.

**âmbar** (subs.) 75,15. Do árabe: *'anbar*. Opina José Pedro Machado (*Di-*

*cionário etimológico*) que o vocábulo deve ter entrado no português na época da sua expansão pelo Oriente. Variantes são: *ambre*, *ambra* e *alâmbar*, onde aparece o artigo *al*. Vid.: *ambre*.

**ambre** (subs.) «onde um islenho achou uma vez um tão grande monte de ambre» 77,1. Vid.: *âmbar*.

**ambre de baleias** «dados a buscar junto da costa ambre de baleias» 15,10. Vid.: *âmbar*.

**amiga** (subs.) «E por a amiga vir do mar enjoada» 2,32. O seu significado de *amante* é popular ainda hoje.

**a modo de** (loc. prep.) «é a modo de uma ferradura» 56,37; 68,1. Cândido de Figueiredo (*Dicionário*, s. v.: *modo*) regista a loc. adv.: *a modo, devagar, com jeito*. Aqui, como se vê, tem outro valor: *à semelhança de*.

**âncora** (alevar -)

**ancorar** Vid. *alevar âncora*.

**âncoras** (elevar -) (levar -)

**anojada** (adj.) «e ela faleceu de anojada» 2,33. Segundo o *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado, s. v.: *ódio*, «em latim houve um verbo *inōdīāre*, proveniente da locução *in ōdīō esse, ser objecto de aborrecimento* (também *in ōdīō habēre, aborrecer*); daí o português *anojar*». Para o mesmo filólogo, *enjoar* «é divergente de *enojar*», do verbo citado. Ao que parece, *anojar* terá um sentido moral; *enjoar*, pelo contrário, material.

**a par de** (loc. adv.) «que a come se embebeda de maneira que estão a par da morte» 55,22. A palavra *par* (adj.), *igual, semelhante*, encontra-se em várias locuções: *a par* (sinónima da deste verbete), *paralelamente, ao lado, junto, ao pé, ao lado um do outro, ao mesmo tempo*: passou a par ele; os dois passaram a par; *ao par de, ao facto de*: estar ao par de; *de par em par, completamente*: abriu a janela de par em par. Sinónimas de *a par*: *em par, a la par e par a par* (Vid.: Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, s. v.). Do latim *pare-*. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) data a locução *a par de* de 1265 (século XIII).

**apelidar** (v. t.) «Desta continuação dêste Conde se vieram apelidar e avisar os xilmeiros» 15,4. Do latim *appellītāre*.

**aperceber** (v. t.) «oito fustas bem apercebidas e armadas» 15,21; 41,27. Do lat.: *percipĕre, apossar-se de*, veio o português *perceber*. *Aperceber* é da mesma origem, mas o prefixo *a* (de *ad*) indica uma finalidade, donde o significado de: *preparar-se para*.

**a ponto de** (loc. prep.) «que os exércitos estão a ponto de se romper» 12,6. Convém reparar na expressão para traduzir perfeitamente o limite.

**aqueixar-se** (v. r.) «se aqueixou o Bispo a El-Rei D. João» 4,37. É o verbo *queixar-se* com a próstésico, muito do gosto popular. O povo ainda hoje diz: *vou-me aqueixar de si*.

**arrecear** (v. t.) «mas que arreceavam usassem» 12,3; 40,20. *Arrecear* é o verbo *recear*, com a próstésico. *Recear*, do lat.: *\*rezelare*.

**arreo** (adv.) «porque naqueles dois anos arreo não choveu cousa» «que por mais de quatro anos arreo deram vinho» 32,19;30. Significa: *seguidamente; a seguir*. É muito usado no dialecto madeirense, por exemplo. Regista-o Abel Marques Caldeira, em *Falares da Ilha*, Funchal, 1961. Deverá escrever-se: *arreo*. O castelhano *arreo*, o catalão *arreu* são da mesma família.



**arriba** (adv.) «indo todo êste termo até à parte do norte desde as rochas, fazendo como ladeira, arriba muito íngreme» 50,8. Vid.: *arriba de*.

**arriba de** (loc. prep.) «outra no pôrto, outra arriba de S. Sebastião» 44,29/30; 50,3. José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*, s. v.: *riba*, data o vocábulo *arriba de* 1188, do latim *ad ripam*. Há também: *riba*, em *de riba de*, i. e. *de cima de*, que é mais usado; *de baixo até riba*, i. e.: *de baixo até cima*. A presença da preposição *até* mostra que se deve escrever, neste caso: *de baixo e não debaixo*.

**arrumado** (adj.) «estão quasi tôdas arrumadas leste-oeste» 6,31. O significado, que serve, está aparentado com o substantivo *rumo*. Na língua actual: *posto a um canto, posto no seu lugar*.

**às mãos** (loc. adv.) «trazer uns vasos a modo de pratos de barro (que eles fazem mui lisos às mãos lavrados, e brunidos com calhaus» 68,2. É uma locução muito popular: *ir à mão de*, *contrariar*; *estar à mão*, *estar perto*; *vir à mão*, *chegar à razão de alguém*; *falar à mão*, *interromper*; *vir às mãos*, *lutar*. *Lavrar às mãos*, o mesmo que *lavrar à mão*, i. e., *por meio das mãos, com as mãos*. Um exemplo curioso, pelo paralelismo, temo-lo nesta frase de Gaspar Correia, *Lendas*, I, 314: «um bacio de água às mãos de prata lavrado».

**asnais** (bestas -)

**asno** (subs.) «porque há muitos homens que tem cada um mais de cinquenta e sessenta asnos» 78,11. Do latim *asīnu-*, burro. A expressão *bestas asnais* poderá referir-se a *mulas*. Estas são filhas de *burra* e *cavalo* e *burro* e *égua*. Daqui as designações: *mulas asneiras* (filhas de burra) e *mulas eguariças* (filhas de égua). *Bestas asnais* será o mesmo que *mulas asneiras*?

**ataduras e cordas** Vid.: *tamiça*. *Atadura* é substantivo muito conhecido do povo. Do verbo *atar*; do latim *aptāre*, *ligar*, e o sufixo *-dura*, do latim *-tura*. *Corda*, do latim *chorda*.

**atear-se** (v. r.) 52,9. Vid.: *madeira de tea*.

**a tempos** (loc. adv.) «e é rasa e fumosa a tempos no alto» 8,2. Esta locução substitui com a vantagem da elegância a usual: *de tempos a tempos*.

**atinar** (v. t. e i.) «não pode atinar a sair daquele lugar» 45,5. Repare-se na regência: *atinar a*. Outras regências: *atinar com*, *atinar que*. Da mesma família: *tino*.

**atorar** (v. t.) «atoram estes troncos, que são bons de fender e cortar» 59,21. Vid.: *toro*.

**a voltas** (loc. adv.) «e com muito grām trabalho e a voltas vão subindo os de pé e de cavalo» O substantivo *volta* é deverbal, parece, do verbo *voltar*, do latim *\*voltare*, de *\*vultu*, por *volutu*, de *volvère*. Corrente: *às voltas*.

**azinhavre** (subs.) «pondo como mãe azinhavre azêdo nas tetas para nos destetar» 40,13. Do árabe: *az-zinjār*. O *azinhavre* tem o mesmo efeito que o *azevre*, do árabe: *aç-cibar*.

**badulaque** (subs.) 30,38. Vid.: *mudas*.

**bailadeiro** (subs.) «Quando lhe faltava chuva para as suas searas e pastos e havia grande sêca, para a pedir a Deus faziam suas procissões, levando os gados a lugares grandes e espaçosos, como praças, que tinham já limitados para isso, a que chamavam e chamam ainda hoje bailadeiros» 24,10. A atribuição do

nome pode relacionar-se com as práticas coreográficas, que, sempre, por toda a parte, e em qualquer estágio da civilização, acompanharam as manifestações religiosas ou guerreiras do Homem. O Prof. Régulo Pérez tem uma maneira de ver diferente e que tem interesse: Julga que *bailadeiros* será uma deformação por etimologia popular, sendo o elemento catalisador o substantivo *baile*, o verbo *bailar*, do lat.: *bailare*, de *baladeros*. *Baladeros*, assim se chamariam «os lugares grandes e espaçosos», para onde levavam os animais e onde estes *balavam* (do verbo: *balar*), como resultado do seguinte: «*tangendo o gado ao redor como quem debulha em eira, lhe faziam dar tantas voltas, até que, de esvaecido, o mesmo gado caía um para uma parte e outro para outra*». *Balar* (cast. e port.) é o lat.: *balare*.

**baio** (subs.) «e ficava o couro cortido delas [peles] á maneira de baio» 9,18.

**baleias** (ambre de -)

**baraço** (jurisdição de - e cutelo)

**barco** (subs.) Para a designação de *barco*, Frutuoso usa de varias palavras, além de *vela* (q. v.): *barco* «E ordenando um barco do tronco de uma árvore» 2,37; *caravela* «com uma caravela carregada de trigo» 33,9;13; *embarcação* «e os deitaram fora de sua terra em embarcações» 10,18; *fusta* «para que com suas fustas viessem a Lançarote» 15,19;21; 16,17; *galé* «nem receio de chegarem galés, nem fustas de mouros à sua Ilha» «vieram até galés» 15,19; 17,15; 51,19; *lancha* «e traziam já as lanchas cheias de soldados armados» 35,5; *náu* «e a nau com tempo se fez à vela» 2,33; 3,6; 5,1; 33,5;13; 35,8;17; 36,21;28; 38,32;37; 39,16; 51,19; *navio* «os puseram em navios» 10,4; 12,14; 20,4. É evidente o predomínio do vocábulo *náu*. Pertencem à mesma raiz: *barco* e *embarcação*. José Pedro Machado indica-lhes, respectivamente, no seu *Dicionário etimológico*, a data do século X: «cum illos barcos e cum illo porto et cum suos uillares», e século XVII: «sobre a minha embarcação». É o latim *barc(h)a-*, que originou *barca*, donde a masculinização: *barco*. No substantivo *embarcação*, do verbo parassintético: *embarcar*, vê-se o prefixo de movimento para: *em-* e o sufixo *-ção*. Outra parêntese de termos do mesmo tronco temos em: *náu* e *navio*. *Navio* é o latim *nāvigiu-*; *náu* é o latim: *nāve-*, por intermédio do cat. *nau*. *Caravela* é o italiano *caravèlla*. José Pedro Machado arquivou no seu *Dicionário etimológico* esta abonação do século XIII (1270): «Johannes egidij filius egidij carauela». O étimo remoto está no latim *cārābus*. *Fusta*, do lat.: *fuste-*, por intermédio do italiano (como em dúvida sugere o Prof. José Pedro Machado, *ibidem*), pode ser documentado a partir do século XV: desempa-chêês a dicta fusta. *Galé* é o antigo francês *galée*. O mesmo filólogo documentou-o desde 1298 (século XIII): «das mhas Galéês». *Condenado às galés* era o indivíduo que tinha, por pena, a condenação a remar nas galés. Daqui, talvez, o sentido um tanto tenebroso que a palavra, pouco usada, possui ainda, principalmente na literatura popular: contos fantásticos, lendas. A palavra *lancha* é de uso posterior à existência de *lânchara* (1515, segundo José Pedro Machado, *ibidem*). O mesmo filólogo (e com razão) chama a atenção dos etimologistas para a opinião de Dalgado, que sugere o malaio: *lancharan*.

**barreira** (à -)

**bastecer** (v. t.) «é de tudo bem bastecida» «cidade bem bastecida de tôdas as cousas» 19,28; 25,7; 51,28. Mais vulgar: *abastecer*. Assenta em: *basto*.

**beberagem** (subs.) «e com a cozida mal cozida bebendo duas partes de

leite e uma de água, tudo envolto (que eles chamam beberagem), duas no dia, com o que andam tão luzidos e gordos» 30,12. A palavra *beberagem* (do lat.: *bibera-cūlu?*), em que houve influência do verbo *beber*, é corrente na Ilha da Madeira, por exemplo, para expressar a comida que se dá aos porcos, constituída, em geral, por sobras, a que se junta água, farelos ou sêneas. O sentido pejorativo resultante disso é evidente.

**beneficiar** (v. t.) «porque as mulheres beneficiavam a terra» 22,33. Do substantivo *beneficio*, do latim *beneficiu-*. Vid.: *benfeitor*.

**benfeitor** (subs.) «Os espanhóis ali moradores são tão benfeitores, que não há palmo de terra que não esteja plantado e cultivado» 20,19/20. Não é vulgar este significado: *trabalhador*. Mais corrente é o sentido moral: *protector*. Na sua formação, temos *bene*, donde o advérbio *bem*, e *feitor*, que é o latim *factore-*, do verbo *facēre*, *fazer*. Se nos recordarmos de que *fazenda* (do latim *facienda*, que é o gerundivo) significa também *terras*, melhor se apanhará o valor de *benfeitor*, neste passo de Frutuoso.

**bestas asnais** «e tem mais bestas asnais esta só que todas as outras [ilhas]» 78,9. Vid.: *asno*.

**biscoito** (subs.) «e alguns deles moram em outras covas ou furnas, ou cavernas da terra, ou pedra, como a que nesta ilha de S. Miguel chamam biscoutal ou biscoito» 59,2. Como se depreende do contexto, o significado limita-se a S. Miguel, quando muito ao arquipélago dos Açores: «solo pedregoso, com lavas a descoberto» — como vem em Cândido de Figueiredo, no *Dicionário* — e explicar-se-á por extensão semântica, fila da semelhança, factor importantíssimo nestas ampliações. Por este processo, como que um vocábulo adquire novas energias, alentos desconhecidos e motivos de perduração. *Biscoutal* provém de *biscoito* (ou *biscouto*) e o sufixo *-al*, ao modo de *areal*, *lamaçal*. O étimo está no latim *biscocutu-*, *cozido duas vezes*. Outro significado apresenta a palavra neste passo: «que ninguém lhe estorvasse embarcar, nem tomar água e fazer biscoitos aquêles dois dias». Outras abonações de Frutuoso: 39,35; 40,2.

**biscoutal** (subs.) Vid.: *biscoito*.

**bota** (subs.) «[tanques] que levam mil botas de água» 47,13; 48,3; 58,1. Vid.: *pipas ou botas*.

**botas** (pipas e -); (pipas ou -).

**breu** (subs.) «podem sair cem quintais de breu ou mais ou menos, conforme às covas que fazem e ao grandor de las» 18,19; 22,6; 47,13; 59,16; 19; 27; 32; 60,14. Do francês *brai*. Vid.: *lanças de tea*; *pau de tea*.

**bulir** (v. t.) «os que procedem dêles se injuriam e afrontam muito, se lhe vão bulir com eles e se algum travesso lhe vai deitar algum daqueles corpos mortos e mirrados pela rocha abaixo» 24,3. Repare-se na regência: *bulir com*; a mais vulgar é *bulir em*. Do latim: *bullire*.

**branco** (páu -).

**brunir** (v. t.) 68,2. Do francês: *brunir*: *pulir, tornar luzidio*. Vid.: *mãos*.

**cabo** Vid.: *com trabalho*.

**cabrum** (gado -).

**cafuas** (casas e -).

**cafuas de gados** «logo está Tigorte, onde há o mesmo que em Tigualate,

chamados assim como nomes islenhos, que querem dizer: cortinhas ou cortiços ou cafuas de gados» 47,3.

**cães** (como étimo de *canários*) «A Gran Canária é a principal; os naturais dela se chamam Canários, por haver nela grandes cães». «chama-se Gram Canária (como tenho dito) por razão dos grandes cães que acharam nela» 7,23; 19,9.

**calheta** (subs.) «como uma pequena calheta» 58,2. A palavra, encontramos-na na toponímia madeirense e de Canárias (Tenerife, por exemplo). Para José Pedro Machado, no *Dicionário etimológico*, é, ao lado de *calhariz*, *calheira*, *calheiros*, *calhelha*, um rebento do espanholismo *calhe*, do castelhano *calle*, do lat. *calle*-.

**caminho** (de -).

**cana** (pescar de -)

**canário** (n. gent.) «Os naturais dela [da Gran Canária] se chamam Canários, por haver nela grandes cães; e desta tomaram o nome geral de canários os habitadores das outras, ainda que tenham também seus particulares nomes» 7,22;23.

**capitaino** (adj.) «que ele tinha em sua nau capitaina» 39,16. Parece proveniente do latim: *capitaneu*.- A nau do *chefe*, do *capitão*. Camões também disse: *capitaina: proa capitaina, Os Lusíadas*, II, 22, verso 2.

**caravela** Vid.: *barco*.

**cardão** (subs.) «ervas à maneira de árvores, que do pé lançam muitas hastes sem folhas: umas que chamam cardões, que são maiores; e outras cardomilhos, mais pequenas» 23,13;15;16.

**cardo** (subs.) «dá também trigo, romãs, cardos e outras frutas» 48,5. Não parece que seja a mesma cousa, à uma, este *cardos* e outro *cardos* (s. v.: *cardões e cardos*) e, à outra, *cardões e cardão*. A leitura atenta de Frutuoso leva a pensar assim.

**cardões e cardos** «Não há por ali outra planta senão cardoens e cardos ao redor das rochas» 50,5. Vid.: *cardo*.

**cardomilho** (subs.) 23,13;15. Vid.: *cardão*.

**cardos** (cardões e -).

**caro** (adj.) «com que enriqueceu muito, mas depois lhe custou caro a ele e a toda sua Ilha» 14,32. Do latim: *caru-*, *custoso*. Função adverbial. Veja-se o valor de *caro* (s. v.: *suprir*) muito próximo do que tem o substantivo *carestia*, da mesma raiz latina, mas por intermédio do italiano *carestia*.

**carouçoso** (adj.) «fruta muito docicada e carouçosa» 47,19/20. Do substantivo *caroço* e o sufixo *-oso*. Supõe-se que *caroço* seja evolução de *coroço*, do lat. *cor*. Uma das características fonéticas importantes entre o Português do Norte (Porto, por exemplo) e do Centro e Sul (Lisboa, por exemplo) é a distinção na pronúncia de *louro*: acolá, o ditongo é facilmente notório, mesmo para os profanos; aqui, nivelou-se com *ô: lôro*, como *favor*. No exemplo de Frutuoso, nota-se o fenómeno contrário: *carouço* por *caroço*. Para sinónimo de *carouçoso*, a língua actual diz *caroçudo*, em que figura o sufixo *-udo*.

**cárrega** (subs.) «careciam de fogo, ferro, letras e bestas de carga para seu serviço» 9,27. Hoje em dia: *carga*. *Cárrega* está próximo da etimologia, latim: *carru-*. No entanto, é correntíssimo, mesmo nas regiões onde se ouve *carga*, *carregar*.

**casas e cafuas** «onde estão outras casas e cafuas de gado» 46,38.

**cavalo** (homens de -).

**cavide** (subs.) «e cavides cheios de lanças» 40,39. Segundo José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, a palavra *cabide* (de que *cavide* é variante) tem por base o «radical árabe *qabaDa*, *agarrar*».

**centos** (oito -).

**cercar ao redor de** «árvores ... cercadas ao redor de grandes vinhas» 78,3. *Cercar ao redor*, redundância já usada por Gil Vicente (*Auto da Alma*: *cercae-me ó redor*, ed. de 1852). *Cercar*, do latim *circāre*, *andar à volta de*; a locução adverbial: *ao redor de* tem a palavra *redor*, de origem discutida: *rotatore*-, *retro*. É forma paralela, parece, a castelhana: *alrededor*.

**clar** (v. t.) 23,19. Vid.: *engraecer*. Da família de *cio* e *cioso*.

**cioso** (adj.) «não são ciosos, não guardam mais que mulher, filhas e irmãs» 30,24. Esta frase pode esclarecer o sentido: os Mouros são muito ciosos assj da sua terra como das molheres — arquivada no *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado. Do latim: \**zelōsu*.

**coligir** (v. t.) «É da forma destas duas ilhas Palma e Tenerife, colijo eu que vêm as virações» 44,36; 52,27. Do lat.: *colligēre*, por via culta. O significado de *inferir*, que serve, não é vulgar. Vid.: *grandor*.

**compridão** (subs.) «pinhal cuja largura de duas léguas chega até Garafia, e compridão de cinco até Agua Tuvar» 56,31. Sinónimo de *comprimento*. Ambos assentam no verbo: *comprir*, do lat.: *complere*, com o recurso de sufixos diferentes mas equivalentes: *-dão* e *-mento*.

**com trabalho** «que com trabalho podia João Machim virar o rosto a um cabo e a outro para ver o que» 65,18. Compreende-se o sentido: *com dificuldade*. João Machim vivia um momento de grande risco e perigo de cerco e mal podia mover os olhos para cobrir qualquer falha que surgisse na defesa. *Cabo, extremidade*, é o latim \**capu-*, por *caput*. Note-se a regência: *virar a ... e a ...*; mais corrente é: *virar de ... a ...*

**conceditur** (primo occupanti - locus).

**confeito** (subs.) «para a banda de Tenerife está outro pôsto que chamam Confeitai, por haver ao lado dêle um cascalho que da terra sai tão branco e crespo que parece confeitos» 20,3.

**conforme** (prep.) «e de um forno podem sair cem quintais de breu, ou mais ou menos, conforme às covas que fazem e ao grandor delas» 60,14/15. Primeiramente, havemo-lo como adjectivo: *que tem a mesma forma*, do latim: *conforme-*, *exactamente igual*. É nesta categoria morfológica que pode reger a preposição *a*, como neste exemplo, registado no *Dicionário etimológico*, de José Pedro Machado: *conforme* sucessor ao sucedido — de Camões, *Os Lusíadas*, X, 67, verso 7. Depois a função adverbial: *a certidão está conforme*. Por último, o valor de preposição, como em *Frutuoso*. No último caso, o uso hodierno da língua não emprega a segunda preposição *a*: *conforme as covas*; *conforme o grandor delas*, *dir-se-ia*. Nesta regência pode estar a fase da passagem de adjectivo à categoria de preposição.

**conhecer** (v. t.) «casavam-se com muitas mulheres, e primeiro que as necessessem, as davam a seus senhores por grande honra» 9,24. Do lat.: *cognoscere*, por intermédio da forma: *conhocer*. Tem o chamado sentido bíblico: *ter relações sexuais*.

**conta** (subs.) «querendo antes dar a conta disto a Sua Majestade» 17,2. Hoje: *dar conta*, sem artigo definido. Vid.: *saber de conta*.

**conta** (saber de -).

**conversar** (v. i.) «como em outras partes e nações fazem muitos inchados, que lhes parece serem sagrados, que não se hão-de deixar conversar de todos» «onde vestem calção e cavalgam tão custosos os oficiais de ofícios mecânicos, como os fidalgos e regedores, conversando-se todos» 41,10;13. Do lat. *conversāri*. Do século XVI, data José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) o sentido de *falar com*. Aponte-se a sintaxe, que não é nada vulgar: deixar conversar-se de todos; conversando-se todos.

**côr** (subs.) «o houve o conde à sua mão com côr de ir todo em uma pipa» 77,13. Do latim *colore-*, por intermédio da forma *coor* (século XIII; José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*). Em sentido figurado, o latim *color*, pode comportar o valor de: *aspecto exterior*. É o que para aqui convém. Uma frase curiosíssima, para fundamento do que se diz: um velhaquete sob côr de santarrão, registada por Cândido de Figueiredo.

**cordas** (ataduras e -).

**correr** (v. i.) «O porto da banda de leste corre em praia quási uma légua norte e sul» «Corre esta ilha leste oeste quinze léguas de comprido» «corre leste oeste como a ilha» 19,30; 24,34; 34,1. Do latim: *currere*. Não é muito vulgar este valor de situação geográfica.

**correr-se** (v. r.) «correm-se estas ilhas principais umas com as outras quasi leste-oeste» 7,12. Repare-se na construção sintática: *correr-se com*. Vid.: *correr*.

**cortiço** (subs.) 47,3. Vid.: *cafua de gados*.

**cortinha** (subs.) 47,3. Vid.: *cafua de gados*.

**cortir** (v. t.) «peles de animais cortidas com casca de pinho» 9,14. Do latim: *\*conterire*, de *contêrere*. José Pedro Machado, no *Dicionário etimológico*, data-o de 1145: *corium curtidum*. A grafia preferida é *curtir*, mesmo pela velha tradição.

**cousa** (subs.) «que não deixaram cousa que alguma cousa valesse» 16,19. Não obstante a repetição da palavra *cousa*, a frase fica expressivamente válida.

**curar** (v. t.) «assim os curavam ao sol e ao ar» 23,37/38. Nesta frase é o valor de *secar* que, parece, serve. Do latim *curāre*. O Autor fala dum processo de embalsamamento, usado pelos primitivos habitantes de Tenerife.

**curioso** (de -).

**çurriada** (subs.) «como os via cessar de suas çurriadas» 37,2. Vid.: *surriada*.

**custoso** (adj.) «ainda que na polícia e trajos do vestido são já agora quási todos tão custosos, êles e elas, como os mais polidos castelhanos de Espanha» «e vestem tão custoso» 12,35/36; 30,28; 41,12;14. O verbo português *custar* é originado do lat.: *constare*, *manter-se parado*, *ser constituído*. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, observa: «o sentido de: *ter o preço de*, comum à área românica ocidental, talvez se tivesse desenvolvido com os complementos de preço». O sentido de *custoso* (em que entra o sufixo de abundância: *-oso*) nestas frases de Frutuoso não é corriqueiro: *com despesa*. Tem interesse aproximá-las desta frase do *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, registada pelo filólogo citado: *saindo tão ataviados e custosos e gentis homens*.

**cutelo** (jurisdição de baração e -).

**dadas** (subs.) «prometendo-lhes dadas e repartições de terras» «e como os mesmos canários naquele tempo não faziam tanta conta das dadas nem das terras» 22,17;19. É uma substantivação do participio passado do verbo *dar*. Da mesma raiz: *dádiva*.

**dar com** «e atravessando-o com um dardo, que trazia de um ferro comprido deo com êle morto em terra» 39,1. *Dar* é o latim *dare*. A sintaxe que este exemplo oferece tem interesse. *Dar com ele* pode significar: *encontrar*: procurou-o mas não deu com ele. O valor que para a frase de Frutuoso servirá é parente deste: *matou-o; foi encontrá-lo morto por si, resultou matá-lo*.

**dar-se** (v. r.) «mas não dados a vinho» «são dados a criações de gado» «dados a buscar junto da costa ambre de baleias» 12,27;33; 15,10. Repare-se na sintaxe: *dar-se a*, i. e.: *entregar-se*.

**dar sobre** «os quais deram de súbito sobre a Gran Canária» 5,20. *Dar sobre*: *atacar*.

**dar o tempo lugar** 39,11. Aqui temos uma expressão que bem pode esclarecer, ou contribuir para isso, a facilidade que há na mudança de significação. Por exemplo: não tenho agora lugar de escrever, isto é: não tenho agora tempo de escrever.

**debaixo até riba** «e debaixo até riba, que será meia légua» 55,4. Vid.: *arriba de*.

**de caminho** (loc. adv.) «e de caminho levou consigo muita gente» 22,14. Muito popular ainda hoje.

**de curioso** (loc. adv.) «mas saíram a ver de curiosos a terra» 67,6. É a locução adverbial de causa que interessa sobressair. O mais corrente, hoje, talvez fosse empregar o adjectivo como attributo: mas eles, curiosos, saíram a ver a terra. A preposição *de* poderá traduzir uma ideia de origem, a que o adjectivo, puro e simples, não chega. O étimo está no latim *curiosus*-, *que tem cuidado*.

**de esvaecido** «até que, de esvaecido, o mesmo gado» 24,11/12. Esta loc. adv. exprime a causa. *Esvaecido* é o p. p. de *esvaecer*, do lat.: *ēvānescere*, de *vānu*-, donde *vão*.

**defender** (v. t.) «que havia defendido que lhes não fizessem mal» 39,32/33. Do latim *dēfendēre*. O valor de *proibir* é muito antigo, do periodo arcaico da lingua, como informa José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*: e mando e deffendo que nengū non seia ousado de uijr contra esta carta.—Com vista àqueles que costumam acoimar de galicismo tal significação.

**de gota** (loc. adv.) «e outra cai de gota» 54,6. No português corrente. *de gota em gota*. *Gota* do latim: *gutta*-. Também: *em gotas* (Vid.: *de riba de*).

**deitar** (v. t.) «pedindo-lhe que deitasse êste príncipe daquela terra» 4,37. É o latim: *dejectare*. Note-se a regência: *deitar de*, *expulsar*. A prática moderna exigiria o aparecimento do advérbio: *fora*.

**deitar mão de** «e como João Machim, que ia diante, a viu, deitou mão dela» 64,32. Antes de tudo, note-se a conjunção temporal *como*, de pouquíssimo uso, na linguagem de hoje, possivelmente pela confusão que ocasionaria com a circunstância de causa. Repare-se na regência: *deitar mão de*. Presentemente, preferir-se-lhe-ia: *deitar-lhe a mão*.

**deitar o prumo** Vid.: *alevantar âncora*.

**de passada** (loc. adv.) «porque não teve mais que de passada a vista delas» 2,16. Frequentíssima é: *de passagem*.

**de riba de** (loc. prep.) «que cai em gotas de riba da abóbada» 58,37. Vid.: *arriba de*.

**desaventura** (subs.) «lhe contou ela sua desventura» 16,4/5. Hoje em dia mais usadas são as formas: *ventura* e *desventura*. *Aventura* é vulgar com o valor de: *proeza, imprevisto, risco*.

**de sobressalto** (loc. adv.) «e tomando-os de sobressalto» 21,21. No *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado, s. v.: *saltar*, figura esta locução, dada do século XVI (Barros: se os tomasse de sobressalto). No lat.: *saltare* e *saltu-estão* os étimos de *saltar* e *salto*, por via culta. De *salto* nasceu *saltear*, com o sufixo verbal: *-ear*. A ideia de *ataque* é posterior. Como termo de guerra primitiva, está intimamente ligado a *entrada*, do verbo *entrar*, do lat.: *intrare*: o inimigo entrou a cidade — abonação registada no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo. Actualmente, são preferidas: *de assalto, assalto, assaltar*. A loc.: *em sobressalto* tem um sentido distinto: *com medo*.

**dessemelhado** (adj.) «vindo o marido desta mulher e achando-a . . . tão dessemelhada, que quasi a não conhecia» 16,3. De *des-* (prefixo de negação) e *semelhada*, participio de *semelhar*, do lat.: *\*similāre*, por *similāre*, para explicar a consoante palatal *lh*.

**destetar** (v. t.) «pondo como mãe azinhavre azedo nas tetas para nos destetar e apertar dos mimos e regalos da terra». Constituído pelo prefixo *des-* e o verbo *tetar*, de *teta*. «Em texto escrito entre 1180 e 1230: *aut pede, aut teta de muliere*» — informa José Pedro Machado no seu *Dicionário etimológico*.

**diante** Vid.: *deitar mão de*. Pode ser advérbio: *em primeiro lugar*, que é o valor que aqui tem, e preposição: *ante: diante as nossas pastoras*, Rodrigues Lobo (exemplo colhido no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo). Como advérbio, é muito mais usado agora *adiante*, de *ad-de-in-ante*. *Diante* tem uma constituição parecida: *de-in-ante*. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, s. v.: *adiante* data do século XVI a variante *adiantes*: *adiantes destes iam os reis*. Anotem-se as construções, *adiante* e *adiante de*.

**direito** (a -); em -).

**disfarçado** (adj.) Vid.: *serão*. O sentido é diferente do que se usa vulgarmente.

**dispenseiro** (adj.) 42,23/24. Vid.: *gracioso*. Do lat.: *dispensāre, distribuir*, veio o português *dispensar*. Do p. p. *dispensa, dispensa* e *despesa*, que se substantivou. De *dispensa* e o sufixo *-eiro*. É sugestivo pensar-se na restrição que *dispenseiros* faz à palavra *proprietários*.

**dó** (subs.) «echando-a triste e cõberta de dó chorosa» 16,2. Do lat.: *dolu-*, através da forma arcaica: *doo*. Usa-se ainda hoje: *vestida de dó, vestida de luto*.

**dobro** (em -).

**docicada** (adj.) «fruta muito docicada» 47,19. Não o regista o *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, nem José Pedro Machado no seu *Dicionário etimológico* o inclui nos cognatos do nome *doce*, do lat.: *dulce-*. Aliás, o vulgar é: *adocicar*, que Machado, *ibidem*, data do século XVI. Esta forma implica a variante: *docicar*.

**dragão** (sangue de -).



**elevantar âncoras** Vid.: *elevantar âncora*.

**em alto ... em roda** «árvores a modo de oliveiras, mas mais baixas, porque não crecem muito em alto, senão em roda» 50,10. Sem dúvida alguma, é muito gracioso este dizer de Frutuoso: *em alto*, i. e., *para cima*; *em roda*, i. e., *para os lados (em círculo)*.

**embarcação** Vid.: *barco*.

**embarcar-se** (v. r.) «E ordenando um barco do tronco de uma árvore, que ali havia muito grossa, e embarcando-se nêle, com os que tinha» 2,38. Hoje em dia não é vulgar como verbo reflexo.

**embuçar** Vid.: *mudas*. Do latim: *buceu-*, adjectivo de: *bucca, boca*. *Embuçar* e *rebuçar* são compostos: *encobrir* (com capa, por exemplo).

**em direito** (loc. adv.) «por subir em direito» 44,32; 50,35. Ao que parece, *em direito* é muito menos vulgar que: *a direito*. A loc. prep. *em direito* de também se encontra em Frutuoso.

**em dobro** (loc. adv.) «o tem remediado em dôbro e mais» 41,36. Do lat.: *duplu-*. Data-a do século XIV (1318) o Prof. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*): corregeria em dobro o mal e a penhora. No século XIII (1282) a variante *en dubro*. Em Gil Vicente: «e peccais em dobro», II, 229 (*Obras*, ed. de Sã da Costa).

**em extremo de** (loc. prep.) «e posto em extremo de se perder» 66,11/12. Repare-se na elegância do dizer: *em extremo de*, para traduzir o *limite, a derradeira plataforma*.

**encurralar** (v. t.) 36,37. Vid.: *grado*. Formado do prefixo *en-*, do substantivo *curral* e do sufixo *-ar*. *Curral* é o lat.: *\*currare*, donde o castelhano *corral*. José Pedro Machado data *curral* do século XI: *et de currales*. *Curral* significa *casa, pátio, lugar em que se junta e recolhe o gado*. É muito expressivo este verbo para designar: *pôr cerco a*.

**engraecer** (v. i.) «Há nesta ilha muitos corvos, que fazem muito dano, assim nas sementeiras, quando as semeiam, como quando começam a engracer, e também nos gados miudos, quando nascem, porque lhe tiram os olhos, e os matam e comem, pelo que as mães os ciam muito deles e guardam, em quanto são pequenos» 23,18. De: *en-*, *grã*, *-ecer*. *Grã*, ou antes *grão*, do latim *granu-*. Portanto: *formar grão, formar semente*.

**engrossar** (v. t.) «e engrossarem os ricos em dois engenhos» 44,5. De.: *en-*, *grosso*, *-ar*. O valor aqui parece ser: *tornar mais rico*. Embora nem sempre corresponda à realidade, o que é certo é que, entre o povo, é costume aproximar-se a *gordura (a grossura do corpo) da riqueza*.

**enjoada** (adj.) «e por a amiga vir do mar enjoada» 2,32. Veja-se: *anojada*.

**enrochador** (adj.) 7,32. Assenta no substantivo *rocha*. Alude ao hábito de vida primitiva dos íncolas primeiros ou, menos possivelmente, à sua robustez. Vid.: *ganche*.

**ensenhorear** (v. t.) «nesta ilha de Tenerife saíram nove casais e desembarcaram e povoaram em diversas partes da mesma ilha; e ensenhoreando cada um o que pôde» 24,18/19. Com base no substantivo (e adjectivo) *senhor*, o prefixo *en-* e o sufixo *-ear*. *Apoderar-se de*. Mais frequente é: *assenhorear*. No prefixo *en-* e no prefixo *a-* (de *in* e *ad*) está a ideia de *movimento para*.

**ensinado** (adj.) «[as mulheres da ilha da Palma] são ... corteses e bem

ensinadas» 29,20. É um particípio passivo com significação activa: *que mostra educação, obediência*. O infinitivo *ensinar*, do latim: \**insignāre*, por *insignīre*, pôr uma marca, assinalar, de *signum*, marca.

**entradas** (saltos e -)

**entradas e saltos** «por razão de se darem de princípio muito às entradas e saltos contra os alarves da Berberia» 14,26;31. Vid.: *de sobressalto*.

**escalavradura** (subs.) «se curaram das escalavraduras dos paus e pedras que tinham recebido» 66,12. Do verbo *escalavrar* e o sufixo nominal *-dura*: *golpes, ferimentos*. José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*, s. v. *calabre*, data o verbo *escalavrar* do século XVI, com esta abonação: «e os botámos fóra assaz escalavrados, e nós tambem o ficámos».

**estoquear** (v. t.) Do substantivo *estoque*, do antigo francês *estoc*, *pau*, *pique*, *estaca*, *espada*, saíram os verbos: *estocar* e *estoquear*, por meio dos sufixos verbais: *-ar* e *-ear*.

**estorvar** (v. t.) «que quasi não havia quem lho estorvasse» «e assim não o estorvavam» 15,1; 38,25. Do latim: *exturbāre*. No dialecto madeirense, ouve-se a flexão *estroves*, que indica forma metatésica.

**esvaecido** (de -).

**extremo** (em - de).

**fajã** (subs.) «fajãs de vinha ao pé da rocha» 57,33; 62,19; 68,39; 70,2. A palavra *fajã* é dada por Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, como de uso antigo e regionalismo açoriano, e define: *terra baixa e chã*, abonando-a com um passo de Bulhão Pato: *fajãs virentes*. A palavra *fajã* aparece na toponímia da Ilha da Madeira: *Fajã dos Padres*, *Fajã de Nogueira*, *Fajã de Ovelha*, *Fajã dos Vinháticos* (Veja-se: Padre Eduardo Pereira, *Ilhas de Zargo*, II, 869). Antolha-se-nos que, possivelmente, será uma evolução do castelhano (canário): *fajana*, que se encontra como topónimo no Arquipélago das Ilhas Afortunadas. Neste caminho, procedemos a investigações, que, julga-se, nos levarão a essa conclusão. Pela chamada *etimologia popular*, caminho sempre fácil à obtenção de formas teratológicas, muita gente (e gente presunçosa de saber falar e escrever) usa não de *Fajã*, mas de *Feijã*, naqueles nomes de lugar, por influência de *feijão*.

**fanega** «quanto a rendimento do pão, ano houve, em que especialmente em Agatavar e Tixarafe respondeu a cento e quinze, cento trinta fanegas por fanega» 32,14;16; 33,31; 60,29. Para José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*, s. v.: *fanga*) é o árabe *fanīqā*.

**fazenda** (subs.) «ficarem roubados de tôda sua fazenda» «fazendas de açúcar» 17,6; 20,34; 45,27; 48,8;10; 49,5. No sentido de *haveres*, na primeira frase, no sentido de *terras*, na segunda. Repare-se no sentido colectivo. Vid.: *benfeitor*.

**fazer-se à vela** Vid.: *vela*.

**feito** (subs.) «Dizem que também das raizes dos feitos e gamões» 69,9. Do latim.: *filictu-*, de *filix*, veio o nosso *feto*, *planta*. Em Frutuoso aparece a forma *feito*, perfeitamente explicável. *Gamão* é irmão do espanhol *gamón*, *planta*.

**ferrenho** (n. gent.) «O Ferro [a ilha] tem um lugar de poucos visinhos, que se chamam Ferrenhos; porque há nela pedras que parecem ferro, e a costa frágua da mesma maneira, que parece escoria de ferro» 8,20.

**fiar** (v. i.) «mas não sabem fiar» «de quem se fiou o Pé de Pau» 30,30;

39,25. Acolá: *fiar*, de *filare*, de *filum*, *fio*; aqui: *fiar* (ou melhor: *f.ar-se*), de *fides*, *fé*. São as chamadas formas convergentes.

**fogo** (subs.) «comiam a carne crua por não ter fôgo, e agora, assada e cozida, depois que o tiveram ou inventaram fazer com dois paus, um chamado teimaste, que é rijo, e outro tabaiba (de que se faz o visgo) que é brando, roçando um no outro» 9,20.

**fora** (a -)

**fortuna** (subs.) «quando a fortuna a alguém começa ser contrária, de tudo o despoja» 2,39. Do latim: *fortuna*. Aqui no sentido de: *fado*, *destino*.

**frágua** (subs.) «e não lhe ficando instrumentos de frágua e fogo» 69,4. *Frágua*, do latim *fābrica*-; é sinónimo de *forja*, ramo do mesmo tronco latino, mas por via do francês: *forge*.

**frutos** (temporã de -).

**funda** (subs.) «tiram funda e lança» 12,25; 13,11. Tem duplo sentido este nome: *aparelho para arremesso de pedras ou balas* — como opina Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário* — e *bola de chumbo*. É o latim: *funda*.

**fusta** Vid.: *barco*.

**gado cabrum** «mas têm [Forteventura e Lançarote] muito gado cabrum» 8,13/14; 67,6; 70,25. A palavra *cabrum*, que é um adjectivo, provém do latim: *caprunu*-, de *cabra*. Esta terminação *-unu*- originou o sufixo: *-ûu*, *-û* (*un*, *um*), que aparece em *ovelhum*, *vacum*. A palavra *gado* é uma substantivação de *ganatu*-, p. p. do verbo *ganãre*. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, datou as seguintes formas: *ganado* (antes de 1096); *gãado* (Alfonso X, o Sábio); *gaado* (1262); *gado* (de 1426 em diante).

**gado ovelhum** 25,11; 70,24/25. *Ovelha* é o latim *ōvīcūla*, de *ovis*. Sobre o sufixo *-um*, veja-se: *gado cabrum*.

**gados** (cafuas de -)

**gado vacuum** «nem havia entre eles gado vacuum» 23,37. *Vacum* aparece no século XVI (José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*). De *vaca*, do latim: *vacca*- e o sufixo *-um*. Veja-se: *gado cabrum*.

**galé** Vid.: *barco*.

**gamão** Vid.: *feito*.

**gamela** (subs.) «árvores . . . , de que fazem grandes e pequenas gamelas do troço» 54,13. Do latim: *\*gamella*-, por *camella*-. Vulgarmente se usa com valor depreciativo.

**ganche** (n. gent.) «os naturais dela [da Ilha de Tenerife] se chamam Ganches, por serem muito enrochadores» «dizem que se êstes ganches foram concordes uns com outros» «que em nossa linguagem quer dizer valentes ou enrochadores» 7,31; 22,30; 23,29; 24,32. Vid.: *algares*.

**ginetairo** «e os melhores e mais destros ginetairos» 25,24. O Prof. Dr. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, tem largas considerações sobre a origem dos substantivos *gineta* e *ginete*. Segundo ele, vieram do árabe, por intermédio do castelhano. Não regista o cognato *ginetário*, que Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário*, define: aquele que montava à gineta (isto é: sistema de equitação com estribo curto). Machado diz: «Ora os cavaleiros *zenetas* (grande tribo de Marrocos), como decerto todos os mouros usavam estribos e

lanças curtas». Para Frutuoso servirá isso. A variante: *ginetairo* explica-se como *primairo*, de *primário*.

**giolho** (subs.) «e posto seu giolho em terra por debaixo das lorigas os estoqueava» 37,4. Do latim: *gènūc(u)lu-*, diminutivo de *genus*, proveio o português arcaico *geolho* ou *giolho* (variantes gráficas). Moderno: *joelho*.

**gófio** (subs.) «comiam gófio de cevada torrada» «e usam de gófio como mouros» «Comem mais gófio que outro pão» «faziam suas lavouras de cevada para seu gófio» «e mantêm com carne assada, gófio, leite e água» «seu comer é gófio de trigo e cevada amassado com azeite, mel e leite» «de gófio amassado com leite» «com que recolhiam para seus gófios» «de que fazem gófio os isleños» «em que fazem gófio» 9,23; 11,24; 14,1; 22,33; 30,2;6; 68,3; 69,8; 71,31; 84,11. É palavra considerada aborígene, guanche, e, porque se desconhece a sua origem, a bibliografia que lhe respeita aumenta constantemente. Para sua história há já contribuições importantes: Corominas, no seu *Diccionario etimológico de la lengua castellana* (4 volumes), Editorial Gredos, consagrou-lhe um artigo extenso, e dedicaram-lhe algumas páginas de criteriosas observações e valiosa documentação, entre muitos outros, o Prof. Max Steffen, na «Revista de Historia», La Laguna, n.º 62, 1943, p. 135; n.º 115/116, 1956, p. 70, o Prof. J. Régulo Pérez, *ibid.*, n.º 78, p. 250, o Prof. Antero Simón, *ibidem*, vol. XX, p. 198, e o Prof. J. Álvarez Delgado, em *Actas de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, vol. XXI, p. 20/58. O Prof. Régulo Pérez crê que o documento escrito que primeiramente cita a palavra *gófio*, «alrededor de 1500», é a *Historia de los Reyes Católicos Don Fernando y Doña Isabel*, de Andrés Bernaldez; para o Prof. Max Steffen, a primeira documentação é a *Historia de la conquista de la Gran Canaria* (de 1484), de Pedro Gómez Escudero. Os passos de Frutuoso, em que aparece a palavra *gófio*, indicados atrás, figuram na documentação aduzida por Max Steffen, com excepção de um: o da página 30, linha 2. Da atenta leitura dos trabalhos indicados, há duas notas dignas de saliência para o Autor das *Saudades da Terra*: I — a observação exacta de que nos textos frutuosianos a palavra é apresentada «como voz corrente, sin la atribución a los indígenas canarios que harán autores más tardíos» — do Prof. Antero Simón; II — a importância (aparentemente nula) da flexão plural usada por Frutuoso: *seus gófios*, facto que o Prof. Max Steffen (que em primeiro lugar o apontou) classifica de «interesante».

**gomeiro** (n. gent.) «êstes se chamam Gomeiros, como a Ilha Gomeira, de um Rei chamado Gomeiro ou Gomauro» 8,11.

**gota** (de -).

**gracioso** (adj.) «pois não os fêz Deus tão proprietários que os escusasse de dispenseiros dos bens que Êle le deu graciosos, pois dêle os receberam, para repartirem em semelhantes obras e com os pobres, e não para os guardar, ou mal gastar em vaidades» 42,24. Assenta no latim: *grātīōsu-*. Significa: *por favor*.

**grado** (subs.) «fizeram tanto contra os franceses, que a mal de seu grado os encurralaram» 36,37. Do latim: *gratu-*. Significa: *vontade*. Pode estar aqui, em: *a mal de seu grado*, uma das etapas das expressões estereotipadas, deste modelo: *mal grado seu; mau grado meu*.

**grandor** (subs.) «donde se colige o grandor da dita Caldeira» 44,36; 60,15. Do latim: *\*grandōre-*. É de uso antigo. É sinónimo de: *grandura*, de *grande* e o sufixo *-ura*. Vid.: *breu*.

**grandura** (subs.) «e quási sua semelhante na aparência da terra e grandura» 26,33; 69,15. Vid.: *grandor*.

**grota** (subs.) «há grandes e altas rochas e grotas pela terra dentro do mar á serra» «e vendo armas fugiam todos ao mais áspero das serras, grotas e rochas» «parte esta cidade uma grota que traz em tempo de chuvas grande enchente» 20,13; 23,26; 28; 24,1; 29,14; 43,12; 22; 45,16; 49,13; 16; 19. Do latim: *crupta*.

**guanches** Vid.: *ganches*. No seu *Dicionário*, Cândido de Figueiredo registou, unicamente, *guanchos* e definiu: *antigos habitantes de Tenerife*.

**guardar-se de** 23,10. Vid.: *tabaiba*. A etimologia que vulgarmente se aponta é o alto alemão *wartēn*, *procurar com a vista*. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) fala duma forma hipotética: *\*wardōn*. Repare-se na regência, que pode apresentar uma significação diferente da que aqui se abona: *guardar-se de tentações*, i. e., *evitar alguma cousa*.

**guirre** (subs.) «aves quási tão grandes como patas, brancas e pretas» 23,22. É vocábulo tido por aborigene. O Prof. Max Steffen, no seu trabalho *Lexicologia Canaria*, V, La Laguna, 1956, página 77, dá este substantivo como existente em Gran Canaria, Tenerife, La Gomera, El Hierro, e informa, baseado no livro de Raymond MacCurdy, *The Spanish Dialect in St. Bernard Parish, Louisiana*, Alburquerque, 1950, o seguinte: «La voz fue llevada por los canarios, a finales del siglo XVIII, a la Luisiana, donde vive aún».

**homens de cavalo** «há nela mais de quarenta homens de cavalo, que acodem aos alardos gerais de cidade» 25,38.

**imigo** (subs.) «nem impediam aos imigos» 38,25; 34. Do latim: *inimicu-*. Frutuoso usa duma forma arcaica, que José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) datou do século XIV. Chegou até o século XVI (Camões, *Gil Vicente*). A forma *inimigo* aparece noutros lugares, por exemplo, s. v.: *saltear*.

**impedir** (v. t.) Vid.: *imigo*. Em Frutuoso, o complemento objectivo vem precedido da preposição *a*, que não é de uso. Do latim: *impedire*, *entravar*, *embaraçar*, *deter*. No século XVI aparecem as variantes: *empedir* (Camões, *Os Lusíadas*, V, 96), com a flexão *empedem*, e *impidir* (Fernão Mendes Pinto) com a flexão *impida*: «porque se não impida de tua parte a clemência do alto Senhor» (Vid.: José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*, s. v. *pé*. No *Índice remissivo* deste notável trabalho do ilustre filólogo português, não figura, pelo menos no sítio que lhe compete: *impedir*, e cognatos: *impeditivo*, *impedido*, etc. É conhecida a acção absorvente e niveladora que sobre estes verbos (*impedir*, *expedir*, *despedir*) teve a influência do verbo *pedir*, de *\*petīre*, por *pētēre* (*peço*, *pedes*, etc.): *impido*, *expido*, *despido* — *impeço*, *expeço*, *despeço*. Os passos citados (Camões e Fernão Mendes Pinto) podem ajudar a esclarecer esse fenomeno de analogia. A grafia (e pronúncia?) *impidir* pode supor-se como resultante duma retroacção das formas: *impido*, *impidas*.

**inchado** (p. p.) «como em outras partes e nações fazem muitos inchados, que lhes parece serem sagrados, que não se hão-de deixar conversar de todos; o contrário o qual se usa nesta ilha da Palma e mais ilhas Canárias; onde vestem calção e cavalgam tão custosos os oficiais de officios mecânicos, como os fidalgos e regedores, conversando-se todos» «inchada presunção» 41,9; 40,21. Do latim:

*inflãre, soprar em*, veio o português: *inchar*. O particípio passado pode substantivar-se: o *inchado*.

**intitulado** (adj.) «de que hoje é intitulado Conde» 6,18. Do verbo: *intitular-se*, do latim: *intitulāre*.

**inventar** (v. t.) Vid.: *fogo*. Na expressão de Frutuoso: *inventaram fazer*, pode ver-se o significado de *descobrir*, próximo do que em latim também possuía e que a constituição de *invenire* o mostra: *in-venire: vir para*. *Inventar* pode ser um frequentativo de *invenire*, através de *inventare*. Há etimólogos que defendem a origem no francês: *inventer*.

**ir ao socorro** «companheiros, os quais foram ao socorro» 65,12. *Socorro* é um substantivo deverbal de *socorrer*, do lat.: *succurrere*. A regência moderna: *ir em socorro*.

**ir ter** «foram ter á Ilha com tormenta» 2,30;38; 3,32; 10,5; 24,17. Preste-se atenção em como o infinitivo *ter* traduz, à justa, o limite da acção do verbo: *ir*.

**jubões** (pespontar -).

**juiz pedâneo** «um alcaide . . . , como juiz pedâneo» 25,20. Do adjectivo latino *pedaneu-*, que tem o comprimento dum pé, por via popular, veio *peanho* e, por via erudita, *pedâneo*, que Cândido de Figueiredo (*Dicionário*) define assim: «diz-se dos juizes que, nas localidades menos importantes, julgavam de pé».

**junto** (adj.) «fizeram casar sacramentalmente aos que acharam juntos» 68,20. É o lat.: *junctu-*, do verbo *jungere*, *ligar*. É adjectivo, mas pode ser advérbio: *junto de*. A um ardina, de Lisboa, a quem foi perguntado se era casado, ouviu-se: *eu sou junto*, i. e., *vivo amigado com uma mulher*. É o sentido que convém à frase de Frutuoso.

**jurisdição de baraço e cutelo** «governador que tem jurisdição de baraço e cutelo» 18,10. Significa: *poder de condenar por força ou por degola*. A palavra *baraço*, *corda*, *laço*, vem do árabe *maraç*. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, estranha a ausência do artigo definido arábico. O substantivo *cutelo* é o latim *cultellu-*, diminutivo de *culter*, *faca*.

**lanças de tea** «Com pedras e lanças de tea, que é um pau de pinho, do cerne do qual queimado se faz o breu, e estas lanças com as pontas feitas e tostadas no fogo, sen mais outro ferro à maneira de azagaias» 22,5. *Lança* é o latim: *lancea-*. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) data a variante: *lâncea* do século X e *lança* do século XI. Vid.: *tea*.

**lancha** Vid.: *barco*.

**lanço** (subs.) «pelo que este pôsto fica abrigado pelo lanço que entra no mar» 78,36. Deverbal do verbo *lançar*, do lat.: *lanceāre*, *atirar a lança*. Para a história da evolução do sentido, este exemplo, consignado por José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) tem muito valor: *foy tomar outro abaixo quanto seria lanço de uma pedra* (Azurara). Este sentido está próximo do que convém à frase de Frutuoso.

**lavravar** (v. t. e v. i.) «lavrando a terra com cornos» «lavraram bem mas quasi não sabem fiar nem tecer» 9,28; 30,29. Do latim *lābōrāre*. Ao que parece, temos aqui os significados de *trabalhar a terra* e o de *bordar*. Pode ser mais extensa ainda a sua economia semântica: *trabalhar*.

**lenha** (subs.) «para cortar e acarretar as canas e lenha» 45,33. O vocábulo *lenha*, define-o deste modo Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário: rama-gem de árvores, de estevas ou outras plantas, destinada a alimentar a combustão nos fornos, nas cozinhas*. Parece-nos que nas Ilhas portuguesas (e esse valor servirá para o passo de Gaspar Frutuoso) são *as pernadas dos pinheiros, utilizados na combustão*. Daqui as seguintes expressões: *um pau* (ou: *pauzinho*) *de lenha*; *um canelo de lenha* (quando é *roliço*, e, por isso *delgado*); *uma racha de lenha* (a *pernada do pinheiro*, quando mais grossa, é fendida, em geral, *em duas metades*; *racha de lenha é cada uma dessas metades*). *Lenha* é o latim *ligna-*, plural de *lignum*. A pluralidade mantém-se na significação colectiva que possui.

**lenha santa** Vid.: *lenho santo*.

**lenhonoe** (subs.) «árvores baixas como murteiras, que chamam lenhonoe, o pau das quais é aromático e cheira bem» 22,38. Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário*, regista somente formas diferentes deste nome, que, na origem, é um composto: *linaloés, lenho-aloé, lenho-aloés, lenho-loé, lenho-loés*. Na combinação latina, que originou este vocábulo, i. e., em: *lignum álloés, álloés* é genitivo (de origem grega). Corominas, *Diccionario*, arquiva as formas castelhanas: *lignáloe* e *lináloe*. Referindo-se ao elemento *lignum*, diz: «común a todos los romances, aunque algunos sólo han conservado el plural o el singular». No português estão representados os dois: *lignu-*, *lenho*; *ligna-*, *lenha*.

**lenho santo** «árvores baixas e rasteiras que chamam lenhos santos, ou lenha santa, a qual verde arde, e tem a côr como de losna» 23,2.

**levar âncoras** Vid.: *alevantar âncora*.

**lhe** (pron. pes.) Em várias frases de Gaspar Frutuoso, como em: 23,19; 24, 2; 3; 4; 6, encontramos, e isso era corrente no português antigo, o pronome pessoal *lhe* com valor plural. Hoje usa-se ainda: *lho* (*lha*), *lhos* (*lhas*) podem representar: *lhe o, lhes o, (a), lhe os, lhes os, (as)*. É interessante notar que no troço de frase: *se lhe vão bulir com eles e se algum travesso lhe vai deitar* - se pode ver em *lhe* uma função do chamado *dativo ético*. A presença do pronome *lhe* pode estar intimamente exigida pelo verbo auxiliar da conjugação perifrástica: *ir* (*vão bulir e vai deitar*).

**liar** (pron. pes.) «e já são liados com os espanhóis, com que casam seus filhos e filhas» 13,18. Do lat.: *ligare*. É divergente de: *ligar*. José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*, s. v.: *ligar*, consigna-lhe o século XIV, mas acrescenta: «deve ser anterior».

**locus** (primo occupanti conceditur -)

**lógeas e adegas** «não quiseram em nada mais entender que em comer e beber, de que havia assaz lógeas e adegas» 38,24; 69,2. *Lógea* assenta no francês: *loge*; *adega*, do latim: *apothēca*.

**logo** (adv.) «e logo as Ilhas do Cabo Verde» 1,5. Do latim: *locu-*, *lugar*. Adquiriu o sentido de: *tempo: depois*.

**logo-tenente** «como senhor que é supremo e logo-tenente de Deus» 2,6. Do lat.: *lōcus, lugar*. *Tenente* é o particípio presente do verbo *ter*, do lat.: *tenere*. Significa: *que tem o lugar*. Vid.: *logotente*.

**logotente** «Assiste o governador o mais do tempo na cidade e visita cada vila e lugar de três em três meses, ou por si ou por seu logotente» 26,28. *Tente* vem de *tenente*, mediante a forma: *teente*, de *téente*.

**loriga** (subs.) «por debaixo das lorigas» 37,4. Do latim: *lōrīca-, couraça*.  
**losna** (subs.) «por ter dantes muitos agacencios, que cá chamamos losna» 23,3; 48,13. O português *losna* e *alosna* provieram do castelhano *alosna*, do lat.: *aloxīnu-*. *Losna* mostra-nos a aférese do *a-*, facilitada pela presença do artigo. Machado (*Dicionário etimológico*) data-as do século XIV.

**lugar** (dar o tempo -).

**madeira de tea** «e madeira de tea tão disposta para arder, que ateando-se a um mesmo tempo ardeu toda a cidade» 40,7. Vid.: *tea*.

**madre** (subs.) «que traz em tempo de chuvas grande enchente, ainda que não se viu nunca sair tanto de madre que faça dano» «foi esta vila quási alagada do mar, e entrou por ela, saindo da madre, pela banda de Malpais» 20,14; 27,1. Do latim: *matre*. É o *leito ou álveo dum curso de água*, no primeiro caso; *limite*, parece, pode servir para o outro passo.

**maforeiro** (n. gent.) «Os moradores dela [de Forteventura] se chamam Maforeiros, não sei por que razão» 8,19. Vid.: *mahorero*.

**mahorero** (n. gent.) «os islenhos [de Forteventura e de Lançarote] se chamam mahoreros, que em nossa linguagem quere dizer criadores de gados, porque este é seu ofício». 14,22. Frutuoso (8,19) declarou ignorar a razão por que se chamavam os habitantes de Forteventura *maforeiros*. Aqui indica já o motivo. O Prof. Doutor D. Juan Álvarez Delgado («Revista de Historia», La Laguna, vol. XI, p. 207) tem as seguintes e interessantes considerações a tal respeito: «El uso actual de Canarias conserva la denominación de *majos* para los nativos de Lanzarote (también llamados *conejeros*, con nombre hispánico, por las demás islas) y de *majoreros* (la misma forma de la otra isla con el sufijo hispánico en *-ero*) para los nativos de Fuerteventura». «Torriani dice que Lanzarote y Fuerteventura fueron llamadas por los nativos del país: *Maoh*, y por eso ellos se llamaron *maohereri*». E o ilustre Catedrático conclui não só por estabelecer relação entre *Maoh* e *ahoh*, que significará: *la tierra, el país* e que aparece em *Benahoare*, mas também por concluir que o gentílico significa: *homens do país, homens da terra*. Resta acrescentar: há pontos de contacto entre o informação de Torriani e Frutuoso: que o nome pátrio é *maohereri* e *mahoreros*; que é extensivo às duas ilhas: Lanzarote e Fuerteventura. Ainda que elas não sejam irreconciliáveis entre si, até que ponto a razão de Frutuoso poderá confirmar ou infirmar a hipótese do Prof. Álvarez Delgado?

**mais** (adv.) «e os mais que os viram» «os mais que estavam vendo sua determinação» 3,1/2; 25,31; 26,5; 31,39; 37,21; 38,35; 41,26; 53,20. Também se usa: *os mais de*, onde a preposição *de* traduz a ideia de totalidade, de que se tira uma parte indefinida (partitivo). Ainda que, à primeira vista, se nos afigure substantivação do advérbio, tal solução não é de seguir, provavelmente, porquanto na primitiva constituição da expressão deve ter aparecido um substantivo, a que o advérbio atribuía um sentido indefinido de quantidade: *os mais homens; as mais pessoas; as mais cousas*.

**mal** (a - de seu grado).

**mão** (deitar - de); (moenda de -); (moinho pequeno de -).

**mãos** (às -).

**mar** (virações do -).



**meado** (adj.) Vid.: *temporã de frutos*. Em *meado abril*, Frutuoso usa dum forma que é adjectivo. Muito mais conhecida é a prática de substantivo: *no meado de Janeiro*. Há também a locução: *a meados de*. Do lat.: *mediatu-*. Dos cognatos: *mediu-*, *meio*, e *mediare*, *mear*.

**meirinho** (subs.) 25,20; 26,23. Cândido de Figueiredo (*Dicionário*) define-o assim: *antigo empregado judicial, correspondente ao moderno oficial de diligências*. É o latim: *mājōrinū-*.

**méis e reméis** «e são grandes os proveitos dos méis e reméis que enviam a Flandres» 45,30. Do lat.: *melle-*, veio o substantivo português *mel*; por meio do prefixo *re-* (de intensidade — Em Castilho, segundo informa Sousa da Silveira nas suas *Lições de Português*, 1952, p. 113, encontra-se: *verdade e reverdade*): *remel*. O plural de *mel* e *remel* pode ser duplo: *meles* e *remeles*; *méis* e *reméis*.

**mocães ou mocanes** 47,20;32. Vid.: *mocão*.

**mocanes** (mocães ou -)

**mocão** (subs.) 47, 17;38. Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário*, regista as formas *mocã* e *mocano*, a respeito do qual diz: *árvore madeirense (Pitosporum coriaceum, Ait.) de 6 a 8 metros de altura*. Baseou-se no «Boletim da Sociedade de Geografia», XXX, p. 610.

**moço** (adj.) «era muito mais moça» 65,38. Usa-se como adjectivo, para exprimir a ideia de *jovem*: *este é o irmão mais moço*. Tem parentesco com o castelhano *mozo*.

**modo** (a - de).

**moenda de mão** «porque têm suas moendas de mão» 11,23. *Moenda de mão* é o mesmo que *moinho de mão*. A palavra *moenda*, quanto ao étimo, é um gerundivo: *molenda*, do verbo *molêre*: *coisas que devem ser moidas*. *Moinho*, do adjectivo latino *molinu-* (scilicet: *saxum*).

**moinho pequeno de mão** 30,9. Vid.: *moenda de mão*.

**montar** (v. t.) Vid.: *tentear*. Do latim *\*montāre*, de *mons*.

**morada** (subs.) 58,20/21. Vid.: *rancho*.

**mudas** «e porque afora uns badulaques, de que usam, que chamam mudas [as mulheres da Ilha da Palma], andam embuçadas no campo» 30,39.

**náu** Vid.: *barco*.

**navio** Vid.: *barco*.

**nojo** (subs.) «com algum nojo que teria de alguns seus vassalos». 10,14. Vid.: *anojar*. Segundo nos parece, com o sentido etimológico: *in odio*.

**obra** (pôr por -).

**obras de rede** «e fazer obras de rede». 30,32. Talvez seja de atribuir a esta expressão o valor de malha, registado por Cândido de Figueiredo, no *Dicionário*. *Rede*, do latim *rēte-*.

**occupanti** (primo - conceditur locus).

**oito centos** «e que lá o favoreceu o Duque de Medina com oito centos homens» 22,13. Na linguagem actual, quando se usa o numeral *cento* como substantivo, pospõe-se-lhe a preposição: *de*: *oito centos de homens*. Como adjectivo numeral: *oitocentos*.

**olhos** (ver com os -)

**ordenar** (v. t.) «É ordenando um barco do tronco de uma árvore» 2,36. Do latim: *ordinare*. Recorde-se a sintaxe inglesa: He ordered a suit.

**osso** (sovela de -).

**outro** (um . . . -).

**ovelhum** (gado -).

**paga** (subs.) «correndo a fama de tantos saltos e entradas . . . , deram muitas vezes a paga aos de Lançarote» 15,14. Substantivo deverbal do verbo *pagar*. É popularíssimo.

**palmeiro** (n. gent.) «os naturais dela [da Ilha da Palma] se chamam palmeiros, por ter a Ilha muitas palmas» 8,8.

**pão** (subs.) «terras de pão e pastos» «terras de pão» «o pão que mais se dá nesta ilha é cevada branca muito boa, de que fazem gofio os islenbos» 7,27;31; 8,10; 9,12; 14,1; 25,22; 32,4;13; 46,3; 49,23; 50,4; 58,28; 71,30; 76,37. Terras de pão, i. e., terras de trigo ou centeio. Cândido de Figueiredo (*Dicionário*) abona com Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, o seguinte significado da mesma roda: *a planta do trigo: os pães já sazonados*. É o fenómeno da metonímia. Do latim: *pane*. forma *pan*, José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, data-a do século XI.

**pão trigo** «e da banda do norte de pão trigo e cevada» 32,8. Ao que parece, a função de *trigo*, aqui, é a de adjectivo, como: *farinha triga, fogaça triga. Trigo*, do latim *triticu*-. José Pedro Machado no seu *Dicionário etimológico*, data dos séculos XII e XIV, as formas variantes: *triigo* e *trijgo*. Vid.: *pão*.

**par** (a - de).

**passada** (de -).

**pau branco** 8,36 Vid.: *almástico*. *Pau-branco*, consigna-o Cândido de Figueiredo (*Dicionário*), que o define assim: (*Picconia excelsa*), grande árvore são-tomense, cujas raízes tem propriedades purgativas. Árvore açoriana». Segundo informação do livro *Ilhas de Zargo*, do Prof. Eduardo Pereira, I, p. 289, é espécie lenhosa indígena da Ilha da Madeira. Encontra-se no Rabaçal, na Encumeada de S. Vicente, na serra da Boaventura. A madeira emprega-se em construções marítimas.

**pau de tea** «certificam ser feita [a capela] toda dum pau de tea, cousa que parece impossível, mas quem vir os pinhos, que há na ilha e sua grandura, não o terá em muito» «tanques tão grandes feitos de pau de tea, que é uma madeira de pinho, de que se faz o breu» 26,32; 47,12. Vid.: *tea*.

**pedâneo** (juiz -).

**pedra tubona** «que aguçavam com as mesmas pedras tubonas» 9,16. Vid.: *tubona*.

**pedra viva** «um rochedo mui alto de pedra viva» 26,36; 50,29/30. É assim que, ainda hoje, se chama, muito expressivamente, nalguns lugares (Madeira, por exemplo) ao basalto negro.

**penca** (subs.) «onde em cima fazem copa redonda, como palma sem penca» 54,9. Para Cândido de Figueiredo (*Dicionário*), e essa significação serve para Frutuoso, é: «folha grossa e carnuda». Na Ilha da Madeira (Marques Caldeira, *Falares da Ilha*, Funchal, 1961), *penca* é «cada um dos grupos frutíferos dos cachos de banana». Compreende-se este valor especial, se tivermos em vista que

cada um desses grupos de bananas, quando desponta e durante certo tempo, tem a tapá-lo, por protecção maravilhosa, uma cobertura carnuda e forte, que se desprende, naturalmente, por secagem, quando a sua tarefa está finalizada, i. e., quando o fruto já prescinde de resguardo e pode sozinho evoluir. Corominas (informa José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*) pensa tratar-se de «palavra común a los tres romances ibéricos: quizá fue primitivamente un adjetivo: *hoja pe(d)enca*, del latim: *pes, pie*».

**pescar de cana** «podem ir a pescar de cana alguns mancebos islenhos» 63,6. Do latim: *\*piscāre*, por: *piscāri*. Hoje a regência com a preposição *de* não é muito corrente; preferem: *à cana*.

**pespontar jubões** 30,31. Assenta no lat.: *punctu-*, *picada*, *orificio resultante da picada*, donde o português: *ponto*. Há a variante: *pospontar*. Boa definição, pela clareza, esta de Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário*, s. v.: *pesponto: ponto de costura, em que a agulha entra um pouco atrás do lugar por onde saiu (para dar novo ponto)*. *Jubão* é o castelhano *jubón*. Em castelhano também existem: *aljuba* e *juba*. Em português do século XV (datado por José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*): antes meteo as mãos de só huía aljuba que trazia. No século XIX (abonação registada por Cândido de Figueiredo no seu *Dicionário*), Herculano: *saiu hoje afanado com a sua aljuba nova*. A origem de todas as formas é o árabe: *al-jubbā*, *vestido, manto, espécie de loba*, que usam os orientais. Em português também há: *gibão*.

**piar** (subs.) «A igreja principal tem sete piores» 80,6. Do latim *\*pilāre*, de *pīla*, *coluna*, veio directamente: *piar*, que José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) data do século XIV. A forma divergente e moderna *pillar* é proveniente da castelhano: *pilar*.

**pipas e botas** Vid.: *pipas ou botas*.

**pipas ou botas** «e vinha que dava quatrocentas pipas ou botas de vinho, não deu dois barris» «degas cheias de pipas e botas de vinhos» 32,38; 40,33/34. *Bota*, *recipiente e antiga medida de capacidade*. José Pedro Machado julga adaptação do italiano *botte*. *Pipa*, da família do castelhano *pipa*, se é que não foi tomada deste, *vasilha para vinho ou água*.

**ponto** (a - de)

**pôr por obra** «tendo este conselho por bom o pusera por obra» 74,13. É uma formosa expressão de: *realizar, executar*. A palavra *obra*, do latim: *ōpera-*, *trabalho*, pode supor o início imediato ou o termo da execução. Repare-se na regência: *pôr por*, ao lado de: *pôr como*.

**por via de** (loc. adv.) «em quem Maciot Betancor as trespassara por via de doação» 6,8. *Via* é o latim: *via*, *caminho*. É corrente esta locução com o valor de *causa*: *eu lá fui por via de ti*. Aqui, nesta frase de Frutuoso, se pode interpretar como expressão de *meio*, também não é despropositado vermos uma ideia de *lugar por onde*, aliás mui afim da de *meio*.

**presa** «grandes cães que acharam nela; e, ainda hoje em dia, há alguns maiores que lobos; são brancos e malhados, e de tal presa, que sogigam a fortissimos touros» 19,10. É muito do gosto popular chamar *presas* aos *dentes caninos*. O lat.: *prēhendēre*, por meio da forma *prendēre*, está na origem do nosso *prender*. Do part. pas. do último: *prensu-*, veio *preso*; do mesmo modo a forma feminina: *prensa*, explica: *presa*, substantivada, depois de se operar a alteração semântica.

Em Diego Sánchez de Badajoz: «Un alano lleua fuerte / de presa y gran magestad» — *La montería espiritual*, in *Recopilación*, Madrid, 1929.

**prevehir** (v. t.) «e os tinha previndos, dizendo que» 64,11. Do latim: *praevenire*, tomar avanço, ultrapassar. O particípio passado, que hoje se diz: *prevenido*, foi: *previndo*, como muito bem usa Gaspar Frutuoso. O mesmo se nota em *vir*, de *venire*: *vindo*. Note-se que *previndo* deu lugar a *prevenido*, o que se não passou com *vindo*. Recorde-se, por exemplo: *abrir / aberto*; *desabrir / desabrido*.

**primo** (- occupanti conceditur locus).

**primo occupanti conceditur locus** «os legistas e canonistas tem uma regra que diz: primo occupanti conceditur locus» 1,24.

**prumo** (deitar o -)

**quebrada** (subs.) «que está co-no em uma quebrada» 70,2. É substantivação do part. pas. de *quebrar*, do latim: *crepare*. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) data-a de 1220 (séc. XIII). Parece quadrar melhor o sentido de: *declive*.

**rancho** (subs.) «chamou aquele sitio Garafia, que em lingua islenha quere dizer aifaraga e em espanhol rancho ou morada» 58,20.

**rede** (obras de -).

**redor** (cercar ao -).

**reméis** (méis e -).

**remel** (subs.) «e ainda que com remel do açúcar nos engenhos matem muitas» 57,7. Vid. *méis e reméis*.

**remo** (subs.) «sem vela, nem remos» 2,39. É o latim: *remu-*. José Pedro Machado, *Dicionário etimológico*, datou-o de 1338: «leuauam pera terra de mouros armas ou pez ou Remos ou madeira ou linho Canaue». Abel Marques Caldeira (*Falares da Ilha*, Funchal, 1961) regista a bela locução adverbial: *a remo*, isto é, *a direito*, donde, depois: *a propósito*, *a talho de foice*, como se vê em Cândido de Figueiredo (*Dicionário*), visto que julgamos a locução nascida do facto de se observar que a acção vigorosa e, especialmente, simultânea dos remos (isto ocorre entre os pescadores) imprime ao barco uma direcção certa.

**responder** (v. i.) A regência: *responder a ... por ...* não é nada vulgar. O sujeito gramatical pode entender-se como sendo: *o rendimento do pão*. Para expressar a mesma ideia, Frutuoso (33,31) diz, diferentemente: *de uma fanega de sementeira se colhiam cento e dez*. A preposição *a*, ao que se nos antolha, introduzirá uma circunstância de *meio*. Para o mesmo valor podia dizer-se: *corresponder*, alterando o jeito da frase: *a uma fanega corresponderam cento e quinze, cento e trinta fanegas*. É o latim: *respondere*. *Corresponder*, do latim: *correspondere*, indica uma correlação, a que não é estranha a presença do prefixo *co-*. Do significado: dar uma resposta, chega-se facilmente ao preço que tem na frase de Frutuoso. Vid.: *fanega*.

**ressaca** «se encontram ds mares e ressacas em aguas vivas» 20,5. É o castelhano *resaca*. O verbo (port. e cast.) *sacar*, da mesma familia, é de origem controversa. É interessante este documento do ano 1026 (portanto: século XI), registado por José Pedro Machado, *Dicionário: et sakaste nobis de barcas*. Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, dá esta definição, que não serve para o texto de

Frutuoso: «movimento feito pelas ondas quando se desviam de praia». O que lhe acerta, como sopa no mel, é estoutro, vulgaríssimo na vida praieira: redemoinho das águas do mar, provocado pela presença de rochedos ou ainda pela configuração protuberante do relevo submarino. Frutuoso alude a «ilheus ou ilhetas» (20,8).

**restar** (v. t.) «restavam de conquistar estas três» 5,16. Reparar na regência desusada: *restar de*.

**riba** (debaixo até -); (de - de).

**rociar** (v. t.) «que cada dia rociavam com leite de cabras» 9,33. Na Península Hispânica deve ter existido uma forma latina \**roscīdāre*, do adjetivo *rōscīdu-*, que explica o português *rociar*, o castelhano *rociar* e o catalão *ruixar*. Para o passo apontado: *orvalhar*, *borrifar*.

**roda** (em alto ... em -).

**saber de conta** «podia este não acertar, pois não sabia de conta» 67,36/37. Formosa expressão da certidão, do conhecimento de causa, exacto. A palavra *conta*, que aqui aparece em cimeiro valor, entra com igual preço em outras expressões: *dar conta de*, *tomar conta de*. Deverbal de *contar*, do latim: *compūtāre*.

**sabina** (subs.) «onde há muitas sabinas, que é um pau á maneira de cedro, e de melhor cheiro mas mais alvo na côr» 51,34. Do latim: *sabīna-*.

**sabipeduiaes** (subs.) «há nesta montanha ... sabipeduiaes cheirosos como cedros» 47,32/33. Na previsão de que se não trata dum erro de cópia (sabe-se a que tropelias tem estado sujeito o autógrafo de Gaspar Frutuoso!), propõem-se as seguintes considerações: I. «Es evidente palabra compuesta: *sabi y peduiaes*. La *sabina* (*Juniperus sabina*) se llama también: *sabina rastrera*, *sabina ratiza*, *sabina terrera*, *sabina chaparra* (Font y Quer, *Plantas medicinales*, s. v.). No hallo *peduiques*, ¿pero será el castellano *pedujales*? Ahora bien: no comprendo cómo se ha hecho este compuesto, que aludirá a las ramas rastreras de la sabina, que, en efecto, se ha confundido con el cedro por su olor». II. Consultado sobre o assunto o Engenheiro-agrônomo Rui Vieira, diz não conhecer o vocábulo *sabipeduiaes*, mas pensa, havendo qualquer relação com *sabina*, tratar-se da espécie *Juniperus phoenicea* (L.), «árvores ou arbustos semelhantes a cedros, a qual existe nas Canárias, também na Região Mediterrânea, na Madeira e no Porto Santo. No Arquipélago da Madeira, muito raros são os exemplares conhecidos. O povo dá-lhes o nome de *zimbreiros*». Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, de par com *zimbreiro*, consigna *zimbro*, e informa que as «bagas desta árvore juniperácea se aplicam na composição da genebra». Recorde-se que *genebra* é o antigo francês *genèvre*, do latim \**jeniperu-* (por *juniperu*), donde *zimbro* e *zimbreiro*, cujo sufixo *-eiro*, como se sabe, é corrente na formação de palavras designativas de *árvores*.

**saco** (subs.) «porque quanto havia nas naus do saco e cativos, todo lhe faria dar por seu resgate» 38,32. Vid.: *saque*.

**saфра** (subs.) «nenhum [dos engenhos de açúcar] abaixo de saфра de seis, sete mil arrobas» 20,31. Vid.: *açafra*.

**sair** (v. i.) «e por a amiga vir do mar enjoada, saiu em terra con alguns da companhia» «e saíssem nelas» «E chegado às ilhas, saindo em terra» «sairam em terra» 2,32; 3,12;33; 35,21; 63,29; 66,37. Como era prática no português antigo: *sair em*, com o valor do actual *ir para*. Também se usa: *sair para*. Temos, assim, vestígio da preposição *in* para a expressão da circunstância de *lugar para onde*,

**salgueiro** (subs.) 44,24; 55,10/11. Do lat.: *salicāriū-*, de *sālix*. Vid.: *sauzes*.  
**saltear** (v. t.) «por não serem até ali os inimigos dêles salteados» «salteando portos» 15,2; 38, 6/7. Vid.: *de sobressalto*.

**salto** (subs.) «Berberia, aonde vão fazer muitos saltos» «começou a dar-se a fazer saltos em Berberia» «quis um dia fazer um salto» 13,23; 14,37; 21,17. Vid.: *de sobressalto*.

**saltos** (entradas e -).

**saltos e entradas** 15,12. Vid.: *de sobressalto*.

**sangue de dragão** «e colhem deles uma goma tão vermelha como sangue, que chamam sangue de dragão» 53,39; 54,2. *Dragão*, *drago* e *dragoeiro* são nomes portugueses da árvore da família das liliaceas, oriunda das Canárias, de que se extrai uma resina vermelha, conhecida pelo nome de *sangue de drago* ou *sangue de dragão*. *Drago* é forma de nominativo; *dragão*, do latim: *dragone-*. *Dragoeiro* assenta no anterior *dragon* e apresenta o sufixo *-eiro*. Em castelhano é *dragón* e *drago*.

**santa** (lenha -)

**santo** (lenho -)

**saque** (subs.) «e todo seu roubo, e saque» 40,3. Do italiano *sacco*, veio *saco*, substituído inteiramente, depois, por *saque*. Vid.: *saco*.

**sauzes** «tirando as terras de canas de açúcar dos salgueiros, que lá chamam sauzes» 32, 1; 44,24; 55,10. *Sauze*, cujas formas antigas (*Corominas*, *Dicionario*) são *salce* e *salze*, é o latim: *salice*. Vid.: *salgueiro*.

**sazão** (subs.) «porque ja a esta sazão não ficaram nem se achavam ervas» 33,14. Do latim: *satione-*. *Estação do ano*.

**serão** (subs.) «e custosos serãos com librés de sêda» «e indo a serãos disfarçados com librés mui custosas» 30,35; 41,13. Do latim: *\*seranu-*. Tem plural duplo: *serãos* e *serões*.

**sobressalto** (de -).

**socorrer-se** (v. r.) «e não podendo sofrer tantas afrontas e perdas se socorreram ao Turco» 15,16. Do lat.: *succurrere*. Repare-se na regência *socorrer-se a*.

**socorro** (ir ao -).

**soglar** (v. t.) «são brancos e malhados [os câis] e de tal presa que sogigam a fortísimos touros» 19,11. O latim: *subjugare* originou as formas alotrópicas: *sojogar*, *sogigar* e *subjugar*. A base está no substantivo *jugum*. Não é corrente o uso da preposição *a* com o complemento objectivo.

**sovela de osso** «peles cosidas com correias e com sovelas de osso» 9,15. O português *sovela* é paralelo do castelhano *subilla*, ambos do latim: *\*sübëlla*, de *sübüla*.

**suprir** (v. i.) «pelas bordas da qual se dá muito inhamo branco que em anos caros supre por pão, sendo cozido» 53,28/29. Do lat.: *supplere*. Houve a variante *soprir*. Repare-se na regência: *suprir por*.

**surgir** (v. i.) «foram ter á Ilha com tormenta e surgiram naquêlê pôrto» «e surgindo em Gran Canária» 2,30; 5,9. Do latim: *surgere*, *levantar-se*. Como vocábulo de linguagem marítima, parece exprimir a ideia de *parar*, de *ancorar*.

**surriada** (subs.) «indo dando surriada» 36,14. Parece poder depreender-se do texto que os piratas, além das ameaças com os arcabuzes, alvoroçavam as

gentes com a vozearia própria do ataque à rua da povoação. Parece que deverá escrever-se *çurriada* (Fernão Mendes Pinto). Vid.: *çurriada*.

**tabaiba** (subs.) «há também outras duas maneiras e qualidades de árvores que chamam tabaibas, uma se chama tabaiba doce, que do leite dela, se faz o visgo, o qual é alvo como massa de pão de trigo, e algumas pessoas trazem esta massa dêle na boca, por dizerem ser boa para alimpar os dentes. A outra espécie de tabaiba tem o leite, que deita de si, tão forte, que não há duvida, caindo nos olhos cega-os, pelo que se guardam muito dele» 9,22; 23,4; 48,26. A *tabaiba* de que fala Frutuoso é uma das «diferentes especies de *Euphorbia*» (Vid.: Max Steffen, *Lexicología canaria*, La Laguna de Tenerife, 1956, pág. 79). Na Madeira são conhecidas de toda a gente as palavras: *tabaibeira* e *tabaibo*, mas para significar coisas muito diferentes: *tabaibeira* é a *Opuntia tuna*, Mill., e *tabaibo* é o respectivo fruto. Têm muito interesse estas informações do erudito historiador que é o Padre Eduardo Nunes Pereira, no seu livro precioso *Ilhas de Zargo*, Funchal, 1956, pág. 579, sobre essa planta subespontânea: «da América tropical, comum à Madeira e Porto Santo, que se desenvolve e produz abundantemente nas duas ilhas onde está naturalizada. Frutifica de Julho a Setembro. O *tabaibo* é colhido à vara munida esta dum prego numa das extremidades para o perfurar, e também à mão revestida duma luva especial por causa dos espinhos. Esta fruta é doce e fresca. A freguesia mais rica em *tabaibos* é S. Gonçalo. No Campo de Baixo e Serra de Dentro, no Porto Santo, existe grande quantidade de *tabaibeiras*, cujos frutos são mais pequenos, secos e menos doces que os da Madeira. Em São Martinho (Madeira) há uma variedade de polpa amarela, como gema de ovo; no Porto Santo, outra de polpa roxa, no sítio dos Arrifes». A *tabaibeira* e o *tabaibo*, em larga profusão, encontram-se nas Canárias, com o nome de *tunera* e *tuno*, que também chamam: *higo pico*, *higo picón*. A designação de *higo chumbo* está circunscrita à Espanha continental. O Engenheiro-agronomo Rui Vieira, Director do Jardim Botânico da Madeira, a quem se pediram esclarecimentos sobre isto, comunicou-nos: «que a designação espanhola *tabaiba* não é específica, porque, com ela, se denominam várias espécies do género *Euphorbia*». «Que me lembre — diz na sua carta — há: *tabaiba morisca* (*Euphorbia obtusifolia*, Poir.), *tabaiba salvaje* ou *tolda* (*Euphorbia aphylla*, Brouss.), *tabaiba dulce* (*Euphorbia balsamifera*, Ait.), *tabaiba majorera* (*Euphorbia atropurpurea*, Brouss.), *tabaiba amarga* (*Euphorbia Regis-Jubae*, W. B.), *tabaiba silvestre* ou *adelfa* (*Euphorbia mellifera*, Ait.). As cinco primeiras espécies são endémicas das Canárias, mas a última (*Euphorbia mellifera*), que, aliás, é a única de porte arbóreo, existe também nos Açores e na Madeira. A *tabaiba majorera* existe apenas em Tenerife. Há muitas outras espécies do género *Euphorbia*, mas não sei se lhes atribuem a denominação vulgar de *tabaiba*. A espécie da *tabaiba silvestre* tem, na Madeira, entre o povo, os nomes de *alíndres* ou *alíndreiro* e também de *figueira do inferno*. Esta última designação (mas só a última) atribuem à espécie *Euphorbia piscatoria* (Ait.), que não existe nas Canárias, mas é muito afim da *tabaiba amarga*. Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, arquivou também o substantivo *alhendros*, para sinónimo de *alíndres*. É evidente, nem a decifração teria interesse de maior, que é impossível saber-se a que espécie de *tabaiba* se refere Frutuoso. Vid.: *fogo*. Em Cabo Verde chamam ao *tabaibo* ou *higo pico*: *figo do inferno*.

**tal** (adj.) «usassem os tais de sua má inclinação» 12,3. Substantivação do adjetivo, para relação de ideia expressa com o que se pretende aditar.

**tamarco** (subs.) «os trajos feitos destas peles [de animais de cabras e de ovelhas] chamam tamarcos» 9,17; 64,38; 72,13». Palavra tida por indígena das Canárias. Vid.: *Lexicologia Canaria*, V, do Prof. Max Steffen, pág. 83, que, de par com *tamarco*, regista também *tamargo*.

**tamiça** (subst.) «tão rija que fazem dela tamiça para ataduras e cordas» 54,11. Cândido de Figueiredo, *Dicionário*, dá-o como regionalismo açoriano, para significar *corda de feno e de outras plantas, para segurar o bagaço, que no meio do lagar, recebe a pressão*, Aproximando-o do castelhano *tomiza*, José Pedro Machado fala do latim vulgar hispânico: *thōmicia*.

**tanger** (v. i.) «e tangendo o gado» 24,10. Do lat.: *tangere, tocar*. Aqui: *tocar* (alimárias), *bater-lhes para os estimular na marcha*, como define Cândido de Figueiredo, no *Dicionário*. Não está popularizado tal sentido.

**tea** «pôr-lhe fogo com tea, breu e alcatrão» «porque os outros são teas, de que fazem os ricos as casas com ele mui cheirosas e perpetuas, mas perigosas com o fogo, que na tea, como em alcatrão, se atea e arde com gram fúria» 37,7; 52,7,9; 53,32; 59,28;31. O substantivo *tea*, do latim *teda-* (*taeda-*), significa *facho, archote*. Cognato de *tea* é o verbo *atear*. *Tea* originou, pela vulgar ditongação da vogal tónica que assim evitou o hiato: *teia*. Convergente de *tea* é *tea* do latim *tela-*.

**tea** (lanças de -); (madeira de -); (pau de -).

**teimaste** (subs.) 9,21. Vid. *fogo*.

**tempo** (subs.) «Também querem que neste meio tempo fôsse a Ilha da Madeira descoberta» «e a nau com tempo se fez à vela» «em meio do qual tempo veio a Portugal um cavaleiro castelhano» 2,27;33; 6,4. A loc. adv.: *neste meio tempo* pode significar: *entretanto*. No terceiro exemplo de Frutuoso, parece, podemos ver como que a primeira frase da mesma locução: *em meio do qual tempo; neste meio tempo*. Na segunda frase, *com tempo*, isto é, *com bonança*. Vulgarmente, esta expressão é usada para dizer: *havendo tempo*.

**tempo** (dar o - lugar).

**temporã de frutos** «é temporã de frutos, porque em maio se vendem uvas na praça, figos e bêberas e melões, de meado abril» 20,10. Do latim: *\*temporānu-*, por *tempōrānēus*. Reparar na inversão feita: usa-se mais em referência aos frutos que às *terras suas produtoras*. *Temporana-* originou, primeiramente: *temporãa*.

**tempos** (a -).

**tendal** (subs.) «para ir aos tendais» «cavado todo em tendais» 60,7;11;13. Do contexto, pode tirar-se que significa *compartimento, divisão*. Em castelhano: *tendal*.

**tenente** (logo- -).

**tentear** (v. t.) «soube-se, tenteando bem, que podia montar o que dela levaram estes franceses que a saquearam, um conto de ouro» 40,21/22. Possivelmente de *tento* e o sufixo verbal *-ear*. A forma *tentar*, de *tentare*, frequentativo de *tēnere*, teria desaparecido em presença do convergente *tentar*, de *temptāre*. A expressão *ter tento* ajuda a conseguir o esclarecimento total de *tentear*.

**ter** (ir -); (vir -).



**tição** (subs.) «Depois de bem queimada a tea sem aparecer tição» 59,32. Do lat.: *titione-*. *Lenha acesa ou meio queimada, mas em que se vê o vermelhão do lume*. Marques Caldeira, em *Falares da Ilha*, Funchal, 1961, regista esta frase (a palavra é correntíssima entre o povo da Madeira): *tira-me aquele tição e deita-lhe auga p' apagar*. É muito conhecido o diminutivo *tiçãozinho*.

**tirar** (v. t.) «e tiram funda e lança, mais que outra nação» «tiram uma pedra a maneira de barra» «tiram muito uma lança e um dardo tão certo a um alvo» 12,25; 30,14;15. José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*, informa: «palavra comum aos romances do Ocidente, de origem obscura». Para a forma *atirar*, que para o sentido de *arremessar* é, actualmente, muito mais usado, atribui-lhe a data de 1510. É vulgar o sentido de *apartar*. A preposição *tirante*, que, na sua origem, é o part. pres., tem equivalência a: *excepto*. Na expressão: *um vestido tirante a verde*, supomos, podemos ver o significado primeiro, com este derivado: *que se aproxima de*.

**tornada** (subs.) «aquela noite da tornada» 33,26. Substantivação do part. pas. do verbo *tornar*. Vid.: *tornar*.

**tornar** (v. i.) e **tornar-se** (v. r.) «ido a França sem mais tornar o Rei João Betencor» «e vendo D. Fernando o grande gasto, que fazia, se tornou» 4,22/23; 31. Vale por *voltar*, *regressar*. Pode tomar muitas acepções como: *repetir* (*eu não torno a fazer*), *converter-se* (*tornou-se em servo*), *replicar* (*eu, então, tornei-lhe*). É o latim: *tornare*, *modelar ao torno*. A significação de *voltar* data-a do século XI (entre 1015 e 1065) o *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado: *ut ipso die tornemus ad domos nostros*.

**toro** (subs.) «em que se queimam os toros de madeira» 59,28. Do latim: *toru-*. De *toro* se formou *atorar*, que não figura, parece-nos, no *Dicionário*, de J. P. Machado.

**tostador** «tem tostadores, que êles mesmos fazem de barro muito lisos e limpos, em que tostam ao fogo sôbre brasas o trigo e cevada» 30,6/7. Formado naturalmente de: *tostar*, do lat.: *tostare* e o sufixo de agente: *-dor*.

**trabalho** (com -)

**travesso** (subs.) «e se algum travesso lhe vai deitar» 24,4. É o latim: *transversu-*, a cuja família pertence o adverbio *transverse*, *de través*, *obliquamente*. Daqui a ideia de *turbulento*, *irrequieto*. José Pedro Machado (*Dicionário etimológico*) documentou esta forma, embora como adjectivo, do ano 907: *ad illa uia traussa*.

**trespassar** (v. t.) «em quem Maciot Betencor as trespassara por via de doação» 6,8/9. Repare-se na regência: *trespassar em*. O termo (aparente) do movimento é preferentemente expresso por *a* ou *para*.

**trigo** (pão -).

**troço** (subs.) Vid.: *gamela*. Da frase se tira que o sentido é: *a parte de baixo da árvore*, i. e., *do tronco*. Este significado é ainda popular na Madeira: *forte troço da coive é estel* (Marques Caldeira, *Falares*, Funchal, 1961, s. v. *Ouve-se ali*, com frequência: *gosto muito de comer os trocinhos da couve*).

**tubona** (subs.) «varas, que aguçavam com pedras mui agudas (as pedras se chamam tubonas e são pretas à maneira de azeviche)» 9,7. O Prof. Max Steffen (Vid.: *Lexicología Canaria*, V, La Laguna, 1956) diz: *tabona*, «piedra azufrosa». O Prof. Juan Álvarez Delgado («Rev. de Hist.», La Laguna, XI, pág. 202), tem

observações interessantes: Não aceita a restrição que Álvarez Rixo faz quando limita a Tenerife a palavra *tabona*, porquanto há investigadores que a generalizam a outras ilhas, e pensa «que la palabra tuviera dentro del habla guanchinesca una evolución semántica, significando primero y fundamentalmente *pedra*, *pedernal* u *obsidiana*, y luego por evolución que lleva la voz de su sentido etimológico a su sentido práctico, pasaría a significar con precisión *cuchillo* o *instrumento cortante* de obsidiana». Com razão o Prof. Steffen (*loc. cit.*) encarece o testemunho de Frutuoso: *pedras tubonas*. A definição de Álvarez Rixo, aparte o que a limita geograficamente, parece, é importante: «piedras duras y cortantes que (los guanches) arrojaban a sus enemigos y de las cuales se servían en lugar de cuchillos». É de notar, e talvez não tenha sido notado isso, que a forma usada por Frutuoso é *tubona*.

**tubona** (pedra -).

**um... outro** «o mesmo gado caía um para uma parte, e outro para outra» 24,12. Tem interesse reparar nesta frase de Gaspar Frutuoso, onde a repetição de palavras não desfeia a expressão. Tal depende do *jeito* que o autor consiga dar...

**urzela** (subs.) «[Gomeira] tem muita urzela» 8,10; 76,34. É um líquene tintório. Corominas (*Diccionario*) regista, a par desta forma, estoutra: *orcela*, aproximando-as de *urchilha* (port.), *urchilla* (cast.), *orcella* (cat.), *orseille* (fr.). Nada tem que ver com *urze*, do latim: *ulice*-.

**usada** (p. p.) «gente belicosa e usada nas armas» 11,38. Participio passivo com valor activo: *com muita prática em. Usar*, do latim: \**ūsāre* frequentativo de: *uti*.

**vacum** (gado -)

**valedor** (adj.) «os moradores tomam por valedora a Santa Marta» 57,10. Do verbo *valer*, do latim: *vālĕre*, como o sufixo de agente *-dor*, do lat.: *-tore*:- *que protege*. A mesma ideia está expressa no verbete *advocação*, do latim: *advocatiōne*, do verbo: *advocāre*.

**vela** (subs.) No latim: *velu*-, «*vela (de navio)* e, por extensão, *navio*», entronca o português *véu* (*veo*). O plural *vela*- está na origem do castelhano *vela*, donde *vela*, na nossa língua, de que é divergente *vea*. José Pedro Machado datou esta última do século XIII: *com coita de arribar, sa vea foram alçar* — Afonso X — (*Diccionario etimológico*). Em Frutuoso: «foram ter à costa de África sem velas, nem remos» 2,39; «apareceram sete velas» 35,5. O preço da palavra *vela* é diferente: num lado, o conhecido utensílio de navegação; noutra, o próprio navio. A expressão *fazer-se à vela*: («e a náu com tempo se fêz à vela» 2,33), com o valor de: *preparar-se e sair dum porto, começar a navegar*, é sinónima de *alçar vela*, (*alçar*, do latim *altiare*, de *altus*). *À vela* é uma locução adv. e *se* é o pronome reflexo. Equivalente é estoutra: *fazer-se de vela*. Já tem sentido levemente diverso: *navegar à vela*.

**vela** (fazer-se à -).

**ventar** (v. i.) «neste pôrto se abrigam os navios quando venta leste e leste-sueste» 20,4. De *vento*. É popular.

**ver com os olhos** «que com os olhos viram» 11,26. É de notar a redundância, caracteristicamente popular, para mais vigor de expressão. É muito corrente tal recurso: *subir para cima*, etc.

**via** (por - de).

**virações do mar** «por isso não tem as Ilhas de Canária virações do mar frescas como a ilha da Madeira» 52,19;28. Em Fernão Lopes (século XV — conforme elucida José Pedro Machado, no seu *Dicionário etimológico*): *a viração ventava temdemte ao longo do rrio*. Do verbo *virar*, do latim: \**vīrāre*. É correntíssimo entre a gente do povo (do mar, principalmente), por exemplo, na Madeira. Ouve-se o diminutivo: *corria uma viraçãozinha branda*.

**vir ter** «donde vieram ter às Canárias» «os moradores destas Ilhas Canárias vieram aqui ter da terra da África» 10,18; 11,17. Vid.: *ir ter*.

**visgo** (subs.) 9,22; 23,6. Vid.: *fôgo*; *tabaiba*. Do latim: *viscu-*, donde também *visco*, *enviscar* e *víscido*.

**viva** (pedra -).

**voltas** (a -).

**xilmeiro** (subs.) «estes xilmeiros são pobres criadores e pastores de vacas» 15,4;6.

ÍNDICE ANTROPONÍMICO  
E  
TOPONÍMICO

- Acadeixe (em Tenerife) 24,36.  
 Açores, Ilhas dos - 1,2;21; 21,4.  
*Adalid*, João - (na Palma) 56,33.  
 Adeixe (em Tenerife) 27,11;32.  
*Afonso* (D. -) (3º Conde da Gomeira) 76,26; 82,23.  
*Afonso V* (Rei de Portugal) 6,1;11.  
*Afonso de Ayala* (D. -) (Conde) Vid.: Ayala.  
*Afonso de Lugo* (D. -) Vid.: Lugo.  
*Afonso de Muxica* Vid.: Muxica.  
 Afortunadas, Ilhas bem - Vid.: Canárias.  
 África, Costa d' -, costa de -, terra da - 2,11;38; 7,18; 11,17/18; 12,16.  
 Agacêncio, Fonte de - (na Palma) 48, 9;12;13.  
 Agatavar (na Palma) 32,13.  
*Agostinho de Ferreira* Vid.: Agostinho de Herrera.  
*Agostinho de Herrera* (D. -) (Conde) (Marquês de Lançarote) (Senhor de Forteventura) Vid.: Herrera.  
 Água, Barranco da -, Barranco de -, Cova da -, Grotta da -  
 Água Santa (no Ferro) 70,21.  
 Água Tuvar (na Palma) 56,32; 60,27/28;30;34.  
 Alagoa, cidade de - (em Tenerife) 21, 13; 24,38.  
 Alegança (ilha) 4,17;20;23;28; 7,1;2.  
*Almenara* 78,13.  
*Altini* 60,25.  
*Alvarado* (Capitão) 27,24/25.  
*Alvares*, Luis - 50,28;32/33.  
 Amaro, Santo - (na Palma) 59,14/15.  
*Ana*- Vid.: Aremoga.  
 Ana, Santa - (na Grã Canária) 19,15; 27; 82,36.  
 «*Ana Sánchez, Ana Sánchez, flor del vale del Cran Rei*» 82,30/33.  
 André, Santo - (no Ferro e na Palma) 32,31; 49; 49,25; 52,4; 53,8;16;32/33; 55; 55,1; 68,12/13; 71,23.  
 André, Santo - Vid.: Ponta de Santo André.  
*André Martins* Vid.: Martins.  
 Anes, Rodrigues - de Tenagua.  
*Anes Bantrilha* Vid.: Bantrilha.  
*Angel*, João - 38,34;38.  
 Angira (na Gomeira) 75,28.  
*Antão Delgado* Vid.: Delgado.  
*Antão Gonçalves* Vid.: Gonçalves.  
*Antão Martins* Vid.: Martins.  
 Antilhas, terra das - 1,8; 72,3.  
 António, Santo - (na Palma) 56,33; 57,38; 58,5;8;14.  
*Antônio Galvão* (capitão) Vid.: Galvão.  
*Aparícios* 57,20.  
 Apuron, vila de - (na Palma) 31,7;19.  
*Aragão*, Pedro de -  
*Aregoma* Vid.: Aremoga.  
*Aremoga* 75,16;35; 82,35;37.  
 Argal Vid.: Argual.  
 Argel 15,17.  
 Argual (na Palma) 45,18;22;36.  
 Arguijo, Pero de - 37,19;24; 38,9.  
 Arguim Vid.: Ouro, rio do -  
 Armiga Vid.: Armigua.

- Armigua (na Gomeira) 75,27;29;32;  
 79,32;36; 80,29; 81,18; 82,15;16.  
 Aroyos (na Palma) 49,6.  
 Arrifes, Vila do Portos dos - (em Lan-  
 çarote) 16,28.  
 Arucas (na Grã Canária) 19,3; 20,28.  
 Arure (na Gomeira) 77,34;35; 81,21;  
 23;39; 82,2;14;18.  
 «Ásia, Década da - Vid.: Barros, João  
 de -  
 Assomada (na Palma) 39,38.  
 Assunção, Nossa Senhora da -  
*Ataide*, Martinho de - 5,36.  
 Atlântico, Oceano -  
*Atouguia*, Conde de -  
*Ayala*, Afonso de - 77,3/4;8;12;19; 81,  
 31/32.  
*Ayala*, Diogo d' - 67,10;31;33; 68,7;  
 34; 69,17; 72,4;14; 73,6/7;16; 74,35;  
 75,38; 76,19; 77,38; 84,37.  
*Ayala*, Fernando de - 76,18/19.  
*Ayala de Xerez* Vid.: Xerez.  
  
 Baixo, Realejo de -  
 Balravento (na Palma) 32,4; 56,32;  
 57,12;21;24;31;35/36; 61,15.  
*Bantrilha*, Anes - 33,3; 39,17;24.  
*Barba*, Pero - de Campos.  
 Barranco (na Palma) 48,28.  
 Barranco, - da Água, - da Ferradura,  
 - de Água, - de Fernão Gil, - de  
 Nogales, - de Santa Luzia, - de  
 São João, - do Bom Jesus, - do Rio,  
 - dos Pinhais, - ou grota da Água,  
 - ou grota de Nossa Senhora das  
 Dores, - ou grota de Biscainho,  
 - ou grota dos Moinhos, - ou grota  
 Grande, - ou grota Seca.  
 Barranco da Ferradura (na Palma) 55,  
 5/6; 56,36;38/39.  
 Barranco de Água Vid.: Barranco ou  
 grota da Água.  
 Barranco de Fernão Gil (na Palma)  
 Vid.: Gil.  
 Barranco de Nogales (na Palma) 53,36.  
 Barranco de Santa Luzia (na Palma)  
 Vid.: Luzia.  
  
 Barranco de São João (na Palma) 53,9/  
 10;14.  
 Barranco do Bom Jesus (na Palma)  
 60,32/33.  
 Barranco do Rio (na Palma) 56,38.  
 Barranco dos Pinhais (na Palma) 58,  
 28.  
 Barranco ou grota da Água (na Pal-  
 ma) 49; 49,8;9; 53,33; 55.  
 Barranco ou grota de Nossa Senhora  
 das Dores (na Palma) Vid.: Nossa  
 Senhora das Dores.  
 Barranco ou grota do Biscainho (na  
 Palma) 53,1/2.  
 Barranco ou grota dos Moinhos (na  
 Palma) Vid.: Barranco ou grota da  
 Água.  
 Barranco ou grota grande (na Palma)  
 58,24.  
 Barranco ou grota Seca (na Palma)  
 Vid.: Barranco Seco.  
 Barranco Seco (na Palma) 29,14; 43,  
 23; 49,19/20;23; 50,24.  
*Barros*, João de - 3,34/35; 6,26; 7,14;  
 9,25/26.  
*Barros*, João de -, Ásia, Década 5,  
 25/26.  
*Bartolomeu* (D. -) (Bispo) 61,32.  
 Bartolomeu, São - (Berberia) 14,27;  
 20,38.  
 Beatas, Ilhas -  
*Beatriz* (D. -) (mulher de Alvarado)  
 27,26.  
*Belchior* (D. -) (Conde) 78,13; 81,36.  
*Belchiora de Socarra* Vid.: Socarra.  
*Belhida*, Maria - 33,20.  
*Beltrão de Curoagua* Vid.: Curoagua.  
 Benchehigua (na Gomeira) 81,18;25;  
 82,2/3;13/14;14/15; 83,18.  
 Berbéria 7,20; 10,14; 11,13; 13,6;23;  
 14,24;26;31;37; 17,13; 20,37; 24,26;  
 51,16.  
*Betancor* Vid.: Betancourt, João de -  
*Betancor*, Maciot - 5,31; 6,7.  
*Betancourt*, João de - 3,26/27;29; 4,3/  
 4;6/7;11;24;32; 6,9.  
*Betencor* Vid.: Betancourt, João de -

- Betencores*, fidalgos - 17,24.  
 Biscainho, Barranco ou grota do -  
*Bispo das Canárias* Vid.: Canárias.  
 Boavista (Boa Vista) (em Tenerife) 27,8.  
 Boavista (Boa Vista) (na Palma) 37, 25; 48,11;18; 49,2.  
 Boa Vista Vid.: Boavista.  
 Bojador, Cabo - 6,34/35; 7,19.  
 Bom Jesus, Barranco do -  
 Bom Jesus, ermida de - (na Palma) 2,34/35.  
 Bom Passo (na Gomeira) 80,20.  
 Bom Passo, Nossa Senhora do -, Porto do -, Serro do -  
*Borges*, Gaspar - 78,11.  
*Borrachas*, Pinho de Vasa -  
*Bracamonte*, Rubim de - 3,21/23.  
 Branco, Cabo - 14/27.  
 Brandão, São - (Ilha) 46,22; 56,18.  
 Brás, São - (na Palma) 47,5;28.  
 Brenha (na Palma) 46,8.  
 Bretanha 33,5.
- Cabo, Horta do - (na Palma) 39,39; 49,15.  
 Cabo Bojador Vid.: Bojador.  
 Cabo Branco (Berberia) Vid.: Branco.  
 Cabo de Gué Vid.: Gué.  
 Cabo Verde, Ilhas do - 1,5; 2,14/15.  
 Caldeira (na Palma) 44,10;19;34; 46, 1; 60,23.  
 Caldeireta (na Palma) 48,20.  
 Caliz de Espanha 11,35.  
 Camelo (na Gomeira) 80,28.  
 Camelo, Serro do -  
 Campo, - de Mirca.  
 Campo de Mirca (na Palma) 49,18.  
*Campos*, Pero Barba de - 4,39; 5,3.  
 Canária Vid.: Canárias; Gram-Canária.  
 Canária, Grã -, Gram -  
 Canária, Ilha de -, Ilhas de -, Ilhetas de -, Rei de -  
 Canárias (Ilhas Canárias) (Ilhas de Canária) (Ilhas Beatas) (Ilhas Bem Afortunadas) (Ilhas das Canárias) (Canária) 1; 1,4/5; 2,12/13;20; 3,12; 25;32; 4,5;7;20;29/30; 5,9;27;37; 6, 30;31; 7,13;20/21; 9,1; 10; 10,1;5;13; 18/19; 11,7;17;31; 12,17; 13,1; 14,15; 22,25; 24,16/17; 25,18; 29,1; 41,11; 52,19;20; 54,16; 84,21.  
 Canárias, Bispo das - 4,34.  
 Canárias, Ilhas -, Ilhas das -, Reino das -  
 Candelária (em Tenerife) 56,32.  
 Candelária, Nossa Senhora da -  
 Canhete, Marquês de -  
 Capitães, Crónica dos ilustres -  
*Carlos V* (D. -) 18,15; 31,8.  
*Cartagineses* 10,3;6.  
*Casas*, Guillam de las - 6,6.  
*Casta dos Monizes* Vid.: Monizes.  
*Castanheira*, Conde da -  
 Castela, Coroa de -, Índias de -, Rei de -, Rei D. João de -, Reis de -  
 Castro, Fernando de - 4,20/21;22; 5, 27.  
 Catarina (D. -) (Rainha, mulher de D. Henrique III) 3,19/20; 5,2.  
 Catarina, Santa - (na Palma) 39,38; 44,31.  
*Católicos*, Reis -  
 Chã, Ponta -  
 Chãos Vid.: Lhanos.  
 Chãos, Vila dos -  
 Charcos das Liças (na Palma) 47,27.  
 Chasna (em Tenerife) 24,36; 27,11.  
 Chasna, Ponta de -  
 Chepude (na Gomeira) 81,22;24;25; 37; 82,5;14.  
 Chorrilho (na Palma) 44,30.  
 Cidade da Palma Vid.: São Miguel de Santa Cruz da Palma.  
*Cifontes*, Fidalgos - 17,23.  
 Clara Vid.: Nasci.  
 Clara, Santa - (Ilha) 4,17/18;20;23;28; 74,33.  
*Clemente VI* (Papa) 2,21/22.  
*Colon* 63,11; 72,1.  
*Colon*, Cristovam - Vid.: Colon.  
 Conceição (em Alagoa) 25,1.  
 Conceição, Nossa Senhora da -

- Conde da Castanheira* 14,13.  
*Conde da Gomeira* 76,19;24;26.  
*Conde de Atouguia* Vid.: Martinho de Ataide (D. -).  
*Conde de Nebla* Vid.: Henrique (D. -).  
*Conde de Portalegre* Vid.: Silva, Diogo da -, João da -  
 Confeitall (na Gram Canária) 20,1.  
 Coroa de Castela 4,23; 5,33.  
 Corte, Taça -  
 Cortez, Fernão - 63,13.  
 Costa d' África Vid.: África.  
 Costa de África Vid.: África.  
 Cova da Água (na Palma) 58,23;31; 34; 59,10/11;14; 60,16.  
 Covas Fragosas (na Palma) 48,26.  
*Cristovam Colon* Vid.: Colón.  
 Cristóvão, São - (em Tenerife) 25,1.  
 Crónica dos ilustres Capitães», «Historia e - da Ilha da Madeira».
- Cruz, Santa -  
 Cruz dos Frades (na Palma) 56,10;16; 30; 59,19.  
 Curoagua, Beltrão de - 39,19;24.  
 Currelejo (em Forteventura) 13,6;17.
- Daiala Maria* - 6,14/15.  
*Dalid, João* - (na Palma) 58,12/13;16; 18;23.  
 Deixe (na Gomeira) 78,34.  
 Delgada, Ponta -  
*Delgado, Antão* - 11,9;12;15/16;21.  
*Dinis, Gonçalo* - 33,9.  
*Diogo da Silva* (D. -) (Conde de Portalegre) Vid.: Silva.  
*Diogo d' Ayala* (D. -) (capitão) (Conde) Vid.: Ayala.  
*Diogo de Estupinhão* Vid.: Estupinhão.  
*Diogo Garcia de Herrera* (D. -) Vid.: Herrera.  
*Dolfos, Luis* - 33,3/4.  
*Domingo, Santo* - (Ilha) 63,13.  
*Domingos, São* - (na Palma) 40,30; 42, 8;13; 58,13;23;29;32.  
 Dorcadas (Ilhas) 2,14.  
 Dors, Nossa Senhora das -
- Duarte* (D. -) (Rei de Portugal) 5, 35/36.  
*Duque de Maqueda* 7,33.  
*Duque de Medina* 22,12/13.
- Eicode (em Tenerife) 24,36.  
 Encarnação, Nossa Senhora da -  
 Ermida de São Sebastião (na Gomeira) 80,2/3.  
 Escurial (na Palma) 61,17.  
 Espanha 7,18; 53,25; 56,24;25; 65,36; 67,2;8; 68,10; 71,35; 74,36; 77,12;14; 78,1; 79,23; 81,31; 83,1;25.  
 Espanha, Caliz de -  
 Esperança, Nossa Senhora da -  
 Estreito de Gibraltar Vid.: Gibraltar.  
*Estupinhão, Diogo de* - 36,4.  
*Estupinhão, João de* - 37,17/18; 38,8; 39,23/24.  
*Eugenio IV* (Papa) 4,26/27.
- Faria (em Lançarote) 14,19; 16,24.  
*Fernando* (D. -), (D. -V), (D. -o Católico) Vid.: Reis Católicos.  
*Fernando, Infante D.* - (irmão de D. Afonso V de Portugal) (sobrinho do Infante D. Henrique) 6,1;11.  
*Fernandes, Pero* - de Justa.  
*Fernando de Ayala* (D. -) (Conde da Gomeira) Vid.: Ayala.  
*Fernando de Castro* (D. -) Vid.: Castro.
- Fernão Cortez* Vid.: Cortez.  
*Fernão de Magalhães* Vid.: Magalhães.  
 Fernão Gil, Barranco de -, Porto de - Vid.: Gil.  
*Fernão Peraza* Vid.: Peraza.  
*Fernão Peres* Vid.: Peres.  
 Ferradura, Barranco da -  
*Ferreira, Agostinho de* -  
*Ferreira, Nuno* - 14,13;17.  
*Ferreiras* 66,27.  
*Ferrenho, João Rodrigues* 65,34; 67,35.  
 Ferrenhos (no Ferro) 8,20.  
 Ferro 3,34;35; 6,17; 7,9; 8,19; 46,21; 62,1;7;10; 63,16;22; 65,36; 66, 16;18/19;23;28; 69,24;31; 72,4;5;23;



- 74,36; 75,6; 76,20; 28; 33; 35; 84,27; 37.  
 Ferro, Ilha de -, Ilha do-, Porto do -  
 Festa do Natal 73,5.  
*Fidalgos dos Perdomos* Vid.: Perdomos.  
*Fidalgos dos Saiavedras* Vid.: Saiavedras.  
*Fidalgos Herreras* Vid. Herreras.  
*Fidalgos Perdomos* Vid.: Perdomos.  
*Fidalgos Saiavedras* Vid.: Saiavedras.  
 Figueiral (na Palma) 48,25.  
*Filipe II* (D. -) 31,10; 41,38; 39.  
 Filipe, São - (em Forteventura) 14,5.  
 Flandres 26,21; 33,5; 45,31; 53,25.  
*Florentim*, Lourenço - 81,15.  
 Foncaliente (na Palma) 33,35; 46,26; 27; 28; 31; 32; 55; 57,29; 61,11; 12; 13.  
 Foncallente Vid.: Foncaliente.  
 Foncallente Vid.: Foncaliente.  
 Fonduras, Guatimala das -  
 Fonte de Agacêncio Vid.: Agacêncio.  
 Fonte do Pinhal (na Palma) 58,16.  
 Fonte Quente Vid.: Foncaliente.  
 Forteventura 3,33; 35; 6,19; 34; 35; 7; 19; 8,12; 15; 16; 18; 13; 13,2; 4; 6; 8; 13; 15; 14,5; 9; 11; 20; 16,22; 18,2; 24,23; 25; 63,9; 66,27; 84,27; 34/35.  
 Forteventura, Senhor de -  
 Frades, Cruz dos -  
 Fraga, Vinha da -  
 Franca, Vila - (em São Miguel) 27,29.  
 Francisco, São - (na Palma) 39,38; 79; 22.  
 Galga (na Palma) 49,25; 51,15; 30; 52; 35; 36; 53,8; 11.  
 Galguitos (na Palma) 49,25; 53,4; 15.  
*Galvão*, António - 2,26.  
 Garachico (em Tenerife) 26,1; 17; 19; 35.  
 Garafia (na Palma) 33,34; 56,1; 9; 31; 57,38; 58,12; 13; 19; 20; 23.  
*Garcia*, Diogo - de Herrera.  
*Garcia*, Simão - 57,37/38.  
*Gaspar Borges* Vid.: Borges.  
 Gibraltar, estreito de - 10,5.  
 Gil, Fernão - (na Palma) 59,12; 60,17.  
*Gomauro* Vid.: Rei Gomeiro.  
 Gomeira 4,10; 6,17; 7,6; 7; 8; 8,9; 11; 11; 20; 41,24; 46,24; 54,17; 66,29; 69,20; 71,39; 72; 72,1; 74,2; 39; 75,17; 76,19; 29/30; 77,20/21; 78,17; 80,14; 82,30; 83,23; 84,18; 27; 29; 30; 37.  
*Gomeira*, Conde da -  
 Gomeira, Porto da Vila da -  
*Gomeiro*, Rei -  
*Gomeiroga* 75,17.  
*Gonçalo Dinis* Vid.: Dinis.  
*Gonçalves*, Antão - 5,29.  
 Gorda, Ponta -  
 Gordo, Monte -  
 Gorganas (Ilhas) 2,14.  
 Grã Canária Vid.: Gram Canária.  
 Graciosa (ilha) 4,17; 20; 23; 28; 7,3.  
 Gram Canária (Grã Canária) (Gran Canária) (Ilha de Canária) 3,9; 36; 4,17; 20; 23; 28; 5,9; 15; 21; 6,33; 7,4; 8; 10; 21; 25; 11,9; 20; 13,10; 16,39; 17; 20; 24; 18; 18,1; 9; 21/22; 19,8; 21,2; 22,15; 24,30; 32; 25,21; 27,19; 29,7/8; 41,25; 63,9; 66,27; 82,27; 84,26; 33.  
 Gram Rei, Vale do -  
 Granada 74,12.  
 Granada, guerra de - 5,13.  
 Gran Canária Vid.: Gram Canária.  
 Grande, Barranco ou grota -  
 Grande, Porto -  
 Granel (na Palma) 51,14; 27; 31; 52,5.  
 Grão Rei 81,12.  
 Grão Rei, vale do- (na Gomeira).  
 Grotta, Barranco ou - de Nossa Senhora das Dores, Barranco ou - do Biscaíno, Barranco ou - dos Moinhos, Barranco ou - Grande, Barranco ou - Sêca, - da Água, - de João Maior, - de Mirca, - do Rio.  
 Grotta da Água, Barranco ou -  
 Grotta de João Maior Vid.: Maior.  
 Grotta de Mirca (na Palma) 49,11.  
 Grotta do Rio (na Palma) 49,11.  
 Guadalupe, Nossa Senhora de -, Ponta de -, Porto de -  
 Guadiana, Ribeira de -  
 Guatimala das Fonduras (vulcão) 27, 24.

- Gué, Cabo de - 35,8; 36,31.  
 Guerra de Granada Vid.: Granada.  
 Guerra de Navarra Vid.: Navarra.  
 Guia (na Grã Canária) 20,27.  
*Guillam de las Casas* Vid.: Casas.  
*Guillen Peraza* (D. -) (Conde) Vid.: Peraza.  
 Guimar (na Grã Canária) 19,2/3; 20, 28.  
 Guindaste (na Palma) 53,24.  
 Guiné 2,11.
- Hannō* 2,10.  
*Henrique* (D. -) (Conde de Nebla) 6,7.  
*Henrique III* (D. -) 3,4/5;7;19/20.  
*Henrique IV* (D. -) (de Castela) 5,34; 37.  
*Henrique, Infante D.* - 4,14;19;23;25; 5,28;30; 6,2;11;16;23.  
*Herrera, Agostinho de* - 14,29;34; 15, 3;13;18;24;28;29;36;39; 16,14/15;23; 17,1; 84,35;36.  
*Herrera, Diogo Garcia de* - 6,13.  
*Herrerias, Fidalgos* - 17,23/24.  
 Hespérias (Ilhas) 2,14.  
 «História e crónica dos ilustres Capitães da Ilha da Madeira» 3,15/16.  
 Horta, - de Santa Catarina, - do cabo.  
 Horta de Santa Catarina Vid.: Catarina, Santa -  
 Horta do Cabo Vid.: Cabo.
- Icode dos Trigos (em Tenerife) 26,17.  
 Icode dos Vinhos (em Tenerife) 26,11; 16.  
 Igreja maior de São Salvador Vid.: Salvador.  
 Ilha da Madeira 1,3; 2,27; 3,30; 4,5; 15; 6,32; 13,24; 20,29; 33,1; 52,19;28, 56,20;24;27;28/29; 70,30/31.  
 Ilha da Madeira («Historia e Crónica dos Ilustres Capitães da ->)  
 Ilha da Palma Vid.: Palma.  
 Ilha de Canária Vid.: Gram Canária.  
 Ilha de Ferro Vid.: Ferro.  
 Ilha de Santa Maria Vid.: Santa Maria.
- Ilha de São Miguel Vid.: São Miguel.  
 Ilha de Tenarife (ou) Ilha de Tenerife Vid.: Tenerife.  
 Ilha do Ferro Vid.: Ferro.  
 Ilha do Ferro, Lhanos de Santo André da -  
 Ilha do Pico 27,18.  
 Ilha do Porto Santo 1,3/4; 3,32.  
 Ilhas Beatas Vid.: Canárias.  
 Ilhas Canárias Vid.: Canárias.  
 Ilhas das Canárias Vid.: Canárias.  
 Ilhas de Canária Vid.: Canárias.  
 Ilhas do Cabo Verde Vid.: Cabo Verde.  
 Ilhas do Oceano Atlântico 5,14.  
 Ilha Terceira 21,6.  
 Ilhetas de Canária 7,2;6; 20,8.  
 Ilheus ou Ilhetas (na Gram Canária) Vid.: Ilhetas de Canaria.  
 Índias 31,33; 53,5;13; 62,9; 63,10;15; 26; 81,35; 82,23; 84,17.  
 Índias de Castela 26,14;21; 81,15/16.  
 Índias Ocidentais 72,3.  
*Inês Peraza* (D. -) Vid. Peraza.  
*Infante D. Henrique* Vid.: Henrique.  
 Inferno (ilha) 3,34; 4,17;20;23;28, 7,14.  
 Inglaterra 26,21.  
 Inquisição, Santa -  
*Isabel* (D. -) Vid.: Reis Católicos.
- Jaques Soria* Vid.: Soria.  
*Jaymes, Paulo* - 83,17.  
 Jesus, Bom -  
*Joana* (D. -) (mulher de Henrique IV) (Rainha) 5,35.  
*João II* (D. -) (filho de D. Catarina e D. Henrique III) (Rei D. João de Castela) 3,20/21; 4,28;37; 5,18.  
*João II* (D. -) (de Portugal) 1,18/19.  
 João, São - (em Tenerife) 26,9.  
 João, São -, ermida de - (na Palma) 53, 7/8.  
 João, São - (igreja paroquial) (na Palma) 51,13.  
*João Adalid* Vid.: Adalid.  
*João Angel* Vid.: Angel.  
*João Dalid* Vid.: Dalid.

- João da Silva* (D. -) (2º Conde de Portalegre) Vid.: Silva.
- João de Barros* Vid.: Barros.
- João de Betancourt* (Mossem ou Mo-siur) (Letencor) (Rei de Canária) (Rei) (Betancor) Vid.: Betancourt.
- João de Estupinhão* Vid.: Estupinhão.
- João de Lacerda* (D. -) Vid.: Lacerda.
- João de Mançano* Vid.: Mançano.
- João de Monteverde* Vid.: Monteverde.
- João de Padilha* (D. -) (Daião) Vid.: Padilha.
- João Machim* Vid.: Machim.
- João Maior*, Grota de -
- João Rodrigues Ferrenho* Vid.: Ferrenho.
- Jorge*, Silvestre - 33,8/9.
- José*, São - (na Palma) 48,5/6.
- José*, São - (na Gomeira) 72,7/8;14; 18; 75,15; 76,38.
- Justa* (Infanta) 47,37;38.
- Justa*, Pero Fernandes de - 36,25/26; 34; 37,5; 46,39.
- Lacerda*, João de - 2,19/20.
- Lacerda*, Luís de - 2,19.
- Lançarote* 3,33;35;37; 6,19;35;37; 7,3; 8,12;16; 13; 13,10; 14,8;18;32; 15,14; 16,8;17; 17,15; 18,2;13; 24,23;25; 56; 28; 63,8; 66,26; 84,27;34.
- Lançarote*, Marquês de -
- Larache* 16,11.
- Larache*, Turco de -
- Las Palmas* 18,12.
- Lázaro*, São - 44,16.
- Lesmes de Miranda* Vid.: Miranda.
- Letencor* Vid.: João de Betancourt.
- Lhancon* (na Palma) 51,19.
- Lhanos* (no Ferro) 71,28.
- Lhanos* (na Palma) 45,34; 46,3;34; 60; 37; 61,4.
- Lhanos de Santo André da Ilha do Ferro* Vid.: Vila dos Chãos.
- Liças*, Charcos das -
- Licenciado de Santa Cruz* (na Palma) Vid.: Santa Cruz.
- Linguagem* 10; 10,2;9;11;20/21;23; 11; 1;19;21;25;27; 12,22.
- Lobos* (Ilha) 4,18;20;23;28; 6,37.
- Lombadas* (na Palma) 49,25; 53,15.
- Lombo de Mata Velhas* Vid.: Mata Velhas.
- Lourenço Florentim* 81,15.
- Lugo*, Afonso de - 14,16; 18,20; 66,28.
- Lugo*, Luís de - 14,16; 18,20/21; 29,4; 66,28.
- Luís* (D. -) (1º adiantado) 21,9/10.
- Luís Álvares* Vid.: Álvares.
- Luís de Lacerda* (D. -) Vid.: Lacerda.
- Luís de Lugo* (D. -) Vid.: Lugo.
- Luís de Vendaval* Vid.: Vendaval.
- Luís Dolfos* Vid.: Dolfos.
- Luz* (na Palma) 58,24.
- Luz*, Nossa Senhora da -
- Luzia*, Santa -, Barranco de - (na Palma) 43,23; 50,23/24,25/26; 51,6/7;12.
- Luzia*, Santa -, ponta de - (no Ferro) 69,19;21/22; 71,27;37; 72,5.
- Luzia Machim* Vid.: Machim.
- Machico* (na Madeira) 2,31.
- Machim* 2,29;34; 3,5/6;15;31.
- Machim*, João 62,7; 63,11;14;21;37; 64; 19;24;27/28;32;34;35;37; 65,2;4;7;14/ 15;18;23/24;28; 66,1;10;14;29;30; 67; 4;10;21;24;26;32;33; 68,6;7;13; 69,17; 71,38/39; 72,4;14; 73,7; 74,30; 75,4; 38; 76,21.
- Machim*, Luzia - 63,21/22; 65,37.
- Machim*, Maria - 63,21; 65,35;38; 67; 35.
- Maciot Betancor* Vid.: Betancor.
- Maço*, Ponta do -
- Madeira*, Ilha da-
- Mafâmede*, Seita de - 11,18.
- Magalhães*, Fernão de - 63,14.
- Magar*, Voltas de -
- Maio*, São Miguel de -
- Maior*, João (na Palma) 48,28.
- Malpais* (em Tenerife) 27,2.
- Mançano*, João de - 35,25.
- Maqueda*, Duque de -
- Maria*, Santa -

- Maria Belhida* (D. -) Vid.: Belhida.  
*Maria Daiala* (D. -) Vid. Daiala.  
*Maria Machim* Vid.: Machim.  
*Marquês de Canhete* 81,34.  
*Marquês de Lançarote* Vid.: Agostinho de Herrera.  
 Marta, Santa - 57,10.  
*Martinho* (Papa) 4,33/34.  
*Martinho de Ataíde* (D. -) (Conde de Atouguia) Vid.: Ataíde.  
*Martins, André* - 11,3;13/14.  
*Martins, Antão* - 11,4.  
 Matança (em Tenerife) 22,11;25,16.  
 Mata Velhas, Lombo de - (na Palma) 49,7/8.  
*Maxerco* (Rei) 47,35.  
 Maxorco Vid.: Maxerco.  
 Mazo (na Palma) 47,4;21;22;24;25.  
 Mecheiras (na Palma) 48,7.  
*Medina*, Duque de -  
*Meleão*, Preto - 81,22.  
*Meledez*, Pero - 83,26.  
 Menante, Mossem -  
*Menante* Vid. Mossem Menante.  
*Mendo*, Frei - (Bispo) 4,34.  
*Menezes*, Pedro de - 5,39.  
 México 63,13.  
 Miguel, São -  
 Miguel, São - de Maio.  
 Miguel, São - de Santa Cruz da Palma.  
 Miraflores (na Palma) 43; 49.  
 Miraflores, Vale de - (na Palma) 48,28/29; 49,1.  
*Miranda*, Lesmes de - 45,23.  
 Mirca (na Palma) 49,24.  
 Mirca, Campo de -  
 Mirca, Grota de -  
 Mocanal (na Palma) 47,15;17;20; 48,1.  
 Moinhos, Barranco ou Grota dos -  
 Monacal Vid.: Moçanal.  
*Monizes*, Casta dos - 11,4.  
 Monserrate, Nossa Senhora de -  
 Montanha Obscura (em Tenerife) 22,1.  
 Monte Gordo (na Palma) 58,10.  
*Monteverde*, João de - 45,19;24.  
*Mosieur*, Mossem ou -  
*Mossem Menante* (Menante) (Rei Menante) 4,8/9;12/13;33;35/36; 5,1.  
*Mossem ou Mosiur* Vid.: João de Be-tancourt.  
*Mossem Rubem* Vid.: Rubim de Bra-camonte,  
 Mosteiro (em Garachico) 26,30.  
 Mosteiro de São Francisco (na Go-meira) 79,27; 80,5.  
 Mosteiros (em Alagoa) 25,2;3.  
 Mosteiros (na Gram Canária) 19,18/19.  
 Mosteiros (na Palma) 34,7.  
*Muxica*, Afonso de - 5,19.  
 Nagua, Ponta de - de Tenerife.  
*Nasci* 74,32;33;34.  
 Nascimento de Nossa Senhora (Igreja) (na Palma) 52,39.  
 Natal, Festa do -  
 Nau, Porto da -  
 Navarra, Guerra de - 5,13.  
*Nebla*, Conde de -  
*Nero* 41,21.  
 Neves, Nossa Senhora das -  
*Nisa* (fila do Rei Ossinisso) 67,27;28.  
 Nogais (na Palma) 43,23.  
 Nogales (na Palma) 51,29.  
 Nogales, Barranco de -  
 Nossa Senhora 82,36.  
 Nossa Senhora, Nascimento de -  
 Nossa Senhora da Assunção (na Go-meira) 80,6/7.  
 Nossa Senhora da Candelária (na Pal-ma) 17,9; 27,32; 60,29/30.  
 Nossa Senhora da Conceição (Igreja em Boavista) 48,18/19.  
 Nossa Senhora da Encarnação (ermi-da) (na Palma) 49,11/12.  
 Nossa Senhora da Esperança (na Go-meira) 73,4; 74,18.  
 Nossa Senhora da Luz (na Palma) 58,19;21.  
 Nossa Senhora da Piedade, ermida de - (na Palma) 53,23.  
 Nossa Senhora das Dores, Barranco ou grota de - (na Palma) 49,6/7.

- Nossa Senhora das Dores (templo) (na Palma) 40,26/27.  
 Nossa Senhora das Neves (ermida) (na Palma) 49,10.  
 Nossa Senhora de Bom-Passo (na Gomeira) 73,35; 78,24/25.  
 Nossa Senhora de Guadalupe (na Gomeira) 73,17;22/23; 78,39.  
 Nossa Senhora de Monserrate (igreja) (na Palma) 55,9; 57,11.  
 Nossa Senhora de Taçacorte (ermida) (na Palma) 33,16/17.  
 Nossa Senhora do Bom-passo Vid.: Nossa Senhora de Bom-Passo.  
 Nossa Senhora do Rosário (igreja) (na Palma) 57,24.  
 Nossa Senhora dos Remedios (na Gomeira) 80,8.  
 Nuno Ferreira Vid.: Ferreira.
- Oceano Atlântico, Ilhas do -  
 Ofício, Santo -  
 Oliva (em Forteventura) 13,7;17.  
 Oratava Vid.: Orotova.  
 Orotava (em Tenerife) 21,18; 25,17; 22;37; 26,3.  
 Ossinissa Vid.: Ossinisso.  
 Ossinisso (rei) 64,6; 66,3; 67,24;27; 38; 68,9;27; 71,39; 74,32;37.  
 Ouro, rio do - 14,28.
- Padilha, João de - 19,21/22.  
 Padre, Santo -  
 Palma 4,17;20;23;28; 5,15; 7,11; 8,7; 18,21; 21,3; 25,21; 26,34; 29; 29,1;5; 36,7; 41,11;25; 43,1; 46,23; 52,20;27; 29; 56,26; 61,1; 62,1; 63,10;22; 65,35; 66,28; 67,34; 71,35; 76,25;30;32; 77, 32; 80,15;32; 84,26;30;33.  
 Palma, cidade da -  
 Palma, ilha da -  
 Palma, São Miguel de Santa Cruz da -  
 Palmas, Las -  
 Páscoa de Ressurreição 45,11.  
 Passo, Bom - -  
 Páu, Pé de -  
 Paulo Jaymes Vid.: Jaymes.
- Paus Fincados (na Palma) 46,9; 47,8;9.  
 Pé de Páu 35,14; 36,22; 38,28;38; 39, 9;20/21;25;27/28; 41,19; 79,6; 80,14; 30.  
 Pedro, São - (em Tenerife) 27,9.  
 Pedro, São - (na Palma) 48,6.  
 Pedro de Aragão (IV) (D. -) 2,18.  
 Pedro de Menezes (D. -) (Marquês) Vid.: Menezes.  
 Pedro de Vera Vid.: Vera.  
 Peixe, Rabo de -  
 Penteado (capitão português) 48,22.  
 Peraza, Fernão - 6,5;12.  
 Peraza, Guillen - 6,18.  
 Peraza, Inês - 6,13.  
 Perdomos, Fidalgos-, Fidalgos dos - 14,6/7; 17,23.  
 Peres, Fernão - 5,4.  
 Pero Barba de Campos, Vid. Campos.  
 Pero da Ponte de Tenarife 14,30.  
 Pero de Arguijo Vid.: Arguijo.  
 Pero de Vera Vid.: Pedro de Vera.  
 Pero Fernandes de Justa (Capitão) Vid.: Justa.  
 Pero Meledez Vid.: Meledez.  
 Pero Seirão Vid.: Seirão.  
 Perotomel (na Gomeira) 79,21.  
 Peru 81,35.  
 Pico, Ilha do -  
 Pico do Teide (em Tenerife) 7,32/33; 27,15; 52,21;25; 78,31.  
 Pico de Tereira (em Tenerife) 7,33.  
 Piedade, Nossa Senhora da -  
 Pinhais (na Palma) 59,11.  
 Pinhais, Barranco dos -  
 Pinhal, Fonte do -  
 Pinho, Terras do -  
 Pinho de Vasa Borrachas (na Palma) 61,5.  
 Plazência 55,16.  
 Ponta Chã (na Palma) 32,4; 49,24; 50, 25; 51,3;4;5;6;12; 53,11.  
 Ponta de Chasna (em Tenerife) 78,32.  
 Ponta de Guadalupe (na Gomeira) 73, 31.  
 Ponta Delgada, cidade de - (Ilha de São Miguel) 33,4.

- Ponta de Nagua de Tenerife 77,33.  
 Ponta de Santa Luzia Vid.: Santa Luzia.  
 Ponta de Santo André (no Ferro) 62, 15;19;20/21;24/25.  
 Ponta de São José (na Gomeira) 73,9; 77,22;30;31;33/34.  
 Ponta do Maço Vid.: Mazo.  
 Ponta do Sueste (no Ferro) 62,22.  
 Ponta Gorda (na Palma) 59,11;14; 60, 18;21.  
 Ponta Verde (no Ferro) 62,15/16;19; 21;22.  
 Ponte, Pero da - de Tenarife.  
 Pontes 27,12.  
 Portalegre, Conde de -  
 Pôrto (em Forteventura) 13,17.  
 Porto, Vila do - dos Arrifes Vid.: Arrifes.  
 Porto da Nau (na Palma) 51,2.  
 Porto da Vila da Gomeira 83,27.  
 Porto do Bom-passo (na Gomeira) 74, 7;16; 77,29;35; 78,17/18;19/20;29.  
 Porto de Fernão Gil Vid.: Gil.  
 Porto de Guadalupe (na Gomeira) 77, 29/30.  
 Porto de Roque (em Forteventura) 13,7.  
 Porto de Santiago (na Gomeira) 77, 36;38.  
 Porto do Bompasso Vid.: Porto de Bom-passo.  
 Porto do Ferro (no Ferro) 62,14/15.  
 Porto Grande (na Gomeira) 78,18; 79,2.  
 Porto Santo Vid.: Ilha do Porto Santo.  
 Porto Santo, Ilha do -  
 Portugal, Rei de -, Reis de -  
 Praça de Vorciro (na Palma) 39,36/37.  
 Preto Meleão 81,22.  
 Punta Lhana Vid.: Ponta Chã.  
 Rabo de Peixe, Lugar de - (em São Miguel) 11,5.  
 Rambla (em Tenerife) 26,7.  
 Real (rua) (na Palma) 44,30.  
 Realejo de Baixo (em Tenerife) 26,7.  
 Realejo de Riba (em Tenerife) 26,4.  
 Realejos (em Tenerife) 26,2.  
 Rei, Gram -, Grão -  
 Rei de Canária Vid.: João de Betancourt.  
 Rei de Castela (Reis de Castela) 1;5; 10; 2,7/8; 3,4; 4,30; 5,23;30/31; 6,10.  
 Rei de Portugal (Reis de Portugal) 1, 4;17; 2,7/8; 4,25;30.  
 Rei D. João de Castela Vid.: João II (D. -).  
 Rei Gomeiro 8,11/12.  
 Rei Menante Vid.: Mossem Menante.  
 Reino das Canárias 4,32.  
 Reis Católicos (D. Fernando V) (D. Isabel) 5,5/6;12; 9,2/3; 13,5; 14,12; 14; 63,23/24; 66,25; 67,9; 68,24; 76, 23; 83,4.  
 Reis de Castela Vid.: Rei de Castela.  
 Reis de Portugal Vid.: Rei de Portugal.  
 Rei Taço- 43,9;17;25.  
 Remédios, Nossa Senhora dos -  
 Ressurreição, Páscoa de -  
 Riba, Realejo de -  
 Ribeira de Guadiana (em Espanha) 45,13/14.  
 Ribeira Grande, Vila da -  
 Rio, Barranco do -  
 Rio, Grota do -  
 Rio de Sacavem (junto de Lisboa) 59,5.  
 Rio de Teide (Berbéria) 20,37.  
 Rio do Ouro (Berbéria) Vid.: Ouro, Rio do -  
 Rodrigues, João - Ferrenho.  
 Rodrigues Anes de Tenagua 50,33.  
 Romanos 10,3.  
 Roque (ilha) 4,18;20;23;28.  
 Roque, Porto de -  
 Rosário, Nossa Senhora do -  
 Rubem, Mossem -  
 Rubim de Bracamonte (Mossem Rubem) (Almirante de França) Vid.: Bracamonte.  
 Sabinal (na Palma) 51,14;27;28;33.

- Sacavém, Rio de -  
*Saiavedra* 13,4; 14,17.  
*Saiavedras*, fidalgos -, fidalgos dos -  
 14,6/7; 17,23.  
*Salgueiros* (na Palma) 32,32; 44,24;  
 49,25; 51,29; 52,4; 53,22; 55,2;4;6;  
 56,1;35;38; 57,11;19.  
*Salvador*, São - (na Palma) 33,25; 34,  
 7; 42,18/19; 44,28/29.  
*Samora* (na Gomeira) 79,22.  
*Samoras* 81,20.  
*Sancho* (D. -) (Pai de Aregoma) 82,38.  
*Santa*, Água -  
*Santa Ana*, cidade de - Vid.: Ana.  
*Santa Catarina* Vid.: Catarina.  
*Santa Clara* Vid.: Clara.  
*Santa Cruz* (em Tenerife) 21,15; 24,  
 38.  
*Santa Cruz*, Licenciado de - 42,9/10.  
*Santa Cruz*, São Miguel de - da Palma.  
*Santa Inquisição* 18,14,  
*Santa Luzia* Vid.: Luzia, Santa -  
*Santa Luzia*, Barranco de -  
*Santa Maria*, Ilha de - 69,14.  
*Santa Marta* Vid.: Marta.  
*Santiago* (em honra do Apóstolo) (na  
 Gomeira) 14,5; 37,10;12;27; 75,15.  
*Santiago*, Porto de -  
*Santiago*, Vale de -  
*Santo*, Porto -  
*Santo Amaro*, igreja de - Vid.: Amaro.  
*Santo André*, Lhanos de - da Ilha do  
 Ferro.  
*Santo André*, Ponta de -  
*Santo André*, Vila de - Vid.: André.  
*Santo António* Vid.: António.  
*Santo Domingo* Vid.: Domingo.  
*Santo Ofício* 18,15.  
*Santo Padre* 2,5.  
*São Bartolomeu* Vid.: Bartolomeu.  
*São Brandão*, Ilha de - Vid.: Brandão,  
 São -  
*São Brás* Vid.: Brás, São -  
*São Cristóvão* (na Alagoa) Vid.: Cris-  
 tóvão.  
*São Domingos* (templo) Vid.: Domin-  
 gos.
- São Filipe* (apóstolo) Vid.: Filipe,  
 São -  
*São Francisco* Vid.: Francisco, São -  
*São Francisco*, Mosteiro de -  
*São João* Vid.: João, São -  
*São José* (freguesia) Vid.: José, São -  
*São José*, Ponta de -  
*São Lázaro*, mal de - Vid.: Lázaro,  
 São -  
*São Miguel*, Ilha de - 8,36; 11,4/5; 21,  
 5; 27,30; 33,4/5; 59,1.  
*São Miguel* de Maio (igreja) 44,7;8.  
*São Miguel* de Santa Cruz da Palma  
 (cidade) 31,5;7;19/20; 35.  
*São Pedro* (freguesia) Vid.: Pedro,  
 São -  
*São Pedro* (igreja) Vid.: Pedro, São -  
*São Salvador* (igreja) Vid.: Salvador.  
*São Sebastião* Vid.: Sebastião, São -  
*São Sebastião*, ermida de -  
*Sauzes* Vid.: Salgueiros.  
*Sayavedras* 66,27.  
*Sebastião*, São - (na Gomeira) 44,30.  
*Seco*, Barranco -  
*Seirão*, Pero - 20,24.  
*Seita de Mafãmede* Vid.: Mafãmede.  
*Senhora*, Nossa -  
*Senhor de Forteventura* Vid.: Agos-  
 tinho de Herrera.  
*Serro de Bom-passo* (na Gomeira) 79,  
 18.  
*Serro do Camelo* (na Gomeira) 79,15;  
 19.  
*Sevila* 79,24; 82,24; 83,33.  
*Silva*, Diogo da - 6,3;15.  
*Silva*, João da - 6,20.  
*Silvestre Jorge* Vid.: Jorge.  
*Simão Garcia* Vid.: Garcia.  
*Socarra*, Belchiora de - 36,6;15; 37,16;  
 39,15/16.  
*Socarrate* Vid.: Socarra.  
*Soria*, Jaques - 35,14.  
*Sueste*, Ponta do -
- Taça-corte* Vid.: Taçacorte.  
*Taçacorte* (na Palma) 43; 43,24;25;  
 44,2;33; 45,3;18;35; 58,4; 60,27.

- Taçacorte, Nossa Senhora de -  
*Taço, Rei* -  
 Taguavava (em Tenerife) 25,16.  
 Taraconte (em Tenerife) 25,16.  
 Tegueste (em Tenerife) 25,16.  
 Tehiaja (na Palma) 46,27.  
 Teide (Berbéria) 14,27.  
 Teide (Tenerife) 24,36.  
 Teide, Pico de -, Rio de -  
 Tejina (em Tenerife) 25,16.  
 Telde (na Gram Canária) 20,16;23;27.  
 Telhal (na Palma) 44,31.  
 Tenagua (na Palma) 49,22; 50,1;4;22;  
 24; 51,15.  
*Tenagua*, Rodrigues Anes de -  
 Tenarife Vid.: Tenarife.  
 Tenarife, Ilha de -, Pero da Ponte de -  
 Tenerife 5,15; 7,4;5;29/30; 8,34/35; 11,  
 7;20; 15,14;36/37;38; 16,7;8; 18,21;  
 20,1; 21; 21,1; 22,14;17;23;28;37; 23,  
 23; 24,17;22;25;30; 28,1; 29,2;5;7; 41,  
 24; 51,11; 52,20;27; 56,16; 61,20; 63,  
 9/10; 66,27/28; 76,31/32; 78,31; 84,  
 26;33.  
 Tenerife, Ilha de -  
 Tenerife, Ponta de Nagua de -  
 Terceira, Ilha -  
 Tereira, Pico de -  
 Terra de África Vid.: África.  
 Terra das Antilhas Vid.: Antilhas.  
 Terras do Pinho (na Palma) 52,5.  
 Tegalate Vid.: Tigualate.  
 Tigorte (na Palma) 47,1;28.  
 Tigualate (na Palma) 46,37/38; 47,2;29.  
 Tiguerote Vid.: Tigorte.  
 Tiniçara (na Palma) 60,21;23;31.  
 Tixarafe (na Palma) 32,13; 60,22;31;37.  
*Trajano* (Imperador de Roma) 11,32;  
 34; 12,9.  
 Trigos, Icode dos -  
 Trudante 36,29.  
 Turco de Larache 15,16.  
 Turquia 16,15.  
 Turquinho 16,16.
- Tuvar, Água -  
 Vale de Miraflores Vid.: Miraflores.  
 Vale de Santiago (na Gomeira) 82,6.  
 Vale do Gram Rei (na Gomeira) 75,  
 15/16;35; 81,12/13; 82,19/20;27; 83,  
 5;15;18.  
 Vale do Grão Rei Vid.: Vale do Gram  
 Rei.  
 Valoco (na Palma) 49,2.  
 Vasa, Pino de - Borrachas.  
 Velhas (na Palma) 48,26.  
 Velhas, Mata -  
*Vendaval*, Luis de - 33,19; 42,11.  
*Vera*, Pedro de - 5,8;19; 9,4.  
*Vera*, Pero de -  
 Verde, Cabo -, Ponta -  
 Verodal (na Palma) 48,25.  
 Vila (no Ferro) 69,32.  
 Vila (em Forteventura) 13,17.  
 Vila (na Gomeira) 79,4; 81,39.  
 Vila (em Lançarote) 14,19.  
 Vila, Porto da - da Gomeira,  
 Vila da Ribeira Grande (em S. Miguel)  
 11,5/6; 33,10.  
 Vila de Apuron Vid.: Apuron.  
 Vila de Santo André Vid.: Santo An-  
 dré.  
 Vila do Porto dos Arrifes Vid.: Arri-  
 fes.  
 Vila dos Chãos (no Ferro) 68,36/37.  
 Vila Franca (Açores) Vid.: Franca,  
 Vila -  
 Vila Oratava Vid.: Orotava.  
 Vinha da Fraga (na Palma) 48,27.  
 Vinhos, Icode dos -  
 Vista, Boa -  
 Voltas de Magar (na Palma) 60,39.  
 Vorciro, Praça de - (Veja-se a nota III  
 da pág. 195).  
 Vulcão de Guatemala das Fonduras  
 Vid.: Guatemala das Fonduras.
- Xerez*, Ayala de - 66,29.



## NOTAS

- I. Por faltar a letra: e, com til, grafou-se: ê, no *Glossário*:  
s. v.: *barco*, linha: 22;  
s. v.: *logotente*, linha: 3.
- II. Por faltar a letra: u, com til, grafou-se: û, no *Glossário*:  
s. v.: *gado cabrum*, linha: 3;  
s. v.: *pespontar jubões*, linha: 7.
- III. En la pág. 39, líneas 36-37, la mención «praça de Vorciro» debe interpretarse, seguramente, no según las hipótesis que adelantamos en la nota 33 de la página 115, sino leyendo «praça de Borreiro»: así la cita Torriani, autor contemporáneo, en el plano de la ciudad, edic. Ciorănescu, pág. 294, y además, todavía hoy existe con el mismo nombre, claro que en la forma castellana «Borrero». Prescindiendo de la inicial equivalente, la *e* fue sustituida por una *c*, y la *r* por *rr* es caso frecuente. Debemos al Dr. Álvarez Delgado esta indudable identificación.

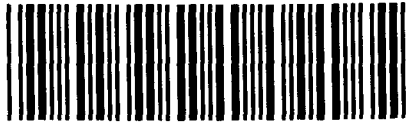
## CORRIGENDA

<i>página</i>	<i>linha</i>	<i>diz</i>	<i>deve dizer</i>
7	32	una	uma
15	31	mão	mão
24	33	o	ou
30	14	a maneira de	à maneira de
31	5	quando	quanto
	13	invitíssimo	invictíssimo
32	20	matase	matasse
	37 (nota)	sus	seus
37	2	de suas curriadas	suas curriadas
40	20	areceava	arreceava
	24	muiti	muito
41	28	vere	ver
43	2	por duas duas razões	por duas razões
44	2	presenteu m	presente um
56	37	abaiva	abaixa
57	33	algums	algumas
60	13	un	um
71	2	preta a	preta e
76	16	cinco eu seis	cinco ou seis
80	17	de de fazer	de fazer
	18	come	como

# ÍNDICE DO LIVRO

PRÓLOGO	VII
AS ILHAS CANÁRIAS:	
Em que a Verdade, respondendo a uma de duas perguntas que lhe fez a Fama, trata em geral do descobrimento das Canárias e dalgumas coisas delas	1
Do que se diz das linguagens de todas estas Ilhas Canárias	10
De algumas cousas que outros dizem das duas Ilhas Forteventura e Lançarote	13
De algumas cousas da Ilha, chamada Gram Canária	18
De algumas cousas da Ilha chamada Tenerife	21
Dalgumas cousas da ilha da Palma principalmente de sua principal cidade	29
Como foi saqueada a cidade de Santa Cruz da Palma por corsários franceses	35
De Taçacorte até Miraflores	43
De Miraflores até ao Barranco, ou Grota da Água, da Vila de Santo André	49
Do barranco da Água da Vila de Santo André até Foncallente fim da Ilha da parte do ponente	55
Como foi achada e tomada a Ilha chamada Ferro e de algumas cousas que há nela	62
Como foi descoberta e tomada a Ilha chamada Gomeira, e de algumas cousas dela	72
TRADUCCIÓN	85
GLOSSÁRIO	149
ÍNDICE ANTROPONÍMICO E TOPONÍMICO	181
NOTAS	195
CORRIGENDA	196
ÍNDICE DO LIVRO	197

BIBL.UNIV.-LAS PALMAS DE GRAN CANARIA



\*470626\*

**BIG 964.9 FRU isl**

